

Um herói numa aliança comprometedora.

O CRIADO SECRETO

DANIEL SILVA

Autor dos *best-sellers* *O Confessor* e *O Artista da Morte*

«Um dos melhores livros do ano»
Publishers Weekly

B

BERTRAND EDITORA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Um herói numa aliança comprometedora.



O CRIADO SECRETO

DANIEL SILVA

Autor dos *best-sellers* *O Confessor* e *O Artista da Morte*

«Um dos melhores livros do ano»
Publishers Weekly



B

BERTRAND EDITORA

DANIEL
SILVA

O
criado
secreto

THE SECRET SERVANT

2007

DANIEL SILVA
O CRIADO SECRETO

Tradução de
LUÍS SANTOS

BERTRAND EDITORA

Título original: The Secret Servant

Copyright Daniel Silva 2007

Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n° 10-499 Lisboa

Telefone: 217 626 100

Fax: 217 626 150

Correio eletrónico: editora@bertrand.pt

Revisão: Carlos Pinheiro

Paginação: Fotocompográfica, Lda. Impressão e acabamento:
Tipografia Peres

Depósito Legal n° 280 827/08

Acabou de imprimir-se em Agosto de 2008

ISBN: 978-972-25-1675-4

SINOPSE

Gabriel Allon é chamado para nova missão, desta vez em Amsterdã, onde precisa estudar os arquivos de um analista de terrorismo que acaba de ser assassinado. Gabriel descobre então uma conspiração armada no submundo extremista islâmico, cujo alvo é a filha do embaixador americano em Londres. O sequestro acontece diante de Gabriel, que também entra na mira dos terroristas. A inesperada aliança que forma com um islamista que tudo perdeu por sua devoção ao Islã leva Gabriel a questionar a moralidade das táticas que vem usando em tantos anos de espionagem.

Para Stacy e Henry Winkler, pela sua amizade, seu apoio e trabalho incansável em nome das crianças.

E, como sempre, para minha mulher, Jamie, e para meus filhos, Lily e Nicholas.

Segundo as tendências demográficas atuais, no final do século XXI, o mais tardar, a Europa será muçulmana.

BERNARD LEWIS

A ameaça é séria, está crescendo e creio que vai nos acompanhar durante uma geração. É uma campanha continuada, não uma série de incidentes isolados. Tem como objetivo desgastar nossa resistência.

DAME ELIZA MANNINGHAM-BULLER

Diretora-geral do MI5

Se enviarmos um prisioneiro para a Jordânia, temos um interrogatório melhor. Se enviarmos um prisioneiro, por exemplo, para o Egito, provavelmente não voltaremos a vê-lo.

ROBERT BAER

citado por STEPHEN GREY em *Ghost Plane*

PRIMEIRA PARTE

Morte de um profeta

AMSTERDÃ

Foi o professor Solomon Rosner quem primeiro fez soar o alarme, embora o seu nome jamais fosse ligado ao assunto, exceto nas salas protegidas de um baço prédio de escritórios na baixa de Tel Aviv. Gabriel Allon, o filho lendário mas intratável dos serviços secretos israelenses, mais tarde viria a observar que Rosner foi o primeiro trunfo nos anais da história do Escritório a revelar-se mais útil para eles morto do que vivo. Os que ouviram o comentário acharam-no estranhamente insensível, mas em conformidade com o estado de espírito sombrio que, nessa hora, se abatera sobre todos eles.

O cenário do desaparecimento de Rosner não foi Israel, onde a morte violenta acontece com demasiada frequência, mas o quarteirão normalmente tranquilo de Amsterdã conhecido como o Lado Velho. A data foi a primeira sexta-feira de Dezembro, e o tempo estava mais adequado a uma Primavera antecipada do que aos últimos dias de Outono. Estava um dia para aquilo a que os holandeses se referem afetuosamente como *geelligheid*, a busca de pequenos prazeres: um passeio sem destino pelas bancas de flores no Bloemen-markt, uma cerveja ou duas num bom bar no Rembrandtplein ou, para os que assim desejarem, um pouco de boa canábis nos cafés de Haarlemmerstraat. Deixem as arrelias e as lutas para os odiados americanos, murmurava a antiga e imponente Amsterdã naquela tarde dourada de fim de Outono. Hoje damos graças por termos nascido inocentes e holandeses.

Solomon Rosner não partilhava os sentimentos dos seus compatriotas, mas também era raro tal acontecer. Embora ganhasse a vida como professor de Sociologia na Universidade de Amsterdã, era o Centro Rosner para Estudos de Segurança Europeia que ocupava a maior parte do seu tempo. A sua legião de detratores via provas de fraude no nome, pois Rosner era não só o diretor do centro, como também o único intelectual residente. Apesar dessas falhas óbvias, o centro conseguira produzir um fluxo regular de relatórios e artigos fidedignos, fornecendo pormenores da grande ameaça para a Holanda colocada pelo aumento do islamismo militante dentro de suas fronteiras. O último livro de Rosner, *A Conquista Islâmica do Ocidente*, defendera que a Holanda estava agora sob ataque contínuo e sistemático pelo islamismo jihadista. O objetivo deste ataque,

afirmava, era colonizar a Holanda e transformá-la em estado majoritariamente muçulmano no qual, em futuro próximo, a lei islâmica, ou sharia, reinaria suprema. Os terroristas e os colonizadores eram dois lados de uma mesma moeda, avisou, e, a menos que o Governo agisse imediata e drasticamente, tudo o que os livre-pensadores estimavam em breve seria varrido do mapa.

Como seria de esperar, a imprensa literária holandesa ficou aterrorizada. Histeria, dizia um crítico. Verborreia racista, dizia outro. Mais de um esforçou-se por mostrar que os pontos de vista expressos no livro eram ainda mais execráveis tendo em conta o fato de que os avós de Rosner tinham sido capturados com outros cem mil judeus holandeses e enviados para as câmaras de gás em Auschwitz. Todos concordavam que a situação exigia não uma retórica odiosa como a de Rosner, mas tolerância e diálogo. Rosner manteve-se inabalável face às críticas fulminantes, adotando o que um comentarista descreveu como postura de um homem com crenças firmemente arraigadas. Tolerância e diálogo, sem dúvida, respondeu Rosner, mas não capitulação. “Nós, holandeses, temos de descansar nossas Heinekens e cachimbos de haxixe e acordar”, disse com brusquidão em entrevista na televisão holandesa. “Caso contrário, vamos perder nosso país.”

O livro e a controvérsia fizeram de Rosner o homem mais caluniado e, em certas áreas, o homem mais celebrado.

Também o colocou diretamente na mira dos extremistas autóctones da Holanda. Os websites jihadistas, que Rosner via com mais atenção do que até mesmo a polícia holandesa, ardiam de cólera sagrada por causa do livro, e vários previam sua execução brevemente. Um imã do bairro Oud West disse ao rebanho que “Rosner, o Judeu, tinha de ser tratado com severidade” e suplicou que um mártir desse um passo à frente e levasse a cabo a tarefa. O fraco ministro holandês da Administração Interna propôs a Rosner que se escondesse, uma ideia que Rosner recusou vigorosamente. Em seguida, forneceu ao ministro uma lista de dez radicais que considerava potenciais assassinos. O ministro aceitou a lista sem perguntas, pois sabia que as fontes de Rosner no interior da franja extremista da Holanda eram, na maior parte dos casos, muito melhores do que as da segurança holandeses.

Ao meio-dia dessa sexta-feira de dezembro, Rosner estava debruçado sobre o computador no escritório do primeiro andar da sua casa no canal em Groenburgwal. A casa, assim como o próprio Rosner, era atarracada e larga, e inclinada para a frente num ângulo precário, o que alguns vizinhos viam como adequado, tendo em conta o ponto de vista político do ocupante. Se tinha um verdadeiro inconveniente

era a localização, pois não distava mais de cinquenta metros da torre do sino da igreja Zuiiderkirk. Os sinos repicavam implacavelmente todos os dias, começando ao meio-dia e acabando quarenta e cinco minutos mais tarde. Rosner, sensível a interrupções e barulho indesejado, há anos que empreendera uma jihad pessoal contra eles. Música clássica, máquinas com estática, receptores à prova de som — todos se revelaram inúteis face ao massacre. Por vezes, perguntava-se por que tocavam. A velha igreja há muito fora transformada em seção de habitação do governo, um fato que Rosner, homem de fé considerável, via como símbolo apropriado ao atoleiro holandês. Confrontados com um inimigo de infinito zelo religioso, os holandeses seculares tinham transformado suas igrejas em escritórios de bem-estar social. Uma igreja sem crentes, pensava Rosner, numa cidade sem Deus.

Dez minutos depois do meio-dia ouviu uma leve batida na porta e olhou para cima, vendo Sophie Vanderhaus encostada ao umbral da porta, com uma pilha de pastas no braço. Antiga aluna de Rosner, viera trabalhar para ele após concluir a pós-graduação sobre o impacto do Holocausto na sociedade holandesa do pós-guerra. Era parte secretária e assistente de pesquisa, parte ama-seca e filha substituta. Mantinha o escritório em ordem e digitava os esboços finais de seus relatórios e artigos. Era quem organizava o horário impossível dele e geria suas terríveis finanças pessoais. Até tratava da roupa suja e garantia que ele se lembrasse de comer. Nessa manhã informara-o de que pretendia passar uma semana em Saint-Maarten no Ano Novo. Ao ouvir a notícia, Rosner caíra em depressão profunda.

— Tem uma entrevista com o *Telegraaf* daqui a uma hora — lembrou-o. — Talvez devesse comer alguma coisa e organizar as ideias.

— Está sugerindo que tenho as ideias confusas, Sophie?

— Não estou sugerindo nada disso. Mas desde as cinco e meia da manhã que está trabalhando nesse artigo. Precisa pôr mais alguma coisa no estômago além de café.

— Não é aquela jornalista horrível que no ano passado me chamou de nazista?

— Acha mesmo que eu deixaria que ela se aproximasse outra vez de você? — Entrou no escritório e começou a organizar a mesa. — Depois da entrevista vai até os estúdios da NOS para uma participação na Rádio Um. É um programa de telefonemas, por isso deve ser animado. E tente não fazer mais inimigos, professor Rosner. Está cada vez mais difícil me lembrar de todos.

— Vou tentar me comportar, mas receio que a minha paciência já tenha desaparecido de vez.

Olhou para a caneca de café e envergonhou uma expressão dura.

— Por que insiste em apagar os cigarros no café?
— O cinzeiro está cheio.
— Experimente esvaziá-lo de vez em quando. — Esvaziou o conteúdo do cinzeiro no lixo e removeu o forro de plástico. — E não se esqueça de que logo à noite tem o debate na universidade.

Rosner franziu o cenho. Não estava com vontade de participar do debate. Um dos outros participantes era o líder da Associação Muçulmana europeia, um grupo que fazia campanha aberta pela imposição da sharia na Europa e pela destruição do Estado de Israel. Prometia ser uma noite profundamente desagradável.

— Receio ter sofrido um ataque súbito de lepra — disse.
— Vão insistir mesmo assim em sua presença. É a estrela da noite.

Rosner levantou-se e esticou as costas.

— Acho que vou ao Doelen tomar um café e comer alguma coisa. E se me encontrasse lá com o jornalista do *Telegraaf*?

— Acha mesmo que é uma boa ideia, professor?

Era de conhecimento geral em Amsterdã que o famoso café na Staalstraat era o seu pouso preferido. E Rosner não era de todo discreto. Com efeito, com a sua juba de cabelo branco e guarda-roupa de tweed amarrotado, era uma das mais reconhecidas figuras na Holanda. Os gênios da polícia holandesa tinham sugerido que usasse algum disfarce em público, ideia que Rosner comparou a pespegar chapéu e bigode falso num hipopótamo e chamá-lo holandês.

— Há meses que não vou ao Café Doelen.

— Isso não quer dizer que seja seguro.

— Não posso passar o resto da vida como um prisioneiro, Sophie. — Gesticulou na direção da janela. — Especialmente num dia como hoje. Espere até o último momento para dizer ao jornalista do *Telegraaf* onde estou. Isso vai me dar alguma vantagem sobre os jihadistas.

— Não tem graça, professor. — Tinha noção de que não seria capaz de demovê-lo. Entregou-lhe o celular. — Pelo menos leve isto para poder me ligar em caso de emergência.

Rosner enfiou o telefone no bolso e desceu as escadas. No hall de entrada vestiu o casaco e o cachecol de seda que já se tornara sua marca e saiu. A sua esquerda agigantava-se o pináculo da Zuiderkirk. À direita, cinquenta metros ao fundo de um canal estreito repleto de pequenas embarcações, havia uma ponte móvel dupla de madeira. A Groenburgwal era uma rua sossegada no Lado Velho: não tinha bares, nem cafés, apenas um único hotel pequeno que nunca parecia ter mais de um punhado de hóspedes. A frente da casa de Rosner erguia-se a única mácula da rua, um bloco de apartamentos moderno, com uma fachada de tons pastel alfazema e lima. Um trio de pintores vestidos

com sujos macacões brancos agachava-se ao sol do lado de fora do edifício.

Rosner lançou um olhar aos três rostos, memorizando cada um antes de se dirigir à ponte levadiça. Quando uma súbita rajada de vento agitou os ramos nus das árvores ao longo do declive, fez uma pausa momentânea para aconchegar o cachecol em volta do pescoço e observar uma nuvem digna de Vermeer a se arrastar lentamente no céu. Foi então que reparou que um dos pintores caminhava paralelamente a ele na margem oposta do canal. Cabelo escuro curto, uma testa alta e reta, sobrancelhas densas acima de olhos pequenos. Rosner, conhecedor de rostos de imigrantes, imaginou que se tratasse de um marroquino das montanhas Rif. Chegaram simultaneamente à ponte. Rosner fez nova pausa, desta vez para acender um cigarro que não queria, e viu com alívio o homem virar à esquerda. Quando desapareceu de vista ao contornar uma esquina, Rosner seguiu na direção oposta, a caminho do Doelen.

Demorou-se a percorrer a Staalstraat, ora parando na vitrine de sua pastelaria favorita para apreciar as ofertas do dia, ora desviando-se para evitar ser atropelado por uma jovem bonita de bicicleta, ora fazendo uma pausa para aceitar meia dúzia de palavras de encorajamento de um admirador de faces coradas. Estava prestes a entrar no café quando sentiu que puxavam a manga de seu casaco. Nos poucos segundos que lhe restaram de vida, seria atormentado pela ideia absurda de que podia ter evitado seu próprio assassinato se tivesse resistido ao impulso de se virar. Mas foi isso mesmo que fez, pois era o que se fazia numa tarde gloriosa de dezembro em Amsterdã quando se era abordado na rua por um estranho.

Apenas viu a arma de relance. Na rua estreita, os tiros reverberaram como disparos de canhão. Tombou sobre as pedras da calçada e observou indefeso o assassino brandir um longo punhal que retirou do macacão. A morte seria ritual, assim como os imãs tinham dito que devia ser. Ninguém interveio — o que não era de surpreender, pensou Rosner, pois a intervenção teria sido intolerante e ninguém se lembrou de reconfortá-lo enquanto jazia ali, morrendo. Apenas os sinos falaram com ele. Uma igreja sem crentes, pareciam ser, numa cidade sem Deus.

2

AEROPORTO BEN-GURION, ISRAEL

— O que está fazendo aqui, Uzi? — perguntou Gabriel. —

Agora é o chefe. Chefes não vêm ao aeroporto à meia-noite dar carona. Deixam esse trabalho para os subalternos dos Transportes.

— Não tinha nada melhor para fazer.

— Nada melhor do que ficar no aeroporto à espera de que eu saísse de um avião de Roma? O que há? Achou que desta vez eu não viria?

Uzi Navot não respondeu. Olhava pela janela de vidro semitransparente da sala de recepção VIP para o saguão de chegadas, onde os outros passageiros vindos de Roma esperavam em fila no controle de passaportes. Gabriel olhou em volta: as mesmas paredes de calcário falso, os mesmos sofás de pele batida, o mesmo cheiro de tensão masculina e café queimado. Há mais de trinta anos que entrava naquela sala, ou em versões semelhantes. Entrara em triunfo e arrastara-se em desgraça. Fora elogiado naquela sala, e consolado por um primeiro-ministro. Certa vez foi levado em cadeira de rodas, com um ferimento de bala no peito. Mas nunca mudava.

— Bella precisava de uma noite sozinha — admitiu Navot, sempre virado para a janela. Olhou para Gabriel. — Na semana passada confessou que preferia quando me encontrava em campo. Nós nos víamos uma vez por mês, com sorte. Agora... — Franziu o sobrolho. — Parece que Bella começa a ficar arrependida. Além disso, tenho saudade de andar pelos aeroportos. Pelas minhas contas, passei dois terços da carreira em terminais de aeroporto, estações de trem, restaurantes e quartos de hotel. Prometem sedução e excitação, mas acima de tudo temos tédio, com breves intervalos de terror puro.

— Prefiro as partes aborrecidas. Não seria bom viver num país aborrecido?

— Mas aí não seria Israel.

Navot pegou a mala de couro de Gabriel e levou-o para um corredor longo com iluminação forte. Tinham aproximadamente a mesma altura e caminhavam com passo decidido, mas as semelhanças ficavam por aí. Enquanto Gabriel era angular e magro, Navot tinha corpo possante, com uma cabeça redonda e grande que encimava ombros de lutador e uma cintura larga que declarava o gosto por refeições pesadas. Navot passara anos na Europa Ocidental como *katsa*, agente de campo infiltrado. Era agora chefe de Operações Especiais. Segundo as palavras do celebrado mestre espião israelense Ari Shamron, Operações Especiais era “o lado negro de um serviço sombrio”. Eram eles que tratavam dos serviços que mais ninguém queria fazer, ou se atrevia. Eram executores e sequestradores, desordeiros e chantagistas. Homens de intelecto e engenho com veia criminosa mais marcante que a dos próprios criminosos. Políglotas e camaleões que se sentiam em casa nos melhores hotéis e salões da Europa, ou nos piores becos de Beirute e Bagdá. Navot era novo no

serviço e só recebera a promoção porque Gabriel a recusara. Não havia qualquer animosidade entre eles. Navot era o primeiro a admitir que não passava de um mero agente de campo. Gabriel Allon era uma lenda.

O corredor ia dar numa porta trancada, e esta numa área restrita. Um Renault amassado aguardava na vaga reservada. Navot abriu o bagageiro e jogou a mala de Gabriel lá dentro.

— Dei folga ao motorista — explicou. — Queria ir falando com você em particular. Sabe como são os motoristas. Passam o dia nas garagens, sem nada melhor para fazer do que mexericar. São piores do que as costureiras.

Gabriel ocupou o lugar do passageiro e fechou a porta. Olhou para o banco traseiro. Estava atulhado com os livros e as pastas de Bella, que era pesquisadora especializada na Síria e por vezes desempenhava serviços para o governo. Era bem mais inteligente do que Navot, fato perfeitamente reconhecido e fonte de muita tensão em seu longo e agitado relacionamento. Navot ligou o carro da mulher com um girar hostil da chave e acelerou sem cuidado na rampa de saída do aeroporto.

— Como ficou a pintura? — indagou.

— Ficou muito bem, Uzi.

— Era um Botticelli, não era?

— Bellini — corrigiu-o Gabriel. — *Pensamento pelo Cristo morto*. — Podia ter acrescentado que o sublime painel tinha formado o cimácio do espantoso painel de Bellini na Igreja de São Francisco, em Pesaro, mas não o fez. O fato de Gabriel ser um dos melhores restauradores de arte do mundo fizera dele alvo de inveja pessoal entre colegas. Raramente discutia o trabalho com eles, nem mesmo com Navot, que era um amigo chegado.

— Botticelli, Bellini... para mim é tudo o mesmo. — Navot abanou a cabeça. — Imaginem só, um judeu simpático como você restaurando uma obra-prima de Bellini para o papa. Espero que tenha pago bem.

— Pagou pela tabela normal... e mais um pouco.

— Parece justo — disse Navot. — Afinal de contas, você salvou a vida dele.

— Você também participou do caso, Uzi.

— Mas não foi a minha fotografia que apareceu no jornal.

Chegaram ao final da rampa. Acima deles estava um sinal de trânsito azul e branco. Para a esquerda ficava Tel Aviv, para a direita Jerusalém. Navot virou à direita e dirigiu-se às colinas da Judeia.

— Como vão as coisas no Boulevard King Saul? — perguntou Gabriel.

O Boulevard King Saul era de longa data o endereço do serviço

de informação externa de Israel. Seu nome comprido pouco tem a ver com a verdadeira natureza de sua incumbência. Homens como Gabriel e Uzi Navot referiam-se a ele como “o Escritório” e nada mais.

— Dê-se por feliz por ter estado ausente.

— Tão ruim assim?

— É a noite das facas longas. A nossa aventura no Líbano foi um desastre total. Nenhuma das nossas instituições saiu com a reputação intacta, incluindo o Escritório. Sabe como funcionam estas coisas. Quando se cometem erros desta magnitude, tem de haver cabeça rolando, quanto mais, melhor. Ninguém está a salvo, especialmente Amos. A Comissão de Inquérito quer saber por que o Escritório não percebeu que o Hezbollah estava tão bem armado, e por que nossa vasta rede de colaboradores pagos a peso de ouro não foi capaz de encontrar os líderes do Hezbollah quando os combates tiveram início.

— A última coisa de que o Escritório precisa neste momento é de outra luta pelo poder, e de uma batalha pela sucessão... pelo menos enquanto o Hezbollah estiver preparando outra guerra. E o Irã prestes a obter uma arma nuclear. E os territórios prestes a irem pelos ares.

— Shamron e o resto dos sábios já decidiram que Amos tem de morrer. A única pergunta é, será uma execução ou Amos pode fazer isso pelas próprias mãos, depois de um intervalo decente?

— Como sabe a posição de Shamron no meio de tudo isso?

O silêncio irritado de Navot deixou claro que sua fonte era o próprio Shamron. Havia anos que Shamron fizera a última missão como chefe, mas o Escritório continuava a ser o seu feudo privado. Estava repleto de agentes como Gabriel e Navot, homens que tinham sido recrutados e treinados por Shamron, homens que trabalhavam segundo um credo, que até falavam uma linguagem criada por ele. Em Israel, Shamron era conhecido como o Memuneh, o encarregado, e assim continuaria até que, por fim, decidisse que o país estava suficientemente seguro para que ele morresse.

— Esse jogo é perigoso, Uzi. Shamron está ficando velho. Aquele atentado à caravana debilitou-o. Já não é o homem que era. Nada nos garante que prevaleça num confronto com Amos, e não preciso lembrar que para homens como você a porta do Boulevard King Saul só tem um sentido. Se vocês perderem, você é que vai acabar na rua, oferecendo serviços a quem pagar mais, assim como os outros agentes de campo acabados.

Navot acenou em concordância.

— E não tenho um papa que me dê uns biscates.

Iniciaram a subida para o Bab al-Wad, o vale semelhante a uma escadaria que segue da Planície Costeira até Jerusalém. Gabriel sentiu os ouvidos a estalar com a mudança de altitude.

— Shamron já tem um sucessor em mente?
— Quer que o Escritório seja gerido por alguém que não seja um soldado.

Era uma das inúmeras peculiaridades do Escritório que pouco sentido faziam para quem estava de fora. À semelhança dos americanos, os israelenses quase sempre escolhiam homens sem experiência em serviço secreto para liderar os espões. Os americanos favoreciam políticos e burocratas de partido, enquanto em Israel a tarefa costumava ser entregue a generais do exército como Amos. Shamron fora o último homem a subir ao trono vindo de Operações, e desde então manipulava todos os ocupantes.

— Então é por isso que anda conspirando com Shamron? Está de olho no cargo de Amos? Você e Shamron estão usando o desastre no Líbano como base para um golpe de Estado... Toma conta do palácio e Shamron puxa os cordões de casa, em Tiberíades.

— Sinto-me lisonjeado por achar que Shamron me confiaria as chaves de seu adorado Escritório, mas não é esse o caso. Memuneh tem outra pessoa em mente para o cargo.

— Eu? — Gabriel abanou lentamente a cabeça. — Sou um assassino, Uzi, assassinos não chegam a diretor.

— Você é mais do que um simples assassino.

Gabriel olhou em silêncio pela janela, para as ordeiras luzes amarelas de um colonato judeu que se estendia ao longo da encosta até as planícies da Cisjordânia. À distância, uma lua crescente pairava sobre Ramallah.

— O que leva Shamron a pensar que eu gostaria de ser chefe? — indagou. — Consegui escapar quando quis que eu chefiasse Operações Especiais.

— Por acaso está querendo me lembrar de que só fiquei com o cargo porque você não o quis?

— O que eu estou tentando dizer, Uzi, é que não fui feito para a Sede... e garanto que não quero passar o resto da vida em reuniões intermináveis do Gabinete de Segurança com o primeiro-ministro. Não trabalho bem em equipe e não quero fazer parte dessa conspiração contra Amos.

— E o que pretende fazer? Ficar à espera de que o papa te arranje mais trabalho?

— Você até já fala como Shamron.

Navot ignorou o comentário.

— Vai ficar sentado enquanto os mísseis caem sobre Haifa? Enquanto os mulás em Teerã constroem uma bomba nuclear? É esse seu plano? Deixar a luta para os outros? — Navot olhou longamente para o espelho retrovisor. — Mas por que haveria de ser diferente? Neste momento é um problema nacional. A fortaleza Israel está

cedendo com esta guerra interminável. Os fundadores estão morrendo, e o povo não sabe se deve confiar o futuro à nova geração de líderes. Quem tem recursos está criando boias de salvação. É o instinto judaico, não é? Está em nosso sangue por causa do Holocausto. Hoje em dia ouvimos coisas que não se ouviam nem há dez anos. As pessoas interrogam-se se tudo isto não terá sido um erro. Iludem-se, pensando se a pátria judaica não seria na Palestina, mas na América.

— Na América?

Navot voltou a prestar atenção à estrada. — Minha irmã vive em Bethesda, Maryland. É muito agradável. Pode-se almoçar numa esplanada sem receio de que a próxima pessoa a entrar seja um shaheed que vai te mandar pelos ares. — Lançou um olhar a Gabriel. — Talvez seja por isso que você gosta tanto da Itália. Quer uma vida nova longe de Israel. Quer deixar o sangue e as lágrimas aos pobres mortais.

O olhar sombrio de Gabriel deixou bem claro que derramara mais sangue e lágrimas pelo país do que a maior parte das outras pessoas.

— Sou um restaurador de arte que se especializou em Mestres italianos. As pinturas estão na Itália, Uzi, não estão aqui.

— A restauração de arte era um disfarce, Gabriel. Você não é um restaurador de arte. És um servo secreto do Estado de Israel, e não tem o direito de deixar a luta para os outros. E se acha que vai encontrar uma vida sossegada na Europa, pode esquecer. Os europeus nos condenaram pelo que aconteceu no Líbano, mas não entendem é que o Líbano é simplesmente uma amostra das próximas atrações. O filme vai estreiar em breve nos cinemas de toda a Europa. É o próximo campo de batalha.

O próximo campo de batalha? Não, pensou Gabriel, era o seu campo de batalha por mais de trinta anos. Olhou para a sombra vaga do monte Herzl, onde num hospital psiquiátrico vivia sua ex-mulher, fechada numa prisão de recordações e num corpo destruído pelos inimigos de Gabriel. O filho estava no outro lado de Jerusalém, num túmulo de herói no monte das Oliveiras. Entre eles ficava o vale de Hinnom, antigo local de cremação, onde judeus e muçulmanos acreditavam que os pecadores eram castigados após a morte. Gabriel passara a maior parte da vida a atravessar esse vale. Era óbvio que Uzi Navot queria que lá voltasse.

— Em que está pensando, Uzi? Imagino que não tenha ido ao aeroporto só para me pedir que me junte a sua trama contra Amos.

— Gostaríamos que nos fizesses uma tarefa — explicou Navot.

— Não sou tarefeiro.

— Sem ofensa, Gabriel.

— Não fiquei ofendido. Onde é a tarefa?

- Amsterdã.
- Por que Amsterdã?
- Porque houve uma morte na família por lá.
- Quem?
- Solomon Rosner.
- Rosner? Não sabia que Rosner era nosso.
- Ele não era nosso — corrigiu Navot. — Era do Shamron.

3

JERUSALÉM

Seguiram até a Rua Narkiss, uma vereda sossegada e verdejante no centro de Jerusalém, e estacionaram à porta do bloco de apartamentos de calcário do número 16. Era um edifício de dois andares, em grande parte oculto por um eucalipto imponente que crescia no jardim frontal. Gabriel levou Navot pelo pequeno hall e subiu as escadas. Apesar da sua longa ausência, não se deu ao trabalho de abrir a caixa do correio. Nunca recebia correspondência e o nome na caixa era falso. Para a burocracia do Estado de Israel, Gabriel Allon não existia. Ou existia no Escritório, e mesmo ali era residente em tempo parcial.

O apartamento ficava no último piso. Como sempre, hesitou antes de abrir a porta. A sala que o recebeu não era a mesma de onde saíra seis meses antes. Na época era um estúdio de arte pequeno mas funcional. Agora tinha sido meticulosamente decorado nos beges e brancos suaves e discretos que Chiara Zolli, sua noiva veneziana, tanto adorava. Ela estivera ocupada na sua ausência. Esquecera-se de mencionar a nova decoração na última visita à Itália.

— Onde estão minhas coisas?

— Assuntos Domésticos armazenou-as até que encontre um espaço adequado para um estúdio. — Navot sorriu ante o desconforto de Gabriel. — Não esperava que sua mulher morasse num apartamento sem mobília, não?

— Ainda não é minha mulher. — Pousou a mala no sofá novo. Parecia caro.

— Onde está ela?

— Não te contou para onde a enviaríamos?

— Ela leva muito a sério as regras de compartimentação e informação.

— Eu também.

— Onde está ela, Uzi?

Navot fez menção de falar, mas uma voz vinda da cozinha respondeu por ele. Era conhecida de Gabriel, assim como o era a

figura idosa que surgiu momentos depois, vestida com calças de caqui e um blusão de couro com um rasgão no peito esquerdo. A cabeça tinha forma de bala e era calva, salvo por um semicírculo monástico de cabelo branco aparado curto. Tinha o rosto mais encovado do que Gabriel recordava, e os feios óculos de armação de arame amplificavam olhos de um azul pálido que tinham deixado de ser cristalinos. Apoiava-se pesadamente numa elegante bengala de oliveira. A mão que a agarrava parecia emprestada de um homem com o dobro do tamanho.

— Argentina — repetiu Ari Shamron. — Sua futura esposa está na Argentina.

— Que tipo de trabalho?

— Vigilância de um conhecido operacional terrorista.

Gabriel não precisava indagar sobre a filiação do indivíduo. A resposta estava na localização do trabalho. Como o restante da América Latina, a Argentina era um antro de atividade do Hezbollah.

— Achamos que seja uma questão de tempo até que o Hezbollah tente se vingar dos danos que causamos no Líbano. Um ataque terrorista que não deixe pistas é o cenário mais provável. A única pergunta que nos atormenta é o alvo. Seremos nós ou os nossos aliados na América?

— Quando ela será dispensada?

Shamron encolheu os ombros e respondeu com cautela.

— Esta guerra não tem fim, Gabriel. É eterna. Mas sabe disso melhor do que nós, não é verdade? — Tocou na face de Gabriel. — Veja se descobre café. Temos de falar.

Gabriel encontrou uma lata de café na despensa. Já fora aberta, e uma cheirada rápida no pó confirmou que passara da validade havia muito. Despejou um pouco na cafeteira e pôs água para aquecer, após o que voltou à sala. Navot meditava sobre um prato de cerâmica em cima de um aparador. Shamron instalara-se numa poltrona e estava acendendo um de seus fedorentos cigarros turcos. Gabriel passara seis meses fora, mas nada parecia ter mudado em sua ausência, salvo pela mobília.

— Não há café? — perguntou Shamron.

— É necessário mais do que um minuto para fazer café, Ari.

Shamron fitou o grande relógio de pulso de aço. O tempo sempre fora seu inimigo, mas agora mais do que nunca. Fora o atentado, pensou Gabriel. Obrigara finalmente Shamron a confrontar a possibilidade da sua própria mortalidade.

— Solomon Rosner pertencia ao Escritório? — perguntou Gabriel.

— E por sinal era muito valioso.

— Há quanto tempo?

Shamron recostou a cabeça e antes de responder soprou uma nuvem de fumaça na direção do teto.

— Em meados dos anos noventa, durante o meu segundo mandato como chefe, começamos a perceber que eventualmente a Holanda viria a ser um problema. A demografia do país estava a mudar rapidamente. Amsterdã estava a caminho de se tornar uma cidade muçulmana. Os jovens estavam desempregados e zangados, e recebiam uma dieta constante de ódio por parte dos imãs, grande parte dos quais eram importados e financiados pelos nossos amigos da Arábia Saudita. Houve uma série de ataques à comunidade local. Coisas pequenas, uma janela quebrada, um nariz ensanguentado, um coquetel Molotov ocasional. Queríamos garantir que esses pequenos incidentes não se transformem em coisa mais séria. Também queríamos saber se nossos inimigos mais aguerridos estavam usando Amsterdã como base de operações para ataques importantes contra alvos israelenses na Europa. Precisávamos de olhos e ouvidos no terreno, mas não tínhamos recursos para montar uma operação por conta própria.

Gabriel abriu as portas da pequena varanda. O cheiro do eucalipto no jardim da frente invadiu o apartamento.

— Por isso procurou Rosner?

— Não foi de imediato. Primeiro tentamos o percurso habitual, uma parceria com o AIVD, o serviço secreto holandês. Namoramos meses a fio, mas os holandeses não estavam interessados em dançar conosco. Depois da última rejeição, autorizei uma tentativa de entrar no AIVD pela porta dos fundos. Nosso chefe de estação local dirigiu-se de forma um pouco atabalhoada ao delegado do AIVD encarregado de acompanhar a comunidade muçulmana e isso arrebentou em nossas mãos. Imagino que você se lembre do escândalo.

Gabriel se lembrava. O assunto ganhara as primeiras páginas dos jornais holandeses e israelenses. Tinham ocorrido alterações inflamadas entre os ministros do Exterior dos dois países, com ameaças furiosas de expulsão.

— Quando a tempestade amainou, decidi voltar a tentar. Mas desta vez escolhi um alvo diferente.

— Rosner — concluiu Gabriel, ao que Shamron anuiu.

— Ele escutava o que era dito nas mesquitas quando mais ninguém em Amsterdã prestava atenção, e lia o lixo que percorria os esgotos da Internet quando todos os outros desviavam os olhos. Deu informações à polícia que evitaram confrontos violentos em várias ocasiões. Por acaso também era judeu. Para o Escritório, Rosner foi a resposta às nossas preces.

— Quem tratou do recrutamento?

— Eu — respondeu Shamron. — Depois do escândalo com o

AIVD, não estava disposto a confiar a tarefa a mais ninguém.

— Além disso — acrescentou Gabriel —, não há nada de que mais goste do que um bom recrutamento.

Shamron respondeu com um sorriso sedutor, o mesmo sorriso que utilizara numa tarde escaldante de Setembro de 1972, quando procurara Gabriel na Academia de Arte Bezalel, em Jerusalém. Gabriel fora um jovem pintor bastante prometedor. Shamron era um operacional arrojado que fora incumbido pela primeira-ministra Golda Meir da tarefa de caçar e eliminar os membros do Setembro Negro, autores do Massacre de Munique. A operação tinha o nome de código Fúria de Deus, mas na verdade tratou-se da Fúria de Gabriel, doze elementos do Setembro Negro mortos pelo Escritório, seis abatidos à queima-roupa por Gabriel, com uma Beretta.²²

— Peguei um avião para Amsterdã e levei Rosner para jantar num restaurante calmo com vista para o Amstel. Contei-lhe histórias dos velhos tempos, a Guerra da Independência, a captura de Eichmann. Sabe quais são, Gabriel, as histórias que você e Uzi já contaram mil vezes. Ao fim da noite, coloquei um contrato em cima da mesa. Ele assinou sem reservas.

Shamron foi interrompido pelo súbito assobio da chaleira. Gabriel foi até a cozinha e preparou o café. Ao regressar pousou a cafeteira na mesa de centro, ao lado de três canecas e um açucareiro. Navot lançou-lhe um olhar de desaprovação.

— É melhor pôr qualquer coisa embaixo — sugeriu. — Se deixar marca, Chiara mata você.

— Eu arrisco, Uzi. — Gabriel olhou para Shamron. — Quem o acompanhou? Imagino que tenha sido Ari.

— Fui eu que criei Rosner — adiantou Shamron, com um certo tom defensivo. — É claro que sentia alguma relutância em entregar as rédeas a outra pessoa. Dei-lhe algum dinheiro para contratar uma assistente, e quando Rosner tinha alguma coisa a relatar, era eu que falava com ele.

— Em Amsterdã?

— Nunca — garantiu Shamron. — Normalmente nos encontrávamos no outro lado da fronteira, em Antuérpia.

— E quando tiraram você do Escritório pela segunda vez?

— Agarrei-me a algumas coisas para me manter ocupado na velhice. Rosner foi uma dessas coisas. A outra foi você, é claro. Não podia confiá-lo a mais ninguém. — Juntou uma colher de açúcar ao café, que mexeu com alguma melancolia. — Quando fui trabalhar para o primeiro-ministro como conselheiro de segurança tive de entregar o controle de Rosner. — Olhou para Navot. — Confiei-o a Uzi. Afinal de contas, ele era o nosso katsa da Europa Ocidental.

— E seu protegido — acrescentou Gabriel.

— Não foram trabalhos forçados — concedeu Navot. — Ari já tinha tratado de tudo. Bastava receber os relatórios do Rosner. Há dezoito meses, deu-me uma pepita de ouro. Segundo uma das fontes do Rosner na comunidade muçulmana, estava a trabalhar em Amsterdã uma célula operacional da al-Qaeda. Deitaram as mãos a um míssil e estavam a planejar abater um avião comercial da El Al durante a aproximação ao Aeroporto Schiphol. Nessa noite desviamos o voo para Bruxelas e informamos os holandeses. Prenderam quatro homens que estavam num carro estacionado ao fundo da pista. Na mala do carro tinham um míssil antiaéreo que entrara em Amsterdã vindo do Iraque.

— Como Rosner ficou sabendo dos planos?

— Ele tinha fontes — respondeu Shamron. — Fontes muito boas. Tentei por várias vezes que ele nos dissesse quem eram, mas recusou-se sempre. Dizia que as fontes falavam com ele porque não era um profissional. Quer dizer, não era exatamente um profissional, mas ninguém sabia disso na Holanda.

— E tem certeza? — inquiriu Gabriel. — Tem certeza de que Rosner não morreu por estar ligado a nós?

— Infelizmente, muita gente em Amsterdã gostaria de ver Solomon morto. Alguns dos imãs jihadistas mais destacados da cidade tinham pedido abertamente um voluntário. Encontraram por fim o homem de que precisavam em Muhammad Hamza, um pintor da construção civil do norte de Amsterdã, que por acaso estava trabalhando num projeto no outro lado da rua em que Rosner morava. Quando a polícia de Amsterdã deteve Hamza, encontrou uma fita de vídeo no apartamento. Tinha sido gravada na manhã do assassinato do Rosner. Nela Hamza declarava calmamente que nesse dia mataria seu judeu.

— E qual é a tarefa que pretende que eu cumpra em Amsterdã?

Navot e Shamron trocaram olhares, como se procurassem fazer coincidir o que diriam. Shamron deixou que Navot respondesse. Afinal de contas, era ele o chefe das Operações Especiais.

— Gostaríamos que fosse a Amsterdã limpar os arquivos. Queremos os nomes de todas essas fontes, mas, claro, também queremos garantir que não fica nada lá que possa ligá-lo a nós.

— Seria muito embaraçoso se a nossa relação com Solomon viesse a ser revelada — acrescentou Shamron. — E também faria com que fosse mais difícil recrutarmos sayanim nas comunidades judaicas de todo o mundo. Somos um serviço pequeno. Não podemos trabalhar sem eles.

Os sayanim eram uma rede mundial de ajudantes judeus voluntários. Eram os banqueiros que forneciam dinheiro aos agentes do Escritório em caso de emergência. Os médicos que os tratavam em

segredo quando eram feridos. Os hoteleiros que os abrigavam com nomes falsos e os operadores das locadoras que lhes forneciam veículos indetectáveis. A maior parte dos sayanim foi recrutada e treinada pelo próprio Shamron. Referia-se a eles dedicadamente como os frutos secretos da Diáspora.

— Também existe o potencial de ficar ainda pior uma situação já por si volátil na Holanda — comentou Gabriel. — Solomon Rosner era um dos mais conhecidos críticos do Islamismo militante na Europa. Se viesse a saber-se que era nosso porta-voz contratado, a comunidade judaica na Holanda poderia ficar em risco.

— Não concordo com a caracterização — frisou Shamron —, mas o que disse ficou registrado.

— Como vou entrar no escritório de Rosner?

Foi Navot quem respondeu. — Há cerca de um ano, quando começaram a chover ameaças contra Rosner, percebemos que tínhamos de fazer planos para uma contingência desse tipo. Rosner disse à assistente, uma jovem chamada Sophie Vanderhaus, que, no caso de sua morte, seria contatada por um cavalheiro de nome Rudolf Heller, que lhe daria instruções que teria de seguir à risca.

Herr Rudolf Heller, capitalista de risco de Zurique, era uma das muitas identidades falsas de Shamron.

— Ontem à noite entrei em contato com Sophie — informou Shamron. — Disse-lhe que um colega meu chegaria a Amsterdã amanhã à tarde, e que deveria ter acesso total a todos os arquivos do professor Rosner.

— Amanhã à tarde?

— Há um voo da El Al que parte do Ben-Gurion às seis e quarenta e cinco e chega a Amsterdã às duas. Sophie o encontrará em frente ao Café Doelen, às quatro.

— Posso precisar de dias para vasculhar os arquivos de Rosner.

— Sim — asseverou Shamron, como se estivesse satisfeito por a tarefa não ter sido incumbida a ele. — Foi por isso que decidimos enviar ajuda. Ele já está na Europa, tratando de assuntos pessoais. Estará à espera quando chegar.

Gabriel levou a caneca aos lábios e mirou Shamron por cima da borda. — E quanto às promessas que fizemos aos serviços de segurança europeus? O acordo que assinamos com sangue, em troca do arquivo das acusações e processos contra mim?

— Refere-se ao acordo que o proíbe de agir em solo europeu sem autorização dos serviços de segurança do país envolvido?

— Sim, esse mesmo.

Os três homens partilharam um silêncio conspirativo. Fazer promessas que não pretendiam cumprir era o que sabiam fazer melhor. Abusavam dos passaportes de outras nações, recrutavam

agentes de serviços de segurança e aliados secretos, e levavam a cabo, por rotina, operações em terreno estrangeiro, proibidas por acordos já antigos. Diziam a si mesmos que o faziam por não terem escolha. Por estarem cercados de inimigos que não olhavam meios para garantir sua destruição. E porque o resto do mundo, cego pelo ódio ao Sionismo e aos judeus, não lhes permitia rebater com todo o poderio das suas forças militares. Mentiam a todos, menos entre eles mesmos, e apenas se sentiam à vontade na companhia uns dos outros.

— Não vai atravessar a Cortina de Ferro — disse Shamron.

— Com a cobertura adequada e algum tratamento nesse rosto famoso, não terá problema para entrar no país. As novas realidades das viagens europeias facilitaram bastante a vida dos agentes. E, infelizmente, o mesmo pode ser dito dos terroristas. Osama bin Laden poderia estar vivendo tranquilamente num chalé do mar do Norte sem que os holandeses dessem por isso.

Navot pegou a pasta. O envelope que retirou era de um modelo antiquado, com um barbante no lugar do fecho de alumínio. O Escritório era um dos serviços mundiais mais avançados em nível tecnológico, mas continuava a usar envelopes do tempo em que Israel ainda não tinha televisão.

— Vai ser entrar e sair — garantiu Shamron. — No fim de semana está de volta. Quem sabe? Talvez sua mulher também já tenha voltado.

— Ela ainda não é minha mulher.

Gabriel retirou o envelope da mão de Navot. Entrar e sair, pensou. Parecia agradável, mas as coisas acabavam por nunca correr assim tão bem.

4

AMSTERDÃ

— Nome, por favor? — perguntou a recepcionista ao balcão do Hotel Europa.

— Meu nome é Kiever — respondeu Gabriel com um inglês carregado de sotaque alemão. — Heinrich Kiever.

— Ah, sim, aqui está. O seu quarto está pronto. — A voz denotava uma verdadeira surpresa. — Tem uma mensagem, Herr Kiever.

Gabriel, que desempenhava o papel de empresário cansado da viagem, aceitou o papel com um franzir de sobrancelhas. Declarava que o seu colega das Heller Enterprises, em Zurique já se registrara no

hotel e esperava que ele ligasse. Gabriel amarrotou a mensagem numa bola e enfiou-a no bolso do sobretudo. Era de caxemira. As moças da Identidade não tinham olhado as despesas no guarda-roupa.

— O seu quarto fica no quinto andar. É uma suíte excelente. — Entregou-lhe um cartão eletrônico como chave e recitou uma longa lista de comodidades luxuosas do hotel, as quais Gabriel não tinha intenção de aproveitar. — Precisa de ajuda com a mala?

Gabriel lançou um olhar ao carregador, jovem magro que aparentava ter passado a hora de almoço num dos famosos cafés de haxixe de Amsterdã.

— Acho que consigo tratar dela sozinho, obrigado.

Entrou num elevador que aguardava e subiu ao quinto andar. A porta da suíte 612 situava-se ao fundo de um corredor, numa pequena alcova privada. Gabriel passou a ponta dos dedos pelas laterais, em busca de algum sinal de objetos estranhos, como um fragmento de fio solto, e susteve a respiração quando inseriu o cartão na fechadura eletrônica. O quarto em que entrou pouco tinha de “excelente”, embora a vista das casas do canal ao longo do rio Amstel fosse das melhores na cidade. Uma garrafa de champanhe medíocre transpirava num balde de gelo, em cima da mesa de centro. A mensagem escrita à mão dizia: *Bem-vindo de volta à Europa, Herr Kiever*. Estranho, pois, que se lembrasse, Herr Kiever nunca estivera ali. Tirou um celular Nokia do bolso do casaco. Era um telefone, mas continha várias características que não eram disponíveis nos modelos comerciais comuns, como um dispositivo capaz de detetar sinais e impulsos elétricos de transmissores ocultos. Segurou o telefone à frente do rosto e passou os cinco minutos seguintes percorrendo lentamente as divisões da suíte, olhando para a barra de bateria à espera de leves flutuações. Satisfeito, levou a cabo uma segunda busca, desta vez à procura de indícios de bomba ou outro aparelho letal qualquer. Só então pegou o telefone que estava sobre a mesa de cabeceira e ligou para o quarto 611.

— Já cheguei — disse em alemão, e pousou de imediato o receptor.

Momentos depois bateram levemente à porta. O homem que entrou era vários anos mais velho do que Gabriel, pequeno e de aspecto erudito, com cabelo grisalho desgrenhado e olhos castanhos inteligentes. Como era habitual, parecia ter vestido a roupa toda ao mesmo tempo: uma camisa com gravata, um suéter de lã, um paletó de tweed amarrotado.

— Belas instalações — declarou Eli Lavon. — Melhor do que a pensão onde ficamos em Roma, na véspera do golpe Zwaiter, em setenta e dois. Lembra, Gabriel? Meu Deus, que espelunca.

— Estávamos passando por estudantes universitários —

recordou-o Gabriel. — Já não podemos passar por estudantes. Imagino que seja uma das poucas vantagens de ficar mais velho.

Lavon esboçou um sorriso para Gabriel e acomodou-se pesadamente numa poltrona. Até mesmo Gabriel, que conhecia Lavon por mais de trinta anos, por vezes tinha dificuldade em imaginar que aquele homenzinho hipocondríaco era, sem dúvida, o melhor artista da vigilância que o Escritório jamais produzira. Tinham trabalhado juntos pela primeira vez durante a operação Fúria de Deus. Lavon, arqueólogo de formação, fora um *ayin*, um batedor. Após o desmantelamento da unidade, instalara-se em Viena e abriu um pequeno escritório de investigação chamado Reivindicações e Inquéritos do Tempo da Guerra. Com um orçamento mínimo, conseguira localizar milhões de dólares em bens judeus pilhados e desempenhara um papel importante na obtenção de um acordo multimilionário com os bancos suíços. Voltara recentemente a Israel e ensinava arqueologia bíblica na Universidade Hebraica. No tempo livre apresentava palestras na Academia sobre a arte da vigilância física. Não havia recruta do Escritório que entrasse em trabalho de campo sem primeiro passar alguns dias com o grande Eli Lavon.

— O teu disfarce é bem eficaz — elogiou Lavon, com uma admiração profissional. — Por momentos nem te reconheci.

Gabriel olhou para o seu reflexo no espelho por cima da mesa do toucador. Estava a usar um par de óculos de armações pretas, lentes de contato que lhe transformavam os olhos verdes em castanhos, e uma pera falsa que lhe acentuava as feições já estreitas.

— Eu teria acrescentado um pouco mais de grisalho ao cabelo — sugeriu Lavon.

— Já tenho que chegue — replicou Gabriel. — Como deixou que te arrastassem para este caso?

— Acho que foi pela proximidade. Estava numa conferência em Praga, apresentando uma palestra sobre a nossa escavação em Tel Megiddo. Quando desci do palco, o celular começou a tocar. Nem imagina quem era.

— Acredite, Eli... eu imagino.

— Ouvi aquela voz, a voz de Deus com um sotaque polaco terrível, a dizer-me para sair de Praga e vir para Amsterdã imediatamente. — Lavon abanou lentamente a cabeça. — Com a idade dele, será que o Shamron não tem nada melhor para fazer do que se preocupar com um sayan morto? Ele tem sorte de estar vivo. Devia estar aproveitando os últimos anos sobre a terra, mas em vez disso não larga o Escritório, como se fosse um afogado se agarrando a uma boia de salvação.

— Rosner era o sayan dele — lembrou Gabriel. — E tenho certeza de que se sente em parte responsável pela morte dele.

— Podia ter deixado Uzi tratar do assunto. Mas ele não confia totalmente em Uzi, não é, Gabriel? O velhote queria você em Operações Especiais, não Uzi, e só vai descansar enquanto não vir você dirigindo o Escritório. — Lavon puxou a manga do casaco de tweed, olhou para o relógio. — Sophie Vanderhaus está a nossa espera. Já pensou no que vai fazer em relação a ela?

— É uma mulher inteligente. Imagino que desconfie da verdade, ou da filiação de Heller... e do motivo pelo qual Rosner estava com ele sempre fora do país.

Lavon franziu as sobrancelhas. — Tenho de admitir que não estou ansioso por isso. Imagino que estas coisas tenham um ritual. Quando os agentes morrem, os segredos devem ir para o túmulo com eles. É como a tara, lavando os mortos. Da próxima vez pode ser um de nós.

— Prometa uma coisa,

— O que quiser.

— Prometa que se me acontecer alguma coisa, você enterra meus segredos.

— Seria uma honra. — Lavon deu uma palmadinha no bolso do casaco. — Quase me esquecia. Um bodel me deu isto de manhã, quando cheguei ao aeroporto.

Os bodelim eram mensageiros do Escritório. Lavon recebeu uma pistola Beretta 9mm. Gabriel aceitou-a e enfiou-a por dentro do cóis da calça nas costas.

— Não vai levar isso, vai?

— Tenho inimigos, Eli... muitos inimigos.

— É óbvio, como Solomon Rosner.

— E ainda pode haver algum na porta da casa dele.

— Tente não matar ninguém enquanto estivermos em Amsterdã, Gabriel. Os cadáveres têm a mania de estragar viagens calmas.

Começava a escurecer quando Gabriel saiu do hotel. Virou a esquina, com Lavon vários passos atrás, e percorreu a rua estreita até chegar a uma ponte de ferro. No lado oposto ficava o Café Doelen. Reabriu as portas, e o local onde Solomon Rosner caíram após o crime estava cheio de tulipas. Não havia quem chorasse ou condenasse o assassinato ritual do compatriota, apenas uma faixa, pendurada na fachada do café dizia UMA AMSTERDÃ, UM POVO.

— Há dois dias que vejo essa faixa e ainda não sei o que significa.

Gabriel virou-se. As palavras tinham sido proferidas por uma mulher de uns trinta anos, cabelo cor de areia e olhos azuis que brilhavam com calma inteligência.

— Sou Sophie Vanderhaus. — Ofereceu a mão e acrescentou

com algum formalismo: — A assistente do professor Rosner. — Soltou-lhe a mão e olhou para o memorial improvisado. — É tocante, não acha? Agora até a imprensa holandesa o trata como herói. É pena que não tivessem sido tão elogiosos enquanto vivo. Passaram anos a atacá-lo, e tudo porque teve a coragem de dizer as coisas que preferiam ignorar. Para mim, são cúmplices neste crime. Tão culpados como os imãs extremistas que encheram de ódio a cabeça de Muhammad Hamza. — Virou-se e olhou para Gabriel. — Venha — disse. — A casa fica por aqui.

Partiram juntos Staalstraat abaixo. Gabriel olhou sobre o ombro e viu Lavon começando a segui-los. Sophie Vanderhaus fitava as pedras da calçada, como se procurasse organizar as ideias.

— Há cinco dias que ele foi morto — disse — e ainda não houve um único líder muçulmano que se tenha dado ao trabalho de condenar o ato. Na verdade, sempre que a mídia lhes deu oportunidade, resolveram culpá-lo pelo que aconteceu. Onde estão esses muçulmanos moderados de que ouvimos falar na imprensa? Será que existem, ou serão apenas produtos da imaginação? Se alguém insulta o profeta Maomé, nossos compatriotas muçulmanos saem à rua numa fúria sagrada e ameaçam decapitar-nos. Mas quando um deles comete um crime em nome do profeta...

A voz perdeu-se. Gabriel completou o raciocínio.

— O silêncio é ensurdecedor.

— Bem dito — respondeu Sophie. — Mas não veio a Amsterdã ouvir meus sermões. Tem um trabalho a fazer. — Observou-o cuidadosamente por um instante enquanto caminhavam lado a lado pela rua estreita. — Sabe, Herr Kiever, faz exatamente um ano que o professor Rosner me contou sobre a relação que tinha com um homem chamado Rudolf Heller, e me disse o que fazer se alguma coisa lhe acontecesse. Desnecessário dizer que esperava que esse dia nunca chegasse.

— Pelo que sei, era muito chegada ao professor Rosner.

— Era como um pai para mim. Quando acabei o curso recebi uma dezena de propostas de emprego, trabalhos que pagavam muito mais do que o Centro de Estudos de Segurança Europeia, mas resolvi trabalhar para o professor Rosner por uma miséria.

— É historiadora?

Ela aquiesceu.

— Enquanto fazia pesquisa para a minha tese, descobri que nós, holandeses, temos o hábito de tentar chegar a um compromisso com as ideologias assassinas, sejam elas o Nacional Socialismo ou o fascismo islâmico. Queria ajudar a interromper esse ciclo. Trabalhar para o professor Rosner garantia-me essa oportunidade. — Desviou da testa uma madeixa desgarrada de cabelo e olhou para Gabriel. —

Passei cinco anos ao lado do professor Rosner, Herr Kiever. Também tive de aguentar os insultos e as ameaças. E acho que tenho o direito de fazer algumas perguntas antes de começarmos.

— Receio que perguntas sobre quem sou e o motivo pelo qual estou aqui possam tornar a sua vida ainda mais complicada e perigosa do que já é.

— Permite que avente uma hipótese?

— Já que insiste.

— Não acredito que Herr Rudolf Heller seja suíço. E definitivamente não acredito que seja um capitalista de risco interessado em financiar o trabalho de um analista do terrorismo em Amsterdã.

— Sêrio?

— O professor Rosner não falava muito sobre o que sentia em relação a Israel. Sabia que isso o tornaria ainda mais radiativo do que já era em Amsterdã. Mas era um sionista. Acreditava em Israel e no direito do povo judeu a uma pátria. E imagino que se aparecesse um agente israelense inteligente com a proposta certa, ele teria feito quase tudo para ajudar.

Parou de andar e olhou para Gabriel por um instante com uma sobrancelha erguida, como se estivesse concedendo a oportunidade de responder.

— Meu nome Heinrich Kiever — declarou. — Sou colega de Herr Rudolf Heller, de Zurique, e vim a Amsterdã examinar os documentos particulares do professor Solomon Rosner.

Ela capitulou, embora, a julgar por sua expressão, permanecesse profundamente cética em relação à história. Gabriel não a censurava. Não era de todo verossímil.

— Espero que não esteja pensando em deixar Amsterdã muito em breve — avisou. — Segundo a última estimativa, tínhamos mais de cem mil páginas de documentos nos nossos arquivos.

— Trouxe ajuda.

— Onde?

Gabriel acenou com a cabeça na direção de Lavon, que olhava para uma vitrine vinte metros atrás.

— Desde quando os capitalistas de risco de Zurique empregam agentes de vigilância profissionais? — Voltou a percorrer a Groenburgwal. — Vamos, Herr Kiever. Tem uma noite comprida à frente.

A estimativa original sobre os arquivos de Rosner veio a provar-se otimista demais. Depois de percorrer brevemente a casa, Gabriel calculou que o número de páginas deveria aproximar-se do quarto de milhão. Havia arquivos no gabinete de Rosner e mais arquivos no de Sophie. Arquivos enchiam o corredor e uma câmara

úmida da cave. E depois, é claro, havia o material contido no disco rígido do computador de Rosner. Lá se ia a previsão de Shamron de que estariam de regresso a Jerusalém no fim de semana.

Começaram pelo gabinete de Rosner e trabalharam em trio. Gabriel e Lavon, o restaurador e o arqueólogo, sentados lado a lado à mesa de Rosner, enquanto Sophie ia depositando os arquivos à frente, um a um, fornecendo alguns antecedentes, traduzindo uma passagem ocasional quando necessário. Os arquivos de interesse ou de natureza sensível eram separados e guardados em caixas de papelão para serem enviados ao Boulevard King Saul. Às nove horas tinham enchido quatro caixas e não encontraram uma referência sequer a Ari Shamron, Herr Rudolf Heller ou ao Escritório. Ao que parecia, Rosner era muito cuidadoso. Também um pesquisador meticuloso e um colecionador de informações. Contido nas várias divisões da velha casa da Groenburgwal estava um retrato extraordinariamente pormenorizado e assustador das redes islâmicas radicais que trabalhavam em Amsterdã e além.

Às dez estavam todos esfomeados. Sem querer suspender as buscas, decidiram encomendar comida. Gabriel votou em espetos de carne, Sophie em cozinha indonésia e Lavon em tailandesa. Após dez minutos de debate aceso, decidiram tirar a sorte num dos velhos chapéus de feltro de Rosner. Sophie fez as honras.

— Tailandesa — informou, dirigindo um sorriso a Lavon. — Sorteamos outra vez para ver quem vai buscar?

— Eu vou — ofereceu-se Gabriel. — Preciso falar com uma pessoa.

Quando Gabriel saiu, cinco minutos depois, caía uma neve ligeira. Fez uma pausa breve nos degraus de ferro de Rosner, abotoou o sobretudo devido ao frio e perscrutou a rua em busca de sinais de vigilância. Estava deserta, salvo por uma única alma encolhida num banco público na outra margem do canal. Vestia um sobretudo de lã puída e tinha um kajfyeh quadriculado em preto e branco servindo de cachecol. A barba grisalha estava desmazelada e no alto da cabeça usava o barrete kufi branco dos muçulmanos devotos. Gabriel desceu a escada e caminhou até a ponte móvel no fim da rua. Quando virou para a Staalstraat ouviu passos na calçada atrás de si. Virou deliberadamente a cabeça e olhou demoradamente e sem qualquer profissionalismo por cima do ombro. O muçulmano que estava sentado no banco estava agora trinta metros atrás dele e caminhava na mesma direção. Dois minutos depois, quando Gabriel passou pela homenagem a Rosner à frente do Café Doelen, olhou uma segunda vez por cima do ombro e viu que o homem de kufi e kajfyeh encurtara pela metade a distância que os separava. Pensou nas palavras que Lavon lhe dirigira à tarde no Hotel Europa. *Tenta não matar ninguém*

enquanto estivermos em Amsterdã. Gabriel não tinha intenção de matar o homem. Apenas queria resposta para duas simples perguntas. Por que um muçulmano devoto passaria boa parte da noite sentado à porta de Solomon Rosner? E por que estava agora seguindo Gabriel pelas ruas escuras de Amsterdã?

O restaurante onde Sophie Vanderhaus encomendara a comida ficava na Leidsestraat, perto da Koningsplein. Depois de atravessar o Amstel, Gabriel deveria ter virado à direita. Em vez disso foi para a esquerda, entrando numa estreita rua ladeada por sex-shops, restaurantes americanos de fast-food e minúsculos cafés do Oriente Médio. Apesar da hora, a ruela estava apinhada. Mesmo assim, Gabriel não teve problemas em acompanhar os movimentos do perseguidor à berrante luz néon.

A rua ia dar na Rembrandtplein, mas vinte metros antes da praça movimentada Gabriel virou para um beco escuro que regressava ao rio. O homem do kajfyeh fez uma pausa à entrada do beco, como se estivesse relutante em prosseguir, e depois seguiu-o.

Gabriel pegou a Beretta nas costas e carregou munição na câmara. Ao fazê-lo, quase conseguia ouvir a voz de Shamron ecoando em sua mente: Não agitados armas em público como gângsteres, nem fazemos ameaças vãs. Quando puxamos a arma, é por um motivo, e só por isso. Disparamos. E não paramos até que o alvo esteja morto. Enfiou a arma no bolso do sobretudo e continuou a andar.

No meio do beco, a escuridão era quase impenetrável. Gabriel virou numa passagem transversal e esperou, a mão na coronha da Beretta. Quando o homem barbado passou, Gabriel saiu do beco e desferiu um golpe no rim esquerdo do indivíduo. As pernas do homem cederam quase de imediato, mas, antes que caísse ao chão, Gabriel agarrou-o pelo kajfyeh e jogou-o com violência contra uma parede coberta de graffiti. A expressão nos olhos do homem era de puro terror. Gabriel voltou a agredi-lo, desta vez na boca do estômago. Quando o muçulmano se dobrou sobre si mesmo, Gabriel revistou-o rapidamente em busca de armas, mas encontrou apenas uma carteira e um pequeno exemplar do Corão.

— O que quer de mim? — perguntou Gabriel com um árabe rápido.

O homem apenas conseguiu soltar uma breve tossidela úmida.

— Responda-me — insistiu Gabriel —, ou continuo a bater até falar.

O homem levantou a mão e implorou a Gabriel que não voltasse a agredi-lo. Gabriel largou-o e recuou um passo. O indivíduo encostou-se à parede e esforçou-se por recuperar o fôlego.

— Quem é você? — perguntou Gabriel. — E por que está me seguindo?

— Sou a pessoa que procura nos arquivos de Solomon Rosner
— respondeu. — E vim ajudá-lo.

AMSTERDÃ

— Meu nome é Ibrahim.

— Ibrahim de quê?

— Ibrahim Fawaz.

— Foi tolo me seguindo desta maneira, Ibrahim.

— Como é óbvio.

Caminhavam ao longo do declive escurecido do rio Amstel.

Ibrahim pressionava o rim com uma mão e a outra envolvia o braço de Gabriel em busca de apoio. Começara a nevar e o ar ficou subitamente gelado. Gabriel apontou para um café aberto e sugeriu que falassem lá.

— Homens como eu não tomam café em lugares assim, especialmente na companhia de homens como o senhor. Não estamos na América. Estamos em Amsterdã. — Virou a cabeça alguns graus e olhou para Gabriel pelo canto do olho. — Fala árabe como um palestino. Imagino que os boatos sobre o professor Rosner fossem verdadeiros.

— Que boatos?

— Que era um peão dos sionistas e dos aliados judeus na América. Que era um espião israelense.

— Quem andou dizendo essas coisas?

— Os rapazes zangados — respondeu Ibrahim. — E os imãs também. Esses são piores do que os jovens estouvados. Vêm do Oriente Médio. Da Arábia Saudita. Pregam o islamismo wahhabita. O imã da nossa mesquita disse que o professor Rosner merecia morrer pelo que escreveu sobre os muçulmanos. Avisei-o de que devia se esconder, mas ele se recusou. Era muito teimoso.

Ibrahim parou e apoiou-se na balaustrada em frente ao rio negro que corria lentamente. Gabriel olhou para a mão direita do árabe e viu que lhe faltavam os últimos dois dedos.

— Vai vomitar?

— Acho que não.

— Consegue andar, Ibrahim? É melhor andarmos.

O árabe anuiu e retomaram o caminho ao longo da margem.

— Imagino que fosse o contato do professor. É por isso que você e seu amigo estão revirando os arquivos dele?

— O que estou fazendo na casa dele não é da sua conta.

— Faça-me um favor — pediu o árabe. — Se encontrar meu nome, tenha a gentileza de introduzir o documento em questão no triturador mais próximo. Respeitava muito o professor Rosner, mas

não quero acabar como ele. Há homens em Amsterdã que me cortariam o pescoço se soubessem que o ajudava.

— Quanto tempo trabalhou para ele?

— Muito — respondeu Ibrahim. — Mas não era trabalho.

Éramos sócios, eu e o professor Rosner. Partilhávamos as mesmas crenças. Ambos acreditávamos que os jihadistas estavam destruindo minha religião. Sabíamos que se não fossem detidos também destruiriam a Holanda.

— Por que trabalhar com Rosner? Por que não a polícia?

— Talvez já tenha percebido pelo meu sotaque que nasci no Egito. Quando chegamos do Egito, temos um receio natural da polícia, seja ela secreta ou outra qualquer. Há vinte e cinco anos que vivo na Holanda. Sou um cidadão deste país, assim como minha esposa e meu filho. Mas para a polícia holandesa, e para o resto dos meus compatriotas, serei sempre um allochtoon. Um estrangeiro.

— Mas deve ter imaginado que Rosner passava alguma informação sua à polícia e aos serviços de segurança holandeses.

— E também aos serviços secretos israelenses... ou pelo menos assim parece. — Olhou para Gabriel e conseguiu esboçar um sorriso solene. — Tenho de confessar que os israelenses não são muito populares em minha casa. A minha esposa é palestina. Fugiu com a família para o Egito em 1948, depois de al-Nakba e instalou-se no Cairo. Há trinta e cinco anos que ouço falar do sofrimento do povo palestino todas as noites, ao jantar. O meu filho ingeriu-o com o leite da mãe. É egípcio e palestino. Uma mistura explosiva.

— Foi por isso que me seguiu esta noite, Ibrahim? Para debatermos a Diáspora palestina e os crimes dos fundadores de Israel?

— Talvez uma outra hora — replicou o egípcio. — Perdoe, meu amigo. Agora que já não está me batendo, procurava apenas manter uma conversa educada. Fui professor no Egito antes de imigrar para a Holanda. Minha esposa e meu filho me acusam de ainda ser um professor. Passaram a vida ouvindo meus sermões. Receio que já não me tolerem. Aproveito todas as oportunidades que tenho para ensinar.

— Também foi professor na Holanda?

— Na Holanda? — Abanou a cabeça. — Não, na Holanda fui uma ferramenta. Decidimos sair do Egito em 1982, pois pensávamos que o nosso filho teria mais oportunidades aqui no Ocidente. Eu era um homem formado, mas com educação egípcia, que aqui não vale nada. Construí estradas até arruinar as costas e depois consegui trabalho varrendo as ruas de Roterdã. Mais tarde, quando não conseguia mais empurrar uma vassoura, fui trabalhar numa fábrica de móveis em Amsterdã ocidental. O encarregado da fábrica obrigava-nos a trabalhar catorze horas por dia. Certa noite, quando estava dormindo em pé, cometi um erro com a serra circular. — Ergueu a

mão destroçada para que Gabriel a visse. — Durante a minha recuperação, decidi empregar o tempo aprendendo a falar holandês corretamente. Quando o gerente da fábrica soube, disse que não perdesse tempo, pois em breve todos os *allochtoon* regressariam à casa. Ele estava errado, claro.

Uma rajada de vento soprou-lhes pedaços de neve contra o rosto. Gabriel levantou o colarinho do casaco. Ibrahim voltou a enfiar a mão no bolso do sobretudo.

— Os nossos filhos ouviram todos os insultos que nos foram lançados pelos anfitriões holandeses. Falavam melhor holandês do que nós. Estavam mais a par das sutilezas da cultura holandesa. Viram como nos trataram e sentiram-se humilhados. Ficaram irados e ressentidos, não só com os holandeses, mas também conosco, os pais. Os nossos filhos estão encurralados entre dois mundos, não são totalmente árabes, nem exatamente holandeses. Habitam a *ghurba*, a terra dos estranhos, por isso buscam abrigo em lugar seguro.

— No islamismo — concluiu Gabriel. Ibrahim anuiu e repetiu: — No islamismo.

— Ainda ganha a vida fazendo mobília, Ibrahim?

O egípcio abanou a cabeça.

— Aposentei-me há vários anos. O Estado holandês me paga uma aposentadoria generosa e até um subsídio de incapacidade por causa dos dois dedos a menos. Consigo fazer alguns trabalhos. É bom para a minha autoestima. Impede que envelheça.

— Onde trabalha agora?

— Há três anos o Estado concedeu-nos um financiamento para abirmos um centro comunitário islâmico na seção Oud West da cidade. Trabalho lá meio período como conselheiro. Ajudo quem chega a encontrar estabilidade. Ajudo o nosso povo falando o holandês correto. E fico de olho nos nossos jovens irados. Foi onde ouvi os primeiros comentários sobre um plano para abater um avião israelense.

— Olhou para Gabriel para avaliar a reação. — Quando investiguei o caso um pouco mais, descobri que não se tratava apenas de um boato, por isso contei ao professor Rosner. Tem de me agradecer o fato de duzentos e cinquenta judeus não terem sido feitos em pedaços acima do Aeroporto Schiphol.

Um casal de homossexuais de meia-idade aproximou-se deles ao longo do declive. Ibrahim abrandou o passo e baixou o olhar por reflexo na direção das pedras da calçada.

— Tenho outro trabalho — continuou, quando os homens desapareceram. — Trabalho para um amigo no mercado Ten Kate, vendendo tachos e painéis. Ele me paga uma comissão sobre as vendas e me deixa sair da banca para rezar. Há uma pequena

mesquita na esquina, na Jan Hazenstraat. Chama-se mesquita al-Hijrah. Tem uma reputação bem merecida devido ao extremismo do imã. Há muitos jovens na al-Hijrah. Jovens cujas mentes estão cheias de imagens de jihad e terror. Jovens que falam em martírio e sangue. Jovens que veem Osama bin Laden como um verdadeiro muçulmano. Estes jovens acreditam no takfir. Conhece o termo? Takfir?

Gabriel aquiesceu. O takfir era um conceito desenvolvido pelos islamistas do Egito durante a década de setenta do século XX, uma artimanha concebida para dar aos terroristas uma autorização sagrada para matarem quase quem quisessem a fim de atingirem os seus objetivos de impor a sharia e restaurar o califado. O seu alvo principal eram outros muçulmanos. Um líder secular muçulmano que não governasse segundo a sharia podia ser morto pelo takfir com a justificação de se ter afastado do islamismo. O mesmo acontecia com um cidadão de um Estado muçulmano secular ou com um muçulmano que residisse numa democracia ocidental. Para os takfiri, a democracia era uma heresia, pois suplantava as leis de Deus com as leis do homem. Por isso, os cidadãos muçulmanos de uma democracia eram apóstatas e podiam ser passados a fio de espada. Fora o conceito do takfir que concedera a Osama bin Laden o direito de jogar aviões em prédios ou arrebentar embaixadas na África, mesmo que muitas das suas vítimas fossem muçulmanas. Dava aos terroristas sunitas do Iraque o direito de matarem quem quisessem para evitar que a democracia se instalasse em Bagdá. E dava aos rapazes muçulmanos nascidos na Grã-Bretanha o direito de se rebentarem em metrô e autocarros londrinos, mesmo que por acaso algumas das pessoas que levavam para o Paraíso com eles fossem outros muçulmanos que desejavam permanecer mais algum tempo na terra.

— Há um líder destes jovens — retomou Ibrahim. — Não está em Amsterdã há muito tempo... dezoito meses, talvez um pouco mais. É egípcio. Trabalha numa loja de Internet e centro telefónico no Oud West, mas gosta de se considerar um teórico islamista e jornalista. Diz escrever para revistas e páginas de Internet islâmicas.

— O nome dele?

— Samir al-Masri... pelo menos é assim que se apresenta; diz estar ligado aos mujahedin do Iraque. Diz aos nossos jovens que têm o dever sagrado de matar os infiéis que profanaram os territórios muçulmanos. Fala-lhes sobre o takfir e sobre jihad. À noite metem-se no apartamento dele e leem Sayyid Qutb e Ibn Taymiyyah, baixam vídeos da Internet para ver infiéis sendo decapitados. E viajam juntos. Alguns foram ao Egito com ele. Fala-se sobre Samir. É habitual falar-se na mesquita, mas isto é diferente. Samir al-Masri é um homem perigoso. Se não for da al-Qaeda, é parente próximo.

— Onde ele mora?

— Na Hudsonstraat. Número trinta e sete. Apartamento D.
— Sozinho?
Ibrahim, pensativo, cofiou a barba e anuiu.
— Contou a Solomon sobre Samir?
— Sim, há muitos meses.
— Nesse caso, por que me seguiu esta noite?
— Porque há dois dias Samir e outros quatro jovens da mesquita Hijrah desapareceram.
Gabriel parou de andar e olhou para o egípcio.
— Para onde foram?
— Tenho perguntado, mas parece que ninguém sabe.
— Tem os nomes dos outros quatro homens?
O egípcio deu a Gabriel uma folha de papel.
— Encontre-os — pediu. — Caso contrário, receio que haverá prédios desabando.

6

AMSTERDÃ

— Estava mesmo contando com aquela comida tailandesa — reclamou Eli Lavon.
— Eu vou buscar comida tailandesa depois de entrarmos no apartamento de Samir.
— Poderia me explicar onde vai encontrar comida tailandesa às três da manhã?
— Sou uma pessoa cheia de recursos.
Gabriel esfregou o para-brisas embaçado e olhou na direção da entrada da Hudsonstraat. Lavon baixou o olhar e dedilhou os botões do sobretudo.
— Não devemos usar carros alugados em situações operacionais a menos que sejam adquiridos em fontes limpas.
— Eu sei, Eli.
— Também não devemos levar a cabo arrombamentos e buscas sem o devido apoio ou autorização do Boulevard King Saul.
— É, já ouvi dizer.
— Está quebrando regras demais. É assim que se cometem erros. Gostaria de passar a noite no Hotel Europa, não numa cela holandesa.
— Diga onde encontrar apoio e um carro limpo às três da manhã em Amsterdã.
— Lá se vão seus recursos. — Lavon espreitou sombriamente pelo vidro. — Olhe em volta, Gabriel. Já viu tantas antenas parabólicas? — Abanou a cabeça com lentidão. — São monumentos à

ingenuidade europeia. Os europeus acharam que podiam ter milhões de imigrantes das mais pobres regiões do mundo e transformá-los de uma vez em bons sociais-democratas, e veja só os resultados. A grande maioria dos muçulmanos está em guetos e ferve de raiva.

Encurralados entre dois mundos, pensou Gabriel. Não são totalmente árabes. Nem exatamente holandeses. Perdidos na terra de estranhos.

— Este lugar sempre foi uma incubadora de ideologias violentas — disse Gabriel. — O extremismo islâmico é apenas mais vírus no ambiente favorável da Europa.

Lavon aquiesceu, pensativo, e soprou para as mãos. — Sabe, senti saudade de Viena por muito tempo, depois de regressar a Israel. Senti saudade dos cafés. Senti saudades dos passeios pelas minhas ruas preferidas. Mas acabei por perceber que este continente está sofrendo uma morte lenta. A Europa se debate em silêncio na história. Está velha e cansada e seus homens estão tão pessimistas quanto ao futuro que se recusam a ter filhos suficientes para garantir a própria sobrevivência. Não acreditam em nada, só em sua semana de trabalho de trinta e cinco horas e nas férias de agosto.

— E no antissemitismo — acrescentou Gabriel.

— Isso é uma das coisas de Viena de que nunca sinto falta — disse Lavon. — O vírus do antissemitismo moderno começou na Europa, mas depois da guerra espalhou-se para o mundo árabe, onde sofreu uma mutação e se tornou mais forte. Agora a Europa e os muçulmanos radicais o transmitem entre si, infectam uns aos outros. — Olhou para Gabriel. — E aqui estamos nós outra vez, dois judeus simpáticos, sentados numa esquina europeia às três da manhã. Meu Deus, quando é que isso vai acabar?

— Nunca vai acabar, Eli. Isso é eterno.

Lavon passou um momento em silêncio ponderando. — Já pensou em como vai entrar no apartamento?

Gabriel levou a mão ao bolso do casaco e apresentou uma pequena ferramenta metálica.

— Nunca seria capaz de usar uma coisa dessas — garantiu Lavon.

— Tenho mãos melhores mãos do que as suas.

— As melhores mãos do ramo... era o que o Shamron dizia sempre. Mas continuo sem saber o que acha que vai encontrar ali dentro. Se Samir e a célula estiverem mesmo ativos, o apartamento estará limpo.

— Ficarias espantado, Eli. Os estrategistas deles são brilhantes, mas alguns soldados não são exatamente neurocirurgiões. São desleixados. Deixam coisas espalhadas. Cometem pequenos erros.

— Os agentes dos serviços secretos também — recordou Lavon.

— Será que pelo menos consideraria a possibilidade de estarmos caindo direto numa armadilha?

— É para isso que servem as Berettas.

Gabriel abriu a porta antes que Lavon tivesse oportunidade de voltar a protestar e saiu do carro. Atravessaram a avenida em ângulo, fazendo uma pausa para deixar que um tróibus vazio passasse com estrépito por eles, e contornaram a esquina para a Hudsonstraat. Era uma rua secundária estreita, ladeada por blocos de pequenos edifícios de apartamentos. Tinham dois níveis de altura e uma uniformidade e fealdade orwelliana. À frente de cada prédio ficava uma pequena entrada semicircular com quatro portas separadas, duas que davam acesso aos apartamentos do térreo e outras duas para os apartamentos de cima.

Gabriel entrou de imediato na do número 37 e, com Lavon atrás, começou a trabalhar na típica fechadura de cinco pinos da porta do apartamento D. Ela cedeu dez segundos depois. Devolveu a gazua ao bolso e retirou a Beretta, depois girou a maçaneta e entrou. Deixou-se ficar imóvel na escuridão por um momento, a arma em riste nas mãos esticadas, à escuta do mais leve som ou da mais ligeira sugestão de movimento. Não tendo ouvido nada, fez sinal a Lavon para que entrasse.

Lavon acendeu uma lanterna Maglite e abriu caminho até a sala. A mobília era de baixa qualidade, o assoalho, de linóleo rachado e as paredes estavam nuas, salvo por um pôster de agência de viagens que representava a Cúpula da Rocha em Jerusalém. Gabriel aproximou-se da comprida mesa sobre cavaletes que servia de escrivaninha para Samir. Estava vazia, salvo por um bloco de notas grande e um abajur simples de mesa.

Acendeu o abajur e examinou o bloco. Dois terços já tinham utilizados e a primeira página estava em branco. Passou com os dedos na superfície e sentiu marcas. Um erro de amator. Entregou o revólver a Lavon, pegou a lanterna e a fez incidir em ângulo sobre a superfície da mesa. Estava coberta por uma fina camada exceto por um quadrado perfeito no centro. — Gabriel pensou que fosse o lugar onde estivera antes o computador.

— Procure nas almofadas do sofá — disse Gabriel. — Vou dar uma olhada pelo apartamento.

Entrou na cozinha. Os restos do último encontro de Samir com seus acólitos da mesquita estavam espalhados pela banca forrada de linóleo: recipientes vazios de comida, pratos de papel gordurosos, talheres de plástico usados, saquinhos de chá usados. Gabriel abriu a geladeira, um dos lugares preferidos por terroristas para armazenar explosivos, e viu que estava vazio. O mesmo com todos os armários. Procurou por baixo do lava-louça e nada encontrou, além de um

recipiente fechado de detergente. Samir, teórico islâmico e porta-voz da causa, era o típico solteiro desleixado.

Gabriel fez uma pausa momentânea na sala de estar para ver o progresso de Lavon, e depois atravessou um corredor curto que dava para os fundos do apartamento. O banheiro de Samir era tão repugnante quanto a cozinha. Gabriel vasculhou-o rapidamente e entrou no quarto. Um colchão estava ligeiramente de viés sobre a estrutura metálica e as três gavetas da cômoda estavam parcialmente abertas. Ao que parecia, Samir fizera as malas à pressa.

Gabriel retirou a gaveta de cima e despejou o conteúdo sobre a cama. Roupa interior puída, meias desemparelhadas, uma caixa de fósforos de uma discoteca na Leicester Square de Londres, um envelope de uma loja de revelação de fotografias da esquina. Gabriel guardou os fósforos no bolso, depois abriu o envelope e deu uma olhada nas fotos. Viu Samir em Trafalgar Square, e Samir com um soldado da Guarda da Rainha em frente ao Palácio de Buckingham. Samir andando na Roda do Milênio e Samir no exterior do Parlamento. A última fotografia, Samir em pose com quatro amigos em frente à embaixada americana em Grosvenor Square fez o coração de Gabriel dar um salto.

Cinco minutos depois percorria calmamente as calçadas vazias da Hudsonstraat, com as fotos no bolso e Lavon a seu lado.

— Se as datas das imagens estiverem corretas, significa que Samir e os amigos estiveram em Londres há quatro meses — explicou. — Alguém deveria ir a Londres dar uma palavrinha com os nossos amigos do MI5.

— Estou vendo onde isso vai dar — queixou-se Lavon. — Você vai a Londres como um herói num cavalo branco, e eu fico cego lendo o resto dos arquivos do Solomon Rosner.

— Pelo menos pode fazer sua refeição tailandesa.

— Para que você falou na comida tailandesa?

7

AEROPORTO DE HEATHROW, LONDRES

Gabriel passou grande parte da vida fugindo das forças policiais e dos serviços de segurança da Europa, por isso foi com relutância considerável que concordou em ser recebido pelo MI5 no Aeroporto de Heathrow na tarde seguinte.

Avistou a equipe de recepção de três homens ao chegar ao salão de chegadas. Não foi difícil; vestiam capas impermeáveis iguais e um deles segurava na mão a foto de Gabriel. Fora instruído para deixar que os homens do MI5 o abordassem, por isso dirigiu-se ao

balcão de informações e passou vários minutos fingindo examinar atentamente uma lista de hotéis de Londres. Por fim, ansioso por transmitir suas informações antes que os terroristas atacassem, aproximou-se e se apresentou. O oficial com a fotografia pegou seu braço e conduziu-o para o exterior, onde uma limusine aguardava. Gabriel sorriu. Sempre sentiu uma inveja secreta dos espões britânicos e seus carros.

A janela traseira desceu alguns centímetros e uma mão comprida e ossuda fez sinal para que se aproximasse. A mão pertencia nada mais, nada menos do que a Graham Seymour, o antigo e altamente conceituado diretor-geral-adjunto do MI5. Estava na casa dos cinquenta e muitos anos e envelhecera como o bom vinho. Seu terno risca de giz da Savile Row assentava à perfeição e a farta cabeleira loura tinha um tom prateado que o fazia parecer um daqueles modelos masculinos que se veem nos anúncios de bugigangas caras mas desnecessárias. Quando Gabriel entrou no carro, Seymour avaliou-o em silêncio, por um instante, com um par de olhos cor de granito. Não parecia satisfeito, mas poucos homens na sua posição o pareceriam. A Holanda, a França, a Alemanha e a Espanha tinham o seu quinhão de radicais muçulmanos, mas os profissionais dos serviços secretos estavam de acordo sobre qual o epicentro do extremismo islâmico europeu. Era o país que Graham Seymour jurara proteger: o Reino Unido.

Gabriel sabia que a crise que a Grã-Bretanha enfrentava naquele momento se formara ao longo de muitos anos e, em grande medida, era ela própria a responsável. Durante vinte anos, com início na década de 1980 e continuando mesmo após os ataques de 11 de Setembro, os governos britânicos, tanto o trabalhista como o conservador, tinham aberto a porta aos guerreiros sagrados mais inveterados do mundo. Expulsos de países como o Egito, a Arábia Saudita, a Jordânia e a Síria, tinham vindo para Londres, onde eram livres de publicar, orar, organizar, conspirar e angariar dinheiro. Como consequência, a Grã-Bretanha, o país de John Locke, William Shakespeare e Winston Churchill, deixara-se transformar involuntariamente no incubador principal de uma ideologia violenta que procurava destruir tudo aquilo que outrora defendera. Confrontados por uma tempestade crescente, os serviços secretos e de segurança britânicos reagiram optando pelo caminho da acomodação e não pelo da resistência. O extremismo era tolerado desde que fosse dirigido para o exterior, para os regimes árabes seculares, a América e, é claro, Israel. O fracasso desta política de apaziguamento foi exibido ao mundo inteiro em 7 de julho de 2005, quando três bombas explodiram no metrô de Londres e uma quarta mandou pelos ares um ônibus em Russell Square. Cinquenta e duas pessoas morreram e

setecentas ficaram feridas. Os autores deste banho de sangue não eram muçulmanos indigentes vindos do estrangeiro, mas rapazes britânicos de classe média, que se viraram contra o país onde nasceram. E todos os indícios apontavam que esta fosse apenas a sua salva de abertura. Os serviços de segurança de Sua Majestade avaliaram o número de terroristas a viver na Grã-Bretanha como sendo de dezesseis mil — três mil dos quais tinham treinado em campos da al-Qaeda — e informações secretas recentes sugeriam que o Reino Unido eclipsara a América e Israel como alvo principal da al-Qaeda.

— Engraçado — disse Seymour —, mas quando verificamos os passageiros do voo de Amsterdã não vimos nenhum Gabriel Allon.

— Não procuraram direito.

O homem do MI5 estendeu a mão.

— Deixemos disso, Graham. Não temos questões mais importantes para tratar do que o nome no meu passaporte?

— Me dê.

Gabriel entregou o passaporte e olhou pela janela, para o trânsito denso ao longo da A4. Eram três e meia da tarde e já estava escuro. Não admira que os árabes se tornem radicais quando vêm para cá, pensou. Talvez a privação de luz os leve ao terror.

Graham abriu o passaporte e recitou as informações. — Heinrich Kiever. Local de nascimento, Berlim. — Olhou para ele, — Leste ou Ocidental?

— Herr Kiever é definitivamente do Ocidente.

— Tínhamos um acordo, Allon.

— Sim, eu sei.

— Dizia que lhe concedíamos a absolvição por seus muitos pecados em troca de um simples compromisso da sua parte, que informasse quando viesse para cá e que evitasse ações em nosso território sem nossa prévia permissão.

— Estou sentado no banco de trás de uma limusine do MI5. Quanta cooperação e informação a mais você deseja?

— E esse passaporte?

— É bom, não é?

— Os alemães sabem que está abusando dos documentos deles?

— Abusamos dos seus também, Graham. É o que nós fazemos.

— Nós não fazemos isso. O SIS faz questão de viajar apenas com passaportes britânicos ou da Commonwealth.

— Que generoso da parte deles — comentou Gabriel. — É muito mais fácil viajar pelo mundo com um passaporte britânico que com um israelense. E também é mais seguro. Faça um dia desses uma viagem à Síria ou ao Líbano com um passaporte israelense. É uma experiência inesquecível.

— Engraçadinho. — Seymour entregou o passaporte a Gabriel.

— O que estava fazendo em Amsterdã?

— Assuntos pessoais.

— Explique, por favor.

— Receio não poder fazê-lo.

— Os holandeses sabiam que estava lá?

— Não propriamente.

— Vou entender isso como um não.

— Sempre ouvi dizer que era bom, Graham.

Seymour franziu o rosto numa expressão carrancuda, sinal de que se cansara do confronto verbal. A inospitalidade de sua recepção pouco surpreendia Gabriel. Os serviços britânicos não gostavam muito do Escritório. Eram arabistas por educação, antissemitas por criação e ainda guardavam ressentimento contra os judeus por terem expulso o Império da Palestina.

— O que tem para mim, Gabriel?

— Acho que uma célula da al-Qaeda de Amsterdã pode ter entrado na Inglaterra nas últimas quarenta e oito horas, para um grande atentado.

— Só uma célula? — observou Seymour, num tom sarcástico.

— Tenho certeza de que sentirão em casa.

— As coisas estão assim tão ruins, Graham?

Seymour assentiu com a sua cabeça grisalha.

— Na última contagem, estávamos seguindo de perto mais de duzentas redes e grupos separados com terroristas identificados. Metade da nossa juventude muçulmana declara sentir admiração por Osama bin Laden e calculamos que mais de cem mil apoiaram os ataques ao sistema de transporte londrino, o que significa que têm um leque muito grande de potenciais recrutas para escolher no futuro. Por isso vai me perdoar se não fizer soar o alarme porque mais uma célula de fanáticos muçulmanos decidiu desembarcar aqui.

— Talvez não seja apenas mais uma célula, Graham. Talvez seja a mais importante.

— Todas elas são importantes — respondeu Seymour. — Disse achar que estão aqui. Isso quer dizer que não tem certeza?

— Receio que sim.

— Então deixe ver se entendi bem. Tenho dezesseis mil terroristas islâmicos identificados vivendo em meu país, mas devo usar homens e recursos para descobrir uma célula que você acha que pode explodir na Inglaterra? — Recebido pelo silêncio, Graham Seymour respondeu à própria pergunta. — Se fosse outra pessoa qualquer, encostaria o carro e o deixaria descer. Mas vocês têm uma espécie de registro de localização, não é? O que o faz pensar que eles possam estar aqui?

Gabriel entregou-lhe o envelope de fotos.

— Isso é tudo? Uns instantâneos das férias de Ahmed em Londres? Não há passagens de trem? Nem recibos de locadoras? Nem e-mails interceptados? Nenhuma vigilância visual ou áudio?

— Eles estiveram aqui há quatro meses em missão de inspeção. E o nome dele não é Ahmed. É Samir.

— Samir o quê?

— Samir al-Masri, Hudsonstraat 37, Oud West, Amsterdã.

Seymour olhou para a fotografia de Samir em frente ao Parlamento.

— É holandês?

— Egípcio, pelo que sei.

— Pelo que sabe? E quanto aos membros desta célula fantasma? Têm nomes?

Gabriel estendeu-lhe um pedaço de papel com os outros nomes que Ibrahim Fawaz lhe dera em Amsterdã.

— Com base no que sabemos, a célula estava operando na mesquita al-Hijrah em Jan Hazenstraat, West Amsterdam.

— E tem certeza de que ele é egípcio?

— Era essa a bandeira que ele hasteava em Amsterdã. Por quê?

— Porque ultimamente temos interceptado umas conversas entre compatriotas egípcios mais radicais.

— Que tipo de conversa?

— Explodir edifícios, derrubar pontes e aviões, matar milhares no metrô... as coisas normais que as pessoas discutem enquanto tomam chá e comem biscoitos, você sabe.

— De onde são?

Seymour hesitou, mas depois respondeu. — Finsbury Park.

— Mas é claro.

Provavelmente não existia símbolo mais adequado à situação difícil que a Grã-Bretanha atravessava do que a mesquita Central no Norte de Londres, a mesquita de Finsbury Park. Construída em 1990 com dinheiro doado pelo rei da Arábia Saudita, estava entre as mais radicais da Europa. Richard Reid, o infame *shoe-bomber*, com seus explosivos nos sapatos, atravessara suas portas, bem como Zacharias Moussaoui, o chamado vigésimo pirata do ar, e Ahmed Ressam, o terrorista argelino preso pouco tempo antes da virada do milênio por conspiração para explodir o Aeroporto Internacional de Los Angeles. Em janeiro de 2003, a polícia britânica fez uma batida na mesquita — e descobriram itens tão sagrados como passaportes falsificados, trajes de proteção contra químicos e uma arma de atordoar. No fim, a mesquita foi entregue a um novo líder. Mais tarde se soube que um membro da nova assembleia era um antigo líder terrorista do Hamas da Cisjordânia. Quando ele deu garantias ao Governo britânico de que

agora era um homem de paz, teve permissão para permanecer no cargo.

— Acha que Samir é o líder da célula?

— Foi o que minha fonte me disse.

— A sua fonte esteve certa alguma vez no passado?

— Lembra daquela conspiração para abater um jato da El Al em Schiphol, no ano passado?

— Aquela que os holandeses impediram?

— Os holandeses não impediram nada, Graham. Fomos nós, com ajuda desta mesma fonte.

Seymour olhou para as fotos. — Não há muito por onde pegar — disse —, mas parece que, de fato, se encaixa no cenário que fizemos de um ataque.

— Que tipo de cenário?

— Uma célula de ação sediada no estrangeiro, trabalhando com grupos de vigilância e apoio integradas em nossa comunidade local. Membros da célula de ação treinam e se preparam num local externo e não conseguimos vigiá-los, depois surgem no último momento, e temo que não tenhamos tempo de encontrá-los e impedir seus planos. É evidente que seria necessário um planejamento complexo e um cérebro experiente para que tudo isso fosse bem sucedido. — Ergueu as fotografias. — Posso ficar com elas?

— São suas.

— Vou pedir à Imigração que investigue os nomes e descubra se esses garotos realmente entraram no país, e vou dar cópias das fotos aos nossos colegas da Seção Antiterrorista da Scotland Yard. Se a Polícia Metropolitana considerar a ameaça crível, talvez destaque uns homens para alguns locais que al-Masri visitou.

— Que tal aumentar o nível de ameaça geral? — perguntou Gabriel. — Que tal intensificar a vigilância dos radicais egípcios em Finsbury Park?

— Não somos como nossos irmãos americanos. Não gostamos de subir o ponteiro do medidor de ameaça cada vez que ficamos nervosos. Achamos que só serve para tornar o público britânico mais cínico. Quanto aos nossos egípcios locais, já estamos vigiando com atenção suficiente.

— Espero que sim.

— Quanto tempo pretende ficar em Londres?

— Só esta noite.

Seymour estendeu-lhe um cartão de visitas. Estava em branco, exceto por um número de telefone.

— É do meu celular. Telefone-me se descobrir alguma coisa em Amsterdã. Posso deixá-lo no hotel?

— Não, obrigado, Graham.

- No seu apartamento seguro?
 - Na nossa embaixada, se não se importar. Vou dar uma palavrinha com o chefe da estação local e o chefe de segurança da embaixada para me certificar de que tomamos as medidas adequadas.
 - Dê meus cumprimentos a seu chefe de estação. E diga-lhe que se comporte.
 - Vai me seguir depois que eu sair da embaixada?
 - Não tenho homens suficientes, senão o faria.
- Estava mentindo, claro. A honra entre espões só ia até ali.

As reuniões de Gabriel na embaixada demoraram mais tempo do que o previsto. O chefe de segurança transformou um encontro de cinco minutos num período de pergunta-resposta de uma hora, enquanto o chefe de estação do Escritório usava um telefonema de cortesia rotineiro como oportunidade para tentar impressionar o homem que um dia poderia vir a ser seu patrão. O desastre ficou completo às seis, quando o embaixador apareceu sem avisar e insistiu para que Gabriel o acompanhasse a um jantar em Knightsbridge. Gabriel não tinha desculpa alguma preparada e foi obrigado a suportar uma noite dolorosamente enfadonha discutindo as complicações dos laços de Israel com o Reino Unido. Ao longo da refeição pensou muitas vezes em Eli Lavon, calmamente lendo arquivos na Amsterdã cheia de neve e desejou ainda lá estar com ele.

Já passava das dez quando finalmente entrou no apartamento seguro do Escritório em Bayswater Road, com vista para Hyde Park. Deixou a mala no hall de entrada e avaliou rapidamente o que o rodeava. Estava mobiliado com simplicidade, assim como a maioria dos apartamentos seguros, e era bem grande, de acordo com os padrões londrinos. Quem tratava da casa deixara comida no frigorífico e uma Beretta de 9 mm na despensa, juntamente com um carregador de reserva e duas caixas de munição.

Gabriel carregou a arma e levou-a para o quarto. Não tinha uma boa noite de sono há três dias e foi necessário recobrar a todo o seu treino e capacidade de concentração para chegar ao fim do jantar com o embaixador sem adormecer em cima do coq-au-vin. Despiu-se rapidamente e deitou-se. Em seguida ligou a televisão e pôs o som muito baixo para que, se houvesse um ataque durante a noite, fosse acordado pelo noticiário. Interrogou-se se a Met, a Polícia Metropolitana londrina, já teria agido com base nas informações que trouxera de Amsterdã. Duzentas redes terroristas ativas, dezesseis mil terroristas identificados, três mil homens que tinham estado nos campos de treinamento da al-Qaeda... O MI5 e a Met tinham mais com que se preocupar do que com a atividade de cinco rapazes de

Amsterdã. Notara algo no comportamento de Graham Seymour naquela tarde, a resignação que era apenas uma questão de tempo para que Londres fosse atacada. Gabriel estendeu a mão para apagar a luz, reparou no bloco de notas de Samir espreitando do bolso lateral de sua mala... Não deve ter nada interessante, pensou, mas conhecia-se o bastante para saber que jamais conseguiria dormir até ter certeza. Encontrou um lápis na primeira gaveta da cabeceira e passou os dez minutos seguintes a esfregá-lo sobre a superfície do bloco. Os segredos de Samir apareciam lentamente perante seus olhos. Pinheiros no cume de uma montanha, dunas num deserto, uma teia de aranha de linhas. Samir al-Masri, jihadista e solteirão desmazelado, gostava de rabiscar.

8

BAYSWATER, LONDRES: 7h02, SEXTA-FEIRA O telefone o acordou. Como todos os telefones nos apartamentos seguros do Escritório, tinha uma luz que piscava para assinalar a recepção de uma chamada. Era de um azul brilhante. Como se um carro-patrolha tivesse entrado silenciosamente no quarto.

— Está acordado?

— Agora estou.

— Dormiu aí?

Gabriel deu uma olhadela no relógio de pulso.

— São sete da manhã.

— Aqui são nove.

Os caprichos dos fusos horários internacionais sempre significaram pouco para Shamron. Ele partia da premissa de que os empregados do Escritório, onde quer que estivessem no planeta, acordavam e dormiam em harmonia com ele. No Escritório, o fenômeno era conhecido como “Hora Central Shamron”.

— Como foi seu encontro com Graham Seymour?

— Lembre-me de nunca mais usar meu passaporte de Herr

Kiever para entrar na Inglaterra.

— Ele agiu de acordo com as informações que dei?

— Parece ter dores de cabeça maiores do que alguns garotos de West Amsterdam.

— É verdade.

— Em algum momento vamos ter de informar aos holandeses.

— Assim que Eli acabar de pesquisar os arquivos de Rosner, acionaremos o agente de ligação holandês em Tel Aviv e teremos uma conversa discreta com ele.

— Certifique-se de que protegemos nossa fonte. É uma pessoa que temos de guardar na manga para qualquer eventualidade.

— Não se preocupe... será uma conversa muito discreta.

— Meu avião chega a Amsterdã no início da tarde. Se Eli e eu trabalharmos à noite, de manhã já teremos terminado.

— Receio que Eli tenha de acabar o trabalho sem você. Você não vai voltar a Amsterdã.

— Para onde vou?

— Para casa — respondeu Shamron. — Um bodel vai buscá-lo daqui a uma hora e levá-lo para Heathrow. E não saia do avião com mau aspecto, como de costume. Vamos jantar juntos esta noite na rua Kaplan.

Na rua Kaplan ficava o gabinete do primeiro-ministro.

— Por que vamos jantar lá?

— Se não se importa, preferia não discutir nossos mais elevados assuntos de Estado e dos serviços secretos enquanto os abelhudos do MI5 e do GCHQ tentam ouvir.

— É um telefone seguro.

— Isso não existe — disse Shamron. — Embarque nesse avião. Se ficar preso no trânsito, ligue. Peço à El Al que aguarde o avião até você chegar.

— Você não faria isso...

A linha ficou muda. Gabriel pousou o receptor no gancho. *Vamos jantar juntos esta noite, na rua Kaplan...* Imaginou qual seria o tema de conversa. Ao que parecia, Amos não viveria muito tempo. Olhou para a tela de televisão. Três jovens estavam envolvidos numa discussão profundamente séria sobre as excentricidades sexuais do jogador de futebol mais famoso da Grã-Bretanha. Gabriel procurou o controle remoto às apalpadelas e, em vez deste, encontrou o bloco de notas de Samir. Depois recordou-se de acordar no meio da noite e olhar fixamente para a imagem: não para os pinheiros e as dunas, mas para o padrão de linhas cruzadas.

Olhou para ele novamente. Gabriel fora abençoado com uma memória visual quase perfeita, uma capacidade aprimorada pelo estudo de história da arte e pelo trabalho como restaurador. Possuía centenas de milhares de quadros armazenados nos arquivos da memória e conseguia autenticar uma obra simplesmente examinando umas quantas pinceladas. Estava convencido de que as linhas não eram casuais, fazendo antes parte de um padrão — e tinha certeza de que já vira aquele padrão .

Foi até a cozinha, fez café e levou a xícara para perto da janela. Amanhecia e o movimento matinal londrino estava a todo o vapor. Uma mulher que se parecia demais com sua antiga esposa estava numa esquina, à espera que a luz do sinal mudasse. Quando isso aconteceu, atravessou a Bayswater Road e desapareceu no Hyde Park. Hyde Park...

Olhou para o bloco de notas e depois novamente pela janela.

Seria possível? Aproximou-se da mesa e abriu a primeira gaveta. Lá dentro estava um atlas de ruas de Londres. Abriu-o no número 82. Mostrava o canto nordeste do Hyde Park e as ruas circundantes de Mayfair, Marylebone, Bayswater e St. John's Wood. Os trilhos do parque estavam representados por linhas pontilhadas. Gabriel comparou o padrão com as marcas de Samir no bloco de notas. Ajustavam-se perfeitamente.

Hyde Park...

Mas por que um terrorista atacaria um parque? Pensou nas fotografias que encontrara no apartamento de Samir em Trafalgar Square. Samir com um membro da Guarda da Rainha em frente ao Palácio de Buckingham. Samir na Roda do Milênio. Samir em frente ao Parlamento. Samir com quatro amigos, numa pose em frente à embaixada americana em Grosvenor Square...

Olhou novamente para o mapa de Londres... Grosvenor Square ficava dois quarteirões a leste do parque Mayfair. Pegou o telefone e teclou um número.

— Graham Seymour.

— Quero que avise aos americanos sobre a célula de Amsterdã.

— A célula de Amsterdã?

— Vamos, Graham, não há tempo.

— A Imigração passou toda a noite à procura deles. Até agora não encontraram indícios que sugiram que algum destes homens esteja sequer no país.

— Não quer dizer que não estejam aqui.

— E acha que vão atrás dos americanos?

Gabriel contou.

— Quer que soe o alarme em Grosvenor Square por causa de algumas linhas num bloco de notas? Não vou fazer isso. Não há provas suficientes que sustentem esse caso. Além disso, estive em Grosvenor ultimamente? É uma fortaleza americana. Um terrorista não pode se aproximar desse edifício.

— Telefone para eles, Graham. Se não o fizer, faço-o eu.

— Allon, ouça com muita atenção. Se armar confusão na cidade, juro por Deus que...

Gabriel interrompeu a ligação e teclou outro número.

As ruas no extremo norte da sofisticada Mayfair têm um aspecto nitidamente americano. Enfiadas entre os imponentes edifícios georgianos podemos encontrar as sedes da American Chamber of Commerce, do American Club, da American Church, da American Society e da Society of American Women. Ao longo do lado norte de Grosvenor Square fica o edifício da US Navy e, no lado ocidental, ergue-se a embaixada americana. Com oito pisos e adornada com monstruosa águia dourada, é uma das maiores missões diplomáticas americanas em todo o mundo, e a única situada em terreno que não pertence ao governo federal. O duque de Westminster, dono da maior parte de Mayfair, aluga o terreno ao governo americano pela soma bem razoável de uma uva por ano. Os americanos não correm o risco de serem despejados de sua propriedade em Mayfair em futuro próximo, pois o contrato só expira no dia de Natal de 2953.

Cinquenta e oito homens e uma mulher serviram como embaixadores americanos na Corte de St. James — incluindo cinco que viriam a tornar-se presidentes —, mas apenas um da carreira de diplomata. Os demais eram políticos e estreantes diplomáticos, mais reconhecidos pelo dinheiro e conhecimento do que pela perícia em política estrangeira. Seus nomes eram como uma lista da alta sociedade americana: Mellon, Kennedy, Harriman, Aldrich, Bruce, Whitney e Annenberg. Robert Carlyle Halton, o atual embaixador americano na Corte de St. James, não nascera em berço de ouro e poucos americanos conheciam seu nome, embora fosse de longe o homem mais rico a deter o cargo e seus conhecimentos políticos não ficassem atrás dos de ninguém. Presidente da Red Mountain Energy, sediada em Denver, sua fortuna ultrapassava os cinco bilhões de dólares, segundo as últimas estimativas. Por acaso era amigo de longa data do presidente dos Estados Unidos e seu maior patrocinador político. Num perfil nada lisonjeiro de Halton publicado pouco depois da nomeação, o *Washington Post* informava que seu mais extraordinário feito político tinha sido “colocar o melhor amigo na Casa Branca”. Quando questionado sobre a veracidade do comentário na sessão de homologação, Halton disse que gostaria de ter podido dar mais dinheiro ao presidente, um comentário que lhe custou vários votos democratas.

Embora Robert Halton já não fosse responsável por um império global de energia, continuava madrugador e mantinha uma agenda diária rigorosa mais exigente que a dos antecessores. Como era seu hábito, nessa manhã deixou a Winfield House, residência oficial em Regent's Park, na hora nada diplomática de 6h45, e às sete já folheava os jornais londrinos em sua mesa com vista para a Grosvenor Square. As páginas estavam repletas de notícias terríveis sobre o Iraque.

Halton estava convencido de que os ingleses, já tinham reduzido drasticamente o número de tropas no Iraque, em breve estariam à procura de uma saída total, opinião que apresentara diretamente ao presidente durante o seu último encontro na propriedade de Halton de Owl Creek, em Aspen. Halton não poupava palavras durante a reunião, raramente o fazia.

As 7h10, uma jovem alta de traje de corrida para o frio e fita na cabeça apareceu na porta. Tinha cabelo comprido escuro, olhos verdes-claros enquadrados por um rosto bonito e uma figura esbelta. Atravessou o gabinete e sentou-se no braço da cadeira de Halton sem esperar por autorização para entrar. Era um gesto de uma intimidade óbvia, algo que teria arrancado olhares de soslaio entre os funcionários da embaixada, não fosse o nome da atraente mulher ser Elizabeth Halton. Beijou a face do embaixador e afagou sua espessa cabeleira grisalha.

— Bom dia, papai — cumprimentou-o. — Alguma coisa interessante nos jornais?

Robert Halton ergueu o *Times*.

— O presidente da câmara de Londres está outra vez zangado comigo.

— O que está incomodando Red Ken desta vez?

As relações de Halton com o afamado presidente esquerdista da câmara londrina eram, na melhor das hipóteses, frias. Algo que não surpreendia, dado o fato de o presidente ter expressado compaixão pelos homens-bomba do Hamas e ter abraçado publicamente um líder da Irmandade Muçulmana que apelara à morte de judeus e outros infiéis.

— Diz que a nossa segurança está provoca congestionamentos no trânsito de Mayfair — explicou Robert Halton. — Quer que paguemos um imposto de congestionamento. Sugere que o pague de meu fundo pessoal. Acredita que o dinheiro não vai me fazer falta.

— E não vai.

— A questão não é essa.

— Quer que troque com ele uma palavrinha?

— Não desejaria isso ao meu pior inimigo.

— Posso ser encantadora.

— Ele não te merece, querida.

Robert Halton sorriu e acariciou a face da filha. Os dois eram quase inseparáveis desde a morte da esposa de Halton, anos antes, num acidente de aviação no Norte do Alasca. Tão inseparáveis que Halton se recusara a aceitar a oferta do presidente para ser seu representante em Londres até garantir que Elizabeth o acompanharia. Embora a maior parte das jovens tivesse aceitado sem pestanejar a oportunidade de viver em Londres como filha do embaixador

americano, Elizabeth relutou em deixar o Colorado. Era uma das mais respeitadas cirurgiãs de emergência de Denver e planejava casamento com um corretor imobiliário bem-sucedido. Vacilara durante algumas semanas até que certa manhã estava de serviço no Rose Medical Center de Denver quando recebeu uma chamada da Casa Branca no celular.

— Preciso de seu pai em Londres — disse o presidente. — O que preciso te dizer para que isso se torne realidade?

Poucas pessoas estariam em melhor posição de recusar um pedido ao chefe de Estado do que Elizabeth Halton. Conhecia o presidente desde sempre. Esquiara com ele em Aspen e tinham caçado juntos em Montana. Foi elogiada por ele no dia em que se formara em medicina e reconfortada enquanto a mãe era enterrada. Não recusou o pedido, claro, e ao chegar a Londres lançou-se à tarefa com a mesma determinação e competência com que cuidava de tudo em sua vida. Dominava Winfield House com mão de ferro e estava quase sempre ao lado do pai em acontecimentos oficiais e em datas sociais importantes. Fazia trabalho voluntário nos hospitais londrinos — especialmente os que serviam comunidades imigrantes pobres — e era defensora aguerrida da política americana no Iraque e da guerra mais vasta ao terror. Era tão popular na imprensa londrina como o pai era desprezado. O *Guardian* publicou um detalhe pouco conhecido que Elizabeth, por razões de segurança, tentara manter secreto. O presidente dos Estados Unidos era seu padrinho.

— Por que não deixa os jornais e vem correr conosco? — Deu-lhe uma palmadinha na barriga. — Está ganhando peso de novo.

— Vou tomar café com o secretário de Foreign Affairs às nove. E não esqueça de que esta noite vamos tomar drinques em Downing Street.

— Eu não esqueço.

Robert Halton dobrou o jornal e olhou com seriedade para a filha.

— Quero que você e seus amigos tenham cuidado lá fora. O CNCT aumentou o nível de ameaça na Europa.

O CNCT era o Centro Nacional de Contraterrorismo.

— Alguma coisa específica?

— Foram muito vagos. Aumento de atividade nas células da al-Qaeda. As bobagens de costume. Mas isso não quer dizer que devemos ignorar. Leve dois marines, por via das dúvidas.

— Os marines só devem guardar a embaixada. Se começarem a sair do terreno, a Scotland Yard vai ter um ataque de nervos. E eu volto para a passadeira no ginásio.

— Não há lei que proíba marines americanos de correrem no Hyde Park... pelo menos ainda não. Imagino que em breve haja, caso

Red Ken leve a lei dele adiante. — Jogou o jornal em cima da mesa. — O que tem agendado para hoje?

— Uma conferência sobre os problemas com a assistência médica africana, e chá das cinco no Parlamento.

— Continua satisfeita por termos vindo para Londres?

— Não trocaria por nada. — Levantou-se e dirigiu-se à porta.

— Dê meus cumprimentos ao secretário de assuntos estrangeiros.

— Não esqueças do coquetel em Downing Street.

— Eu não esqueço.

Elizabeth saiu do gabinete do pai e desceu de elevador até o hall. Quatro outras pessoas, vestidas assim como ela em roupas de corrida para frio, já estavam lá: Jack Hammond, responsável pelos assuntos públicos da embaixada, Alex Baker, agente especial do FBI que servia de ligação para assuntos legais, Paul Foreman, do Consular, e Chris Petty, do Escritório de Segurança Diplomática do Departamento de Estado. Petty era chefe da Segurança Regional de Londres, o que significava que era responsável pela segurança da embaixada e respectivos funcionários. Dois dos agentes de segurança de Petty chegaram daí a pouco. As roupas de corrida iguais de pouco serviam para ocultar que eram fortes e estavam bem armados.

— Onde está Kevin? — perguntou Elizabeth.

Kevin Barnett, chefe de estação adjunto da CIA, raramente faltava à corrida matinal quando estava na cidade.

— Está trancado no gabinete — respondeu Chris Petty.

— Alguma coisa a ver com o alerta do CNCT?

Petty sorriu. — Como ficou sabendo disso?

— Sou filha do embaixador, Chris.

Alex Baker olhou para o relógio.

— Vamos embora. Tenho de estar às nove na New Scotland Yard.

Saíram e atravessaram um portão reservado ao pessoal da embaixada. Momentos depois corriam ao logo de Upper Brook Street, em direção ao Hyde Park.

A van Ford Transit estava pintada de verde-escuro e ostentava um painel lateral que dizia: ADDISON & HODGE LTD. ROYAL PARK. A van não pertencia à Addison & Hodge sendo, sim, uma falsificação perfeita, à semelhança de uma segunda que estava já no Hyde Park. Quando o grupo de americanos surgiu correndo ao longo de Upper Brook Street, o homem ao volante observou-os calmamente, e depois apertou um botão do celular e levou-o ao ouvido. A conversa que manteve foi cordial e breve. Quando terminou, guardou o telefone no

bolso do macacão, também falso, e ligou o motor. Entrou no parque por um ponto de acesso restrito e dirigiu-se a um grupo de árvores do lago Serpentine. Um sinal dizia RESERVADO A VIATURAS AUTORIZADAS e alertava para as multas pesadas aplicadas a quem violasse a proibição. O homem ao volante desceu do carro e começou a recolher lixo, rezando baixinho enquanto trabalhava. Em nome de Deus beneficente, o misericordioso... mestre do dia do julgamento... mostra-nos o caminho correto...

SEDE DA CIA: 2h32, SEXTA-FEIRA

Mais tarde, durante o inevitável inquérito no Congresso, seria dada muita ênfase à determinação exata de quando e como os serviços secretos dos Estados Unidos tiveram conhecimento da calamidade que estava prestes a se abater sobre Londres. A resposta era 2h32, hora local. Foi quando chegou a uma linha de emergência na suíte executiva do sexto andar da sede da CIA, em Langley, Virginia, um telefonema de um indivíduo identificado apenas como “fonte de informação estrangeira”. Embora nunca viesse a ser identificada, essa fonte estrangeira era Gabriel, e a linha para a qual ligara pertencia a Adrian Carter, diretor-adjunto de Operações da CIA. Em tempos normais, a chamada teria sido automaticamente transferida para a casa de Carter, ali perto. Mas não se viviam tempos normais e, apesar da hora avançada, Carter estava na janela de sua sala, ansioso por saber novidades de uma operação sensível que se desenrolava nas montanhas do Paquistão.

À parte a magnífica vista do Potomac, o que Carter via pertencia a um dos mais poderosos elementos do vasto sistema de espionagem de Washington. A figura um tanto monástica de Carter também não era reveladora. Apenas um punhado de pessoas em Washington sabia que Adrian Carter falava sete línguas fluentemente e entendia pelo menos outras tantas. E que antes da subida à atmosfera rarefeita do sexto andar de Langley tinha sido um dos mais fiéis guerreiros clandestinos da nação. Suas impressões digitais estavam em quase todas as principais operações clandestinas americanas da última década. Interferira em eleições, derrubara governos e fechara os olhos a mais execuções do que podia contar. A moralidade não entrava nas contas de Carter. Carter era Operações. Não fazia políticas, limitava-se a cumpri-las. De que outra forma teria, no espaço de um ano, feito o trabalho do Senhor na Polônia ou levado ao poder o regime do Demônio em Salvador? Ou que tivesse dado dólares e Stingers a guerreiros muçulmanos no Afeganistão, mesmo sabendo que um dia estaria sujeito a uma chuva de fogo e morte? Atualmente, a longevidade era a mais notável conquista de Carter. Os sábios de Langley gracejavam, dizendo que a guerra ao terror reclamara mais vidas na Diretoria das Operações do que nas altas patentes da al-Qaeda. Mas não a de Carter, que sobrevivera a purgas de sangue, a

noites de facas longas e mesmo aos horrores da reorganização. O segredo de sua resistência tinha a ver com o fato de estar mais vezes certo do que errado. No verão de 2001 alertou que a al-Qaeda planejava um grande atentado em solo americano. No inverno de 2003 avisou que eram suspeitas as fontes sobre o programa de ADM do Iraque, e foi ignorado por seu superior. Quando a guerra assombrava o horizonte na Mesopotâmia, redigiu memorando secreto prevendo que o Iraque seria outro Afeganistão, terreno de testes da próxima geração de jihadistas, mais violenta e imprevisível do que a anterior. Carter não se dizia possuidor de poderes especiais de análise, apenas tinha clareza de raciocínio sobre as intenções do inimigo. Quinze anos antes, num casebre de barro nos arredores de Peshawar, um homem de turbante e barba lhe disse que um dia as forças do islamismo transformariam a América em cinzas. Carter acreditou nele.

E foi esse Carter — Carter, o guerreiro secreto, Carter, o sobrevivente, Carter, o pessimista — que na madrugada dessa fatídica sexta-feira de dezembro levou o telefone ao ouvido, na esperança de saber notícias de uma terra distante. Em vez disso, ouviu a voz de Gabriel alertando para a iminência de um atentado em Londres. E Carter acreditou nele.

Carter anotou o número de telefone de Gabriel, depois cortou a ligação e telefonou imediatamente para o escritório de operações do Centro Nacional de Contraterrorismo.

— Qual o nível de credibilidade desta informação? — perguntou o agente responsável.

— Alto o bastante para eu estar ligando às duas e trinta e quatro da madrugada. — Carter tentou manter a calma. — Ligue imediatamente para a segurança da embaixada e diga-lhes que ponham todos em alerta até termos mais informações sobre a situação.

Carter desligou antes que o agente responsável pudesse fazer outra pergunta idiota e deixou-se ficar sentado por um instante, sentindo-se totalmente impotente. Para o diabo com o CNCT, pensou. Assumiria ele mesmo o controle da situação. Ligou para a estação da CIA na embaixada de Londres e, momentos depois, falava diretamente com Kevin Barnett, o adjunto. Quando falou pela primeira vez, Barnett pareceu abalado.

— Há um grupo da embaixada que todas as manhãs corre no Hyde Park.

— Tem certeza?

— Normalmente sou um deles.

— Quem mais?

— O chefe do escritório de imprensa, o agente de ligação com o FBI, o responsável pela Segurança Regional...

— Deus do céu — exclamou Carter.

- E não ficamos por aqui.
- Até onde vamos?
- Elizabeth Halton.
- A filha do embaixador?
- Receio que sim.
- A que horas saem?
- Sete e quinze em ponto.

Carter viu a hora. Eram 7h36 em Londres.

— Diga que voltem à embaixada, Kevin. Se for preciso vá correndo até Hyde Park.

O som que Carter ouviu em seguida foi o do telefone do adjunto de Londres sendo batido com força. Carter desligou, esperou dez segundos e ligou para Gabriel.

— Acho que neste momento podemos ter um grupo correndo no Hyde Park — informou. — Quanto tempo você leva para chegar lá?

Carter ouviu mais uma batida.

Tinham entrado no parque por Brook Gate, dirigiram-se ao longo de Broad Walk até Hyde Park Corner, e depois para leste por Rotten Row, passando pelo Rose Garden e pelo Dell. Elizabeth Halton passou à frente do grupo quando chegaram ao Albert Memorial. Depois, com um agente de segurança ao lado, acelerou o passo enquanto se dirigiam para o norte, Lancaster Walk acima até Bayswater Road. Jack Hammond, porta-voz da embaixada, passou por Elizabeth e aumentou o ritmo até Victoria Gate, descendo em seguida a West Carriage Drive até a margem do Serpentine. Quando se aproximaram das casas de barcos, um celular começou a tocar. Pertencia a Chris Petty, responsável pela segurança local.

Pareciam malas comuns de rodinhas. Mas não eram. Os lados e as rodas tinham sido reforçados para acomodar o peso de explosivos, e os botões nas alças articuladas tinham sido ligados aos detonadores. As malas estavam agora na posse de quatro homens que naquele momento se aproximavam de quatro alvos diferentes: as estações do metrô em Piccadilly Circus, Leicester Square, Charing Cross e Marble Arch. Não sabiam uns dos outros, mas tinham muito em comum. Os quatro eram egípcios. Os quatro eram muçulmanos *takfiri* que aceitavam a morte tanto quanto os infiéis adoravam a vida. E os quatro tinham relógios digitais Seiko que fariam soar um alarme exatamente às 7h40.

Gabriel precisou de dois minutos para se vestir e pegar a Beretta. E de mais um minuto para descer as escadas até a rua. O sinal dos pedestres em Bayswater Road estava vermelho quando chegou.

Ignorou-o e correu por entre o trânsito em direção ao parque.

Foi então que ouviu o ronco de uma explosão subterrânea e sentiu a terra se mexendo subitamente embaixo dos pés. Deteve-se por um momento, sem saber exatamente o que acabara de ouvir e sentir, depois deu meia volta e correu para o centro do parque.

Chris Petty desacelerou e parou, após o que tirou o telefone do suporte que tinha na cintura.

— Vocês continuem — disse. — Sigam o percurso habitual. Eu os alcanço se puder.

O resto do grupo afastou-se da margem do Serpentine e dirigiu-se à área arborizada ao norte do lago. Petty olhou para a identificação da chamada. Era de sua sala na embaixada. Abriu o telefone e levou-o rapidamente ao ouvido.

— Petty.

Estática...

— Fala Chris Petty. Está me ouvindo?

Silêncio...

— Merda.

Desligou e partiu atrás dos outros. Vinte segundos depois o telefone voltou a tocar. Desta vez, quando atendeu, a ligação estava perfeita.

O homem de uniforme Addison & Hodge que recolhia lixo ao longo do caminho ergueu o olhar quando o grupo de corredores passou para a rua de pedestres que ia da Old Police House para a Reformer's Tree. A segunda van falsa da Addison & Hodge foi estacionada no lado oposto do caminho e lá havia outro homem que raspava a terra com um ancinho. Há mais de um ano que paravam naquele trecho. Trinta segundos, disse o estrategista operacional. Se demorar mais de trinta segundos, não saímos vivos do parque. O homem levou a mão ao saco plástico de lixo que segurava e tirou algo metálico e frio. Uma pistola-metralhadora Heckler & Koch, carregada com quarenta balas perfurantes. Dedilhou às cegas a seleção de fogo, colocou-a na posição certa e contou até dez.

Quer tenha sido por desígnio ou por acidente, Chris Petty não conseguiu terminar a chamada da embaixada antes de sair atrás dos colegas. Viu-os quase de imediato depois de fazer a curva na Old Police House. Tinham percorrido a metade da distância até a Reformer's Tree e aproximavam-se de duas vans Ford Transit verdes estacionadas na beira do caminho. Não era raro ver trabalhadores bem cedo no parque — Hyde Park tinha uma área de 140 hectares e precisava de cuidados e manutenção quase permanentes — mas seu verdadeiro objetivo foi revelado segundos depois, quando as portas de trás se abriram e oito homens bem armados de macacões pretos e máscaras de esqui saíram para o exterior. Os inúteis gritos de alerta de

Petty foram ouvidos e gravados no centro de operações da RSO, assim como o som de tiros e gritos que se seguiram. Petty foi atingido dez segundos depois da rajada inicial e seus estertores foram captados pelos gravadores digitais do centro. Apenas conseguiu dizer uma palavra antes de sucumbir aos ferimentos, embora transcorressem vários minutos até que chocados colegas da embaixada percebessem seu significado.

Jardineiros...

Gabriel ouviu os primeiros tiros quando ainda estava em terreno aberto no extremo norte do parque. Empunhou a Beretta enquanto corria para as árvores, parou no caminho e olhou na direção da Reformer's Tree. A cinquenta metros desenrolava-se uma cena de pesadelo: corpos no chão, homens de macacões pretos puxando uma mulher que se debatia para a traseira de uma van. Apontou a arma, mas deteve-se. Seria mesmo o atentado, ou era um exercício da polícia, a gravação de um filme de ação? Seriam os homens de preto terroristas a sério, agentes da polícia ou atores? O corpo mais próximo jazia a trinta metros. No chão ao lado do homem estava um celular e uma pistola SIG-Sauer F226 de 9 mm. Gabriel arrastou-se rapidamente até junto do homem caído. O sangue e os ferimentos de bala eram reais, assim como a expressão da morte nos olhos vítreos. Soube então que era um exercício nem um filme. Era o atentado que receara, desenrolando-se diante de seus olhos.

Os terroristas não o tinham notado. Gabriel, ainda apoiado sobre um joelho, segurou a Beretta com as duas mãos e apontou para um dos homens de preto que puxavam a mulher para a van. Estava a trinta metros, um disparo que fizera vezes sem conta. Pressionou o gatilho duas vezes numa sucessão rápida, tap-tap, assim como fora treinado. No instante seguinte viu-se um lampejo rosa e o homem tombou em espiral, já sem vida, como um brinquedo largado pela mão de uma criança. Gabriel apontou um grau para a direita e voltou a disparar. Outra projeção de sangue e tecido cerebral. Mais um atacante abatido.

Agora estavam respondendo ao fogo. Gabriel rolou para fora do caminho e abrigou-se atrás do tronco de uma árvore no momento em que uma saraivada de balas desfez a casca. Quando os disparos cessaram, saiu de trás da árvore e viu que os terroristas tinham conseguido levar a mulher para o interior da van. Um deles fechava as portas. Os outros corriam para o segundo veículo. Gabriel apontou para o indivíduo que fechava a porta e disparou. O primeiro tiro acertou na omoplata esquerda do terrorista, fazendo-o virar-se. O segundo acertou-o em cheio no peito.

As vans aceleraram em frente e cruzaram o espaço verde em direção a Marble Arch e ao cruzamento denso de trânsito no canto

nordeste do parque. Gabriel levantou-se e correu atrás delas, depois parou e disparou vários tiros contra a traseira da van que sabia conter apenas terroristas. Os veículos prosseguiram para a orla do parque. Gabriel perseguiu-os mais alguns segundos. Depois, vendo que não seria capaz de encurtar a distância que os separava, deu meia volta e correu novamente para o local do atentado. Nove corpos estavam espalhados pelo caminho mergulhado em sangue. Os seis americanos estavam mortos, bem como os dois terroristas que Gabriel abatera. O homem que momentos antes empurrava a mulher para a van jazia no chão, esforçando-se por respirar, sangue escorrendo pela abertura da boca na máscara. Gabriel afastou a pistola-metralhadora do alcance dele com um pontapé e arrancou seus óculos. O rosto que o fitava era vagamente familiar. Percebeu que era Samir al-Masri, o egípcio.

Os olhos do homem começavam a desfocar. Gabriel queria arrancar dele alguma coisa antes que morresse. Ergueu o homem pelo macacão e esbofeteou-o com força.

— Para onde a estão levando a moça, Samir? Diga o que vão fazer com ela!

Os olhos concentraram-se por um instante.

— Como sabe o meu nome?

— Eu sei tudo, Samir. Para onde estão levando a moça?

O egípcio conseguiu esboçar um sorriso trocista.

— Se sabe tudo, para que a pergunta?

Gabriel voltou a bater nele, desta vez com mais força, e sacudiu-o com tanta violência que receou ter quebrado o pescoço do homem. Não interessava. Samir estava morrendo. Gabriel apontou-lhe a arma para o rosto e gritou. — Para onde, monte de merda? Diga antes que estoure teus miolos!

Mas Samir limitou-se a sorrir, desta vez no esgar sublime de um homem que obteve seu desejo de morrer. Gabriel o levava às portas da morte e não se importava de empurrá-lo para o outro lado. Encostou o cano da Beretta no pescoço do terrorista e estava prestes a apertar o gatilho quando ouviu uma voz gritando atrás dele.

— Largue a arma e levante as mãos.

Gabriel soltou o egípcio, pousou a Beretta no chão e ergueu lentamente as mãos. A recordação do que aconteceu a seguir ficaria enuviada. Lembrava-se de ter sido empurrado para o chão e recordava os olhos sem vida de Samir fitando os seus. Depois alguém bateu em sua nuca, um golpe violento que pareceu dividir-lhe o crânio. Sentiu uma pontada de dor excruciante e viu um clarão de luz brilhante. Depois viu uma mulher, uma mulher de roupa de corrida azul-marinho sendo levada para um vale de cinzas por assassinos de capuzes pretos.

O telefonema chegou à residência familiar no primeiro andar

da Casa Branca às 3h14. O presidente levantou o receptor do descanso ao primeiro toque e levou-o rapidamente ao ouvido. Reconheceu de imediato a voz no outro lado: Cyrus Mansfield, conselheiro de segurança nacional.

— Receio que tenha havido outro atentado em Londres, Sr. presidente.

— Foi grave?

Mansfield respondeu o melhor que pôde. O presidente fechou os olhos.

— Meu Deus — murmurou.

— Os britânicos estão a envidar esforços para selar Londres e impedir que fujam — explicou Mansfield. — Mas, assim como pode imaginar, a situação está extremamente caótica.

— Ative a Situation Room. Desço em cinco minutos.

— Sim, senhor.

O presidente desligou o telefone e sentou-se na cama. Quando acendeu a luz do abajur, a esposa se mexeu e o olhou. Já tinha visto aquela expressão.

— É grave?

— Londres foi outra vez atacada. — Hesitou. — E Elizabeth Halton foi feita refém.

SEGUNDA PARTE

A terra dos estranhos

NEW SCOTLAND YARD: 00H26, SÁBADO

— Eu não me queixaria tanto de um galo na cabeça.

Aos solavancos, a limusine de Graham Seymour deixou o pátio da entrada da Nova Scotland Yard, sede da Polícia Metropolitana, virou para a Broadway. O agente do MI5 parecia muito cansado. Tinha direito a isso. Tinham explodido bombas nas estações de metrô Marble Arch, Piccadilly Circus, Leicester Square e Charing Cross. Seis diplomatas americanos e homens da segurança tinham sido abatidos no Hyde Park e a filha do embaixador americano, Elizabeth Halton, estava desaparecida, presumivelmente raptada. E até o momento a única pessoa detida era Gabriel Allon.

— Disseram para levantar as mãos e largar a arma — disse Gabriel. — Obedeci à ordem.

— Tente ver as coisas do ponto de vista deles. Você estava prestes a dar um tiro na cabeça do homem e estava rodeado por oito corpos. Teve muita sorte em terem dado oportunidade para se render. Tinham todo o direito de usar força letal. É para isso que estão treinados quando confrontados com um homem que pensam poder ser um homem-bomba.

— Isso teria sido uma maravilha. A única pessoa que tentou impedir os ataques. — Recebido pelo silêncio zangado de Graham Seymour, Gabriel insistiu. — Devia ter me dado ouvidos, Graham. Devia ter subido o nível de ameaça e apertado alguns de seus terroristas identificados. Talvez Elizabeth Halton e os outros americanos tivessem ficado na embaixada em vez dar sua corrida matinal no Hyde Park.

— E eu lhe disse que não se metesse.

— É por isso que me deixou sentado naquela cela durante dezesseis horas, Graham? É por isso que os deixou apresentar queixa contra mim? É por isso que os deixou tirarem minhas impressões digitais e minha foto?

— Perdoe-me por não ter vindo em seu auxílio mais cedo, Gabriel. Estive um pouco ocupado.

Gabriel olhou lá para fora, para as ruas molhadas de Westminster. Estavam desertas, salvo pelos agentes fardados da Met de guarda em cada esquina. Graham Seymour tinha uma certa razão.

Londres acabava de viver seu dia mais sangrenta desde a Segunda Guerra Mundial. Gabriel não podia queixar-se de passar a maior parte desse dia na Scotland Yard.

— Quantos mortos, Graham?

— O número de baixas é muito superior ao dos ataques de julho de 2005 — respondeu Seymour. — Até agora temos trezentos mortos e mais de dois mil feridos. Mas é óbvio que estes atentados tinham uma segunda intenção: criar uma atmosfera de caos que permitisse aos sequestradores escapar sem serem detetados. Infelizmente, funcionou à perfeição. Quem quer que tenha planejado este ataque foi extremamente diabólico, e muito bom.

— O que soube sobre a identidade dos homens-bomba?

— São todos rapazes ingleses de segunda geração de Finsbury Park e Walthamstow, West London. Os quatro são de ascendência egípcia e todos eram de uma pequena mesquita numa loja em Walthamstow, chamada mesquita al-Salaam.

— A mesquita da Paz — disse Gabriel. — Que apropriado.

— O imã desapareceu, bem como vários outros membros. Com base no que sabemos, parece que rapazes locais ficaram encarregados da operação das bombas, enquanto seus associados trataram do sequestro.

— Consegui localizar as vans?

— Foram todas compradas por empresas pertencentes ou controladas por um homem chamado Farouk al-Shahaki, nascido em Londres, ascendência egípcia, com negócios por toda a Grã-Bretanha e no Oriente Médio.

— Onde está ele?

— Embarcou num avião rumo ao Paquistão ontem à noite. Pedimos ao ISI paquistanês para encontrá-lo.

— Boa sorte — disse Gabriel. — Consegui segui-los através das câmeras de vigilância de rua quando saíram do Hyde Park?

— Durante algum tempo — respondeu Seymour. — Depois meteram-se numa viela sem cobertura e perdemos. Encontramos as vans numa garagem em Maida Vale, que fora alugada por um dos homens-bomba.

— Alguma reivindicação?

— Neste momento, muitas para acompanhar. Tem claramente todos os traços de um ataque da al-Qaeda. Creio que ficaremos sabendo mais quando os sequestradores fizerem suas exigências.

— Seria melhor para todos se encontrassem Elizabeth Halton antes de começarem a fazer imposições.

— Estamos partindo do princípio de que ela ainda está em território britânico. Temos homens em todos os aeroportos, estações de trem e terminais de ferry-boat do país. A Guarda Costeira está

tentando cobrir nossa linha de costa, o que não é tarefa fácil numa extensão de quase oito mil milhas de comprimento. O S013 está interrogando informantes e suspeitos de simpatias terroristas, juntamente com associados identificados dos homens-bomba. Também estão fazendo buscas casa a casa em distritos predominantemente muçulmanos da cidade. Nossos compatriotas islâmicos já estão zangados. Se não tivermos cuidado, as coisas podem ficar descontroladas muito rapidamente. — Seymour olhou para Gabriel. — É pena que não tenha conseguido ferir um ou dois daqueles terroristas que matou no Hyde Park. Precisamos muito de informações.

— Talvez o tenha feito — disse Gabriel.

— Do que está falando?

— Disparei vários tiros na parte de trás de uma daquelas vans.

Esteja atento a árabes que apareçam nas emergências dos hospitais com ferida de bala sem explicação.

A limusine virou para Millbank e seguiu ao longo do Tamisa em direção a Lambeth Bridge. O celular de Seymour tocou. Ele atendeu, murmurou algumas palavras e desligou.

— Os americanos — disse, explicando. — Como seria de esperar, estão em pé de guerra. Puseram a embaixada e todo o seu pessoal e dependentes em estado de reclusão. Também emitiram alerta terrorista para o Reino Unido, o que não foi propriamente bem aceito por Downing Street nem pelo Foreign Office, pois nos coloca em situação da igualdade com Paquistão, Afeganistão e Líbano. Duzentos investigadores da CIA, do FBI e dos departamentos de Estado e Justiça chegaram a Heathrow no fim da tarde e instalaram-se em Grosvenor Square. Têm uma linha aberta para o Grupo de Trabalho do Departamento de Estado em Washington e outra para o comitê especial presidido pelo secretário do Interior, que supervisiona a resposta governamental britânica a uma emergência excecional como esta.

— Estão se comportando bem?

Seymour bufou.

— Tão bem quanto se pode esperar, dadas as circunstâncias.

Agora, este é essencialmente um assunto da polícia britânica, o que significa que há pouco que eles possam fazer, a não ser ficar presentes nas linhas laterais e pressionar-nos para que investiguemos mais depressa. Deixaram claro que apesar da perda terrível de vidas humanas britânicas, a nossa primeira prioridade terá de ser encontrar Elizabeth Halton. Também deixaram claro que não têm qualquer intenção de negociar sua libertação.

— Se negociarem, nenhum diplomata americano, em parte alguma do mundo, voltará a estar em segurança — garantiu Gabriel.

— É uma lição difícil que aprendemos há muito tempo.

— Nós preferimos uma interpretação mais sutil. Se uma negociação de boa fé puder trazer de volta essa mulher com vida, então não vejo mal nenhum.

— Creio que isso depende totalmente do que se esteja disposto a abdicar para regatá-la.

Gabriel olhou pela janela, para o Tamisa. Doze mil quilômetros de costa, inúmeras marinas e aeroportos privados... Sabia por experiência que um terrorista com inteligência e dinheiro suficientes podia fazer um refém quase à vontade. Um ano antes, sua mulher foi raptada do quarto num hospital psiquiátrico britânico de luxo.

Estava num barco a caminho da França antes de alguém sequer ter se dado conta do desaparecimento.

— Parece que você e os americanos têm tudo controlado — disse. — O que significa que não me resta nada a fazer senão sair de Londres e fingir que nunca estive aqui.

— Receio que isso não seja possível, Gabriel.

— Qual parte?

— Ambas.

Seymour retirou da pasta um exemplar do *Times* daquela manhã e estendeu-o a Gabriel. O cabeçalho dizia:

TERROR E SEQUESTRO EM LONDRES.

Mas foi título no fim da página que captou a atenção de Gabriel:

AGENTE DOS SERVIÇOS SECRETOS ISRAELENSES
ENVOLVIDO EM MISSÃO ARRISCADA EM HYDE PARK.

Embaixo do título, uma imagem granulada de Gabriel apontando sua Beretta para a cabeça de Samir al-Masri. Dentro uma segunda imagem: uma foto de seu rosto tirada da Scotland Yard, nas horas após o ataque.

— Sua foto no parque foi tirada por um transeunte com um celular. É de baixa qualidade, mas bem dramática. Parabéns, Gabriel. Suponho que agora tenha outro grupo de terroristas que gostaria de ter sua cabeça numa bandeja.

Gabriel acendeu a luz de leitura e deu uma olhada rápida no texto. Incluía seu nome verdadeiro e uma descrição bem exata de suas façanhas profissionais.

— Seu serviço é responsável por isto?

— Acredite em mim, Gabriel, já tenho dores de cabeça que cheguem neste momento. Não preciso de mais uma. A fonte é vaga, mas é evidente que o vazamento deve ter saído de alguém na Met. Se tivesse de adivinhar, diria que foi um oficial superior tentando captar as simpatias de um jornal importante. Independentemente de como aconteceu, o fato é que significa que não terá autorização para deixar o país até todas as questões do seu envolvimento neste caso estarem

esclarecidas.

— Os pormenores do meu envolvimento neste caso são bem claros, Graham. Vim a Londres avisá-lo de que era provável que uma célula de terroristas de Amsterdã estivesse na Inglaterra se preparando para um grande ataque. Optou por ignorar esse aviso. Quer que eu esclareça isso?

Seymour pareceu pensar seriamente no assunto antes de responder. — É acusado de várias ofensas graves, incluindo as de entrar na Grã-Bretanha com um passaporte falso, posse ilegal de arma de fogo e disparos ilícitos desta arma em local público.

— Disparei a minha arma de fogo ilegal contra três assassinos terroristas.

— Não interessa. Terá que permanecer na Grã-Bretanha até resolvermos isto. Libertá-lo agora seria um convite a queixas e ranger de dentes vindos de todos os quadrantes. — Seymour exibiu um sorriso forçado. — Não se preocupe, Gabriel. Preparamos uma acomodação confortável para você. Tem sorte. Vai poder sair de Londres. Nós vamos temos de ficar e viver com as consequências deste ataque.

— Meu serviço sabe que estou detido?

— Em breve saberá. Acabamos de notificar o agente de ligação legal na sua embaixada, bem como seu chefe de estação declarado.

O carro virou para a pista de acesso de Thames House, a imponente sede na beira-rio do MI5. Vauxhall Cross, a sede do MI6, os serviços secretos estrangeiros, ficava na margem oposta do rio com vista para o Albert Embankment.

— O meu motorista vai deixá-lo numa de nossas casas seguras — explicou Seymour. — Nem sequer pense em tentar fugir. Ele é bem armado e tem uma excelente pontaria.

— Para onde eu iria, Graham? Não tenho passaporte.

— Tenho certeza de que arranjará um.

Seymour levou a mão à porta, mas deteve-se.

— Há mais alguma coisa que possa nos dizer, Gabriel?

Qualquer coisa que possa nos ajudar a localizar Elizabeth Halton?

— Disse tudo o que sabia.

— Tudo exceto o nome da sua fonte em Amsterdã.

— Prometi protegê-lo, Graham. Recordar-se do que significa proteger uma fonte?

— Em momentos como este, as fontes não são para proteger. São usadas e queimadas.

— Preferia não queimar esta, Graham. Ele arriscou a vida ao falar conosco.

— Pelo menos considerou a possibilidade de ele poder, de alguma maneira, estar ligado a este caso?

— Não está.

— Espero que tenha razão — disse Seymour. — Sei por experiência própria que as fontes raramente dizem toda a verdade. Mentem mais vezes do que o contrário. É isso que as fontes fazem. É por isso que são fontes.

O alojamento temporário de Gabriel era uma encantadora casa de campo em calcário, rodeada por cem hectares de terreno privativas colinas suaves de Cotswolds. Na manhã seguinte, o administrador das instalações, um veterano do MI5 rude e de cabelos ruivos chamado Spencer, informou rapidamente Gabriel das regras de sua estadia durante uma refeição demorada na copa. Gabriel teria acesso a televisão, rádio e aos jornais londrinos, embora, claro, não houvesse telefone. Poderia usar todas as divisões da casa principal, embora devesse limitar conversas com o pessoal doméstico ao mínimo indispensável. Poderia passear sozinho pelo terreno, mas se desejasse ir à aldeia, seria necessária uma escolta. Todos os seus movimentos seriam vigiados e gravados. Qualquer tentativa de fuga terminaria em fracasso e resultaria na revogação de todos os privilégios.

Gabriel gastava o tempo acompanhando os progressos da investigação britânica. Levantava cedo todas as manhãs e lia a pilha de jornais londrinos que o aguardavam na copa, juntamente com seu chá e torradas. Depois ia para a biblioteca e procurava nos canais noticiosos da TV britânica e americana informações sobre a identidade dos criminosos e o destino de Elizabeth Halton. Setenta e duas horas após seu sequestro, ainda não havia qualquer reivindicação autenticada nem exigências por parte dos sequestradores. O embaixador Halton fez um apelo estoico à libertação da filha, bem como o presidente americano e o primeiro-ministro britânico. A medida que os dias se arrastavam lentamente, os peritos na televisão começaram a especular que a filha do embaixador já tinha sido assassinada ou, de alguma forma, morta no ataque inicial. Gabriel considerava a especulação prematura e quase com certeza incorreta, pois viu a operação. Sabia que os sequestradores acabariam por aparecer e fazer suas exigências.

Na tarde do quarto dia em cativeiro preparou uma visita à aldeia e passou horas perambulando pelas lojas da rua principal. Um suéter de lã para Chiara e uma bonita bengala de carvalho para Shamron. Quando voltou à casa, encontrou Spencer à sua espera no pátio de cascalho, acenando com uma folha de papel como se esta contivesse notícias muito importantes de um canto remoto do reino. Continha mesmo. Os britânicos tinham concordado em retirar todas as queixas contra Gabriel em troca de seu testemunho no interrogatório oficial sobre os ataques. Tinha reserva no voo dessa noite para Tel Aviv e tudo fora tratado para que subisse a bordo de forma discreta e

rápida. Um carro iria buscá-lo a uma hora. Mas era uma escolta. Os veículos eram americanos, como o homem de aspecto distinto trajando terno cinza, sentado no banco traseiro da limusine.

— Boa tarde, Sr. Allon — cumprimentou o embaixador Halton. — Deixe-me dar-lhe carona para o aeroporto. Gostaria de falar com você. É a mim que tem de agradecer sua libertação — disse o embaixador. — Quando descobri que ainda estava preso telefonei ao primeiro-ministro e lhe disse que o libertasse imediatamente.

— Sabia que os americanos exerciam influência considerável em Downing Street, mas não que tinham o poder de libertar prisioneiros.

— A última coisa que o primeiro-ministro queria era me ver fazer exigências em público. As pesquisas mostram que sou o homem mais popular da Grã-Bretanha. Por favor, explique por que a imprensa se deu ao trabalho de fazer uma pesquisa dessas.

— Já deixei de tentar compreender a imprensa, embaixador.

— Essa mesma pesquisa revelou que um grande número de ricos pensa que eu próprio sou responsável por esta calamidade. Por minha amizade com o presidente e ao meu franco apoio ao Iraque. A guerra está sendo usada agora pelos nossos inimigos para justificar toda sorte de pecados. Como o apoio ao Estado de Israel.

— Receio que isso venha a acontecer ainda durante muitos anos.

O embaixador tirou os óculos e massageou o nariz. Tinha cara de quem já não dormia há dias.

— Só queria poder libertar minha filha com um telefonema. Não é fácil ser um homem poderoso que se tornou impotente. Tive tudo o que queria na vida, mas me roubaram a única coisa que não podia perder.

— Quem me dera ter chegado uns segundos mais cedo — disse Gabriel. — Se isso tivesse acontecido, podia ter impedido que levassem sua filha.

— Não se culpe pelo que aconteceu. Se há alguém a quem atribuir culpas, é a mim. Fui eu que aceitei este emprego. Fui eu que disse a Elizabeth que pausasse sua vida e viesse para cá comigo. E fui eu que a deixei ir correr no Hyde Park três manhãs por semana, embora receasse que uma coisa assim pudesse acontecer.

O embaixador americano voltou a colocar os óculos e fitou Gabriel por um momento, com ar pensativo.

— Mas imagine a minha surpresa quando ouvi dizer que o homem misterioso que matou três terroristas no Hyde Park era você. O presidente é o meu amigo mais chegado, Sr. Allon. Se não fosse o senhor, ele podia ter sido morto no Vaticano no início deste ano.

Na verdade, foi o secretário particular do papa, monsenhor

Luigi Donati, que salvou a vida do presidente. Gabriel só matou o assassino, um convertido ao islamismo radical que conseguiu penetrar nas fileiras da Guarda Suíça.

— O que dizem os britânicos sobre as perspectivas de encontrar sua filha? — perguntou.

— Receio que pouco, o que é de enlouquecer. Hoje efetuaram buscas em três locais onde pensavam que ela podia estar. Afinal as informações eram incorretas. O que não entendo é por que os terroristas ainda não fizeram exigências.

— Porque sabem que a incerteza o faz sofrer muito. Querem que se sinta grato quando finalmente avançarem e fizerem as suas imposições.

— Tem certeza de que eles querem alguma coisa em troca?

— Sim, embaixador. Mas tem que estar preparado para o fato de pode ser algo que quase com certeza não pode lhes dar.

— Estou tentando lembrar a mim mesmo que há princípios e questões políticas maiores do que o destino de minha filha — disse o embaixador. — Estou me preparando para a possibilidade de minha filha ter que morrer para que os diplomatas continuem em segurança no mundo inteiro. Mas não parece uma troca usta, Sr. Allon. E tenho muitas dúvidas de que seja um preço que eu esteja preparado para pagar. Na verdade tenho certeza absoluta de que lhes daria qualquer coisa que quisessem para ter minha filha de volta com vida.

— É isso que eles querem, embaixador. É por isso que estão aguardando para fazer exigências.

— Seu Governo tem experiência neste tipo de caso. Acha que eles querem...

— Prisioneiros — respondeu Gabriel. — É quase sempre o que eles querem. Podem ser vários prisioneiros. Ou pode ser apenas um prisioneiro importante.

— Como um dos cérebros do 11 de Setembro que temos?

— Depende de quem a levou.

— Estou pensando em oferecer uma recompensa considerável por informações.

— Quanto?

— Cinquenta milhões de dólares.

— Uma recompensa como essa com certeza fará aparecer charlatões e impostores. E depois os britânicos vão se ver no meio de um furacão de pistas falsas. Vai atrapalhar a investigação, em vez de ajudar. Por enquanto, recomendo que mantenha a carteira fechada, embaixador.

— É provável que esse seja um conselho sensato. — Olhou para Gabriel por um instante, sem falar. — Será que existe alguma forma de eu poder convencê-lo a ficar em Londres durante alguns dias e

ajudar a encontrar a minha filha?

— Receio que tenha de ir para casa e arcar com as consequências de minha foto ter aparecido no jornal. Além disso, este é um caso para vocês e os britânicos. Claro que se por acaso descobrirmos alguma informação transmitimos de imediato.

O telefone tocou. O embaixador pegou o receptor e levou-o ao ouvido. Escutou por um instante, com o rosto tenso, e depois murmurou: — Obrigado, primeiro-ministro. — Desligou e olhou para Gabriel. — A Met acabou de fazer busca numa casa em Walthamstow, West London. Nada. — Caiu num silêncio contemplativo. — Acabou de me ocorrer que o senhor foi a última pessoa a ver minha filha... a última pessoa decente, devo dizer.

— Sim, embaixador, acho que fui.

— Viu o rosto dela?

Gabriel assentiu.

— Sim, senhor, vi.

— Eles a feriram?

— Ela não parecia estar ferida.

— Estava assustada?

Gabriel respondeu com a verdade.

— Tenho certeza que sim, embaixador, mas não se deixou levar facilmente. Lutou.

De repente, os olhos do embaixador brilharam com lágrimas.

— Fico satisfeito por isso — disse Robert Halton. — Espero que esteja lutando neste momento.

Ela tinha lutado. Na verdade, lutou com mais fúria e por muito mais tempo do que tinham previsto. Lutou quando aceleraram pela Edgware Road vindos do Hyde Park, e lutou na garagem em Maida Vale, onde a transferiram para uma segunda van. Arranhou e esperneou. Cuspiu neles e chamou-os de assassinos covardes. Por fim, usaram a seringa. Ela não gostou da seringa. Não voltou a lutar.

O quarto era pequeno e quadrado, com paredes de cimento pintadas de branco e um chão também de cimento. Nada continha salvo um catre de campanha com uma almofada dura como pedra e um cobertor áspero de lã que cheirava a naftalina e desinfetante. Tinha as mãos algemadas e as pernas amarradas, e a luz ficava sempre acesa, para que não fizesse ideia se era noite ou dia. A porta metálica tinha um visor, por onde um olho castanho maléfico a observava constantemente. Sonhou perfurá-lo com um bisturi. Quando dormia, o que era raro, os sonhos eram repletos de violência.

A interação com os captores foi reduzida ao mínimo e era vigiada com atenção. As regras tinham sido estabelecidas no primeiro dia, depois de acordar do sono induzido. Toda comunicação era por escrito, com as mensagens passadas por baixo da porta. Tinha de responder sim ou não em voz baixa. Qualquer desvio dos procedimentos, avisaram, teria como resultado nada de comida e água. Até então tinham perguntado duas coisas. Uma *foi: quer comida?* A outra *foi: Quer usar o banheiro?* casa de banho? Sempre respondia sim, estivesse ou não com fome, precisasse ou não do banheiro. A resposta afirmativa significava uma quebra no tédio. Dizer que sim significava um momento de contato com os sequestradores, algo que, por muito que os odiasse, ela achou estranhamente reconfortante.

A comida nunca variava: um pedaço de pão com queijo, uma garrafa de água, pedaços de chocolate se estivesse comportada.

O banheiro era um balde de plástico amarelo. Apenas dois deles entravam na cela. Usavam máscaras na presença dela, para ocultar as feições, mas aprendeu a reconhecê-los pelos olhos.

Um tinha olhos castanhos. Os do outro eram verdes, e considerava-os perversamente bonitos. Dera a alcunha de Caim ao dos olhos castanhos e de Abel ao dos olhos verdes. Caim levava-lhe comida, o pobre Abel encarregava-se sempre de recolher o balde. Tinha a gentileza de desviar os olhos verdes sempre que o fazia.

Fez jogos mentais sozinha para preencher as longas horas

solitárias. Flutuou pistas de esqui abaixo através de um ar perfeitamente cristalino. Realizou cirurgias complicadas e releu todos os horríveis anuais clínicos da faculdade. Falou muitas vezes com a mãe. Mas aquilo em que mais pensava era no momento da captura. A memória reproduzia-o sem parar, como uma sequência gravada sobre a qual não tinha qualquer controle: os homens de macacões pretos saindo das vans, os corpos esfaqueados dos amigos que jaziam no Hyde Park, o homem que tentara salvá-la. Avistara-o de relance quando a forçavam a entrar na van, uma figura angular com têmporas encanecidas, agachado sobre o joelho com uma arma nas mãos estendidas. Interrogou-se com frequência sobre a identidade do homem. Esperava que um dia, se chegasse a ser salva, tivesse a oportunidade de lhe agradecer.

Se chegasse a ser salva... por uma qualquer razão, tinha mais facilidade em contemplar a sua própria morte do que em imaginar o momento de sua libertação. Sabia que era quase com certeza alvo de buscas intensivas, mas a esperança de vir a ser encontrada esmaecia à medida que os dias iam passando lentamente — e à medida que as mensagens chegavam com regularidade angustiante. Comida? Quer usar o banheiro? Mas no quinto dia, quando um homem de têmporas grisalhas embarcava num avião no Aeroporto de Heathrow, surgiu uma mensagem diferente. Dizia: Um dos meus homens precisa de um médico. Ajuda-nos?

— Sim — respondeu em voz baixa e, momentos depois, Caim e Abel entraram na cela e a levantaram gentilmente.

Levaram-na em silêncio por um lance de degraus estreitos acima lentamente, para que não tropeçasse nas grilhetas. No alto das escadas atravessaram uma porta metálica que rangeu e entraram num pequeno armazém. Estava abandonado e escuro, salvo por uma única lâmpada que brilhava acima de um aglomerado de catres no canto oposto. Num dos catres estava deitado um homem cujo rosto estava coberto por máscara. Tinha as feições contorcidas pela dor e estava molhado de suor. Caim ergueu o cobertor e expôs a perna direita.

— Meu Deus — disse Elizabeth baixinho. A bala entrara abaixo do joelho e estilhaçara a coroa da rótula. O ferimento de entrada, de dois centímetros de diâmetro, tinha incrustados restos da roupa que vestia na manhã do atentado. A pele em volta estava marrom avermelhada, muito inchada, e pela coxa começavam a subir listras vermelhas. Era evidente que sofria de infecção local grave e estava a ponto de perder a perna. Elizabeth fez menção de segurar seu pulso, mas um dos terroristas a deteve. Era Caim, o de olhos castanhos.

— Tenho de sentir a pulsação.

Libertou-se de Caim e colocou os dedos no interior do pulso: o ritmo cardíaco era rápido e fraco. Depois pôs a mão na testa: úmida e

ardendo em febre.

— Tem que ir já para um centro de trauma. Um que seja bom. Caim abanou a cabeça.

— Se não for, vai morrer.

O terrorista ergueu a mão enluvada e apontou o dedo para o ouvido de Elizabeth, como se fosse uma arma carregada.

— Eu? Não posso fazer nada por ele aqui. Tem de estar em ambiente esterilizado. Tem de ir já para o hospital.

O terrorista voltou a abanar a cabeça.

— Se ajudar, me deixam ir embora?

Desta vez, ele nem se deu ao trabalho de responder. Elizabeth olhou para o homem ferido. Imaginou que não tivesse mais de vinte cinco anos e, se ela não interviesse de imediato, teria morte muito dolorosa em 36 horas. Era uma morte merecida, mas isso já não interessava. Era um ser humano em sofrimento. Elizabeth jurara tratá-lo. Olhou o terrorista de olhos castanhos.

— Vou precisar de algumas coisas. Ainda estamos na Grã-Bretanha, certo?

O terrorista hesitou, mas acabou por anuir.

— Nesse caso, o seu amigo está com sorte. Ainda se consegue obter antibióticos fortes sem receita por aqui. Dê-me papel para escrever. Vou fazer uma lista. Traga-me tudo que pedir. Se não o fizer, seu amigo morre.

AEROPORTO BEN-GURION: 22H47, TERÇA-FEIRA

Quando Gabriel chegou ao Aeroporto Ben-Gurion, nessa mesma noite, a sala de recepções VIP estava vazia. Percorreu o longo corredor branco sozinho e saiu para o ar gélido da noite. A limusine blindada de Shamron esperava de motor ligado com fumaça de cigarro voluteando pelo vidro traseiro meio aberto Estacionado atrás dela estava um segundo carro, repleto de seguranças incrivelmente jovens, um novo acréscimo ao destacamento após o atentado contra sua vida. Shamron passara a velhice rodeado de crianças com armas. Gabriel receava que esse destino viesse a ser o seu também.

Entrou na limusine e fechou a porta. Shamron olhou-o em silêncio, depois ergueu a mão manchada pela idade e deu sinal ao motorista para que avançasse. Momentos depois, aceleravam pelas colinas da Judeia em direção a Jerusalém. O homem idoso colocou uma pilha de jornais israelenses no colo de Gabriel. *Haaretz*, *Maariv*, *Yediot Aharonot*, o *Jerusalem Post*. A foto de Gabriel surgia na primeira página de todos.

— Envio você a Amsterdã para uns dias de leitura tranquila e é isto que me traz? Sabe, Gabriel, há meios mais simples de evitar um jantar com o primeiro-ministro.

— Mas eu estava ansioso pelo encontro...

Shamron lançou-lhe um olhar dúbio.

— Pelo menos o tom do artigo é positivo. Não é a sova que tomamos sempre que nossos agentes ficam expostos. Novamente você é um herói nacional. O *Haaretz* te chama “O super-homem muito secreto de Israel.” Esse foi o meu preferido.

— Ainda bem que está achando tudo isso divertido.

— Não acho nada divertido — contrapôs Shamron. — Demos o passo extraordinário de enviá-lo a Londres para garantir que os ingleses entendiam a seriedade do nosso aviso. Ignoraram e o resultado foi um holocausto no metrô e a filha do embaixador americano nas mãos de terroristas islâmicos.

— Para não falar nos seis diplomatas e agentes de segurança americanos mortos.

— Sim, parece que todo mundo esquece deles. — Shamron acendeu outro cigarro. — Como sabia que iam atacar no Hyde Park?

— Não sabia. Foi apenas uma teoria que infelizmente se

revelou correta.

— E o que o levou a essa teoria?

Gabriel contou sobre a imagem no bloco de notas que retirou do apartamento de Samir al-Masri em Amsterdã. Shamron sorriu. Considerava a memória espantosa de Gabriel uma de suas melhores qualidades. Gabriel chegou a suas mãos com o mecanismo normal, mas Shamron ensinou a usá-lo.

— Portanto avisou-os não uma, mas duas vezes — frisou Shamron. — Não admira que os britânicos se comportassem como cretinos nas negociações para sua libertação. Fiquei com a clara impressão de que se aproveitavam de sua prisão para nos pressionar.

— Com que objetivo?

— Para que seu testemunho no inevitável inquérito público não revele a verdadeira natureza das duas conversas com Graham Seymour.

— Seymour está protegendo a própria pele?

— Está na etapa final de uma carreira longa e distinta. Já quase consegue ver a casa de campo dele, o título de cavaleiro e um lugar confortável na direção de uma instituição financeira respeitável da City. Não quer que um pistoleiro israelense lhe passe uma rasteira, agora que está tão perto da meta.

— Uma coisa que não quero é tombar sobre minha própria espada para proteger a reputação e a aposentadoria de Graham Seymour.

— Não, mas também não tem que humilhá-lo. Precisamos criar alguma variante da verdade que proteja você e a reputação dele. — Shamron sorriu. Inventar variantes sutis da verdade é um de seus passatempos favoritos. — Queimar Graham Seymour não vai servir de nada. Vai precisar dele e dos seus amigos na próxima encarnação.

— E que encarnação será essa?

Shamron observou Gabriel através de uma nuvem de fumaça de cigarro. — Ser propositadamente obtuso também não serve de nada, Gabriel. Sabe muito bem o que tenho em mente para você. Chegou a hora de liderar. As chaves da sala do trono estão ao seu alcance.

— Talvez, Ari, mas só há um problema. Não quero. Quero fazer outras coisas com o resto da minha vida.

— Receio que seja hora de deixar em paz as brincadeiras de criança.

— Está falando da restauração?

— Sim, estou.

— Não considerava uma brincadeira de criança quando encobria um assassino.

— Por muito tempo a restauração serviu a ambos — disse

Shamron —, mas essa época passou.

Cruzaram com os restos carbonizados de um caminhão de transportes de tropas, recordação dos combates sangrentos do Bab al-Wad durante a Guerra de Independência de Israel. — Estive no Escritório em momentos de crise — lembrou Gabriel. — Vi nossos líderes destruindo uns aos outros Não é assim que quero passar os próximos dez anos. Além disso, quando todos aqueles generais reformados me olharem vão ver um menino com uma arma.

— Você já não é um menino. Está chegando à idade em que os homens do Governo alcançam o auge da carreira. Você simplesmente vai alcançar o seu um pouco antes do que a maioria. Sempre foi menino-prodígio.

Gabriel ergueu o exemplar do jornal. — E quanto a isto?

— Escândalos? — Shamron encolheu os ombros. — Uma carreira sem escândalos não é uma carreira séria. Em grande medida seus escândalos conseguiram aliados valiosos em Washington e no Vaticano.

— Também me conseguiram inimigos.

— Seriam seus inimigos, independentemente de suas ações. Serão seus inimigos muito depois de seu corpo ser colocado ao lado de Dani no monte das Oliveiras. — Shamron apagou o cigarro. — Não se preocupe, Gabriel, não é de um dia para o outro. A morte de Amos será lenta, e um punhado de gente vai saber que o doente é terminal.

— Quanto tempo?

— Um ano — disse Shamron. — Talvez dezoito meses, tempo suficiente para você restaurar mais alguns quadros do teu amigo de Roma.

— Não vai conseguir manter segredo durante um ano, Ari. Sempre me disse que o pior lugar para tentar guardar um segredo é num centro de espionagem.

— No momento, apenas três pessoas têm conhecimento disso: você, eu e o primeiro-ministro.

— E o Uzi.

— Tive de informar o Uzi — admitiu Shamron. — Uzi me serve de olhos dentro do Escritório.

— Talvez seja por isso que me queira lá.

Shamron sorriu. — Não, Gabriel. Quero você lá para poder fechar os olhos.

— Não está pensando em morrer, está, Ari?

— Só gostaria de dar um cochilo.

Gabriel virou-se e olhou pelo vidro traseiro da limusine. O carro de apoio seguia-os de perto. Olhou para Shamron e perguntou se tinha recebido notícias de Londres sobre Elizabeth Halton.

— Continuamos sem saber nada dos sequestradores —

respondeu Shamron. — E nada da parte dos ingleses, pelo menos que estejam dispostos a dizer em público. Mas é possível que venhamos a obter informações úteis.

— De onde?

— Egito — explicou Shamron. — O nosso contato mais importante no SSI enviou esta manhã um sinal de que pode ter algo para nós.

O nome completo do SSI era Directorado Geral de Investigações de Segurança do Estado, uma forma educada de tratar a polícia secreta egípcia.

— Quem é ele? — perguntou Gabriel.

— Wazir al-Zayyat, chefe do Departamento de Combate à Atividade Religiosa. Wazir tem um dos mais duros trabalhos do Oriente Médio, garantir que certos extremistas islâmicos nativos não derrubem o regime. O Egito é o centro espiritual do fundamentalismo islâmico, e é claro que os muçulmanos egípcios compõem grande parte da al-Qaeda. Wazir sabe mais do movimento jihadista global do que qualquer outra pessoa no mundo. Mantém-nos a par da estabilidade do regime de Mubarak e nos informa se nos tornamos alvo de terroristas egípcios.

— O que ele tem para nos dar?

— Só saberemos quando nos sentarmos com ele — explicou Shamron. — Nós o encontraremos fora do país.

— Onde?

— Chipre.

— Quem é o agente desse caso?

— Shimon Pazner.

Pazner era o chefe da estação de Roma, sede de operações do Escritório no Mediterrâneo.

— Quando Pazner vai para Chipre?

— De manhã.

— Diga-lhe que fique em Roma.

— Por que eu haveria de fazer isso?

— Porque vou a Chipre encontrar o egípcio.

Shamron recebeu a declaração de Gabriel com um silêncio crítico.

— Seu envolvimento neste assunto está oficialmente encerrado — acabou por dizer. — Agora é um problema americano e britânico. Já temos preocupações suficientes.

Gabriel insistiu. — Eu estava lá quando aconteceu, Ari. Quero que façamos tudo ao nosso alcance para encontrá-la.

— E assim faremos. Há três anos que Shimon Pazner lida com isso. É perfeitamente capaz de ir até Chipre e cumprir uma missão rápida.

— Acredito que sim, mas eu vou a Chipre no lugar dele.

O velho isqueiro de aço inoxidável de Shamron brilhou na escuridão.

— Você ainda não é o Memuneh, meu filho. Além disso, esqueceu de sua foto em todos os jornais?

— Não vou para trás da Cortina de Ferro, Ari.

Shamron tocou com o cigarro na chama e apagou-a com um movimento do pulso grosso. — Usa minhas palavras contra mim. Vá, Gabriel, vá a Chipre amanhã. Mas veja se Identidade faz alguma coisa com esse rosto. Suas ações no Hyde Park conquistaram mais um inimigo.

— Graham Seymour disse o mesmo.

— Bem — disse Shamron, pensativo —, pelo menos acertou em alguma coisa.

Quando Gabriel entrou em seu apartamento, vinte minutos depois, encontrou luzes acesas na sala e um leve cheiro de baunilha no ar. Deixou a mala no sofá novo e entrou no quarto. Chiara estava sentada na ponta da cama, observando os dedos dos pés com um interesse profundo. Tinha o corpo envolto em toalhas de banho e a pele muito escura devido ao sol. Olhou para Gabriel e sorriu. Era como se tivessem passado apenas alguns minutos desde que se tinham visto pela última vez várias semanas antes.

— Você está aqui — disse ela, com uma surpresa falsa.

— Shamron não te disse que eu vinha hoje para casa?

— Talvez tenha dito.

Gabriel aproximou-se e tirou a toalha do cabelo dela. Pesado e molhado, caiu-lhe revoltado sobre os ombros escuros. Ergueu a face para ser beijada e soltou a toalha que tinha em volta do corpo. Talvez Shamron tivesse razão, pensou Gabriel enquanto ela o puxava para a cama. Talvez afinal de contas deixasse Pazner ir a Chipre encontrar o egípcio.

Depois de fazerem amor ficaram famintos. Gabriel sentou à pequena mesa da cozinha vendo as notícias na televisão, enquanto Chiara preparava fettucine com cogumelos. Vestia uma camisa de Gabriel desabotoada e nada mais.

— Como você descobriu que eu tinha sido preso?

— Li nos jornais, como todo mundo. — Serviu-lhe um copo de vinho tinto. — Só falavam de você em Buenos Aires.

— Que tipo de trabalho você fez lá?

— Sabe que não posso contar.

— Sei que você esteve vigiando uma célula do Hezbollah.

Apenas queria saber se você era da vigilância ou agente de

acompanhamento.

— Era da equipe — respondeu. — Já não faço acompanhamento.

— Por que tiraram você?

— Exposição demais. — O rosto de Elizabeth Halton apareceu de repente na tela da televisão. — Bonita — disse Chiara. — Por que a levaram?

— Talvez venha a descobrir amanhã. — Contou sobre a viagem a Chipre.

— E o jantar com o primeiro-ministro?

Gabriel desviou o olhar da televisão.

— Como soube disso?

— Shamron contou.

— Lá se vai a segurança operacional — comentou. — O que ele disse, exatamente?

Jogou o fettucine na água fervendo e sentou-se ao lado. —

Disse que você aceitou o lugar de Amos como diretor.

— Não aceitei nada.

— Não foi isso que Shamron disse.

— Há muito tempo que o Shamron só ouve exatamente o que quer. O que mais disse ele?

— Quer que organizemos nossa vida pessoal assim que possível. Que não fica bem a um diretor viver com uma mulher fora do casamento, especialmente alguém que por acaso é funcionária importante. Acha que devemos acelerar os planos de casamento. — esticou o dedo por baixo do queixo dele e virou-lhe o rosto para ela. — Você está de acordo, não?

— Ah, sim, claro — respondeu Gabriel rapidamente. Aprendera que qualquer hesitação em discutir planos de casamento era sempre interpretado por Chiara como relutância em se casar. — Devemos nos casar assim que possível.

— Quando?

— O que quer dizer?

— É uma pergunta muito simples, Gabriel. Quando vamos nos casar?

— No fim da primavera — respondeu. — Antes que fique quente.

— Maio?

— Maio seria perfeito.

Chiara retirou o dedo do queixo de Gabriel e mordiscou nervosamente a unha.

— Como vou planejar um casamento em seis meses?

— Contrata um organizador profissional para ajudar.

— Um casamento não é uma operação, Gabriel. Tem que ser

organizado pela família, não por um profissional.

— E se for Gilah Shamron? É o que tenho mais próximo de uma mãe.

— Gilah já tem trabalho que chegue com o marido.

— Mais uma razão para pedir ajuda com o casamento. Acredite, ela vai aceitar logo.

— Talvez não seja má ideia. Não admira que Shamron queira você como chefe. A primeira coisa a fazer é decidir os convidados.

— Isso é fácil — declarou Gabriel. — Convidamos todos do Shabak, do AMAN, a maior parte do Escritório e metade do Knesset. Ah, e não esqueça o primeiro-ministro.

— Não sei se quero o primeiro-ministro no meu casamento.

— Tem medo de ser ofuscada por um octogenário atarracado?

— Sim.

— O primeiro-ministro tem três filhas. Vai cuidar de não roubar os holofotes no teu grande dia.

— O nosso grande dia, Gabriel. — A água começou a entornar, Chiara levantou-se e voltou ao fogão. — Tem certeza de que precisa ir a Chipre amanhã?

— Quero ouvir o que o egípcio tem a dizer com os meus próprios ouvidos.

— Mas acabou de chegar em casa.

— É só por um dia ou dois. Por que não vem comigo? Pode trabalhar esse bronzado.

— Está frio em Chipre, nesta época do ano.

— Então quer que eu vá sozinho?

— Eu vou — acedeu Chiara. — Você não disse nada sobre a decoração do apartamento. Gostou?

— Oh, sim — respondeu Gabriel rapidamente. — Adorei mesmo.

— Encontrei uma marca na mesa de centro. Colocou uma tigela quente sem proteção?

— Foi o Uzi — mentiu Gabriel.

Chiara despejou o fettucine num corredor e franziu o cenho. — É tão desmazelado — comentou. — Não sei como Bella consegue viver com ele.

Os artigos que ela tinha pedido estavam na mesa: um frasco de álcool isopropílico, rodela de algodão, luvas de borracha, pinça, alicate de ponta fina, gilete, comprimidos, codeína e cefalina, compressas esterilizadas de dez por dez, talas de madeira com quarenta e cinco centímetros, rolos de atadura e dois litros de água engarrafada. Estendeu as mãos algemadas ao homem no qual pensava como Caim.

— Não consigo fazer isso com as mãos algemadas.

Ele hesitou e tirou-as.

— As drogas que me deram depois de me sequestrarem... imagino que tenham mais.

Mais uma hesitação, seguida de um aceno hesitante.

— Preciso delas. Ou seu amigo vai sofrer muito.

Ele dirigiu-se à van e voltou um instante depois com uma seringa envolta em plástico e um frasco pequeno de um líquido transparente. Elizabeth olhou para o rótulo: CETAMINA. Não era de admirar que tivesse sofrido alucinações terríveis enquanto a droga estava em seu sistema. Os anestesistas quase nunca usavam cetamina sem um sedativo secundário, como Valium. Aqueles idiotas tinham-lhe dado várias injeções da droga sem nada que atenuasse os efeitos secundários.

Aprontou uma dosagem adequada, duzentos e cinquenta miligramas, e injetou-a no braço do homem ferido. Enquanto ele deslizava lentamente para a inconsciência, ela retirou a agulha da seringa e colocou-a no saco plástico da farmácia onde Caim comprara os artigos médicos. O nome e o endereço da loja estavam escritos no saco em letras azuis. Elizabeth reconheceu a aldeia. Ficava na linha costeira de Norfolk, a nordeste de Londres.

Levantou o cobertor e ajustou o abajur, para que a luz incidisse diretamente na ferida. A bala estava alojada entre os fragmentos de osso. Abriu o frasco de álcool e despejou uma quantidade generosa bem em cima da ferida, limpando em seguida o pus e outras substâncias infecciosas com algodão. Após a ferida estar suficientemente limpa, esterilizou a gilete e usou-a para cortar o material necrosado nas bordas. Depois esterilizou a pinça e passou os vinte minutos seguintes retirando cuidadosamente fragmentos de osso e filamentos de tecido rasgados. Por fim, esterilizou o alicate de ponta fina e o deslizou com cuidado para dentro da ferida. Um instante

depois a bala saía, deformada pelo impacto na tíbia do terrorista, mas intacta.

Deu a bala a Caim como recordação e preparou-se para a fase final da cirurgia. o curativo e a tala. Primeiro encheu completamente a ferida com água esterilizada, depois tapou-a com uma compressa esterilizada de dez por dez. Por fim, colocou as duas talas de cada lado da perna, do joelho ao tornozelo, e prendeu firmemente com as ataduras. Quando terminou, colocou a perna sobre uma almofada e olhou para Caim.

— Quando ele acordar, dê-lhe dois comprimidos destes. Depois, um comprimido de quatro em quatro horas. Mantenha a perna elevada. Gostaria de vê-lo de duas em duas horas, se possível. Senão, terão setenta e duas horas, no máximo. Depois disso, ele vai precisar de um hospital.

Estendeu as mãos. Caim colocou as algemas e conduziu-a escada abaixo, até a cela. Ao deitar-se no catre, sentiu uma sensação quase ébria de júbilo. A cirurgia grosseira, as ordens ativadas... assumira o controle, ainda que apenas por alguns instantes. E conseguiu descobrir uma informação valiosa. Ainda estava na Inglaterra, ainda estava ao alcance da polícia britânica e dos serviços secretos.

Ela fechou os olhos e tentou dormir, mas uma hora depois foi acordada por uma batida na porta. “Temos um presente para você”, dizia a nota. “Deite-se no catre”. Ela fez como disseram e olhou enquanto Caim e Abel entravam. Eles cobriram sua boca com fita e a cabeça com capuz. Ela lutou. Ela lutou mesmo depois da injeção.

CHIPRE: 10H15, SEXTA-FEIRA

Muito pode ser inferido sobre o valor de uma fonte pelas comodidades que são preparadas para recebê-la. Para os interrogatórios de Wazir al-Zayyat, o Escritório comprara uma encantadora vila na costa sul do Chipre, com uma pequena piscina e um terraço sombreado com vista para o Mediterrâneo. Gabriel e Chiara chegaram várias horas antes da chegada prevista do egípcio. Gabriel tivera esperança de passar o tempo relaxando, mas Chiara, a sós pela primeira vez em semanas, quis aproveitar a oportunidade para conversar sobre os preparativos do casamento. Os lugares e as flores, a lista de convidados e a música — foi assim que o agente secreto israelense passou o tempo antes da chegada de pião egípcio. Imaginou o que o Haaretz e os restantes jornais escreveriam sobre ele se soubessem a verdade.

Pouco depois das duas da tarde, Gabriel avistou um Volkswagen sedã acelerando ao longo da estrada costeira. Passou pela vila e desceu uma curva; cinco minutos mais tarde, aproximou-se vindo da direção oposta. Desta vez reduziu e virou para o acesso. Gabriel olhou para Chiara.

— É melhor esperar lá em cima no quarto — disse. — Pelo que li sobre Wazir, sua presença seria apenas uma distração.

Chiara pegou seus papéis e revistas de noiva e desapareceu. Gabriel dirigiu-se à cozinha e abriu um dos armários. Lá estava o painel de controle para o sistema de gravação e um novo conjunto de fitas. Apertou o botão REC.

Foi para o hall de entrada e abriu a porta principal no momento em que al-Zayyat subia as escadas. O egípcio deteve-se e observou com desconfiança por um instante através das lentes dos óculos de sol espelhados. Depois surgiu o esboço de um sorriso e estendeu a mão a Gabriel. — A que devo a honra, Sr. Allon?

— Surgiu algo em Roma — respondeu Gabriel. — Shimon disse que o substituísse.

O egípcio empurrou os óculos de sol para a testa e analisou Gabriel novamente, desta vez com um ceticismo evidente. Olhos escuros e insondáveis. Não eram olhos que Gabriel quisesse ver do outro lado de uma mesa de interrogatório.

— Ou talvez tenha se oferecido para vir aqui conversar comigo

— sugeriu o egípcio.

— Ora, por que eu faria uma coisa dessas, Wazir?

— Porque se o que li nos jornais for verdade, agora tem uma aposta pessoal no resultado deste caso.

— Não deve acreditar em tudo que lê nos jornais.

— Pelo menos, não nos jornais egípcios.

Al-Zayyat seguiu Gabriel para o interior da casa, depois dirigiu-se ao bar com um ar de proprietário e abriu uma garrafa nova de malte.

— Faz-me companhia? — perguntou, acenando com a garrafa.

— Vou dirigir — respondeu Gabriel.

— O que há entre vocês judeus e o álcool?

— Leva-nos a fazer coisas idiotas com abajures.

— Que espécie de recrutador de agentes não toma um drinque com uma fonte? — Al-Zayyat encheu um copo enorme e voltou a pôr a rolha na garrafa sem apertar.

— Mas você não é um recrutador de agentes, certo, Allon? — Bebeu metade do uísque de um só trago. — Como está o velho? Ainda de pé?

— Shamron está ótimo — respondeu Gabriel. — Manda cumprimentos.

— Espero que tenha mandado mais do que cumprimentos.

Gabriel olhou para a pasta de pele, que jazia num retângulo de luz do sol no sofá de lona. Al-Zayyat sentou-se ao lado dela e abriu os fechos. Satisfeito com o conteúdo, fechou a pasta e olhou para Gabriel.

— Eu sei quem sequestrou a filha do embaixador — disse. — E por que o fizeram. Por onde quer que eu comece?

— Pelo início — respondeu Gabriel. — Normalmente isso deixa as coisas na perspectiva certa.

— Igualzinho a Shamron.

— Sim, já ouvi dizer.

O olhar do egípcio vagueou novamente pela pasta.

— Estão aqui cinquenta mil, certo?

— Pode contar, se quiser.

— Não será necessário. Quer que assine um recibo?

— Assine quando receber o dinheiro — disse Gabriel. — E recebe depois de eu ouvir as informações.

— Shimon me dá sempre o dinheiro primeiro.

— Não sou o Shimon.

O egípcio engoliu o resto do uísque. Gabriel voltou a encher o copo e disse que começasse a falar.

O início, relatou o egípcio, foi o dia em que Nasser morreu em setembro de 1970, e seu vice-presidente, Anwar Sadat, subiu ao poder no Egito. Nasser considerara os radicais islâmicos, sobretudo a

Irmandade Islâmica, ameaça séria a seu regime e promovia prisões, execuções e tortura em massa para manter seu lugar. Sadat tentou uma abordagem diferente.

— Sadat não tinha o carisma de Nasser, nem apoio popular — explicou al-Zayyat. — Era também um homem muito religioso. Receava mais os comunistas e os nacionalistas que os Irmãos, por isso fez uma inversão de abordagem. Estigmatizou comunistas e nasseristas como inimigos do novo regime e libertou os Irmãos da cadeia. Depois consolidou o erro, explicou al-Zayyat. Permitiu que a Irmandade Muçulmana atuasse abertamente e encorajou que espraiasse sua marca do Islã pelo estrangeiro, sobretudo pela Cisjordânia recentemente ocupada e pela Faixa de Gaza. Também encorajou e financiou a criação de grupos ainda radicais do que a Irmandade. Um deles foi a Gama'a al-Islamiyya, ou Grupo Islâmico. Outro foi a al-Jihad. Em outubro de 1981, a al-Jihad virou-se contra o homem que ajudara a formá-la, assassinando Sadat quando ele estava num palanque assistindo a uma parada militar fora do Cairo. Aos olhos dos islamistas, os pecados de Sadat eram muitos, mas nenhum tão notável quanto seu acordo de paz com Israel. Antes de abrir fogo, o assassino de Sadat, tenente Khaled Islambouli, gritou: “Matei o Faraó, e não temo a morte.” Gama'a e al-Jihad ainda existem, claro — disse al-Zayyat.

— Seu objetivo é destruir o regime de Mubarak, substituí-lo por uma república islâmica e depois usar o Egito como base de operação para uma jihad global contra o Ocidente e contra Israel. Ambos os grupos são signatários da declaração de guerra da al-Qaeda contra os Cruzados e os Judeus, e ambos estão sob proteção da estrutura de comando de Osama bin Laden. Os egípcios constituem mais da metade do pessoal nuclear da al-Qaeda. Ocupam cinco dos nove cargos no Conselho da Shura dominante. E, é claro, o braço direito de Osama é Ayman al-Zawahiri, o líder da al-Jihad.

— Quer dizer então que o Egito não é diferente dos sauditas — concluiu Gabriel. — Pensavam que podiam chegar a um compromisso com os terroristas islâmicos, dando-lhes dinheiro e encorajamento e desviando sua raiva para o exterior. E agora ameaçam destruí-los.

— Vocês fizeram a mesma coisa, meu amigo. Não se esqueça de que, no passado, o Escritório e Shabak deram dinheiro e apoio ao Hamas, pois pensava que os islamistas eram um bom contrapeso aos esquerdistas seculares da OLP.

— Bem pensado — admitiu Gabriel. — Mas, por favor, não me diga que eu devo lhe pagar cinquenta mil dólares para me dizer que a al-Qaeda é responsável pelo sequestro da filha do embaixador americano em Londres. Eu podia ter poupado meu dinheiro e simplesmente ligado a CNN. Muitos especialistas lá dizem a mesma

coisa.

— Não se trata apenas da al-Qaeda — replicou al-Zayyat. — É uma operação conjunta, uma fusão de interesses, se quiser.

— Quem é o outro sócio?

O egípcio aproximou-se do bar e voltou a encher o copo.

— Havia outros grupos além da Gama'a e da al-Jihad que se formaram na década de 1970. Eram mais de cinquenta no total. Alguns eram apenas células de estudantes universitários que nem eram capazes de organizar a mais simples atividade. Outras eram boas. Muito boas. — Deu um gole no uísque. — Infelizmente, um grupo que surgiu na Universidade de Minya foi um dos bons. Eles se denominam a Espada de Alá.

A Espada de Alá... Gabriel conhecia o nome, claro. Como qualquer pessoa que trabalhasse no campo do terrorismo islâmico. No fim da década de 1970, após a visita histórica de Sadat a Jerusalém, um grupo de estudantes universitários, professores e funcionários públicos da cidade de Minya no Alto Egito reuniu-se em torno de um impetuoso clérigo islâmico, o xeque Tayyib Abdul-Razzaq. Ele adotou um programa simples para tomar o poder no Egito: infligir o máximo de terror e carnificina possível na sociedade egípcia, e o regime sucumbiria sob seu próprio pesadelo. No início da década de 1990 quase conseguiu. Inebriado com o sucesso, o xeque decidiu tornar a sua campanha global, muito antes da al-Qaeda. Enviou emissários para a Europa com o objetivo de abrir filiais da Espada entre as comunidades islâmicas em crescimento e destacou o irmão mais velho e seu conselheiro mais chegado, o xeque Abdullah Abdul-Razzaq, para os subúrbios de Washington, a fim de empreender a jihad com o mecenas mais importante do regime egípcio: o governo dos Estados Unidos. Em 1998, o xeque Abdullah foi acusado de conspirar para bombardear o Departamento de Estado, o Capitólio e a sede do FBI. Foi considerado culpado e condenado a prisão perpétua. Recentemente ele teve diagnóstico de câncer. Libertar o xeque antes de sua morte é agora uma das prioridades da Espada.

— Há muito tempo que a al-Qaeda anda ansiosa por atacar Londres — disse al-Zayyat. — E, claro, o xeque Tayyib quer que os britânicos devolvam seu irmão. Decidiram fundir as prioridades num único espetáculo de terror. A al-Qaeda encarregou-se das bombas, enquanto a Espada e as suas redes europeias trataram do sequestro.

— Que provas tem do envolvimento da Espada?

— Teve a prova em suas mãos durante alguns segundos, no Hyde Park — disse o egípcio. — Samir al-Masri, antigo estudante de engenharia da Universidade de Minya, é membro da Espada de Alá e um de seus agentes operacionais mais talentosos.

— Teria sido útil se tivesse contado aos holandeses que ele

morava calmamente em Amsterdã, Wazir.

— Não sabíamos que ele estava na Holanda, ou teríamos avisado. — O egípcio sentou-se no sofá ao lado da pasta de dinheiro. — Samir deixou o Egito alguns meses depois que os americanos invadiram o Iraque. Quando a sublevação começou, uniu esforços com Abu Musab al-Zarqawi e aperfeiçoou seu ofício. Ao que parece, fugiu do Iraque pouco antes da morte de Zarqawi e foi para a Europa via Damasco. Se quer culpar alguém pelo fato de Samir estar discretamente em Amsterdã, culpe os sírios. E os holandeses, claro. Valha-me deus, deixam entrar todo mundo no país.

— O que mais tem além da ligação de Samir?

— A mesquita al-Hijrah.

— O que tem ela?

— O imã de lá tirou pós-graduação em al-Azhar e é membro da Espada de Alá.

— Ainda não é o suficiente.

— Esta discussão é acadêmica — disse al-Zayyat. — Em vinte e quatro horas, terá a prova de que a Espada de Alá está por trás disso. Isso acontecerá quando eles oferecerem trocar Elizabeth Halton pelo xeque Abdullah.

— Como pode ter tanta certeza do prazo?

— A Espada fez vários sequestros no Egito. Em geral, o mundo exterior nem ouve falar neles. Seu método de operação é sempre o mesmo. Esperam uma semana antes de fazer exigências. E se estabelecerem um prazo para matar a moça, eles o farão quando o segundo ponteiro chegar às doze. E não haverá prorrogações ou adiamentos.

— Os americanos nunca libertarão o xeque Abduliah.

— Se não o fizerem, a Espada de Alá e a al-Qaeda vão enviar a afilhada do presidente americano num saco... ou o que restar dela, devo dizer. Vão matá-la da mesma forma que a raptaram. Com muito derramamento de sangue.

— Contou alguma coisa aos americanos sobre isso?

Al-Zayyat abanou a cabeça.

— Por que não?

— Ordens superiores — respondeu al-Zayyat. — Nosso chefe receia que seus patronos em Washington se zanguem quando descobrirem que a conspiração para sequestrar a filha do embaixador começou no Egito. Está tentando adiar o mais possível o dia do ajuste de contas. Entretanto, instruiu o SSI e outros serviços de segurança para recolherem o maior número de informações possível.

— Quem é o cérebro?

— Se eu tivesse de adivinhar, diria que é alguém muito lá em cima.

— Zawahiri?

O egípcio assentiu.

— Mas com certeza há alguém entre ele e os operacionais — afirmou Gabriel. — Alguém como Khaled Sheikh Mohamrir. Alguém que coordenou as coisas.

— Pois existe. — Al-Zayyat ergueu o copo de uísque para que a luz do sol incidisse nele e contemplou sua cor por um momento sem falar. — E se tivesse que adivinhar sua identidade, diria que é quase certo que seja trabalho do Esfinge.

— Quem é o Esfinge?

— Não temos certeza, mas conhecemos muito bem seu trabalho. No total, matou mais de mil pessoas no Egito, ministros do Governo, amigos abastados do regime. Partindo do princípio de que tem estudos superiores e é muito bem relacionado, acreditamos que tenha agentes de influência e espiões no mais alto nível da sociedade e do Governo egípcios, incluindo dentro do meu serviço. Atua através de figuras como Samir. Nunca conseguimos nos livrar dele.

— É possível que ele tenha planejado isso tudo do Egito?

— Altamente improvável — respondeu al-Zayyat. — Ele deve estar na Europa. Na verdade, eu apostaria um dinheiro em que ele está. A Espada esteve muito calma no Egito neste último ano. Agora sabemos por quê.

— Onde está o xeque Tayyib?

— No mesmo lugar em que tem estado escondido nos últimos quinze anos. Desloca-se por uma rede de esconderijos no Alto Egito e nas cidades-oásis do deserto ocidental. Também pensamos que entre e saia da Líbia e do Sudão.

— Encontrem-no — disse Gabriel.

— Elizabeth Halton estará morta muito antes de chegarmos a encontrar o xeque.

— Comecem a deter operacionais da Espada e a levá-los para pequenas conversas. Essa é a sua especialidade, não é, Wazir? Conversinhas com extremistas islâmicos?

— Quem nunca pecou que atire a primeira pedra — disse al-Zayyat. — Acredite em mim, Allon, estamos derrubando portas neste preciso momento, mas o Esfinge sabia que o faríamos. Ninguém no Egito sabe onde está a moça. Até duvido que o xeque Tayyib conheça os pormenores da operação. Sua melhor hipótese de encontrá-la viva morreu com Samir al-Masri. A Espada é boa em esconder pessoas.

— Alguém sabe — disse Gabriel. — Alguém tem de saber.

— O Esfinge sabe. Encontre o Esfinge e encontrará a moça.

— O egípcio pousou a mão na alça da pasta.

— Então, ganhei meus cinquenta mil?

— Quero tudo o que souber sobre a Espada de Alá — exigiu

Gabriel. — Histórico, listas de membros, organizações de fachada conhecidas na Europa. Nomes, endereços, números de telefone.

— Está no porta-malas do carro — retorquiu o egípcio. — Mas tem um preço.

Gabriel suspirou.

— Quanto, Wazir?

— Mais cinquenta mil.

— Não tenho cinquenta mil comigo.

O egípcio sorriu.

— Aceito uma carta de crédito — disse. — Sei que posso confiar em sua palavra.

A Samsonite que Wazir al-Zayyat retirou do bagageiro do Volkswagen alugado continha o sangue vital de uma das organizações terroristas mais violentas do mundo e, por isso, cinquenta mil era uma pechincha. Quando o egípcio foi embora, Gabriel abriu uma lista de elementos conhecidos da Espada e começou a ler. Cinco minutos mais tarde deparou-se com um nome familiar. Localizou uma fotocópia do arquivo correspondente e examinou a fotografia. Era antiga e de baixa qualidade; mesmo assim, Gabriel teve certeza de que era o mesmo homem que encontrara uma semana antes em Amsterdã. *Sou a pessoa que procura nos arquivos de Solomon Rosner, dissera-lhe o homem naquela noite. E estou aqui para ajudá-lo.*

PARIS: 3H45, SEXTA-FEIRA

A batida na porta foi cautelosa e contida. O Dr. Yusuf Ramadan, professor de História do Oriente Próximo da Universidade Americana no Cairo, levantou os olhos do trabalho e viu uma mulher em seu gabinete. Como todas as funcionárias do Instituto de Estudos Islâmicos, usava um véu. Ainda assim, o professor desviou o olhar quando ela falou.

— Peço desculpas por interrompê-lo, professor, mas se não se importar vou andando.

— Claro, Atifah.

— Quer que lhe traga alguma coisa antes de ir embora? Um chá, talvez?

— Já bebi demais. — Deu uma olhadela ao relógio. — Na verdade, eu próprio vou sair daqui a pouco. Vou tomar um café com um colega da Sorbonne às quatro e meia.

— Não se esqueça do guarda-chuva. Ainda está chovendo.

— Está chovendo há cinco dias.

— Bem-vindo a Paris. A paz esteja com você, professor Ramadan.

— E com você, Atifah.

A mulher saiu do escritório e fechou a porta em silêncio. Passou mais dez minutos digitando no laptop, depois colocou-o na pasta com os arquivos de pesquisa e se levantou. Era esguio e tinha barba, cabelo encaracolado rareando, suaves olhos castanhos e as belas feições muitas vezes associadas à aristocracia egípcia. Não era de linhagem aristocrática. Na verdade, o homem agora considerado um dos intelectuais e escritores mais influentes do Egito era filho de um funcionário dos correios numa aldeia pobre na periferia do oásis Fayoum. Brilhante, carismático e político moderado assumido, pedira licença na universidade dezoito meses antes e fora contratado como professor convidado, passando a residir no instituto. O objetivo ostensivo da sua estada em Paris era completar sua obra-prima, um reexame crítico das Cruzadas que prometia ser o padrão pelo qual todos os livros futuros sobre o assunto seriam medidos. Quando não estava escrevendo, o professor Ramadan podia ser visto com frequência na sala de conferências da Sorbonne, ou na televisão francesa, ou mesmo nos corredores do poder executivo. Totalmente aceito pela elite intelectual e a mídia de Paris, suas opiniões eram cobiçadas em questões que iam do conflito Israel-Palestina à ocupação americana do Iraque e, claro, o flagelo do terrorismo islâmico, um

tema com o qual estava intimamente familiarizado.

Dirigiu-se à janela estreita e olhou para a avenida de la Chapelle. Escura e úmida, chuva fina e indiferente: Paris no inverno. Muitos dias haviam se passado desde a última aparição do sol e mesmo então, apenas uma olhada furtiva atrás de um cobertor de nuvens. Ramadan ansiava por regressar ao Cairo. O rugido do trânsito, os cheiros ao mesmo tempo pútridos e mágicos, a música de mil muezzins, o beijo do vento do deserto à noite... Há seis meses não ia lá. Em breve, pensou. Em breve chegaria ao fim e poderia voltar a casa. E se as coisas corressem de acordo com os planos, o país ao qual regressaria seria muito diferente do que deixara. Era estranho pensar que tudo tinha sido posto em movimento ali, na desoladora Paris, a partir de seu minúsculo escritório no décimo oitavo arrondissement.

Vestiu o sobretudo, colocou o chapéu, pegou a pasta e o guarda-chuva e saiu para o corredor. Ao passar pela sala dos professores, viu vários colegas reunidos em volta da televisão, vendo um comunicado do comissário da Met londrina. Mahmoud Aburish, o gorducho diretor do instituto que lembrava uma coruja, fez sinal a Ramadan para que se juntasse a eles. O professor se aproximou e olhou para a tela.

— O que ele está dizendo?

— Ainda nem uma palavra dos sequestradores — disse Aburish. — Nem pista do paradeiro da mulher.

— Acreditam nele?

— Os ingleses são muito bons, mas a julgar pela expressão do homem, não têm trunfo nenhuns na manga. — Aburish olhara Ramadan através dos óculos manchados. — Você é que é o especialista nesse assunto, Yusuf. Quem você acha que sequestrou a mulher? E que diabos eles querem?

— Suponho que saberemos em breve... — respondeu.

— Como vai o texto?

— Andando, Mahmoud, só que não tão depressa como eu queria. Na verdade, vou tomar um drinque com meu editor francês daqui a alguns minutos para avisar que não vou poder entregar o manuscrito a tempo. Não vai ficar nada satisfeito. Nem os editores da Grã-Bretanha e da América.

— Há alguma coisa que o instituto possa fazer?

— Fizeram mais do que imaginam, Mahmoud.

Aburish olhou para a televisão quando Dame Eleanor McKen, diretora-geral do MI5, surgiu perante as câmeras. Yusuf Ramadan, o homem conhecido pelos serviços de segurança egípcios como Esfinge, deslizou silenciosamente para fora da sala e desceu as escadas.

Embora Yusuf Ramadan tivesse estado longe de ser sincero em seu breve encontro com Mahmoud Aburish, disse a verdade sobre uma

coisa. Ia, de fato, tomar uma bebida com seu editor francês naquela tarde — no Fouquet, nos Champs Elisées, para ser exato — mas só às cinco horas. Tinha outro compromisso antes, no Quai de Montebello, na margem do Sena oposta a Notre-Dame. O homem que o aguardava ali era alto e forte, envergando sobretudo escuro de caxemira e lenço de seda no pescoço. Seu verdadeiro nome era Nidal Mutawalli, embora Ramadan se referisse a ele apenas como Abu Musa. Assim como Ramadan, era do oásis Fayoum. Tinham crescido juntos, frequentado a escola juntos e depois seguido caminhos separados — Ramadan para o mundo dos livros e Abu Masa para o mundo das finanças e do dinheiro. A jihad e o ódio ao regime egípcio e a seus aliados americanos os reaproximara. Era Abu Musa, amigo de infância de Yusuf Ramadan, que permitia que sua identidade permanecesse um segredo para a segurança egípcia. Eram, literalmente, dois dos homens mais perigosos da face da terra.

Um ligeiro chuvisco atravessava a luz dos postes ao longo das margens do Sena, caindo como lágrimas sobre os plásticos que forravam as barracas dos bouquinistes. Ramadan aproximou-se de uma delas e folheou um volume já gasto de Tchekhov. Abu Musa reuniu-se a ele um instante depois e pegou um exemplar do *L'Étranger*, de Camus.

— Já leu? — perguntou Abu Musa.

— Claro — respondeu Ramadan. — Tenho certeza de que vai gostar.

Ramadan avançou para a banca de livros seguinte. Abu foi novamente ter com ele um momento depois, e mais uma vez disseram algumas palavras aparentemente inofensivas. Isto continuou durante os dez minutos seguintes, enquanto avançavam juntos, Ramadan na frente seguindo a fila de livreiros, Abu um pouco atrás.

Sempre gostei da poesia de Dryden...

Vi esta peça da última vez que estive em Londres...

O DVD foi gravado e está pronto para ser entregue.

Estamos prontos para dar o telefonema à sua ordem.

Ramadan pegou um exemplar de Hemingway e levantou-o para que Abu Musa o visse.

— Este sempre foi um dos meus preferidos — disse. — deixe que te ofereça.

Entregou ao livreiro uma nota de cinco euros e, após rabiscar algo na folha de rosto do livro, entregou-o a Abu Musa, com a mão no coração. Separaram-se um momento depois, quando Emmanuel, o sino de treze toneladas da torre Notre-Dame, assinalou as cinco horas. Abu Musa desapareceu nas ruas do Quartier Latin; Yusuf Ramadan atravessou para o outro lado do rio e percorreu os jardins das Tuileries pensando na pergunta que Aburish fizera naquela tarde. *Quem você*

acha que sequestrou a moça? O que diabos eles querem? Devido ao encontro que acabara de ter à vista de todos nas margens do Sena, os americanos logo teriam as respostas. Se eles informassem ao resto do mundo não era problema seu — pelo menos, não ainda.

Caminhou mais um tempo pelos jardins, atento a sinais de estar sendo seguido e pensando no encontro com seu editor. Precisava inventar uma explicação adequada para seu livro agora irremediavelmente atrasado. Pensaria em alguma coisa.

Esfinge era um mentiroso verdadeiramente extraordinário.

17

EMBAIXADA DOS EUA, LONDRES SEXTA-FEIRA

Havia um telefone no centro de operações que jamais era usado para fazer chamadas. Estava conectado ao aparelho de gravação digital e ligado à rede de chamadas da Met. O aparelho, vermelho, tinha o volume de toque no máximo. Só uma pessoa podia mexer nele: o agente especial de Supervisão John O'Donnell, chefe do Grupo de Resposta a Incidentes Críticos do FBI e negociador de reféns do Departamento.

O telefone tocou quarenta e sete vezes desde o sequestro de Elizabeth Halton. Até o momento, nenhuma ligação foi considerada crível nem por O'Donnell nem por seus colegas da Met, embora as exigências de alguns autores dos telefonemas tivessem proporcionado breves interlúdios naqueles dias escuros. Um deles disse que libertaria Elizabeth em troca de cem mil libras inglesas. O'Donnell concordou e o homem foi preso naquela noite, no estacionamento de um bar em West Sussex. Outro exigiu um encontro com atriz americana famosa de talento questionável. Um terceiro disse que libertaria a prisioneira em troca de ingressos para o jogo de futebol Arsenal-Chelsea no fim de semana. Mais um telefonou porque estava deprimido e precisava de alguém com quem falar. O'Donnell conversou com ele durante cinco minutos até que fosse localizado, desejando-lhe boa noite no momento em que a Scotland Yard chegava para prendê-lo.

O telefonema que chegou ao painel telefônico principal da embaixada pouco depois das 18 horas foi diferente desde início. A voz era masculina e disfarçada eletronicamente, a primeira pessoa a utilizar tal artifício.

— Tenho informações sobre Elizabeth Halton — disse calmamente à telefonista. — Transfira-me ao indivíduo adequado, por favor. Se levar mais de cinco segundos, eu desligo e ela morre. Compreendeu?

A telefonista deixou bem claro que compreendia e

educadamente pediu à pessoa que aguardasse. Dois segundos mais tarde, o telefone de O'Donnell tocou no centro de operações. Pegou o receptor vermelho e levou-o rapidamente ao ouvido.

— Fala John O'Donnell do Federal Bureau of Investigation — disse, em tom agressivo. — Posso ajudá-lo?

— A praia em Beacon Point — disse a voz eletronicamente alterada. — Procure debaixo do barco a remo virado. Este será nosso primeiro e único contato.

E a linha ficou muda.

O'Donnell desligou o telefone e ouviu novamente a chamada no gravador, depois pegou o receptor de uma linha separada que ligava diretamente à Scotland Yard.

— Parece autêntico — opinou O'Donnell.

— Concordo — disse o agente da Met do outro lado da linha.

— Localizou-o?

— Foi feita com um celular. Algo me diz que não vamos apanhá-lo. Parecia um verdadeiro profissional.

— Onde é Beacon Point?

— Na costa sul, uns dezesseis quilômetros a leste de Plymouth.

— A que distância do centro de Londres?

— Uns duzentos e quarenta quilômetros.

— Quero estar lá para a recuperação... qualquer que seja.

— A Royal Navy teve a gentileza de deixar um Sea King no porto de Londres exatamente para este tipo de situação.

— Onde é o heliporto?

— Na margem sul do Tamisa, entre as pontes de Battersea e de Wandsworth.

— Diga-lhes que liguem os motores. Pode me uma carona para atravessar a cidade?

— Terei dois carros-patrolha na porta da embaixada em dois minutos.

— Mande-os para Upper Brook Street — aconselhou O'Donnell.

— Ali não há jornalistas.

— Certo.

O voo até a costa sul durou noventa minutos e foi bem desagradável devido aos ventos altos que rodopiavam à frente de uma forte tempestade atlântica. Enquanto o Sea King descia em direção a Beacon Point, O'Donnell olhou pela janela e viu luzes brilhando na pequena praia e luzes azuis da polícia piscando ao longo das estradas que ligavam as aldeias de Kingston, Houghton e Ringmore. O local de descida era uma pequena área de charneca atrás da praia. O'Donnell foi recebido pelo oficial responsável, um subchefe de polícia de Devon-Cornwall convenientemente chamado Blunt [*brusco*]. Informou rapidamente o agente sobre a situação enquanto percorriam um

caminho arenoso até a praia.

— Concluímos que a praia e os terrenos em volta estavam livres de bombas ou qualquer outro armamento — disse. — Há cerca de vinte minutos usamos um robô de controle remoto para espiar embaixo do barco.

— Tem alguma coisa lá? — perguntou O'Donnell.

— Nada que conseguíssemos ver com a câmera, mas é possível que haja algo enterrada embaixo dele. Decidimos esperar até que você chegasse para virar o barco.

Saíram das dunas e pararam a vinte metros do barco. Um bote de dois metros e meio, a tinta branca se desprendendo, estava rodeado por meia dúzia de policiais com trajes e visores antiexplosão. Com um aceno de cabeça Blunt incitou-os à ação e daí a pouco o bote estava desvirado. Preso com fita-adesiva ao banco da popa estava um DVD numa caixa de plástico transparente. Blunt foi buscá-lo e entregou-o de imediato a O'Donnell, que o levou para o helicóptero e o inseriu em seu laptop. À medida que a imagem ganhava vida na tela, O'Donnell praguejou baixinho e olhou para o agente da polícia britânica.

— Preciso que me faça um favor.

— O que quiser — disse Blunt, em tom sério.

— Diga a seus homens que foi apenas uma pegadinha. Peça desculpas pelo incômodo e agradeça em nome do povo americano e do embaixador Halton pelo ótimo trabalho esta noite.

— Receio não estar compreendendo, Mr. O'Donnell.

O'Donnell olhou para a tela.

— Este DVD não existe. Entende agora?

Blunt fez que sim. Entendia perfeitamente.

18

BASE AÉREA DE ANDREWS: 7H12, SÁBADO

O pequeno Gulfstream V aterrissou na Base Aérea de Andrews nos arredores de Washington e deslizou até um hangar seguro de chão liso como mármore polido. Gabriel desceu as escadas, mala Samsonite na mão, e dirigiu-se a um carro com placa da Virgínia que o aguardava. Os dois homens da segurança da CIA no interior nada disseram enquanto ele jogava a mala no banco de trás e embarcava. Gabriel estava habituado àquele comportamento dos americanos. Eram treinados pela contraespionagem para acreditar que todos os agentes do Escritório viam em cada encontro com elementos da Agência, por mais prosaico, uma oportunidade de colher informações. Sentiu-se tentado a fazer duas perguntas impróprias, só para manter o

mito vivo. Mas só perguntou para onde o levavam.

— Para a sede — respondeu o homem no banco do passageiro.

— Não quero ir à sede.

— Entrará incógnito. Ninguém saberá que está lá.

— Por que não podemos nos encontrar numa casa segura, como sempre fazemos?

— Seu contato não tem tempo para sair do edifício hoje, tenho certeza de que compreende.

Gabriel estava prestes a objetar novamente, mas deteve-se. Sua fotografia aparecera duas vezes nos jornais, a primeira pela operação no Vaticano, a segunda no sequestro de Elizabeth Halton. Aparecer pela primeira vez em Langley não parecia fazer muita diferença, em comparação. Se Shamron e o primeiro-ministro conseguissem o que pretendiam, não seria a última vez.

Havia pouco trânsito na estrada àquela hora de sábado, e demoraram apenas trinta minutos no trajeto de Andrews aos bosques de Langley. Após breve parada na intensamente fortificada portaria para verificação de credenciais, subiram o longo e imaculado acesso ao OHB, o Original Headquarters Building, a sede. Como Gabriel estava “incógnito”, deixaram para trás a entrada principal e desceram para um estacionamento subterrâneo. Um dos seguranças ajudou Gabriel com a Samsonite; outro mostrou o caminho até um elevador seguro. Foi introduzido um cartão-chave, teclaram-se botões e, um instante depois, estava subindo rapidamente ao sexto andar. Quando as portas se abriram, dois outros seguranças estavam à espera no hall, armas visíveis sob os paletós. Gabriel foi escoltado por um corredor atapetado até uma porta segura, além da qual existia um conjunto de salas espaçosas ocupadas pelos agentes secretos mais poderosos do mundo. O homem de pé na antessala, envergando calça de flanela cinza e camisa de algodão amarrotada, parecia ter entrado ali por engano.

— Como foi o voo? — perguntou Adrian Carter.

— Você tem um excelente avião.

Cumprimentou Gabriel calorosamente e olhou para a mala.

— Está pensando em ficar muito tempo, ou apenas um dia ou dois?

— O tempo que for bem-vindo — respondeu Gabriel.

— Espero que tenha trazido mais do que camisas limpas.

— Trouxe, sim.

Carter exibiu um sorriso cansado e, sem dizer uma palavra, conduziu Gabriel a sua sala.

Gabriel aceitou café e sentou-se no sofá. Carter pegou um controle remoto e apontou-o para painel de telas. A imagem de Elizabeth Halton surgiu imediatamente num dos monitores. Estava

sentada no chão de uma sala impessoal, vestida com a mesma roupa do sequestro no Hyde Park. Segurava um exemplar do *Times* cuja manchete era seu próprio sequestro. Atrás dela estavam quatro homens em macacões e máscaras pretas, faixas verdes na cabeça com espadas cruzadas e luvas em quarto crescente. O indivíduo diretamente atrás de Elizabeth tinha uma faca enorme em uma das mãos e uma folha de papel na outra. Lia uma declaração em árabe com sotaque egípcio.

— Imagino que não necessite de tradução — disse Carter.

Gabriel, que escutava atentamente, abanou a cabeça.

— Ele diz que é da Espada de Alá. Diz que querem que vocês libertem o xeque Abdullah Abdul-Razzaq da prisão e o devolvam ao Egito às seis da tarde, hora de Londres, na próxima sexta-feira. Se não obedecerem, a filha do embaixador morrerá. Não haverá prorrogações, negociações ou outros contatos. Se houver alguma tentativa de resgate, Elizabeth Halton será morta de imediato.

A imagem transformou-se em estática. Carter desligou e olhou para Gabriel.

— Não parece surpreso.

— Soube da ligação da Espada de Alá ontem. É por isso que estou aqui.

— Como descobriu?

— Fontes e métodos, Adrian. Fontes e métodos.

— Vamos... — pediu Carter, com suavidade. — Está em jogo a vida de uma mulher. Não é hora de ser territorial.

— Só porque tecnicamente estamos em paz com o Egito não significa que não os espionamos. Temos que saber se o regime vai aguentar ou cair. Temos que saber se estamos perto de uma república islâmica hostil armada pelo poderio americano. E nem sempre recebemos as informações necessárias dos nossos amigos de Langley.

— Imagino que seu espião seja da SSI.

Gabriel soltou um suspiro de resignação. — Nosso espião está no ramo de manter vivos Mubarak e seu regime.

Carter tomou a resposta como confirmação.

— Como é que gastamos mais de cinquenta bilhões de dólares para apoiar esse regime e vocês descobrem a ligação da Espada antes de nós?

— Porque somos melhores do que vocês, Adrian, sobretudo no Oriente Médio. Sempre fomos melhores e sempre seremos. Vocês têm sua inquestionável força militar e o poder de sua economia, mas nós temos um medo incômodo de não sobreviver. Medo é uma motivação muito mais poderosa que dinheiro.

Com ar pensativo, Carter pôs o controle remoto na mesa e sentou-se.

— Quando conseguiu o vídeo? — perguntou Gabriel.

Carter contou.

— A notícia já chegou à mídia inglesa?

— Ainda não — respondeu Carter. — E Deus queira que não chegue, pelo menos já. Gostaríamos de garantir o luxo de planejar nossa resposta sem a imprensa em cada passo.

— Não acho que o MI5 e a Scotland Yard guardem segredo por muito tempo. Alguém vai deixar escapar a informação, como deixaram escapar meu envolvimento e minha detenção.

— Não seja excessivamente duro com Graham Seymour — pediu Carter. — Nós precisamos dele e vocês também. Nós, irmãos de mundo secreto, não nos queimamos em público em horas como esta. Unimo-nos e lambemos nossas feridas. Tem que ser assim. Os bárbaros estão nos portões.

— Os bárbaros derrubaram os portões há muito tempo, Adrian. Estão entre nós devorando nossas crianças. — Gabriel bebericou o café. — Qual é a situação do presidente?

— Não a desejo a meu pior inimigo — disse Carter. — Como sabe, ele é um homem religioso e leva muito a sério suas responsabilidades como padrinho de Elizabeth. Posto isso, sabe que se cumprir as exigências dos sequestradores nenhum diplomata americano, em lugar algum do mundo, voltará a estar em segurança. Também sabe que se permitir que o xeque volte ao Egito o governo de Mubarak ficará em situação bem precária. Apesar de todos os problemas o Egito continua a ser o país mais importante do mundo árabe. Se se tornar Estado islâmico isso terá um efeito propagador desastroso para toda a região. Desastroso para meu país e para o seu. Isso significa que Elizabeth Dalton morrerá em uma semana, a menos que consigamos encontrá-la e libertá-la primeiro.

Carter aproximou-se da janela e olhou as árvores despidas ao longo do rio.

— Já esteve numa situação assim, Gabriel? O que você faria se fosse o presidente?

— Diria ao maior e mais malvado dos meus filhos da mãe para fazer o que for preciso para encontrá-la.

— E se não conseguirmos? Fazemos um acordo e salvamos nossa criança das garras dos bárbaros?

Gabriel deixou a pergunta por responder. Carter olhou silenciosamente pela janela.

— Meu médico diz que o stress deste emprego me faz mal ao coração. Diz que preciso fazer mais exercício. Vamos dar um passeio, Gabriel. Vai nos fazer bem.

— A temperatura está negativa lá fora.

— O ar frio faz bem — insistiu Carter. — Clareia os

pensamentos. Enrijece a determinação para as tarefas árduas a serem feitas.

Esgueiraram-se do OHB por uma saída lateral e começaram a caminhar ao longo de uma trilha pavimentado paralela às árvores, com vista para o rio. Carter vestia grosso casaco e chapéu de lã. Gabriel só tinha o blusão de couro que levava para Chipre na manhã anterior e, passados alguns instantes, estava dormente devido ao frio.

— Pronto — disse Carter. — Agora ninguém está ouvindo. Como soube que atacariam em Londres?

— Ninguém está ouvindo? — Gabriel olhou para as árvores em volta. — Este lugar é infestado de câmeras, sensores de movimento, microfones ocultos...

— Isso é verdade — admitiu Carter. — Mas seja como for, responda à pergunta.

Gabriel contou sobre a informação que recebera de Ibrahim Fawaz, as fotografias no apartamento de Samir al-Masri e as linhas no bloco de notas que identificara corretamente como um esboço do Hyde Park.

— Espantoso — exclamou Carter com admiração genuína na voz. — E o que fazia o grande Gabriel Allon em Amsterdã?

— Receio que você vai ficar sem saber dessa parte da história. Carter, profissional consumado, foi em frente sem objeções.

— Ibrahim Fawaz parece exatamente o tipo de muçulmano que temos andado à procura. Um homem disposto a denunciar extremistas e terroristas de sua comunidade e sua mesquita.

— Também pensei nisso. Infelizmente, há um senão. Na pasta que trouxe comigo há uma parte substancial do dossiê do SSI sobre a Espada de Alá. Adivinha de quem é um dos dossiês?

— Sua fonte é da Espada de Alá?

Gabriel anuiu.

— Antes de deixar o Egito, o Dr. Ibrahim Fawaz foi professor de Economia da Universidade de Minya. Segundo seu histórico, foi um dos primeiros organizadores do grupo. Acabou preso após o assassinato de Sadat. O dossiê é um pouco vago em relação aos motivos, bem como à duração da detenção.

— Normalmente é assim. — disse Carter. — Por que ele deixou o Egito e foi para a Europa? E por que contou que havia uma conspiração na mesquita?

— É evidente que alguém tem que perguntar isso a ele, e é preferível mais cedo do que mais tarde. Ele me mentiu ou não me contou a história toda. Seja como for, me enganou. Está escondendo alguma coisa, Adrian.

Chegaram ao cruzamento de dois caminhos. Carter levou Gabriel para a esquerda e, juntos, atravessaram uma fileira de árvores

despidas. Carter retirou um cachimbo e uma bolsa de tabaco do sobretudo e preparou-o devagar.

— Não nos deixam mais fumar no edifício — explicou, detendo-se para acender o fumo com um elegante isqueiro de prata.

— Quem dera que aprovássemos lei semelhante.

— Consegue imaginar Shamron sem cigarros turcos? — Carter começou a andar outra vez, deixando atrás de si uma nuvem de fumaça, como uma locomotiva. — Imagino que tenhamos duas opções. Opção um: transmitimos a informação de Fawaz à polícia holandesa e deixarmos que o tragam para interrogatório, com o FBI presente, claro.

— Opção número dois?

— Vamos buscá-lo para uma conversa oficiosa, num lugar onde as regras habituais de interrogatório não se apliquem.

— Sabe qual a opção que eu escolheria.

— Ainda bem que pensa assim — disse Carter. — Acho que devia ir a Amsterdã e supervisionar pessoalmente a operação.

— Eu? — Gabriel abanou a cabeça. — Receio que meu papel neste caso tenha chegado oficialmente ao fim. Além disso, não é como se a CIA não tivesse experiência neste tipo de operações.

— De fato temos — reconheceu Carter. — Infelizmente nos saímos mal numas quantas, sob minha supervisão, me envergonho de confessar. Os europeus já não estão dispostos a fechar os olhos para nossas atividades extralegais no território deles, e nossos operacionais disfarçados têm tanto medo de processo em casa e no estrangeiro que já não entram em missões delicadas sem antes consultar um advogado. O nosso intrépido diretor está com o dedo firme no alto e detetou que, no momento, o vento não está mais pelas costas. Os dias em que andávamos pelo Oriente Médio quebrando leis e membros a nosso bel prazer acabaram. As portas das prisões secretas estão fechadas e não mais entregamos nossos inimigos nas mãos de homens que imaginam usos românticos para mangueiras de borracha e agulhões de gado. Pusemos de lado as soqueiras. Somos de novo um clube para cavalheiros de Princeton e Yale, mas é assim que deve ser.

— Gostamos de manter nossos cavalheiros de Princeton confinados no Boulevard King Saul, onde não podem se meter em encrenca.

Carter caminhou em silêncio por um instante, olhos no chão. — Há muito tempo que nos preparávamos para uma coisa destas. Nossos irmãos do FBI são responsáveis pelo resgate de reféns num cenário como este. Estamos reunindo informações, claro, fazendo ligações com todos os serviços aliados na Europa e no Oriente Médio. Consideraríamos você e sua equipe como um elemento incógnito do nosso esforço multinacional mais abrangente. Com efeito, seriam um

subcontrato da Agência. É pouco convencional, mas tendo em conta nossa associação no passado, acho que podemos fazer com que funcione.

— Precisaria da aprovação do primeiro-ministro — hesitou Gabriel. — E, claro, Shamron teria que assinar embaixo.

— Vou preparar uma ligação segura para Jerusalém da minha sala. Prometo que ninguém vai ouvir.

— Telefone da nossa embaixada, se você não se importa.

— Como queira. — Carter deteve-se e bateu o cachimbo contra um tronco de árvore. — Por acaso sua fonte disse quem pode estar por trás disso?

Gabriel respondeu à pergunta. Carter assentiu e colocou mais tabaco no cachimbo.

— Sabemos tudo sobre o Esfinge — disse. — Aachamos que foi ele quem planejou o ataque aos turistas nas Pirâmides há três anos, quando morreram dezessete americanos. Também achamos que seja o responsável pelo assassinato de dois diplomatas nossos no Cairo. A propósito, um deles era da CIA. Há uma estrela em honra dele na parede do hall principal. Temo que Esfinge tenha certa reputação quando lida com quem prende ou mata elementos da Espada. Graças a seus esforços em Londres, pode ter certeza de que você encabeça a lista de alvos a abater. Quando voltar a entrar em ação tem que ter muito cuidado.

— Imagino que você tenha falado no vídeo com os egípcios.

— Sentimos que não tínhamos escolha — replicou Carter. — Garantiram apoio total e também deixaram claro que ceder às exigências da Espada seria uma ideia muito má. O ministro do exterior egípcio vem hoje em segredo para Washington, para reforçar essa questão com o secretário de Estado e o presidente. Traz uma equipe do Ministério do Interior e representantes de todos os serviços secretos e de segurança egípcios. Estamos adicionando elementos egípcios ao nosso grupo de trabalho aqui e em Londres.

— Certifique-se de que ninguém mencione nossa pequena operação incógnita na frente deles. Os islâmicos penetraram todos os níveis da sociedade e do Governo egípcios, incluindo os serviços de segurança. Pode ter certeza de que Esfinge tem contatos no SIS.

— Sua operação não existe e ninguém ficará sabendo dela a não ser eu.

Carter olhou para o relógio. — Quanto tempo para entrar em ação em Amsterdã?

— Tenho um homem lá que pode começar a vigiar o alvo imediatamente.

— Um homem? Espero que seja bom.

— É.

— E o resto de sua equipe?
— Quarenta e oito horas.
— Isso nos deixa com apenas cinco dias de prazo — lembrou Carter. — Leve meu avião de volta ao Ben-Gurion. Isso vai poupar algumas horas essenciais. Vai precisar de alguém da Agência em sua equipe, para coordenar atividades ao esforço maior. Ou podemos tropeçar uns nos outros em ação.
— Não quero ninguém da CIA na minha equipe. Só vai atrapalhar. Além disso, imagino que venhamos a fazer coisas que a lei americana proíba. Não posso permitir que parem de cinco em cinco minutos para consultar o advogado em Washington.
— Receio ter que insistir.
— Muito bem, Adrian, vamos deixar que você venha conosco.
— Nada me faria mais feliz, mas deixar a sede não é uma opção, pelo menos neste momento. Mas tenho em mente outro candidato, uma pessoa que tem experiência de campo e foi forjada no fogo. Você a treinou.
Gabriel parou de andar. — Não pode estar falando sério.
— Estou falando muito sério.
— Onde ela está?
— Na seção saudita do Centro de Contraterrorismo.
— Quando estará pronta para partir?
— Vou dar um telefonema e ela é sua.

19

AO LARGO DE LE HAVRE, FRANÇA: 16H49, SÁBADO

As luzes da costa francesa trespassavam a escuridão ao largo da proa do ferry Portsmouth-Le Havre. O homem sentado perto das vigias do salão superior olhou para o relógio. Faltavam trinta quilômetros da travessia de cinco horas. Fez sinal à garçonete e, com breve gesto da mão, pediu outra Carlsberg, a quarta da viagem. A mulher a trouxe num instante e colocou-a na mesa de modo sugestivo. Tinha cabelo louro platinado e piercing no lábio inferior. O crachá do nome dizia CHRISTINE. O homem olhou-a diretamente, como os infiéis sempre olham suas mulheres, e deixou o olhar vaguear pelos seios.

— Você tem nome? — perguntou ela.
— Thomas — foi a resposta. Não era o seu nome verdadeiro. Era emprestado, como a carteira de habilitação e o passaporte britânico. O sotaque de Yorkshire era verdadeiro. Era um rapaz de Yorkshire, nascido e criado — Posso estar enganada, Thomas, mas acho que tem uma admiradora.
— Sério? Quem?

A garçonete olhou para o outro lado do salão. Numa mesa perto da janela oposta estava uma mulher pequena, na metade dos vinte, cabelo escuro curto e olhos pretos tempestuosos. Vestia jeans apertado e um pulôver também justo, bordado com a palavra OUI.

— Olha para você desde que saímos de Portsmouth — disse a garçonete. — Na verdade, não tirou os olhos.

— Não faz meu tipo.

— E qual é seu tipo?

Recordou as palavras finais das instruções do controlador. *Faça o que fizer, não fique sozinho parecendo um terrorista. Converse. Ofereça uma bebida a alguém. Flerte com uma garota, se houver garota com quem flertar.*

— Gosto de garotas chamadas Christine que servem bebidas nos barcos do Canal.

— Não me diga. — Sorriu. Ele sentiu o estômago dar voltas de raiva.

— Quando volta à Inglaterra? — perguntou ela.

— Amanhã ao meio-dia.

— Que coincidência. Volto no mesmo barco. Espero vê-lo.

— Bebo a isso.

A garçonete voltou ao bar. O homem com a pronúncia de Yorkshire levou a cerveja aos lábios e, antes de beber um gole, implorou perdão a Alá. Nos últimos dias fizera outras coisas pelas quais pedira perdão a Alá. Fizera a barba pela primeira vez desde a adolescência e pintara de louro o cabelo escuro para se parecer mais com um europeu nativo. Comeu salsicha de porco num restaurante à beira da estrada na Inglaterra e falara com muitas mulheres de rosto descoberto. No entanto, não procurava absolvição por seu papel no sequestro da americana. O pai dela servia o regime dos cruzados — um regime que oprimia os muçulmanos de todo o mundo, um regime que apoiava Israel enquanto os palestinos sofriam, um regime que apoiava um assassino apóstata como Hosni Mubarak, que enriquecera enquanto o povo egípcio mergulhava cada vez mais na pobreza e no desespero a cada dia. A americana não passava de um instrumento para garantir a libertação do xeque Abdullah da prisão cruzada, uma vaca infiel que podia ser levada para o mercado e, se necessário, chacinada sem misericórdia e sem receio da vingança de Alá.

Uma voz se fez ouvir pelos alto-falantes do barco. Era o capitão que informava aos passageiros que o ferry atracaria em breve.

O homem no bar terminou a cerveja e desceu um lance de escadas até o convés de veículos. A van prateada LDV Maxus estava estacionada na coluna central, a três filas da popa. Abriu as portas dos fundos e olhou a área de carga escura. Lá estavam várias dezenas de caixas grandes cujo conteúdo era identificado como porcelana de um

fabricante de Yorkshire. O carregamento, devidamente documentado, tinha como destino uma loja exclusiva na cidade francesa de Estrasburgo — um estabelecimento que por acaso pertencia a um egípcio com ligações fortes com a Espada de Alá. Vários caixotes tinham sido abertos pela polícia britânica no terminal de Portsmouth, presumivelmente na esperança de localizar a americana desaparecida. A busca nada revelara, a não ser porcelana de Yorkshire.

O homem fechou as portas, foi para a frente e se sentou ao volante. A garota de cabelos escuros do bar estava sentada no banco do passageiro, o pulôver justo coberto por pesado blusão de couro.

— Parece que gostou de flertar com aquela vaca — acusou a moça.

— Só queria dar uns tabefes na cara.

— Não há dúvida de que ela vai se lembrar de você — disse. — Na verdade, vai lembrar de nós dois.

O homem sorriu. O objetivo era esse.

Cinco minutos depois, o ferry atracou em Le Havre. Um homem de cabelo louro e sotaque de Yorkshire dirigiu a van em solo francês e rumou para Rennes.

BASE AÉREA DE ANDREWS: 14H17, SÁBADO

— Afinal, de quem foi esta ideia brilhante? — perguntou Sarah Bancroft. — Sua ou de Adrian?

Gabriel olhou para a mulher sentada a sua frente na cabine do Gulfstream V da CIA. Tinha cabelo louro pelos ombros, pele cor de alabastro e olhos azuis como um céu limpo de verão. Vestida como agora, com pulôver de caxemira, jeans e botas de couro, era perigosamente atraente,

— Do Adrian, definitivamente.

— É claro que você recusou terminantemente a sugestão.

— Com certeza.

— E por que cedeu?

— Era você ou um brutamontes do Serviço Clandestino. Óbvio que escolhi você.

— É bom saber que somos queridos.

— Eu não queria ninguém. Adrian insistiu que houvesse alguém da Agência, e você parecia a opção menos prejudicial. Afinal de contas, eu que a treinei. Conhece nosso pessoal e sabe como trabalhamos. Sabe a diferença entre um agente *bodel* e um oficial neviot. Fala a nossa língua. — Franziu o cenho. — Bem, quase. Imagino que o fato de não saber hebraico seja uma vantagem. Ainda podemos falar de você pelas costas.

— Faço ideia do que dizem de mim.

— Pode ficar descansada, Sarah, apenas coisas elogiosas. Foi a aluna mais rápida que já vimos. Mas sabíamos que seria assim. Foi por isso que a escolhemos logo de cara.

Na verdade, Adrian Carter a escolhera. *Encontre o quadro*, dissera Carter. *Eu descubro a moça*.

O quadro que Gabriel encontrou era uma obra-prima perdida de Van Gogh chamada *Marguerite Gachet at her Dressing Table*, que após a morte do pintor sumiu na coleção particular de um advogado de Paris. Carter descobriu também uma obra-prima perdida, uma historiadora de arte poliglota de educação europeia, que trabalhava como curadora no museu Phillips Collection, em Washington, D. C. Gabriel a usou para entrar na comitiva de um bilionário saudita que financiava terroristas chamado Zizi al-Bakari, e desde então a vida dela nunca mais foi a mesma.

— Sabe, Gabriel, se não estou enganada, esse deve ter sido o primeiro elogio que me fez. Durante meu treino para a operação al-Bakari mal me dirigia a palavra, me deixou nas mãos dos instrutores e

dos outros membros de sua equipe. Por quê? Ao ser tratada com silêncio, respondeu à própria pergunta. — Talvez se sentisse obrigado a manter distância. Senão, como poderia me mandar para o campo de Zizi? Quem sabe? Talvez gostasse demais de mim.

— Meus sentimentos por você eram estritamente profissionais, Sarah.

— Não estava sugerindo outra coisa. — Ficou em silêncio por um momento. — Sabe, depois da operação, senti muita saudade. Vocês foram a primeira família de verdade que eu tive. — Hesitou, para acrescentar: — Senti saudade até de você, Gabriel.

— Quase morreu por minha causa.

— Ah, isso. — Baixou o olhar e juntou os dedos sem anéis. — A culpa não foi sua. Foi minha. Foi uma operação maravilhosa. Vou contar um segredo. A CIA não é tão boa quanto Escritório. Nossas operações são como tijolo e cimento. As suas são como... — Fez uma pausa, em busca da palavra certa. — Como arte — disse. — São como um dos quadros do seu avô.

— Meu avô era um expressionista alemão — lembrou Gabriel. — Algumas pinturas dele eram bem caóticas e violentas.

— O mesmo acontece com suas operações.

Ela reclinou a poltrona e apoiou uma bota no braço da poltrona de Gabriel. Uma imagem cruzou a memória dele: Sarah de véu negro, acorrentada à mesa de um torturador num chalé nas montanhas suíças.

— Você está olhando para mim daquele modo outra vez — disse.

— E como é esse olhar?

— O olhar que ficava quando via o Van Gogh que vendemos ao Zizi. Costumava olhar para mim e para a Marguerite Gachet da mesma maneira. Estava me avaliando. À procura de danos e abrasões. Pensando se a tela pode ser recuperada ou se está além do reparo.

— E qual é a resposta?

— A tela está ótima, Gabriel. Não precisa de trabalho nenhum. Na verdade está pronta para ser pendurada.

— Acabaram os pesadelos? Já não tem mais sessões com os psicólogos?

— Não iria tão longe. — Voltou a baixar o rosto e uma nuvem cruzou seu olhar. — Ninguém em Langley sabe melhor do que eu o que Elizabeth Halton está passando. Talvez tenha sido por isso que Adrian me escolheu para esta missão. Já foi agente, sabe o que fazer.

— Já tinha notado.

Quando o Gulfstream começou a percorrer a pista, Sarah olhou-o.

— Então, para onde vamos?

— Primeiro vamos fazer uma breve parada em Tel Aviv para reunir minha equipe. Depois vamos a Amsterdã trocar umas palavras discretas com um homem que nos ajudará a encontrar Elizabeth Halton.

— Alguém que eu conheça?

— Provavelmente não.

— Fala-me sobre ele — pediu.

Gabriel esperou que o avião levantasse voo. Depois contou tudo.

Chegaram ao Boulevard King Saul em Tel Aviv pouco depois da alvorada. Gabriel fez breve parada em Operações para recolher as primeiras foto da vigilância e os relatórios de turno obtidos em Amsterdã por Eli Lavon, e depois levou Sarah por um corredor subterrâneo até uma porta marcada 456C. Durante muitos anos a sala não passara de depósito para computadores obsoletos e mobiliário usado de escritório, sendo muitas vezes usada como retiro romântico pelo pessoal da noite. Agora era conhecida em todo o Boulevard King Saul como o Covil de Gabriel. Afixado à porta estava um aviso esmaecido numa folha de papel com sua caligrafia hebraica estilizada dizendo: COMITÊ TEMPORÁRIO PARA ESTUDO DAS AMEAÇAS TERRORISTAS NA EUROPA OCIDENTAL. O aviso fora muito útil em duas operações complicadas. Gabriel decidiu deixá-lo ficar por hora. Abriu a fechadura de combinação, depois acendeu as luzes fluorescentes e entrou. A sala estava como a deixara um ano antes. Uma das paredes estava coberta de fotos de vigilância, outra tinha o diagrama de um império financeiro global e uma terceira ostentava coleção de gravuras impressionistas. Um quadro-negro estava largado num canto, a superfície limpa com um nome escrito a giz: SARAH BANCROFT. Ela seguiu Gabriel lentamente, como se entrasse numa divisão esquecida de sua existência, e ficou olhando as imagens: Zizi al-Bakari com a filha mimada, Nadia, a seu lado; Abdul e Abdul, seus advogados de educação americana; seu Herr Wehrli, o banqueiro suíço; Sr. bin Talal, chefe de segurança; Jean-Michel, seu *personal trainer* francês e principal torturador de Sarah. Virou-se e olhou para Gabriel.

— Você planejou tudo daqui?

Gabriel anuiu lentamente. Sarah olhou em volta com os olhos semicerrados em descrença.

— Acho que esperava algo mais... — Depois acrescentou: — Algo mais impressionante.

— Isso é o Escritório, Sarah, não estamos em Langley. Gostamos de fazer as coisas à moda antiga.

— Obviamente. — Olhou para o quadro-negro escrito a giz. — Não vejo um desses desde a escola primária.

Gabriel sorriu e começou a retirar os restos da operação das paredes. Iam chegando devagar os outros agentes da equipe. Não foram necessárias apresentações, pois conhecia e adorava todos eles. O primeiro a chegar foi Yossi, intelectual alto e calvo da divisão de Pesquisa do Escritório que leu os clássicos em Oxford e ainda falava hebraico com sotaque britânico acentuado. Em seguida entrou Dina Sarid, a enciclopédia do terrorismo da Divisão de História que podia recitar data, local e número de baixas de cada atentado já cometido contra o Estado de Israel. Dez minutos depois chegou Yaakov, agente de campo endurecido no combate, integrante do Departamento de Assuntos Árabes do Shabak, seguido por Rimona, major do IDF que serviu como analista do AMAN, o serviço israelense de inteligência militar. Oded, agente de campo pau para toda obra, especializado em sequestros, chegou às oito com café da manhã para todos, e o franzino Mordecai, o homem dos eletrônicos, entrou quinze minutos depois com o ar de quem não dormira. O último a chegar foi Mikhail, pistoleiro de olhos cinzentos nascido na Rússia, que matou sozinho metade da infraestrutura terrorista do Hamas e da Jihad Islâmica Palestina. Sarah estava viva graças a Mikhail e a sua competência com uma arma. Sarah beijou-o no momento em que Gabriel ia para a frente da sala e afixava as fotos de vigilância de Lavon no quadro de informações.

— Agora que nos reencontramos — declarou —, está na hora de pôr mãos à obra. Este é o homem que vai nos levar a Elizabeth Halton. É um dos fundadores da Espada de Alá e atualmente mora em Amsterdã. Vamos fazê-lo desaparecer do mapa e depois o apertamos. Temos que trabalhar rapidamente e não podemos cometer erros.

O Escritório se orgulhava de sua capacidade de improviso em momentos de crise, mas até o orgulhoso Escritório vacilava sob a pressão das exigências de Gabriel. Instalações seguras eram a principal preocupação dele, e Assuntos Domésticos, a divisão que mantinha e adquiria as propriedades do Escritório, o oponente mais teimoso. Ao contrário de cidades como Paris, Londres e Roma, onde o Escritório tinha dezenas de locais seguros, Amsterdã não aparecia no inventário. Isso significava que teriam de rapidamente conseguir alojamento no mercado aberto, algo que Assuntos Domésticos não gostava de fazer. Às dez horas tinham alugado por seis meses um apartamento de duas quartos no canal Herengracht, e às onze garantiram uma casa flutuante luxuosa no Prinsengracht chamada *the Heleen*. Só faltava um local para interrogatório. Gabriel precisava de algo grande o bastante para abrigar toda a equipe e remota o suficiente para que sua presença passasse despercebida. Tinha uma propriedade em mente — uma casa de campo em mau estado nos arredores de Oldenburg, que haviam usado na operação Fúria de Deus — e acabou por consegui-la de

Assuntos Domésticos.

Assim que Assuntos Domésticos capitularam, o resto veio como peças de dominó em queda. Ao meio-dia, Viagens tinham preparado uma série de veículos de aluguel indetectáveis, e Identidade produzira passaportes limpos para que todos viajassem como europeus. No início a seção Bancária negou o pedido de Gabriel de uma pasta cheia de notas de baixo valor, mas à uma e meia levou dois homens e encenou o que parecia um assalto à mão armada e deixou o Banco minutos depois com uma pasta elegante repleta de dólares e mais cinquenta mil em euros bem usados.

No meio da tarde os primeiros integrantes da equipe saíram do Boulevard King Saul direto para o Ben-Gurion. Oded, Mordecai e Rimona partiram às três e meia e embarcaram para Bruxelas. Yossi, Yaakov e Dina saíram uma hora depois com destino a Frankfurt. Gabriel e Sarah foram os últimos a partir e, pouco depois das oito, ocupavam seus lugares na primeira classe do voo da noite da El Al para Paris. Enquanto os demais passageiros iam ocupando seus lugares, Gabriel telefonou a Chiara para contar que tinha estado no país, mas novamente de partida. Chiara não perguntou aonde ia. Não precisava perguntar nada.

21

IMBABA, CAIRO: 8H23, DOMINGO

A favela do Cairo conhecida como Imbaba é uma das mais desesperadamente pobres da face da terra. Situada na margem do Nilo oposta à elegante ilha de Zamalek, Imbaba é de tal forma apinhada de gente que muitas vezes seus frágeis cortiços cedem sob o peso dos inquilinos. As ruelas não asfaltadas não têm nome e vivem em escuridão perpétua. O esgoto corre a céu aberto e há pilhas de lixo por recolher. À noite, vagueiam matilhas de cães selvagens. As crianças de Imbaba vestem farrapos, bebem água das poças e têm medo de serem comidas vivas pelas ratazanas. Há pouca água corrente, apenas breves períodos de eletricidade e ainda menos esperança. Apenas o islamismo. O islamismo radical. Está escrito nas paredes em ruínas em tinta verde: O ISLAMISMO É A RESPOSTA... SÓ A ESPADA PODE NOS SALVAR...

Naquela manhã, a atmosfera em Imbaba estava mais tensa do que o habitual. A polícia antidistúrbio patrulhava as ruelas e homens da SSI à paisana vigiavam cafés e bancas de falafel. Hussein Mandali, professor da oitava série na escola de Imbaba, já vira aquilo antes. As forças de segurança estavam prestes a avançar para uma batida. Qualquer homem com barba e galabia ou qualquer mulher num niqab

seriam presos e jogados no Escorpião, a terrível instalação no complexo prisional de Torah, no Cairo, reservada a islamistas. Todo mundo, independentemente de sexo, passaria pelo menos alguns minutos na mesa de tortura. A polícia secreta do Faraó não se preocupava muito com leis ou provas. A sua tarefa era incutir medo, e fazia-o com eficiência implacável.

Hussein Mandali não tinha barba, embora usasse galabia, a única roupa que podia comprar com seu salário. O sistema educacional egípcio, como quase todo o resto no país, desmoronava. Os professores não ganhavam nada e os alunos aprendiam pouco. Por muitos anos, as vinte e cinco mil escolas públicas do país estiveram sob o controle dos islamistas. Em consequência, eram pouco mais do que fábricas que, todos os anos, cuspiam milhares de jovens empenhados na destruição do regime e de seus apoiadores no Ocidente. Hussein Mandali conhecia muito bem este fenômeno. Todos os dias ensinava aos alunos as recompensas da jihad e do martírio, e dizia que era seu dever sagrado matar americanos e judeus e derrubar seu fantoche, Hosni Mubarak. As crianças de Imbaba eram sempre recrutas voluntários. A prova da indiferença do Faraó por seu estado miserável estava ao redor.

Um grupo de policiais montou guarda no fim da rua. Observaram Mandali com ar desconfiado quando este passou por ele sem dizer palavra, começando a percorrer a cacofonia da avenida com vista para a margem oeste do Nilo. Dois minutos depois virou à esquerda em direção a uma ponte e atravessou para Zamalek. Como as coisas eram diferentes ali, pensou. Zamalek é uma ilha de privilégio rodeada por um mar de miséria, um lugar onde a grande maioria dos egípcios não tinha dinheiro suficiente para comprar um bolo ou um café. Em breve Zamalek sentiria a ira das legiões de muçulmanos oprimidos do Egito, pensou Mandali. Assim como o mundo inteiro.

Seguiu pela Rua 26 de Julho, que atravessava a ilha, depois andou um tempo pelas sossegadas ruas laterais ao norte do Gezira Sporting Club para se certificar de que não estava sendo seguido. Trinta minutos depois de deixar Imbaba aproximou-se de um alto edifício de luxo chamado Ramsés Towers. O sudanês que vigiava a entrada era da Espada de Alá. Levou Mandali ao hall de mármore e instruiu-o a que usasse as escadas de serviço para que os inquilinos não vissem um homem pobre em seu elevador dourado. Assim, Mandali estava ofegante quando chegou diante do Apartamento 2408 e bateu na porta da forma combinada: dois toques, pausa, depois três toques. A porta foi aberta segundos depois por um homem de galabia cinza-claro. Deixou Mandali entrar no hall formal e levou-o a uma sala de estar suntuosa voltada para o Nilo. Sentado no chão, de pernas cruzadas, galabia branca e solidéu de renda, estava um homem idoso

de longa barba cinzenta. Hussein Mandali beijou as mãos curtidas do ancião e sentou-se a sua frente.

— Tem notícias das ruas? — perguntou o xeque Tayyib Abdul.

— As forças de Mubarak cercaram Imbaba e começaram a infiltrar-se no distrito. Em outras partes do país, o exército e a polícia estão nos atingindo com toda a força. Fayoum, Minya, Asyut e Luxor sofreram batidas violentas. A situação é tensa. Uma fagulha e tudo pode explodir.

O xeque brincou com as contas de oração e olhou para o outro homem.

— Traga um gravador — pediu — e eu lhe darei uma fagulha.

O homem colocou o gravador aos pés do xeque e ligou-o. Uma hora depois Mandali estava de volta às ruelas de Imbaba, desta vez com uma fita escondida na meia. Ao anoitecer, o sermão estaria circulando por uma rede de mesquitas populares e células jihadistas clandestinas. Depois, tudo estaria nas mãos de Alá. Hussein Mandali tinha certeza de uma coisa. Os esgotos a céu aberto de Imbaba em breve correriam vermelhos com o sangue dos soldados do Faraó.

22

AMSTERDÃ: 9H30, SEGUNDA-FEIRA

O *Heleen* era bojudo e retangular, pintado de marrom chocolate e enfeitado de vermelho. Vasos de flores se alinhavam nas amuradas e um bote a motor estava a seu lado. O interior fora reformado fazia pouco tempo. Eletrodomésticos de aço inoxidável brilhavam na cozinha pequena mas sofisticada e o mobiliário de estilo escandinavo adornava a sala confortável. Três quadros modernos de gosto duvidoso tinham sido retirados das paredes, e no lugar estava pendurado um mapa de Amsterdã de grande escala e dezenas de fotografias de vigilância de um muçulmano já no fim da meia-idade. Um laptop com software seguro de comunicação estava em cima da mesa de vidro da sala de jantar e, à frente dele, uma pequena figura que parecia usar ao mesmo tempo toda a roupa que tinha. Gabriel rogou que apagasse o cigarro. A viagem durante a noite desde Paris deixara-o com dor de cabeça profunda.

— Se Ibrahim Fawaz é terrorista, não há dúvida de que age como cidadão pacífico, — disse Eli Lavon. — Não faz nada que possa ser interpretado como contravigilância rudimentar. Seus movimentos são previsíveis e diretos.

Gabriel olhou para o mapa de Amsterdã na parede; a rotina diária de Ibrahim era representada por grossa linha vermelha. Ia de seu apartamento na August Allebéplein ao Centro Comunitário

Islâmico de West Amsterdã, depois ao Ten Kate Market, finalmente à mesquita al-Hijrah. As horas de chegada estavam meticulosamente anotadas e corroboradas por evidências fotográficas.

— Onde? — perguntou Gabriel. — Onde devemos pegá-lo?

Livon levantou-se e aproximou-se do mapa.

— Na minha sábia opinião, só há um lugar adequado. Aqui... — tocou o mapa duas vezes com o grosso indicador. — No fim da Jan Hazenstraat. Ele passa por aqui a caminho de casa, depois das orações vespertinas na mesquita. É razoavelmente calmo para Amsterdã, e se pudermos apagar as luzes da rua ele nem vai nos notar. — Virou-se e olhou para Gabriel. — Para quando você está pensando?

A resposta veio da cozinha, onde Sarah fazia café.

— Hoje à noite — respondeu ela. — Não temos outra saída a não ser pegá-lo esta noite e começar o interrogatório.

— Hoje à noite? — Lavon olhou para Gabriel e lançou-lhe um sorriso incrédulo. — Há um ano eu estava ensinando esta criança a andar na rua como profissional e agora ela me diz que eu tenho que sequestrar um homem numa cidade europeia densamente populosa depois de vigiá-lo por menos de quarenta e oito horas.

— Infelizmente, a criança tem razão, Eli. Temos que agir hoje à noite e avançar.

Lavon voltou a sentar-se e cruzou os braços.

— Lembra de quanto tempo vigiei Zwaiter em Roma antes de sequer começarmos a falar em como matá-lo? Três semanas. E isso era para um assassinato, não para um sequestro. E sabe o que Shamron diz sempre sobre operações de sequestro.

— Diz que é muito mais fácil deixar um homem morto na calçada do que levar um vivo para um carro de fuga. — Gabriel sorriu. — Shamron *tem* mesmo jeito para as palavras, não tem?

Sarah levou o bule de café para a mesa e sentou-se ao lado de Gabriel. Lavon acendeu um cigarro e, frustrado, exalou uma nuvem de fumaça em direção ao teto.

— A polícia desta cidade está em alerta máximo por causa das ligações entre a célula de Amsterdã e o atentado em Londres — disse. — Temos que vigiar Ibrahim pelo menos mais uma semana. Temos que planejar uma rota de fuga principal, uma rota de fuga secundária e uma salvaguarda para a rota de fuga secundária. Temos de pôr a área de sequestro sob vigilância vinte e quatro horas por dia, para ter certeza de que não haverá surpresa na noite da operação. Esqueci de alguma coisa?

— As simulações — lembrou Gabriel. — Devíamos fazer pelo menos três simulações. E num mundo perfeito faríamos todas essas coisas. Mas no mundo real, Elizabeth Halton tem menos de cinco dias de vida. Vamos nos preparar o melhor possível, mas o pegamos hoje à

noite.

— E rezem para que não acabemos todos na cadeia, o que acontecerá se cometermos um erro. — Lavon olhou para o relógio com ar desanimado. — Vamos dar um passeio pelo West Oud. Quem sabe? Pode ser nossa última oportunidade por um bom tempo.

O movimentado mercado de rua que se estendia por quarteirões ao longo da Ten Kate Straat refletia as mudanças demográficas no bairro Oud West de Amsterdã. Havia tâmaras e lentilhas, barris cheios de azeitona e grão-de-bico, bancas de shawarma e falafel e três diferentes açougues *halal*. Gabriel deteve-se um pouco na sapataria ao ar livre e pegou numa pilha um tênis *converse* falsificado, o mais recente símbolo de prestígio entre os jovens, mesmo os durões de West Amsterdã. Na banca do outro lado Sarah examinava uma bolsa de lona para livros decorada com o rosto de Che Guevara, enquanto Lavon fingia interesse por uma capa com capuz que dizia LIBERTEM A PALESTINA AGORA!

Lavon olhou para Gabriel e fez um quase imperceptível aceno de cabeça, o sinal de que não detectara vigilância, e logo depois os três andavam lado a lado rumo à outra ponta do mercado. A banca em que Ibrahim Fawaz trabalhava à tarde estava ocupada por um velho marroquino de galabia branca. Sarah parou para observar uma chaleira elétrica, enquanto Gabriel e Lavon continuavam até o fim do mercado. Do outro lado da rua, num prédio tristonho do pós-guerra, ficava a mesquita al-Hijrah. Dois homens de barba conversavam na calçada, sob o olhar atento de dois policiais de Amsterdã.

A vinte metros de distância havia uma van escura de vidros escuros.

— Não sai dali há quarenta e oito horas — disse Lavon.

— Segurança holandesa?

Lavon anuiu. — Se tivesse que adivinhar, diria que também têm um posto neste prédio do outro lado da rua.

Gabriel olhou para trás, para a banca de eletrodomésticos e fez sinal a Sarah para que se juntasse a eles. Em seguida viraram à esquerda e caminharam pela Jan Hazenstraat. Uma rua calma, ladeada por prédios de apartamentos baixos que não combinavam entre si e pequenas vitrines de lojas. Na outra ponta, com vista para um largo canal, havia um parque com bancos, balanços e dois cavalos enferrujados sobre molas de aço. Gabriel contornou a esquina para esquerda e parou: mais prédios de apartamentos, mas não havia lojas nem cafés, nada que ficasse aberto depois de escurecer.

— As orações vespertinas começam às seis e trinta e sete — informou Lavon. — O que significa que Ibrahim vai passar por aqui por volta das sete. Quando ele dobrar a esquina, ninguém na van ou no posto conseguirá vê-lo. Só temos de nos certificar de que o

pegamos sem barulho. Aconselho que estacione o veículo de fuga nesta esquina, onde os agentes holandeses não conseguem ver. Depois precisamos de alguma coisa que obrigue Ibrahim a reduzir o passo por tempo suficiente para que o peguemos de forma limpa.

Gabriel pensou na noite em que ele e Ibrahim tinham caminhado juntos pela margem do rio Amstel e veio-lhe à memória uma única imagem: Ibrahim Fawaz baixando o olhar com repugnância quando dois homens se aproximaram deles de braço dado.

— Ele não gosta de homossexuais — disse Gabriel.

— Poucos islamistas gostam — retorquiu Lavon. — No que está pensando?

Gabriel disse. Lavon sorriu.

— A quem pretende dar esta missão?

— Mikhail e Yaakov — respondeu Gabriel sem hesitar.

— Perfeito — concordou Eli Lavon. — Mas você avisa aos dois.

Aqueles rapazes me deixam nervoso.

23

CASA BRANCA: 12H45, SEGUNDA-FEIRA

Não havia possibilidade de engano sobre quem estava na porta da sala de Nicholas Scanlon. Duas batidas, vigorosas como marteladas. O secretário de imprensa da Casa Branca deixou passar dez segundos desconfortáveis antes de levantar os olhos do trabalho. Melissa Stewart, correspondente principal da NBC na Casa Branca, estava encostada no umbral, braços em pose de desafio e o cabelo recém-pintado todo despenteado devido à última filmagem ao vivo no Gramado Norte.

— O que há, Melissa?

— Precisamos falar.

— Faltou papel higiênico de novo no banheiro das senhoras?

Stewart entrou e fechou a porta.

— Por favor, entre, Melissa — disse Scanlon num tom sarcástico. — Sente-se.

— Gostaria muito, mas estou com um pouco de pressa.

— Em que posso ajudar?

— Preciso confirmar uma história.

Scanlon remexeu nos papéis que tinha em cima da mesa e tentou ganhar tempo.

— Qual?

— Eu sei quem sequestrou Elizabeth Halton.

— Por favor, Melissa, diga. Todos nós gostaríamos de saber.

— A Espada de Alá, Nick. Há uns dias, foi deixado um DVD de

Elizabeth numa área rural do Sul de Inglaterra. Querem o xeque Abdullah de volta, e se não o metermos num avião com destino ao Egito na sexta-feira à noite eles a matam.

— Qual é sua fonte?

— Isso não me parece uma negativa.

— Responda à pergunta, por favor.

— Não espera mesmo que eu divulgue minha fonte, espera?

— Pelo menos descreva a natureza da fonte.

— Forças da lei — respondeu. — E mais não digo

Scanlon girou a cadeira e olhou na direção do Gramado Norte pela janela com vidros à prova de bala. Um maldito vazamento... Era milagre terem conseguido esconder a situação por tanto tempo. Tinham se passado apenas seis meses desde que Scanlon deixara o lucrativo emprego de lobista e executivo de relações públicas para vir trabalhar com o presidente, mas a essa altura já tinham fortes indícios da tendência de Washington para o vazamento. O que levaria um agente federal a dar uma informação como esta a um repórter? Girou novamente a cadeira e fitou os grandes olhos azuis de Melissa Stewart. *Mas é claro*, pensou.

— Continua dormindo com aquele cara do FBI?

— Não se meta na minha vida pessoal, Nick.

— Vou lhe dar um conselho, e espero que o aceite no espírito em que é oferecido. Esta não é uma matéria que você queira ser a primeira a dar.

— Isso também não me parece uma negativa.

— Como você pode imaginar, estamos neste momento em meio a operações muito delicadas pelo mundo, operações que ficarão ameaçadas se esta informação for revelada antes de estarmos preparados.

— Desculpe, Nick, mas isto é grande demais para sentar em cima. Se for verdade, temos que dar. O povo americano tem o direito de saber quem sequestrou a filha do embaixador Halton.

— Mesmo que isso faça com que a matem?

— Você já desceu muito baixo outras vezes, mas essa é a mais baixa.

— Posso descer ainda mais baixo, Melissa. Nego que seja verdade e depois denuncio você da sala de imprensa.

Ela se virou e segurou a maçaneta da porta.

— Espere — chamou Scanlon, num tom repentinamente conciliador — Talvez possamos chegar a um acordo.

— O que tem em mente?

— Quanto tempo pode me dar?

— Dez minutos.

— Vinte — contrapôs Scanlon.

— Quinze.

Scanlon anuiu. Stewart olhou para o relógio.

— Se o telefone em minha cabine não tocar em quinze merdas de minutos —, ameaçou — saio para o Gramado e digo ao mundo quem sequestrou Elizabeth Halton.

O presidente estava em sua mesa quando Nicholas Scanlon entrou na Sala Oval, três minutos depois, acompanhado pelo chefe de Gabinete da Casa Branca, William Burns, e o conselheiro de Segurança Nacional, Cyrus Mansfield.

— Por que essas caras de preocupação, senhores? — perguntou o presidente.

— Houve um vazamento, Sr. presidente — respondeu Scanlon.

— A NBC sabe quem sequestrou Elizabeth.

O presidente fechou os olhos de frustração. Durante mais de uma semana andara na corda bamba, tentando mostrar em público preocupação apropriada com o destino da filha do amigo, ao mesmo tempo em que deixava claro aos terroristas que não tinham conseguido incapacitar o homem mais poderoso do planeta. Só os mais íntimos do presidente sabiam como o sequestro o abalara física e emocionalmente.

— O que sugere, Nick?

— Pegar o touro pelo chifre, Sr. presidente. Acho que seria melhor para o país e para o resto do mundo ouvir a notícia de sua boca do que de Melissa Stewart.

— Quanto tempo temos até ela ir para o ar com a informação?

Scanlon olhou para o relógio.

— Nove minutos, Sr. presidente.

O presidente olhou para o secretário de imprensa e depois para o conselheiro.

— Preciso saber se vou colocar em risco alguma operação sensível se for a público agora. Ponha o diretor da CIA na linha. O secretário de Estado também.

— Sim, senhor.

O presidente olhou novamente para Scanlon.

— Se ninguém tiver objeções, onde gostaria de fazer isto?

— A Sala de Imprensa parece apropriada.

— Sem perguntas.

— Eu esclareço isso com os jornalistas antecipadamente.

— Como vai resolver as coisas com Melissa Stewart?

— Vamos ter de lhe prometer alguma coisa — disse Scanlon.

— Algo grande.

— Não podíamos simplesmente apelar ao seu senso de decência e patriotismo?

— Estamos falando de Melissa Stewart, Sr. presidente. Nem sei

se ela tem pulsação, quanto mais senso de patriotismo.

O presidente expirou pesadamente.

— Pode dizer que, quando isso acabar, minha primeira entrevista será para a NBC News. Isso deve deixá-la feliz.

— Vai me causar problemas em outros pontos da sala de imprensa.

— Receio que esses problemas sejam seus, Nick, não meus.

— Quer que eu esboce uma declaração, Sr. Presidente?

O presidente abanou a cabeça. — Desta eu trato sozinho.

Melissa Stewart vestia o sobretudo para se dirigir ao Gramado Norte quando o telefone na cabine soou.

— Em cima da hora, hein?

— Desculpe, Melissa. Por um momento esqueci que você é o centro do universo.

— Estou atrasada para uma emissão ao vivo importante.

— Cancele.

— O que tem para mim?

— O presidente está indo para a Sala de Imprensa em vinte minutos. Vai anunciar que a Espada de Alá sequestrou Elizabeth Halton e exige a libertação do xeque Abdullah. Antes de ele aparecer você pode informar que a NBC News soube que Elizabeth Halton é prisioneira de militantes egípcios e que se espera que o presidente logo dê mais esclarecimentos sobre a situação. Se aceitar, terá a primeira exclusiva do presidente quando o caso chegar ao fim. Se não, dedicarei o resto dos meus dias na Casa Branca a fazer de sua vida um inferno. Estamos de acordo?

— Acho que sim.

— Encontramo-nos na Sala de Imprensa em dez minutos. Não tente me passar para trás, Melissa. Vou ouvir com atenção.

O presidente dos Estados Unidos subiu ao estrado na Sala de Imprensa da Casa Branca às 13h30 em ponto, hora do Leste, e informou que a sua afilhada tinha sido sequestrada pelo grupo terrorista egípcio conhecido como Espada de Alá. Em troca da libertação de Elizabeth, explicou o presidente, os terroristas tinham exigido que os Estados Unidos libertassem o xeque Abdullah Abdul-Razzaq. Era uma exigência à qual jamais cederiam, esclareceu. Apelou aos terroristas para que libertassem Elizabeth imediatamente, avisou-os e a seus patrocinadores de que seriam levados perante a justiça e agradeceu ao povo americano por suas orações e apoio.

Às 13h32, o presidente desceu do estrado e deixou Nicholas Scanlon, seu secretário de imprensa, enfrentando sozinho a imprensa atordoada. Adrian Carter apertou MUTE no controle remoto e olhou para a porta do gabinete, onde Shepard Cantwell, diretor-adjunto de informação, estava em mangas de camisa e suspensórios.

— O que você acha? — perguntou Cantwell.

Carter hesitou antes de responder. Shepard Cantwell fazia perguntas aos outros apenas quando ele mesmo queria dar sua própria opinião. Cantwell não podia evitar. Ele era analista.

— Acho que se saiu tão bem como o esperado, dadas as circunstâncias —, disse Carter. — Deixou claro que não seremos reféns e que não vamos negociar.

— Você está assumindo que isso é o que a Espada realmente quer, negociar. Eu não tenho tanta certeza disso — disse Cantwell, entrando no escritório de Carter e se sentando. — Nossos analistas têm se debruçado sobre cada palavra que o xeque Tayyib já escreveu ou disse publicamente: sermões, *fatwas*, transcrições de entrevistas, qualquer coisa que se possa ler. Uns dois anos atrás ele deu uma entrevista a um jornal árabe de Londres, em condições de extremo sigilo em algum lugar no Egito. Durante a entrevista, o xeque foi convidado a nomear o cenário mais provável em que os islamistas poderiam tomar o poder no Egito: uma eleição, um golpe de Estado ou uma revolta popular. O xeque foi muito claro na resposta. Ele disse que a única maneira de tomar o poder no Egito é incitando as massas a se levantar contra os opressores. Manifestações, tumultos, confrontos de rua com o exército. Uma intifada total, do Delta do Nilo ao Alto Egito "

— Qual é o seu ponto, Shep?

— O xeque Tayyib é um fanático religioso e assassino em massa e também uma pessoa muito perspicaz e inteligente. O fato de que ele ainda está vivo depois de todos esses anos é a prova disso. Ele tinha que saber que a América nunca se curvaria à exigência de libertação de seu irmão em troca de Elizabeth Halton. Mas talvez ele realmente não queira o irmão. Talvez o que ele realmente queira é a revolta.

— E ele consegue essa revolta provocando um confronto com a gente?"

— Neste momento, a segurança egípcia está rasgando o país em pedaços, a fim de ajudar os infiéis americanos a encontrar a filha de um embaixador bilionário —, disse Cantwell. — Pense em como está vendo isso um islamista egípcio que vive em extrema pobreza, que perdeu um irmão ou um pai nas câmaras de tortura de Mubarak. Essas câmaras de tortura estão se enchendo enquanto falamos, e estão se enchendo porque o regime procura uma americana.

— Quão ruim é a situação no Egito agora?

— Os relatórios que estamos recebendo da Estação Cairo dizem que é extremamente ruim. Na verdade, é pior do que qualquer um jamais tenha visto. Se isso continuar por muito tempo, o xeque Tayyib está prestes a obter a revolta dele. E a história vai se lembrar de nosso

presidente como o homem que perdeu o Egito.

Cantwell se levantou e começou a sair, mas parou e se virou de repente. — Só mais uma coisa —, disse ele. — O presidente acabou de enviar a nosso amigo Esfinge uma mensagem muito clara. Eu não ficaria surpreso se Esfinge enviasse uma de volta. Se eu fosse você, pegaria o telefone da Segurança Interna e subiria o Alerta de Ameaça Nacional imediatamente.

— Quanto?

— Vermelho — disse Cantwell enquanto deslizava para fora da sala. — Vermelho-sangue.

Carter olhou seu relógio. Era 1h37 da tarde. As orações vespertinas mal tinham começado em Amsterdã. Ele fixou os olhos no telefone e esperou tocar.

24

LOUD WEST, AMSTERDÃ: 19H09, SEGUNDA-FEIRA

Uma rajada de vento frio imobilizou Ibrahim Fawaz quando abriu a porta da mesquita al-Hijrah. Era seu vigésimo quinto inverno na Holanda e ainda não se acostumara ao frio. A providência e o destino o tinham levado ali, para aquele jardim de cimento no Norte da Europa, mas em seu coração era ainda um *ibn balad* do Alto Egito — um filho da terra e do rio. Parou no vestíbulo um momento, enquanto levantava a gola do casaco e arrumava o cachecol, e depois saiu lentamente para a rua, sob o olhar atento de dois policiais de faces rosadas. Trocou amabilidades com eles num holandês fluente, deu meia volta e seguiu ao longo da Jan Hazenstraat.

Os dois agentes eram agora um elemento permanente na mesquita. A al-Hijrah fora revistada duas vezes por oficiais holandeses na sequência do atentado em Londres. Fitas e computadores tinham sido apreendidos, e o imã e vários colaboradores foram questionados sobre seu conhecimento com Samir al-Masri e demais elementos da célula. Esta noite o imã acusou os infiéis de usarem os atentados de Londres e até o assassinato de Solomon Rosner como pretexto para um ataque ao islamismo da Holanda. Ibrahim Fawaz já passara por um ataque aos muçulmanos, conduzido com uma crueldade e uma ferocidade que os europeus não podiam imaginar mesmo em seus piores pesadelos. O imã apenas usava a investigação da polícia como pretexto para causar agitação. Por isso o imã fora enviado a Amsterdã.

Um carro passou por ele. Ibrahim viu sua sombra alongar-se à frente e depois desaparecer quando o carro se foi. Quando tinha desaparecido de vista, notou que estava sob escuridão cerrada. Parecia que três postes de iluminação no fim da rua estavam apagados. No

pequeno à margem do canal, um homem estava sentado sozinho num dos bancos. Tinha o rosto chupado e olhos escuros inquietos e era tão magro como um junco do rio. Viciado em heroína, pensou. Estavam por toda Amsterdã. Chegavam da Europa e da América para se aproveitar das permissivas leis holandesas sobre drogas e dos generosos benefícios da segurança social e, depois de viciados, não tinham mais vontade de partir.

Ibrahim baixou o olhar para o chão e dobrou a esquina. A visão que lhe surgiu em seguida era bem mais ofensiva para sua sensibilidade islâmica do que um viciado em heroína sentado sozinho num parque gelado. Também era algo que via com muita frequência em Amsterdã: dois homens vestidos de couro tocando um ao outro na escuridão, encostados a uma van Volkswagen. Ibrahim parou de repente, escandalizado pelo descaramento do ato exposto a testemunhas, sem saber se deveria passar rapidamente com os olhos baixos ou se devia fugir na direção oposta.

Decidiu-se pela segunda opção, mas antes que se movesse a porta da van deslizou e uma pequena figura que lembrava um anão estendeu as mãos e agarrou-o pelo pescoço. Depois os dois homens de couro perderam subitamente o interesse um no outro e dirigiram a ele sua paixão. Alguém tapou sua boca com a mão. Outra pessoa apertou seu pescoço de tal forma que o corpo pareceu ficar sem forças. Ouviu a porta se fechar e sentiu a van arrancar. Uma voz em árabe ordenou-lhe que não se mexesse nem fizesse barulho. Depois disso mais ninguém falou. Ibrahim não sabia quem o levava, nem para onde. Apenas tinha certeza de uma coisa: se não fizesse exatamente o que os sequestradores quisessem, não voltaria a ver Amsterdã nem a esposa.

Fechou os olhos e começou a rezar. Uma imagem surgiu-lhe das profundezas da memória, a imagem de uma criança ensanguentada suspensa do teto de uma câmara de tortura. Outra vez não, rezou. Querido Alá, por favor, não deixe que volte a acontecer.

TERCEIRA PARTE

O sacrifício de Isaac

ALEMANHA: 22H18, SEGUNDA-FEIRA

Os homens de Assuntos Internos referiam-se ao local como Site 22XB, mas entre a velha guarda era conhecido simplesmente como Château Shamron. Erguia-se a cem metros de uma estrada, ao fundo de um caminho esburacado, ladeado por plátanos nus. O telhado tinha uma inclinação acentuada e, à noite, era coberto por leve camada de neve. Faltavam ripas nas portadas, que pendiam em ângulo vagamente ébrio. Na madeira da porta da frente viam-se quatro perfurações minúsculas, indício de uma mezuzah removida muito tempo antes.

O grupo que nessa noite chegou à casa não entrou pela porta da frente, mas pela antiga entrada de serviço pelo pátio dos fundos. Chegaram em quatro veículos — uma van Volkswagen, dois sedãs Renault idênticos e um Audi A8 um tanto vistoso — se alguém os questionasse sobre o objetivo da visita teriam falado de uma reunião de velhos amigos há muito planejada. Um exame rápido da casa daria consistência a essa versão. A cozinha estava bem abastecida de comida e bebida e a lareira na sala tinha muita lenha. No entanto, avaliação mais atenta revelaria que a sala de jantar normalmente formal fora preparada para um interrogatório, com vários dispositivos de comunicação sofisticados não disponíveis no mercado. Tal busca poderia também ter revelado que a pequena câmara de pedra no porão tinha sido transformada numa cela — e que esta cela estava ocupada por um egípcio no fim da meia-idade acorrentado, de olhos vendados e apenas com a roupa de baixo. Gabriel olhou-o em silêncio por um instante e depois subiu as escadas até a copa, onde Yaakov aguardava, com Sarah a seu lado.

— Há quanto tempo está lá? — perguntou Gabriel.

— Há pouco mais de uma hora — respondeu Yaakov.

— Algum problema?

Yaakov abanou a cabeça.

— Saímos de Amsterdã sem problemas e ele se portou bem na viagem.

— Usaram drogas?

— Não foi necessário.

— E força?

— Posso ter dados umas palmadinhas amorosas nele, mas nada de que vá sequer se lembrar.

— Alguém falou na frente dele?

— Apenas meia dúzia de palavras em árabe. Mas Ibrahim falou um pouco. Está convencido de que está nas mãos dos americanos.

Ótimo, pensou Gabriel. Era exatamente isso que queria que Ibrahim pensasse. Acompanhou Sarah à sala de estar, onde Rimona lia os arquivos da Espada de Alá à frente do fogo que crepitava, e depois cruzou as portas duplas que davam acesso à sala de jantar. Estava vazia, salvo pela mesa retangular e duas cadeiras de encosto alto. Mordecai equilibrava-se numa das cadeiras, instalando um transmissor em miniatura cheio de teias de aranha.

— Este é de reserva. — Saltou da cadeira e limpou as mãos empoeiradas nas pernas da calça. — O microfone principal está aqui embaixo. — Deu um tapinha na mesa. — Ponham Ibrahim nesta cadeira. Assim o microfone não perderá nada.

— E o link seguro?

— Ligado e funcionando — disse Mordecai. — Vou mandar o sinal ao vivo para o Boulevard King Saul e eles retransmitem a Langley. Pelo que estamos captando, você é a estrela da noite.

Mordecai deixou a sala e fechou as portas.

Sarah olhou para as paredes nuas em volta.

— Este lugar tem com certeza uma boa história — comentou.

— Antes da guerra era de uma família judaica de nome Rosenthal — explicou Gabriel.

— E quando a guerra começou?

— Foi confiscada por um oficial da SS e a família Rosenthal deportada para Auschwitz. Uma das filhas conseguiu sobreviver e recuperou a propriedade, mas na década de cinquenta desistiu de tentar continuar a viver aqui e emigrou para Israel. O povo alemão não era exatamente gentil com sobreviventes do Holocausto.

— E a casa?

— Ela nunca vendeu. Quando Shamron descobriu que era dela, convenceu-a nos deixar usá-la. Shamron sempre foi bom em guardar as coisas para um dia de necessidade, casas, passaportes, pessoas. Usamos como casa segura e abrigo na operação Fúria de Deus. Eli e eu passamos muitas noites aqui... algumas boas, outras nem tanto.

Sarah instalou-se na cadeira que em breve seria ocupada por Ibrahim Fawaz e cruzou as mãos sobre a mesa.

— O que vai acontecer aqui esta noite? — perguntou.

— Isso depende apenas de Ibrahim. Se ele colaborar e me disser a verdade, as coisas vão correr bem. Do contrário... — Gabriel encolheu os ombros. — Yaakov é um dos melhores interrogadores do Shabak. Sabe como falar com homens que não temem a morte. É possível que as coisas fiquem desagradáveis.

— O quanto desagradáveis??

— Está perguntando se vão torturá-lo?
— É exatamente o que estou perguntando.
— Meu objetivo esta noite é criar um aliado, Sarah, e isso não se faz com paus e punhos.
— E se Ibrahim não quiser ser seu aliado?
— Então ele pode acabar num lugar onde os homens não têm pudor em usar métodos violentos para obter informações. Mas esperemos que não chegue a esse ponto... por todos nós.
— Não aprova a tortura?
— Gostaria de poder dizer que não funciona, mas não é o caso. Feita corretamente, por profissionais treinados, a pressão física e emocional imposta a terroristas capturados produz muitas vezes informações úteis que salvam vidas. Mas a que custo para as sociedades e os serviços de segurança que a usam? Infelizmente, tem um preço muito alto. Deixa-nos em companhia dos egípcios, dos jordanianos, dos sauditas e todas as brutais polícias secretas árabes que torturam oponentes. Em última análise, prejudica nossa causa, pois transforma fiéis em fanáticos.
— Condena a tortura, mas não tem escrúpulo em matar?
— Não tenho escrúpulos? — Abanou lentamente a cabeça. — Matar também tem seu preço, mas receio que matar seja o único recurso. Temos que matar os monstros antes que eles nos matem. E não pode ser feito com *botas no terreno*, como vocês americanos gostam de dizer, pois serve apenas para dar vitória moral ao inimigo por invadir seu território. As mortes têm que acontecer nas sombras, onde ninguém possa ajudar. Temos que caçá-los sem piedade. Temos que aterrorizá-los. — Voltou a olhá-la. — Bem-vinda à nossa guerra, Sarah. Agora é uma verdadeira cidadã da noite.
— Graças a você, já sou uma cidadã da noite há muitos meses. Bateram na porta. Era Yaakov.
— Acho que ele está pronto para falar.
— Tem certeza?
Yaakov anuiu.
— Dê-lhe mais dez minutos — disse Gabriel. — E traga-o para cá.
Levaram-no cuidadosamente escadas acima e o depositaram na cadeira indicada ainda vendado e manietado atrás das costas. Não protestou, nada pediu nem revelou medo. Na verdade, para Gabriel parecia um mártir aguardando na mente a descida do machado do executor. Na cela estava escuro, agora, na luz, Gabriel pôde ver que a pele estava coberta de marcas.
Devia ter deixado passar vários minutos, inclinou-se sobre ele e : tirou-lhe a venda. O egípcio pestanejou com a luz súbita, e abriu lentamente os olhos e fitou Gabriel com maldade.

- Onde estou?
- Metido em problemas.
- Quem me sequestrou?
- Ninguém o sequestrou. Está sob custódia.
- Quem? E por quê?
- Os americanos. E ambos sabemos por quê.
- Se foram os americanos, por que *você* está aqui?
- Porque, obviamente, fui eu que de *você* com eles.
- E *você* garantiu que me protegeria.
- Essa garantia foi anulada assim que ficou claro que *você*

mentiu.

- Não fiz isso.
- Sêrio?
- Conte *i* a *você* tudo o que sabia do plano. Se *você* e seus amigos britânicos fossem mais rápidos, talvez conseguissem impedir.
- O egípcio avaliou-o em silêncio por um instante. — Gostei de ler sobre seu passado nos jornais, Sr. Allon. Não fazia ideia de que naquela noite em Amsterdã estava lidando com um homem tão importante.

Gabriel pôs um dossiê em cima da mesa e empurrou-o até parar na frente de Ibrahim. O egípcio olhou-o longamente e depois voltou a dirigir a atenção para Gabriel.

- Onde encontrou isso?
- O que acha?
- Conseguiu esboçar um sorriso de superioridade.
- Os americanos, os judeus e a polícia secreta egípcia, a trindade ímpia. E ainda se perguntam por que são desprezados pelos árabes.
- Nosso tempo juntos é limitado, Ibrahim. Pode desperdiçá-lo ou pode usá-lo sabiamente contando tudo o que sabe do sequestro da americana.
- Não sei de nada.
- Está mentindo, Ibrahim.
- Estou dizendo a verdade!
- *Você* é da Espada de Alá.
- Não, eu fui. Deixei a Espada quando saí do Egito.
- Sim, eu me lembro. Veio para a Europa à procura de uma vida melhor... não foi isso o que me disse? Mas não é verdade, certo? Foi enviado para a Europa pelo seu amigo xeque Tayyib para criar uma célula operacional em Amsterdã. A mesquita al-Hijrah, o Centro Comunitário Islâmico de West Amsterdam: são ambos fachada para a Espada de Alá, não é verdade, Ibrahim?
- Se sou um membro ativo da Espada de Alá, por que estaria eu trabalhando com seu espião, Solomon Rosner? Por que *lhe* teria

contado sobre o plano para abater o avião comercial? E por que o alertei sobre Samir al-Masri e os amigos da mesquita al-Hijrah?

— São perguntas válidas, e você tem exatamente trinta minutos para respondê-las satisfatoriamente. Trinta minutos para me contar tudo o que sabe da operação de sequestro de Elizabeth Halton. Ou vão me pedir que saia e os americanos ficam em meu lugar. Neste momento estão furiosos, Ibrahim. E sabe o que acontece quando os americanos se zangam. Recorrem a métodos que contrários à natureza deles.

— Os israelenses fazem muito pior.

Gabriel lançou uma olhadela casual ao relógio.

— Está desperdiçando tempo. Mas talvez seja esse o seu problema. Acha que pode aguentar até o fim do prazo. Quatro dias é tempo demais para resistir, Ibrahim. Não é possível. Comece a falar, Ibrahim. Confesse.

— Não tenho nada a confessar.

Essas palavras foram ditas sem grande convicção. Gabriel aproveitou a vantagem.

— Diga tudo o que sabe, Ibrahim, ou os americanos tomam o meu lugar. E se eles não obtiverem que querem com seus métodos, vão metê-lo num avião para o Egito e entregá-lo ao SSI para que o interrogue.

Olhou para as queimaduras nos braços do egípcio. — Conhece os métodos deles, não é verdade, Ibrahim?

— Queimaduras de cigarro foram a coisa mais suave que me fizeram. O que está dizendo me assusta. Não acredito que os americanos... não acredito que alguém me envie para ser interrogado lá. Sou cidadão holandês. Tenho direitos.

Gabriel recostou-se na cadeira e bateu duas vezes com o punho na porta. Momentos depois, Sarah apareceu a seu lado, fitando Ibrahim nos olhos. Ele baixou o olhar e se agitou, desconfortável, na cadeira.

— Boa noite, senhor Fawaz. Meu nome é Catherine Blanchard e sou funcionária da CIA. A um quilômetro daqui há um avião pronto para levá-lo ao Cairo. Se tiver alguma pergunta, estarei do outro lado da porta.

Sarah deixou a sala e fechou a porta. Ibrahim lançou um olhar a Gabriel.

— Como se atreve a deixar aquela mulher me ver assim?

— Da próxima vez não vai duvidar da minha palavra.

O egípcio olhou para o dossiê. — O que diz de mim?

— Diz que foi um dos fundadores da primeira célula da Espada de Alá em Minya. Diz que era bem próximo do xeque Tayyib Abdul-Razzaq e do irmão, o xeque Abdullah. Diz que organizou uma célula

terrorista na Universidade de Minya e recrutou jovens estudantes para a causa do islamismo radical. Diz que pretendia derrubar o regime e substituí-lo por um estado islâmico.

— Culpado em todos os pontos — admitiu Ibrahim. — Todos, menos um. Houve, com efeito, uma célula da Espada na universidade, mas não teve nada a ver com terrorismo. A Espada de Alá se virou para o terror depois do assassinato de Sadat, não antes. — Voltou a olhar para o dossiê. — O que mais diz?

— Diz que foi preso na noite da morte de Sadat.

— E?

— É a última entrada.

— Não me surpreende. O que aconteceu depois da minha prisão não é algo que se registre por escrito. — Ibrahim levantou os olhos do dossiê. — Gostaria de saber o que me aconteceu nessa noite? Gostaria que completasse as páginas que faltam nesse dossiê que está sacudindo na minha frente, como se fosse prova da minha culpa?

— Dispõe de trinta minutos para me contar a verdade, Ibrahim. Pode usá-los no que quiser.

— Quero contar-lhe uma história, meu amigo... a história de um homem que perdeu tudo devido a suas crenças.

— Sou todo ouvidos.

— Posso tomar um pouco de café?

— Não.

— Pode, pelo menos, tirar as algemas?

— Não.

— Meus braços doem muito.

— É uma pena.

Ele tinha sido professor e falava como um deles agora.

Começou não com a história de um homem, mas com a demanda de uma geração, uma geração educada para acreditar em *ismos* seculares — nasserismo, baathismo, comunismo, pan-arabismo, socialismo árabe — e em 1967 descobriu que os ismos não passavam de máscaras da fraqueza e da decadência árabes.

— Foram vocês que desencadearam a tempestade — acusou. — Os palestinos tiveram a catástrofe deles em quarenta e oito. Nós, em sessenta e sete... seis dias em junho que abalaram as nações do mundo árabe. Nasser e os secularistas tinham se convencido que éramos poderosos. Depois, numa questão de horas, vocês, judeus, provaram que não éramos nada. Fomos em busca de resposta, e nossa busca levou-nos de volta para casa. De volta ao Islã.

— Estava no exército em sessenta e sete?

O egípcio abanou a cabeça. — Já tinha cumprido o serviço militar. Em sessenta e sete estava na Universidade do Cairo. Algumas semanas depois do fim da guerra, criamos uma célula islâmica ilegal.

Eu era um dos líderes até terminar o doutorado em economia. Depois, tinha duas opções: trabalhar como burocrata do Faraó ou ensinar nas escolas do Faraó. Escolhi a segunda. E aceitei um cargo na Universidade de Minya, no Médio Egito. Seis meses depois, Nasser estava morto.

— E tudo mudou — adiantou Gabriel.

— Quase de um dia para o outro — concordou Ibrahim. — Sadat nos encorajou, deu-nos liberdade e dinheiro para nos organizar. Deixamos crescer a barba. Fundamos organizações juvenis e instituições de caridade para ajudar os pobres. Fizemos treinamento paramilitar em campos no deserto financiados pelo Governo e pelos abastados patrões de Sadat. Vivemos nossa vida segundo a lei de Deus e queríamos que a lei de Deus fosse a lei do Egito. Sadat prometeu a sharia. Faltou à promessa e depois agravou esse pecado ao assinar um tratado de paz com o diabo, e pagou o que fez com a vida.

— Concordou com o assassinato de Sadat?

— Caí de joelhos e agradei a Deus por tê-lo fulminado.

— E depois vieram as batidas.

— Quase de imediato — asseverou Ibrahim. — O Estado receava que a morte de Sadat fosse apenas o primeiro tiro de uma revolução islâmica prestes a varrer o país. Estavam enganados, é claro, mas isso não os impediu de usar seu punho de ferro contra quem acreditassem que fazia parte da conspiração ou conspirações que se seguiriam.

— Foram buscá-lo na universidade?

Abanou a cabeça.

— Saí da universidade no pôr do sol e voltei ao meu apartamento. Quando cheguei não havia ninguém. Perguntei aos vizinhos se tinham visto minha esposa e meus filhos. Disseram que tinham sido presos. Fui à central de polícia, mas não estavam lá, e a polícia disse que não havia registro da prisão. Depois fui à sede do SSI em Minya. — Interrompeu-se e olhou para o dossiê que tinha à frente. — Sabe o que é a ponte sobre o Jahannam, meu amigo? É a ponte que todos os muçulmanos têm de atravessar para chegar ao Paraíso.

— Mais estreita do que a teia de uma aranha e mais afiada que uma espada — completou Gabriel. — Os bons atravessam rapidamente, mas os maus perdem o equilíbrio e mergulham no fogo do inferno.

Ibrahim ergueu o olhar do dossiê, claramente impressionado pelo conhecimento que Gabriel revelava do islamismo.

— Sou um dos poucos infelizes que já viram a ponte sobre o Jahannam — declarou. — Obrigaram-me a atravessá-la nessa noite de outubro de 1981, e receio que tenha perdido o equilíbrio.

Gabriel retirou as algemas de Ibrahim e disse que continuasse

falando.

Foi levado para uma cela e espancado sem misericórdia por doze horas. Quando as pancadas finalmente terminaram, foi levado para uma sala de interrogatório, perante um oficial da SSI, que lhe ordenou que revelasse tudo o que sabia das operações islâmicas planejadas para a região de Minya. Respondeu com sinceridade à pergunta — que não tinha conhecimento de atentado algum — e foi imediatamente levado de volta à cela. Foi espancado regularmente por vários dias. E mais uma vez levado perante o oficial e mais uma vez negou ter conhecimento de operações futuras. Desta vez o homem da SSI levou-o a um lugar diferente, onde uma adolescente, nua e inconsciente, estava pendurada pelas mãos de um gancho no teto. Tinha sido chicoteada e espancada com uma lâmina, o rosto estava desfigurado de tão inchado e ensanguentado. Ibrahim precisou de um momento para perceber que a jovem era sua filha, Jihan.

— Reanimaram-na com vários baldes de água fria. Ela olhou para mim e por um instante também não me reconheceu. O oficial chicoteou-a selvagememente por vários minutos e depois os outros a retiraram do gancho e a estupraram na minha frente. Minha filha olhou para mim enquanto era agarrada por esses animais. Implorou que a ajudasse. “Por favor”, pediu ela. “Conte o que querem saber. Faça-os parar.” Mas eu não podia fazê-los parar. Não tinha nada para lhes dizer.

Começou a tremer violentamente. — Pode me dar minhas roupas agora?

— Continue falando, Ibrahim.

Um silêncio longo. Por um momento, Gabriel recebeu que tinha perdido, mas por fim, após outro espasmo de tremores, recomeçou a falar.

— Colocaram-me na cela ao lado, para me obrigarem a suportar o sofrimento de minha filha durante toda essa longa noite. Quando me levaram de volta para o oficial pela terceira vez, disse tudo de que me lembrei para aliviar o sofrimento dela. O que dei eram migalhas, mas não tinha mais nada para contar. Dei-lhe os nomes de cinco integrantes da Espada. Dei o endereço dos apartamentos em que nos encontrávamos. Dei o nome de alunos da universidade que podiam estar envolvidos em atividades. Disse o que ele queria ouvir, mesmo sabendo que estava condenando amigos e colegas inocentes ao mesmo sofrimento. Pareceu satisfeito com a minha confissão. Nessa noite fui espancado mais uma vez. Quando terminou, me jogaram em outra cela, como morto. Pela primeira vez não estava sozinho. Havia ali outro prisioneiro.

— Reconheceu-o? — perguntou Gabriel.

— Acabei por reconhecê-lo.

— Quem era?
— Era o xeque Abdullah. Ele recitou as palavras do profeta.
“Confia em Deus. Não se deixe abater.” Acalmou minhas feridas e rezou por mim nos dois dias que se seguiram. Estou vivo graças a ele.
— E sua filha?
Ibrahim olhou para o relógio de Gabriel. — Quanto tempo me resta até ser entregue aos americanos?
Gabriel tirou o relógio e guardou-o no bolso do casaco.
— Já pode devolver minhas roupas?
Gabriel recostou-se na cadeira e bateu duas vezes na porta.

26

NORFOLK, INGLATERRA: 22H34, SEGUNDA-FEIRA

Quando Marcia Cromwell, uma mulher solteira de trinta e seis anos, percorreu o caminho de areia até a praia de Walcott com *Ginger*, o seu springer spaniel galês seguindo-a de perto, via-se sobre a costa de Norfolk a mesma luz brilhante que iluminava as planícies do norte da Alemanha. Nesse momento não se preocupava com questões sobre a moralidade da tortura ou mesmo com a americana desaparecida. Acabara de ser informada pelo último amante de que, após muita deliberação, ele decidira, afinal de contas, não deixar a mulher e os filhos. Desde sempre residente em Norfolk, Marcia Cromwell resolvera lidar com a dor da mesma maneira que lidava com todos os reveses, dando um passeio noturno ao longo do mar do Norte.

No fim do caminho a praia abriu-se de súbito a sua frente, lisa e aparentemente ilimitada na escuridão, ondas batidas pelo vento arrebatando num arco fosforoso ao na areia escura. Ginger se comportava de forma estranha. Normalmente já estaria pulando para se livrar da coleira e se ver livre na praia para ir atormentar as gaivotas. Agora estava sentado aos pés da dona, fitando os pinheiros da base das dunas. Marcia Cromwell soltou a coleira e encorajou-o a correr pela beira da água. Em vez disso, correu de imediato para as árvores.

Marcia Cromwell hesitou antes de ir atrás dele. A polícia tinha

descoberto recentemente no local um acampamento de havia pouco tempo um acampamento de vagabundos, e as árvores estavam sempre repletas de lixo e latas. Chamou Ginger várias vezes, depois tirou uma lanterna do casaco e foi à procura dele. Avistou-o momentos depois batendo com a pata em alguma coisa embaixo de uma árvore. Aproximou-se para investigar. Depois começou a gritar.

A descoberta de um cadáver na praia de Walcott ativou de imediato a Equipe de Grandes Crimes da polícia de Norfolk. Criada em setembro de 2004 para resolver crimes graves como homicídio, homicídio involuntário e estupro, cada equipe consiste de um detetive-chefe, um adjunto, um técnico que processa as provas nas cenas de crime e um agente que entrevista testemunhas e suspeitos. Trinta minutos após o telefonema de Marcia Cromwell, os quatro agentes estavam em Walcott. Dois deles, o detetive-chefe e o coletor de provas, foram até as dunas. Usavam proteção nos sapatos, para preservar indícios forenses, e examinaram o cadáver com lanternas.

— Há quanto tempo está aqui? — perguntou o detetive.

— Diria que entre quarenta e oito e setenta e duas horas.

— Causa preliminar da morte?

— Um tiro na nuca. Ao que parece foi uma execução. Mas o mais interessante é isto.

O analista de cena de crime apontou para a canela direita do corpo.

— Uma tala?

— E muito boa, por sinal. Mas veja o ferimento. O legista vai determinar, mas aposto que foi um tiro.

— Calibre?

— Parece nove milímetros, mas o interessante não é isso. É mais antigo de vários dias do que o ferimento na cabeça, e a mulher que o tratou sabia muito bem o que estava fazendo.

— A mulher?

— Elizabeth Halton é cirurgiã de emergência em Denver, Colorado. Posso estar enganado, mas creio que este corpo pode ser de um dos terroristas do Hyde Park. O COBRA e o Ministério do Interior não nos disseram para estarmos atentos a ferimentos de bala estranhos?

— É verdade — concordou.

— O ferimento e o tecido em volta mostram sinais de infecção grave. Diria que o nosso homem foi atingido por aquele indivíduo israelense durante o sequestro. Os camaradas tentaram mantê-lo vivo, mas parece que acabaram por desistir e abreviaram seu sofrimento com um belo tiro na nuca. Deve ter sofrido bastante. Ao que parece, ainda há justiça no mundo.

O detetive agachou-se ao lado do corpo e examinou a perna do

cadáver. Depois começou a procurar indícios no próprio corpo. Os bolsos do casaco estavam vazios, mas no bolso traseiro da calça encontrou uma folha de papel dobrada em quatro e alisada por muitos dias de pressão. Desdobrou-a cuidadosamente e leu à luz da lanterna.

Escreva uma lista de coisas necessárias para tratar um ferimento de bala... coisas que possam ser compradas sem receita numa farmácia normal.

— Estabeleça um perímetro muito amplo em volta desta cena. Se sua teoria estiver correta, em breve esta praia será invadida por centenas de homens do Antiterrorismo, do MI5 e da CIA.

— É para já.

O detetive saiu rapidamente dali. Dois minutos depois estava no carro, falando pelo rádio com Centro de Operações e Comunicações.

— Parece que o corpo está ligado à americana desaparecida — disse. — Ligue imediatamente para o chefe e explique.

— Mais alguma coisa?

— Encontrei no bolso um recibo do ferry Portsmouth-Le Havre. Se este indivíduo for mesmo um dos terroristas, isso pode querer dizer que a jovem americana está na França.

Os acontecimentos que tiveram lugar nessa noite desenrolaram-se com uma precisão e rapidez espantosas. O Centro de Operações localizou de imediato o chefe de polícia de Norfolk, que estava com família e amigos em Norwich, e contou tudo. O chefe afastou-se da mesa e transmitiu imediatamente a informação aos superiores no Ministério do Interior, que por sua vez informaram o comitê COBRA e a polícia. Quinze minutos depois, a notícia do achado chegou à equipe americana em Grosvenor Square. A embaixada enviou comunicado seguro prioritário a todas as agências federais envolvidas na busca de Elizabeth Halton, entre elas a CIA. Às 18h18, hora do leste, uma cópia chegou às mãos de Adrian Carter, que estava sentado em sua cadeira habitual do Ops Center da CIA, monitorando um interrogatório clandestino altamente irregular que ocorria numa casa abandonada na planície do Norte da Alemanha. Leu rapidamente a mensagem e pela primeira vez em mais de uma semana viu uma tênue réstia de esperança. Depois olhou para o monitor. O sinal estava mudo há cinco minutos. Ao que parecia, Gabriel fizera um intervalo para jantar.

Levaram-lhe a roupa e depois comida: arroz e feijão, ovos e queijo feta, pão e chá doce. Comeu uma garfada e depois empurrou o prato alguns centímetros na direção de Gabriel. Gabriel recusou, mas Ibrahim insistiu, por isso ali ficaram durante alguns momentos, prisioneiro e interrogador, partilhando uma refeição em silêncio.

— Nós muçulmanos temos uma tradição chamada Eid — disse Ibrahim. — Quando um cordeiro está prestes a ser abatido recebe uma refeição final. — Olhou da comida para Gabriel. — É isso que está fazendo, meu amigo? Dando a seu cordeiro do sacrifício um derradeiro gosto de vida?

— Quanto tempo o mantiveram preso? — perguntou.

— Seis meses — respondeu Ibrahim. — E minha libertação foi tão indigna quanto a prisão e o encarceramento. Jogaram-me em farrapos nas ruas de Minya e ordenaram-me que voltasse para casa. Quando entrei em meu apartamento, minha mulher gritou. Achou que fosse um intruso. Não me reconheceu.

— Imagino que sua filha não estivesse lá quando chegou.

Ibrahim partiu um pedaço de pão e empurrou-o pelo arroz um instante.

— Morreu naquela noite, na câmara de tortura, estuprada até a morte pelos agentes de Mubarak. E o corpo foi enterrado numa cova de criminosos perto do deserto. E nem me deixaram vê-lo. Para eles, mais uma forma de tortura. — Olhou contemplativamente o chá. — Minha esposa me culpou pela morte de Jihan. Era direito dela, claro. Se não tivesse entrado para a Espada de Alá, Jihan não seria levada. Por muitos dias, minha esposa nem sequer olhava para mim. Uma semana depois fui informado pela universidade de que os meus serviços já não eram necessários. Eu era um homem destroçado. Perdera tudo. O trabalho, a filha, a dignidade.

— Por isso decidiu deixar o Egito?

— Não tinha escolha. Ficar seria viver clandestinamente. Queria cortar minha ligação com a Espada. Não queria participar da política jihadista. Queria uma vida nova, num lugar onde não assassinassem meninas em câmaras de tortura.

— Por que Amsterdã?

— Minha esposa tinha família no Oud West. Disse que a comunidade muçulmana na Holanda estava crescendo, que a maioria dos holandeses era tolerante e nos recebia bem. Candidatei-me a um visto na embaixada holandesa, que me foi concedido de imediato.

— Imagino que tenha esquecido de informar os holandeses de sua ligação com Espada de Alá.

— Pode ter sido um lapso.

— E o resto da história que me contou naquela noite em Amsterdã?

— Era tudo verdade. Construí estradas e depois varri-as. Fiz mobília. — Ergueu a mão arruinada. — Mesmo depois de ter perdido os dedos.

— E não manteve contato com a Espada?

— A maioria dos que fugiram do Egito instalaram-se na América ou em Londres. Ocasionalmente um deles passava por Amsterdã, levado pelo vento.

— E quando isso acontecia?

— Tentavam me arrastar de volta à luta, é claro. Disse-lhes que que não estava interessado em política islâmica. Que queria seguir uma vida islâmica por minha conta, e deixar os assuntos de governo e Estado para os outros.

— E a Espada aceitou?

— Por fim — respondeu Ibrahim. — Meu filho, no entanto, não se acomodou com a mesma facilidade.

— É por causa de seu filho que estamos aqui hoje.

Ibrahim anuiu. — Um filho que é meio egípcio e meio palestino...

— Uma mistura explosiva.

— Muito explosiva.

— Diga-me o nome dele.

— Ishaq — respondeu o egípcio. — O nome do meu filho é Ishaq.

— Começou com perguntas inocentes, o tipo de pergunta que qualquer adolescente curioso pode fazer ao pai. Por que deixa a nossa casa no Egito para virmos para a Europa? Se antes era um professor universitário, por que agora varre as ruas? Por que vivemos na terra dos estranhos e não na Casa do Islã? Por muitos anos respondia mentiras. Mas quando fez quinze anos contei a verdade.

— Disse que era da Espada de Alá?

— Sim.

— Contou sobre sua prisão e tortura? E sobre a morte de Jihan?

Ibrahim anuiu.

— Esperava que ao dizer a verdade Ishaq pudesse apagar as brasas jihadistas que estivessem em fogo brando dentro dele. Mas minha história teve o efeito contrário. Ficou mais interessado em política islâmica, e não menos. Também se tornou um jovem extremamente irado. Começou a odiar o regime egípcio e os

americanos que o apoiavam.

— E queria vingança.

— Isso é uma coisa que vocês e os americanos parecem nunca compreender completamente sobre nós — comentou Ibrahim. — Quando nos desdenham, *precisamos* nos vingar. Está na nossa cultura, no nosso sangue. Sempre que matam ou torturam um de nós estão criando uma extensa família de inimigos que é obrigada pela honra a retribuir.

Gabriel conhecia esse fenômeno melhor do que a maioria. Recolheu um pouco de arroz e de feijão com o pão e instou Ibrahim para que continuasse falando.

— Ishaq começou a se afastar da sociedade holandesa — disse. — Já não mantinha amizade com os rapazes holandeses, referia-se habitualmente às jovens holandesas como rameiras. Usava kufi e galabia. Só ouvia música árabe e parou de beber cerveja. Aos dezoito anos, foi preso por agredir um homossexual na porta de um bar em Leidseplein. A queixa foi retirada quando ofereci compensação ao agredido.

— Ele foi para a universidade?

Ibrahim disse que sim. — Com dezenove anos foi aceito na escola de informação e ciências da computação da Erasmus University em Roterdã. Esperava que a exigência do curso acalmasse seu fervor islâmico, mas quando chegou a Roterdã tornou-se ainda mais islâmico na aparência. Começou a andar com um grupo de jovens jihadistas, viajava constantemente para participar em manifestações e encontros. Deixou crescer a barba. Era como se a minha juventude passasse outra vez diante dos meus olhos. — Comeu por um momento. — Vim para a Europa para me afastar da política islâmica. Queria uma vida nova para mim e para meu filho. Mas em meados dos anos noventa a política radical islâmica chegou ao Ocidente. Em muitos níveis era mais radical e tóxica do que o Islã do Oriente, maculada pelo dinheiro saudita e os imãs sauditas. Era wahhabista e salafista na aparência. Era tóxica e violenta.

— Ele estava envolvido em atividades terroristas?

Ibrahim abanou a cabeça. — Estava confuso demais para se envolver com um grupo com ideias específicas. Não tinha certeza se era egípcio ou palestino. Num dia estava com amigos do Hamas, no outro cantava louvores aos mujahedin do Afeganistão.

— O que aconteceu, então?

— Osama bin Laden jogou aviões em prédios de Nova York e Washington — explicou Ibrahim. — E tudo mudou.

Gabriel não pretendia abandonar a ilusão de um avião americano à espera, por isso chamou Sarah com duas batidas na porta e murmurou algumas palavras quase ininteligíveis sobre atrasar a

partida alguns minutos. Depois olhou para Ibrahim.

— Estava contando sobre o 9/11. Continue, por favor — incitou.

— Foi um terremoto, uma ruptura no tecido da história... não só para o Ocidente, mas também para nós.

— Muçulmanos?

— Islamistas — corrigiu-o. — Depois do 9/11, os americanos cometeram um erro terrível. Viram muçulmanos dançando nas ruas do mundo árabe e na Europa, e por isso partiram do princípio de que todos os muçulmanos e islamistas apoiaram Osama. Puseram todos nós no mesmo saco dos jihadistas globais, como bin Laden e Zawahiri. Não perceberam que para mim, um moderado, os atentados do 9/11 eram tão bárbaros como para o mundo civilizado. Nós éramos moderados, acreditávamos que Osama e a al-Qaeda tinham cometido um erro tático terrível ao atacarem os Estados Unidos e provocarem uma guerra que nunca poderiam vencer. Nós acreditávamos que Osama era um charlatão islâmico que causara mais estragos à causa do islamismo do que todos os regimes apóstatas seculares juntos. Mais ainda, acreditávamos que o massacre de milhares de inocentes era definitivamente um ato não islâmico que violava a lei e os costumes islâmicos. Os dezenove piratas do ar eram convidados na América e, como tal, estavam cingidos a comportarem-se devidamente. Em vez disso, chacinaram seus anfitriões. Independentemente do que sentem por nós e pela religião, nós muçulmanos somos um povo hospitaleiro. Não chacinamos nossos anfitriões.

Voltou a empurrar o prato na direção de Gabriel, que pegou a metade de ovo cozido e um pedaço de feta.

— Imagino que Ishaq não viu a coisa por esse prisma.

— Não, não viu — corroborou Ibrahim. — O 9/11 empurrou-o para a beira do abismo.

— O que o empurrou?

— O Iraque.

— Onde foi recrutado?

— Nessa época morava em Amsterdã com a esposa, uma egípcia chamada Hanifah, e o filho deles, Ahmed. Dias depois da invasão americana viajou para o Egito, onde entrou em contato com a Espada de Alá. A Espada deu-lhe treinamento básico em escolas e campos do deserto clandestinos e depois ajudou-o a entrar no Iraque, onde treinou e praticou suas habilidades com a al-Qaeda. Deixou o Iraque após seis meses e voltou a Amsterdã, onde se manteve em contato com esse Samir al-Masri. Depois mudou-se para Copenhagen com a família, e começou a trabalhar numa coisa chamada Conselho de Assuntos Islâmicos da Dinamarca. Receio que o Conselho não passe de uma fachada para atividades jihadistas.

— Seu filho organizou uma segunda célula em Copenhagen?
— Assim parece.
— E quando Samir e sua célula desapareceram de Amsterdã dias antes do atentado, decidiu me abordar. Deu-me algumas informações na esperança de fazer descarrilar a operação para que seu filho não fosse envolvido.

Ibrahim anuiu estoicamente.

— Me enganou só para salvar a vida de seu filho.
— Qualquer pai decente teria feito o mesmo.
— Não, Ibrahim. Não quando estão em jogo vidas humanas inocentes. Mais de trezentas pessoas morreram por sua causa e do seu filho. Se tivesse me contado a verdade, toda a verdade, poderíamos juntos ter impedido o atentado. Em vez disso me deu migalhas, as mesmas migalhas que deu ao SSI há vinte e cinco anos, quando tentou salvar a vida de sua filha.

— E se tivesse contado mais naquela noite? Onde eu acabaria? Os americanos teriam partido do princípio de que eu era terrorista, me embarcariam num avião para o Egito, onde voltaria a ser torturado.

— Sabia que o alvo era Londres? Sabia que planejavam sequestrar Elizabeth Halton e trocá-la por seu amigo, o xequê Abdullah?

— Não tinha conhecimento dos planos deles. Esses rapazes foram extremamente bem treinados. Alguém muito capaz está puxando os cordéis.

— Sim, alguém está. — Gabriel hesitou. — Talvez esse alguém seja Ibrahim. Talvez seja Ibrahim o líder de toda a operação. Talvez seja você o Esfinge.

— A disposição para acreditar em coisas bizarras é uma doença árabe, Sr. Allon, não sionista. Quanto mais tempo perder com noções tolas como essa, menos tempo teremos para encontrar a filha do embaixador e trazê-la viva de volta para casa.

Gabriel aproveitou-se de uma única palavra na última resposta Ibrahim, a palavra nós.

— E como nós vamos fazer isso?

— Acredito que Ishaq seja um dos terroristas que mantêm a americana refém.

Gabriel inclinou-se para a frente. — E o que o leva a dizer isso?

— Ishaq saiu de Copenhagen há duas semanas. Disse que ia para o Oriente Médio em viagem de pesquisa do Conselho de Assuntos Islâmicos. Para manter essa fachada telefona para casa todas as noites, antes de Ahmed ir para a cama.

— Como sabe disso?

— Porque Hanifah me contou.

— Já falou com ele?

— Deixei mensagens, mas não me ligou.

Gabriel colocou um bloco e uma caneta em cima da mesa; empurrou-os na direção de Ibrahim.

— Preciso do endereço do apartamento em Copenhague. E o número do telefone.

— Hanifah e Ahmed não têm nada a ver com isso.

— Nesse caso, nada têm a recear.

— Quero que me prometa que nada de mal vai acontecer a eles.

— Não está em posição de pedir nada, Ibrahim.

— Prometa, Sr. Allon. Prometa que não vai matá-los.

Gabriel aquiesceu uma vez. Ibrahim anotou a informação, depois empurrou o bloco na direção de Gabriel e recitou dois versos do segundo capítulo do Gênesis:

“No dia seguinte de manhã, Abraão aparelhou seu jumento, e levou dois servos e seu filho Isaac, cortou lenha para o fogo e pôs-se a caminho do lugar que Deus lhe tinha indicado.”

— Conhece a escritura hebraica — comentou Gabriel. — Mas ele não é mais seu filho, Ibrahim. Está infectado com o vírus da jihad. É um monstro.

— Talvez, mas será sempre meu filho. — Olhou, envergonhado para o bloco. — Se bem me lembro, os judeus acreditam que Abraão foi para Bersabé depois de passar no teste de Deus. Mas o que vai acontecer comigo? Serei enviado para o Egito para novo interrogatório ou ficarei aqui? — Olhou para a sala à sua volta. — Onde quer que seja.

— Imagino que isso vá depender dos americanos.

O olhar de desdém nos olhos de Ibrahim deixou bem claro o que sentia pelos americanos.

— Eu sugiro deixar os americanos fora disso — disse. — Seria melhor que para você e para mim atravessarmos a ponte do Jahannam sozinhos. Seja qual for sua decisão, não demore. A filha do embaixador está nas mãos de um jovem cuja irmã foi assassinada pelos algozes do Faraó. Se lhe ordenarem que a mate, não vai hesitar.

O entrevistador da TV France 2 organizava suas fichas de anotações, sinal de que o tempo chegava rapidamente ao fim. Yusuf Ramadan, professor de História do Oriente Próximo da Universidade Americana do Cairo, pesquisador residente no Instituto de Estudos Islâmicos em Paris e estrategista da terrorista Espada de Alá, sabia que teria de apresentar rapidamente sua opinião final.

— Por isso acho que o grande perigo desta crise não se travará aqui na Europa, mas no próprio Egito — declarou em seu francês imaculado. — Pelo que sei, os serviços de segurança egípcios responderam com mão bem pesada e, se esse confronto continuar, é provável que venham a surgir reações que ponham em risco a estabilidade do regime.

Intrigado pelo comentário de Ramadan, o entrevistador seguiu as ordens do diretor para concluir o segmento.

— Está acusando o Governo do Egito de tortura, professor?

— Os métodos da polícia e dos serviços de segurança são bem conhecidos — asseverou Ramadan. — Pode ter certeza de que estão empregando tortura e outros métodos desagradáveis para ajudar os americanos a encontrar a filha do embaixador.

— Provocante como sempre, professor Ramadan. Espero que volte para nos ajudar a analisar esta crise.

— Será um prazer — garantiu Ramadan, lançando caloroso olhar para a câmara.

O entrevistador informou que a cobertura da France 2 seria retomada após um curto intervalo. Depois estendeu a mão a Ramadan e agradeceu a presença no programa. Ramadan levantou-se e foi abordado por uma jovem assistente de produção. Cinco minutos depois entrava no Citroën que o aguardava na esplanada. Olhou para o relógio: 9h25. Os homens e as mulheres da cidade não sabiam, mas sua manhã estava prestes a ficar mais agitada.

Nesse mesmo momento, em Zurique, um Mercedes-Benz S600 deteve-se no meio-fio no nível das chegadas do aeroporto. O homem que saiu do banco traseiro assemelhava-se ao próprio demônio, estreito de cabeça e largo no centro, para maior estabilidade. Vestia um terno italiano, um sobretudo de caxemira trazia uma mala de pele grande e de aspecto caro. Um policial vigiava a entrada do terminal com uma arma automática cruzando o peito. O homem bem vestido cumprimentou-o educadamente com um aceno de cabeça, passou por ele e entrou.

Fez uma pausa momentânea e olhou para o quadro das partidas. A passagem que tinha no bolso era para o voo da manhã da United Airlines com destino ao Aeroporto Dulles. Comprara a passagem embora não tivesse visto de entrada válido. Isso pouco

importava — não tencionava ir para a América, muito menos entrar no avião.

Era um shaheed, um mártir, e a jornada que estava prestes a iniciar tinha a ver com viagens aéreas.

Após ter determinado quais os balcões de check-in para o voo, a shaheed cruzou o moderno terminal puxando a mala. Sofrera várias modificações para suprir necessidades especiais. Os lados e as rodas tinham sido reforçados para acomodar uma carga maior, e o botão da alça extensível era um detonador. *Seis quilos de pressão*, dissera o engenheiro. Um leve aperto — era o que bastava para dar início a sua jornada.

Um agente de segurança civil estava a poucos metros da área de check-in da United Airlines, examinando passagens e passaportes. Atrás dele várias dezenas de viajantes, na maioria americanos, esperavam em fila. Como o shaheed não tinha visto de entrada válido, não conseguiria passar além do agente de segurança. Mas suas vidas não seriam poupadas. Além de cinquenta quilos de explosivos potentes, a mala estava repleta de milhares de pregos e esferas de rolamento. Os infiéis em fila seriam em breve reduzidos a tiras de carne ensanguentada. Seria uma vista magnífica, pensou o shaheed. Esperava apenas que sua alma pudesse demorar-se um instante no terminal após a morte, para que pudesse ver.

O agente de segurança acabou de analisar os documentos de uma americana com duas crianças pequenas, após o que fez sinal ao shaheed para avançar. Este o fez e entregou a passagem e o passaporte ao agente.

— Egípcio? — perguntou o agente com nítida desconfiança.

— Sim, correto.

— Tem um visto de entrada válido para esta viagem aos Estados Unidos?

— Disseram que não precisava de visto.

— Quem lhe disse isso?

— Alá — respondeu.

O agente de segurança levou a mão ao rádio. O shaheed colocou o dedo no botão do detonador. Seis quilos de pressão. Paraíso...

Embora não soubesse, o shaheed no Aeroporto Kloten não estava sozinho. Dois outros homens-bomba tinham sido enviados nesta manhã a aeroportos europeus — um para Barajas, em Madri, e outro para Schwechat, em Viena, e todos tinham recebido ordens para apertar os detonadores ao mesmo tempo. O mártir de Madri atrasou-se um minuto. Seu camarada em Viena só detonou sua bomba às 9h35, hora europeia. Mais tarde, os investigadores na Áustria verificariam que o mártir, por motivos unicamente pessoais, parara no aeroporto

para um derradeiro café vienense antes de ir pelos ares até o Paraíso.

Yusuf Ramadan tomou conhecimento das explosões às 9h38, no trânsito denso ao longo do Sena. Não foi Abu Musa quem lhe deu a notícia, mas a assistente de produção da France 2 que momentos antes o acompanhara à entrada do edifício. Ao que parecia, a emissora planejava cobrir extensamente os atentados terroristas e perguntava se estaria interessado em passar o dia como consultor e comentarista pago. O professor concordou de imediato, sem perguntar pelos honorários, e, dez minutos depois, voltava a instalar-se em seu lugar no estúdio. — Bem-vindo mais uma vez, professor Ramadan. Qual pode ser o significado destes atentados?

— Significam que é melhor que os Estados Unidos abram rapidamente um canal de comunicação com a Espada de Alá — disse. — Caso contrário, receio que seja derramado muito mais sangue aqui na Europa.

29

COPENHAGEN: 15H03, TERÇA-FEIRA

Decidiram fazer reunião de emergência no Hilton Hotel do aeroporto de Copenhagen. Adrian Carter foi o primeiro a chegar e estava sentado no bar quando Gabriel e Sarah entraram no hall. Indicou-lhes os lugares com um olhar cansado e, momentos depois, estavam na suíte executiva de Carter, que aumentou o volume da televisão. O quarto tinha sido checado pela CIA, mas Carter era tradicionalista no ofício e, como Gabriel, considerava aparelhos eletrônicos uma corrupção necessária mas infeliz de uma arte antes nobre.

— Zurique, Madri, Viena. Três atentados em aeroportos com planejamento perfeitamente coordenado. — Carter olhava as imagens de carnificina e destruição na tela, abanando levemente a cabeça. — Cento e vinte e nove mortos e quinhentos feridos, e o sistema de transportes aéreos em frangalhos.

— E os políticos europeus? — perguntou Gabriel.

— Publicamente dizem as palavras corretas: deplorável, revoltante. Em particular, imploram que façamos um acordo com o demônio. Pedem que acabemos com isso, que já há sangue demais

derramado em seu solo. Até mesmo Downing Street começa a pensar se devemos fazer acordo. Esfinge, seja ele quem for, não passa de um canalha sem escrúpulos, mas tem um senso organizador impecável.

— Há alguma possibilidade de o presidente vir a ceder?

— Depois disso, não. Na verdade, está mais determinado do que nunca. Quer acabar com isso sem qualquer acordo. Significa que não há alternativa senão encontrar Elizabeth Halton antes do prazo.

— Olhou Gabriel. — E a partir deste momento, seu *Joe* parece ser nossa melhor e única saída.

— Ele não é *meu Joe*, Adrian.

— Agora é, pelo menos para Washington. — Baixou o volume um decibel ou dois. — Ontem à noite causou grande sensação em Washington, Gabriel. Seu interrogatório com Ibrahim Fawaz é agora material obrigatório de Langley ao Edgar Hoover Building e ao National Security Council.

— Como foram as opiniões?

— Mistas — respondeu Carter. — A opinião especializada está dividida quanto a Ibrahim ser sincero ou estar mentindo a você pela segunda vez. A opinião especializada acha que você pode ter acreditado nele com muita facilidade. A opinião especializada também teme que você possa tê-lo tratado com brandura demais.

— E o que a opinião especializada pensa em fazer?

— Um segundo interrogatório — disse Carter.

— Conduzido por quem?

— Por gente da Agência com nome cristão, em vez de um assassino israelense.

— Está me dizendo que fui despedido?

— Exatamente.

— Não precisava ter vindo a Copenhague para me despedir, Adrian. Bastava um telefonema seguro.

— Senti que lhe devia isso. Afinal, eu arrastei você para esta confusão.

— Muito decente de sua parte. Mas me diga uma coisa, Adrian. O que acham que podem conseguir de Ibrahim além do que obtive?

— Respostas diretas, para começar. A opinião especializada acha que ele foi extremamente evasivo e enganador nas respostas.

— Sério? Chegaram a essa conclusão sozinhos, ou usaram os computadores?

— Na verdade foi uma combinação dos dois.

— Como Ibrahim podia ser mais direto? Concordou em nos ajudar a encontrar Elizabeth Halton, deu o número de um telefone de Copenhague para o qual o filho liga todas as noites.

— Não, ele deu um número para o qual *ele diz* que o filho liga.

— E hoje à noite vamos saber se diz a verdade.

— Os chefes não estão dispostos a esperar tanto. Querem Ibrahim acorrentado a uma parede já.

— E onde pensam em fazer esse interrogatório?

— Pensamos em usar suas instalações na Alemanha.

— Isso não vai acontecer.

— Imaginei que fosse dizer isso. Nesse caso, temos duas opções. Podemos levá-lo para uma de nossas instalações no Leste ou colocá-lo num avião para o Egito.

Gabriel abanou a cabeça lentamente.

— Ibrahim não vai para o Leste europeu, Adrian, e não voltará ao Cairo. Ninguém mais vai acorrentá-lo.

— Você não está sendo razoável. — Carter olhou para Sarah, como se ela pudesse levá-lo a mudar de opinião. — Onde está Ibrahim neste momento?

Gabriel não respondeu. Quando repetiu a pergunta, assumiu um tom que Gabriel nunca ouvira.

— Voltou para Amsterdã — disse Gabriel. — No apartamento dele, na August Allebéplein.

— Por que diabos o mandou para lá?

— Não tínhamos escolha — respondeu Gabriel. — Se Ibrahim desaparecesse do mapa, a mulher dele chamaria a polícia holandesa e teríamos um escândalo enorme na Holanda.

— Evitar escândalo na Holanda não está entre as prioridades do momento — replicou Carter. — Queremos ele. Imagino que esteja sendo vigiado.

— Adrian, nem pensamos nisso...

— Tente controlar seu fatalista senso de humor israelense por um momento.

— claro que está sendo vigiado.

— Então imagino que seja fácil entregá-lo a nós.

— Muito — asseverou Gabriel. — Mas isso não vai acontecer.

— Seja razoável, Gabriel.

— Sou o único que está sendo razoável, Adrian. E se seus homens tentarem se aproximar-se dele vão sair feridos.

Carter suspirou pesadamente.

— Parece que chegamos a um impasse.

— Sim, é verdade.

— Imagino que tenha um plano alternativo — adiantou Carter. — Também imagino que não tenha escolha a não ser ouvir.

— Meu conselho é que tenha paciência, Adrian.

— Elizabeth Halton será morta na sexta-feira à noite. Não há tempo para ser paciente.

— Dei a localização e o número de um telefone para o qual um dos sequestradores liga regularmente. Você tem em seu arsenal a

Agência Nacional de Segurança, o maior e mais sofisticado serviço de espionagem eletrônica do mundo, um serviço capaz de captar telefonemas, fax e comunicação via internet do mundo inteiro a cada segundo do dia. Passe à NSA o número de Ishaq em Copenhagen e logo à noite, quando ele telefonar, diga que usem todos os seus consideráveis recursos para responder a uma única pergunta: onde está ele?

Carter levantou-se e foi ao minibar. Selecionou um refrigerante, mas quando consultou a lista de preços mudou de ideia.

— Para fazer isso corretamente é preciso pôr o tal telefone sob escuta e vigiar a mulher e o filho de Ishaq constantemente.

— E o que acha que estamos fazendo, Adrian? Vendo filmes no quarto de hotel? — Gabriel olhou para Sarah. — A agente de ligação é você, Sarah. Se não se importa, atualize seu superior sobre nossa atividade de hoje.

— Hanifah e Ahmed Fawaz moram num distrito de Copenhagen chamado Nørrebro — explicou Sarah. — O apartamento fica num prédio grande da virada do século, quase uma cidade dentro de uma cidade. É possível chegar aos apartamentos pela porta da frente e por uma porta de serviço nos fundos. No fim da manhã, quando Hanifah levou Ahmed para um passeio e algumas compras, entramos pelos fundos e instalamos um... — Sarah olhou para Gabriel. — Como se chama aquele dispositivo que instalamos no telefone?

— Um *glass*, um *vidro* — explicou Gabriel. — Cobre a sala, além das conversas por telefone.

— Cristo — exclamou Carter em voz baixa. — Por favor, diga que não envolveu minha agente num arrombamento em plena luz do dia em Copenhagen.

— Ela foi bem treinada, Adrian. Você ficaria orgulhoso.

— Também instalamos um transmissor no telefone do Conselho para Assuntos Islâmicos da Dinamarca — acrescentou Sarah. — O quadro de conexões fica num beco nos fundos. Foi fácil.

— Imagino que também os tenha sob vigilância visual.

Gabriel franziu a sobrancelha para Carter, como se considerasse a questão um tanto ofensiva. Carter olhou as imagens de caos na televisão.

— Fui enviado para demiti-lo, e agora estou me oferecendo para uma missão suicida. — Desligou a televisão e olhou para Gabriel.

— Muito bem, venceu. Na verdade, ontem à noite já dei o número à NSA. Partindo da premissa de que vai ligar de um celular, a NSA diz que deve levar uma hora para identificar a localização provável. Neste momento informaremos as autoridades locais e começamos a operação.

— Não esqueça de avisar a essas autoridades locais que eles a

matarão se alguém tentar salvá-la.

— Já deixamos bem claro aos nossos amigos aqui na Europa que se houver um resgate seremos nós a fazê-lo. Na realidade, já temos quatro equipes Delta Force em capitais europeias para esta eventualidade. Estão em alerta máximo. Se obtivermos informações sobre o paradeiro de Elizabeth Halton, essas equipes a salvam e depois cuidaremos dos sentimentos feridos.

— Temos uma divisão inteira que só trata desse tipo de coisa, Adrian. Se precisar de conselho é só dizer.

— Vocês já têm o bastante com que se preocupar. — Carter franziu o cenho e olhou para o relógio. — Você e sua equipe são agora responsáveis pela vigilância física da mulher e do filho aqui em Copenhagen. Vou a Londres explicar por que desobedeci à ordem direta de encerrar seu envolvimento nesta operação. O destino de Elizabeth Halton está em suas mãos, Gabriel, assim como minha carreira. Por favor, faça o possível não nos derrubar.

PRISÃO TORAH DO EGITO 16H19, TERÇA-FEIRA

O Escorpião: o Inferno em Terra, pensou Wazir al-Zayyat. Celas imundas que continham os radicais islâmicos e jihadistas mais perigosos do Egito, uma dúzia de salas de interrogatório onde os mais endurecidos guerreiros sagrados de Alá vomitavam segredos após breves horas de perguntas nas mãos da polícia egípcia. Poucos que entravam no Escorpião saíam vivos ou com o corpo intacto. Os que encontravam Wazir al-Zayyat cara a cara raramente sobreviviam para contar.

Há muitos anos que o Escorpião não tinha tanta gente. Naquela tarde, Al-Zayyat não achava isso tão extraordinário, já que era o maior responsável pelo surto repentino de prisões.

O prisioneiro que estava sendo interrogado naquele momento na Sala 4 estava entre os mais promissores: Hussein Mandali, professor do ensino básico no reduto da Espada de Alá fora capturado doze horas antes sob suspeita de transportar sermão gravado do xeque Tayyib Abdul Razzaq. Isso não constituía um delito novo, pois os sermões inflamados eram o hip-hop das massas oprimidas do Egito, mas o sermão encontrado com Mandali era altamente revelador. Nele, o xeque fazia referência ao sequestro da americana em Londres e apelava a uma sublevação popular, um conjunto de circunstâncias que sugeria que o sermão era muito recente. Al-Zayyat sabia que as fitas não surgiam por magia, nem pela vontade divina de Alá. Estava convencido que Hussein Mandali era a oportunidade que procurava.

Abriu a porta e entrou. Três inquisidores estavam encostados nas paredes cinzentas, mangas arregaçadas, rostos suados. Hussein Mandali estava sentado à mesa metálica, ensanguentado e inchado, o corpo coberto de vergões roxos. Um bom começo, pensou al-Zayyat, mas não suficiente para quebrar um sujeito da favela de Imbaba. Sentou-se à frente de Mandali e apertou o botão do gravador que estava no meio da mesa. Um instante depois, a voz aflautada do xeque Tayyib reverberava nas paredes da sala. Al-Zayyat deixou que o sermão continuasse por uns minutos antes de, finalmente, estender a mão e desligar.

— Onde arranjou esta fita? — perguntou calmamente.

— Um homem num café em Imbaba me deu.

Zayyat suspirou pesadamente e olhou para os três interrogadores. O espancamento durou vinte minutos e, até mesmo pelos padrões egípcios, foi selvagem em sua intensidade. Quando voltou à mesa de interrogatório, Mandali estava quase louco e chorava

como criança. Al-Zayyat deu PLAY pela segunda vez.

— Onde conseguiu esta fita?

— Um homem em...

Zayyat interrompeu-o bruscamente.

— Sim, eu sei, Hussein. Foi dada por um homem num café em Imbaba. Mas como é o nome desse homem?

— Ele não... me disse.

— Em que café?

— Não... me lembro.

— Tem certeza, Hussein?

— Tenho.

Al-Zayyat levantou-se sem dizer mais nada e acenou com a cabeça para os interrogadores. Ao sair para o corredor, ouviu Mandali implorar por piedade. “Não tema os seguidores do Faraó”, dizia o xequ. “Deposite sua fé em Alá, e Alá o protegerá.”

31

COPENHAGEN: 17H34, TERÇA-FEIRA

Não houve tempo para Assuntos Domésticos conseguir um alojamento seguro para a equipe de Gabriel em Copenhagen, por isso se instalaram no Hotel d'Angleterre, um vasto e branco prédio de luxo que se destacava na desordenada King's New Square. Gabriel e Sarah chegaram pouco depois das 17h30 e foram para a suíte no quarto andar. Mordecai estava sentado na escrivaninha só de meias nos pés, fones nos ouvidos e olhos fixos nos dois gravadores, como um médico lendo uma tomografia cerebral à cata de sinais vitais. Gabriel sentou-se ao lado e fez uma careta para Mordecai.

— Parece que há um bate-estacas no quarto.

— E há — respondeu Mordecai. — Chama-se Ahmed. Está batendo com um brinquedo no chão a poucos centímetros do receptor.

— Há quanto tempo está nisso?

— Uma hora.

— Por que ela não o manda ficar quieto?

— Talvez seja surda. Sabe Deus que eu vou ficar se isso continuar.

— Já houve alguma atividade na linha?

— Só foi feita uma chamada — informou Mordecai. —

Telefonou para Ibrahim em Amsterdã para se queixar da prolongada ausência de Ishaq. A menos que fosse uma estratégia elaborada, ela não sabe de nada.

Gabriel olhou para o relógio. Eram 17h37. Vida de espião, pensou. Tédio de entorpecer o cérebro quebrado por breves momentos

de puro terror. Pôs os receptores e esperou que o telefone tocasse.

Adoraram o silêncio desconfortável de estranhos ao despertar e juntos suportaram uma noite de assustadora banalidade. Ahmed batendo com o brinquedo no chão da cozinha. Ahmed fingindo ser um avião a jato. Ahmed chutando uma bola contra a parede da sala. Às 20h15 houve um estrondo ensurdecedor. Embora nunca tivessem conseguido identificar com precisão o que foi destruído, tinha valor suficiente para lançar Hanifah numa gritaria histérica. Um Ahmed cheio de remorso respondeu perguntando se o pai telefonaria à noite. Gabriel, que andava de um lado para o outro como se procurasse objetos perdidos, parou e aguardou a resposta. Se puder, disse Hanifah. Ele sempre telefona. Ao que parecia, Ibrahim dissera a verdade.

Às 20h20, ela mandou Ahmed entrar no banho. Hanifah limpou o desastre da sala de estar e depois ligou a televisão. A escolha de canais foi elucidativa, pois logo se tornou evidente que via a al-Manar, o canal oficial do Hezbollah. Nos vinte minutos seguintes, enquanto Ahmed chapinhava na banheira, viram-se obrigados a escutar um sermão de um libanês que exaltava a coragem da Espada de Alá e apelava a atos de terror contra os americanos infiéis e seus aliados.

Às 20h43, o sermão foi interrompido pelo tinir estridente do telefone. Hanifah atendeu rapidamente e disse em árabe: — Ishaq, é você?

Não era Ishaq, mas um dinamarquês muito confuso à procura de alguém chamado Knud. Ao ouvir a voz de uma mulher falando em árabe e o palavreado eclesiástico ao fundo, desculpou-se profusamente e desligou às pressas. Hanifah pousou o receptor e gritou a Ahmed que saísse do banho. O orador do Hezbollah gritou em resposta, dizendo que chegara a hora de os muçulmanos do mundo terminarem a tarefa que Hitler tinha começado.

Mordecai olhou para Gabriel com uma expressão exasperada.

— Nós dois não precisamos suportar esta merda — disse. — Por que não sai por alguns minutos?

— Não quero perder o telefonema dele.

— É para isso que servem os gravadores. — Mordecai estendeu a Gabriel o casaco e empurrou-o para a porta. — Vá comer alguma coisa. E leve Sarah com você. Vocês dois fazem um belo casal.

Lá embaixo, no salão, um quarteto de cordas arranhava indiferentemente um minueto de Bach. Gabriel e Sarah passaram por ele sem um olhar e dirigiram-se aos cafés do New Harbor. Esfriara bastante. Sarah usava boina e virou a gola do casaco dramaticamente para cima. Quando Gabriel a provocou, dizendo que se parecia muito com uma espiã, ela segurou o braço dele, divertida, e encostou o

corpo em seu ombro. Sentaram-se no cais, beber Carlsberg gelada sob um aquecedor reconfortante. Gabriel ia beliscando um prato de bacalhau frito com batatas enquanto Sarah fitava as fachadas das casas na margem oposta, iluminadas por projetores.

— Melhor do que Langley, eu acho.

— Qualquer coisa é melhor do que Langley — ele disse.

Ela olhou para o céu negro e severo.

— Imagino que seu destino esteja agora nas mãos da NSA e seus satélites.

— O seu também — respondeu Gabriel. — Deveria ter ido para Londres com Adrian.

— E perder isto? — Ela baixou o olhar para as casas. — Se ele telefonar esta noite, acha que vamos conseguir ir lá?

— Depende da capacidade da NSA em identificar a casa de Ishaq. Mesmo que consigam localizar Elizabeth, vamos ter outro problema: como tirá-la de lá viva. Ishaq e seus colegas estão mais do que dispostos a morrer, o que significa que qualquer tentativa de invadir o esconderijo vai sem dúvida gerar violência. Mas tenho certeza de que as *opiniões especializadas* terão um plano.

— Não banque o mártir ferido, Gabriel. Não combina com você.

— Não gostei de algumas coisas que disseram hoje de mim em Washington.

— Washington é uma cidade impiedosa.

— Jerusalém também.

— Então vai precisar de uma pele mais grossa quando se tornar chefe do Escritório. — Lançou-lhe um olhar malicioso, meio de cima da gola. — Adrian diz que não passa de um boato, mas, a julgar por sua reação, é verdade. — Ergueu o copo.

— Condolências seriam mais apropriadas.

— Não quer o cargo?

— A alguns homens, a grandeza é imposta.

— Belo estado de espírito o seu esta noite.

— Desculpe, Sarah. Conversas sobre genocídio e extermínio tendem a estragar minha noite.

— Ah, isso. — Bebeu a cerveja e reprimiu um arrepio. — Este restaurante tem lugares lá dentro.

— Sim, mas é mais difícil saber se estamos sendo observados.

— Estamos?

— Foi treinada em contravigilância. Diga você.

— Um homem estava bebendo no bar quando saímos do hotel — disse ela. — Agora está no outro lado do canal com uma mulher que é pelo menos quinze anos mais velha do que ele.

— Segurança dinamarquesa?

— Estava falando alemão no bar.

— E então?

Ela abanou a cabeça. — Não, não acho que seja da segurança dinamarquesa. O que acha?

— Acho que é um gigolô alemão que vai arrancar daquela pobre mulher cada centavo que ela tiver.

— Deveríamos avisá-la?

— Acho que esta noite temos mais com que nos preocupar.

— Você é sempre uma companhia assim tão encantadora?

— Não notei de que isso era um encontro.

— É a coisa mais parecida com um encontro que tenho em muito tempo.

Gabriel lançou-lhe um olhar incrédulo e enfiou um pedaço de peixe na boca.

— Espera mesmo que eu acredite que você tem dificuldade para atrair homens?

— Talvez tenha esquecido, mas neste momento vivo sob falsa identidade por meu papel na operação al-Bakari. Fica difícil conhecer homens. Nem meus colegas de trabalho no CCT sabem meu nome verdadeiro ou algo do meu passado. Talvez seja melhor assim. Seja como for, qualquer pessoa que eu conhecesse agora não teria a mínima chance. Receio que meu coração tenha ficado refém de outra pessoa. — Espiou Gabriel por cima do copo. — Agora é hora em que me pergunta timidamente o nome do homem que prendeu meu coração.

— Há perguntas que é melhor não serem feitas, Sarah.

— Você é tão estoico, não é, Gabriel? — Deu um gole na cerveja retomou a apreciação das casas do canal. — Mas seu coração também está comprometido, não está?

— Confie em mim, Sarah, pode conseguir algo bem melhor que um misantropo de cinquenta e tantos anos do vale de Jezreel.

— Sempre me senti atraída por homens misantropos, sobretudo os talentosos. Mas acho que meu senso de oportunidade foi sempre péssimo. É por isso que estudei arte em vez de música. Deu um sorriso amargo. — É a Chiara, não é?

Gabriel anuiu lentamente.

— Eu sempre soube — disse Sarah. — É uma garota de sorte.

— Eu é que tenho sorte.

— Sabe, ela é muito nova para você.

— É mais velha do que você, mas obrigado por me lembrar.

— Se ela algum dia ela te trocar por um homem mais novo...

— a voz dela extinguiu-se. — Bem, sabe onde me encontrar: a solitária ex-curadora de museu na seção saudita do Centro de Antiterrorismo.

Estendeu a mão e tocou o rosto dela, avermelhado pelo frio.

— Desculpe — disse.

— Por quê?

— Nunca devíamos ter usado você. Devíamos ter conseguido outra.

— Não há ninguém como eu — replicou ela. — Mas acho que você já sabe disso.

Um bando de turistas chineses, os mais recentes invasores endinheirados da Europa, posava para fotos no centro da praça. Gabriel pegou o braço de Sarah e levou-a pelo caminho mais longo, em torno da praça, enquanto pensava na poética ironia de um povo em crescimento passando férias nos santuários de uma civilização em declínio. Entraram no hall do Angleterre sob o olhar admirado do porteiro e subiram as escadas sob os acordes do *Cânone* de Pachelbel. Mordecai andava nervosamente de um lado para o outro quando entraram silenciosamente. Entregou os fones a Gabriel e levou-o até os gravadores.

— Ele telefonou — segredou. — Telefonou mesmo. Nós o pegamos, Gabriel. Você conseguiu.

32

CAIRO: 22H19, TERÇA-FEIRA

A verdade surgiu na Sala de Interrogatório 4 do Escorpião, mas era sempre assim. Como Wazir al-Zayyat desconfiara, Hussein Mandali não era um professor comum. Era um operacional experiente da Espada de Alá e chefe de uma célula importante sediada em Imbaba. Também confessou estar presente quando o xeque Tayyib gravou o sermão convocando uma revolta contra o regime, gravação feita no domingo de manhã no apartamento 2.048 no Ramsés Towers, um quarteirão de luxo ao norte do Clube Gezira, repleto de estrangeiros, estrelas de cinema e amigos novos ricos do regime. Uma rápida verificação dos arquivos tinha revelado que o apartamento em questão era de uma empresa chamada Nejad Holdings, e uma segunda verificação confirmou que a Nejad Holdings era controlada por um tal príncipe Rashid bin Sultana al-Saud.

Não era a primeira vez que o nome do príncipe surgia ligado ao terrorismo islâmico no Egito. Ao longo dos anos, canalizara milhões de dólares para os bolsos dos jihadistas egípcios, incluindo filiais e entidades controladas pela Espada de Alá. No entanto, uma vez que o príncipe era saudita e o Egito era pobre e agradecido aos sauditas pelo auxílio econômico, al-Zayyat tinha que fechar os olhos. *Agora é diferente*, pensava. Dar dinheiro a causas islamistas era uma coisa, dar abrigo a um terrorista decidido a destruir o regime Mubarak

era outra muito diferente. Se conseguisse pegar o xeque Tayyib numa propriedade pertencente ao saudita, al-Zayyat teria a munição de que precisava para acabar com a interferência saudita nas questões internas do Egito de uma vez por todas.

Zayyat chegou às Ramsés Towers pouco depois das 22h30. Entrou no edifício cercado por centenas de policiais novos e inexperientes. Sabia que muitos jovens agentes apoiavam os objetivos da Espada e que muitos deles, se tivessem oportunidade, reproduziriam de bom grado a ação do tenente Khaled Islambouli e meteriam uma bala no peito do Faraó.

Deu ordem ao motorista para que estacionasse do outro lado da rua e baixou o vidro da janela. Um homem de staff, reconhecendo o Mercedes oficial, aproximou-se correndo.

— Entramos há uns dois minutos — disse o agente. — Tudo deserto, mas era evidente que alguém estava ali e saía às pressas. A comida estava em cima da mesa e havia painéis ainda mornas na cozinha.

— Fechem as pontes de Zamalek — ordenou. — Ninguém sai da ilha sem uma revista minuciosa. Depois comecem a bater nas portas nas Ramsés. Não me interessa que tenham de perturbar ricos e famosos. Quero certificar-me de que o xeque não continue escondido lá dentro.

O agente correu de volta à entrada do prédio. Al-Zayyat tirou o celular do bolso e teclou um número no Escorpião.

— Acertamos num poço seco — disse ao homem que atendeu.

— Fazemos mais uma tentativa com Mandali?

— Não, esse também já secou.

— O que quer que façamos com ele?

— Nunca esteve aí — disse al-Zayyat. — Nunca ouvimos falar nele. Ele não é nada. Não é ninguém.

33

COPENHAGEN: 22H24, TERÇA-FEIRA

Gabriel sentou-se diante do gravador, colocou os fones e apertou o PLAY.

— *Pensei que não telefonaria hoje à noite. Sabe que horas são?*

— *Estive ocupado. Vi as notícias?*

— *Os atentados? Não se fala em outra coisa.*

— *O que dizem?*

— *Os dinamarqueses ficaram chocados, claro. Estão se perguntando quando acontecerá em Copenhagen. Aqui em Nørrebro dizem que a Europa está tendo o que merece por apoiar os americanos. Querem*

que os americanos libertem o xequê.

— Cuidado com o que diz ao telefone, Hanifah. Nunca se sabe quem está ouvindo.

— Quem se daria ao trabalho de me ouvir? Não sou ninguém.

— Você é casada com um homem que trabalha no Conselho para Assuntos Islâmicos da Dinamarca.

— Um homem que não se importa de deixar mulher e filho para rodar o Oriente Médio pesquisando a situação do mundo islâmico. Aliás, onde você está hoje?

— Em Istambul. Como está Ahmed?

Gabriel deu STOP, depois REWIND e PLAY.

— Aliás, onde você está hoje?

— Em Istambul. Como está Ahmed?

— Sente falta do pai.

— Quero falar com ele.

— É muito tarde, Ishaq. Está dormindo há quase uma hora.

— Acorde-o.

— Não.

— É importante que eu fale com ele esta noite.

— Então devia ter telefonado mais cedo. Onde você está, Ishaq?

Que barulho é esse aí atrás?

— E só o trânsito em frente ao meu hotel.

— Parece uma autoestrada.

— Há muito barulho aqui em Istambul. Não é como Copenhaga.

Falou com meu pai hoje?

STOP. REWIND. PLAY.

— Onde você está, Ishaq? Que barulho é esse aí atrás?

— E só o trânsito em frente ao meu hotel.

— Parece uma autoestrada.

— Há muito barulho aqui em Istambul. Não é como Copenhaga.

Falou com meu pai hoje?

— À tarde.

— Ele está bem?

— Parecia.

— Como está o tempo em Copenhaga?

— Frio, Ishaq. O que acha?

— Algum estranho rondando o prédio? Rostos estranhos na rua?

— Mais policiais do que o habitual, mas está tudo calmo por aqui.

— Tem certeza?

— Tenho. Por que está tão nervoso?

— Porque neste momento as comunidades muçulmanas pela Europa estão em estado de sítio. Porque estamos sendo capturados e levados a interrogatório simplesmente porque falamos árabe ou rezamos virados para Meca.

— Ninguém está sendo capturado em Copenhagen.

— Ainda não.

— Quando acaba essa conferência, Ishaq? Quando você vem para casa?

— Na verdade, você é que vem para cá. Não para Istambul. Para um lugar melhor.

— Do que está falando?

— Vai à última gaveta da minha cômoda. Deixei um envelope.

— Não gosto de jogos, Ishaq. Estou cansada.

— Faça o que digo, Hanifah. Não vai ficar desapontada. Prometo.

Hanifah soltou um suspiro de exasperação e pôs o receptor ao lado do telefone com tanta força que os tímpanos de Gabriel vibraram. Os sons que ouviu em seguida eram distantes, de pés com chinelos, uma gaveta sendo aberta, notas mexidas. Depois, segundos mais tarde, a voz espantada de Hanifah.

— Onde conseguiu esse dinheiro?

— Onde consegui não interessa. Está com as passagens.

— Beirute? Vamos para Beirute?

— Passar férias.

— O avião parte na sexta-feira de manhã. Como é vou conseguir estar pronta assim tão depressa?

— Ponha apenas algumas coisas numa mala. Vou pedir a alguém do Centro leve vocês ao aeroporto. Um colega meu de Beirute vai buscá-la no aeroporto e levá-la a um apartamento que nos emprestaram. Chego de Istambul dois dias depois.

— Isto é loucura, Ishaq. Por que não me disse nada antes?

— Faça o que digo, Hanifah. Agora tenho de ir.

— Quando volto a ter notícias de você?

— Não sei exatamente.

— O que quer dizer com isso? Manda eu pegar um avião para Beirute e pronto?

— Sim, e pronto. Você é minha mulher. Faça o que digo.

— Não, Ishaq. Diga-me quando volto a ter notícias ou não pego o avião.

— Telefone amanhã à noite.

— A que horas?

— Quando for conveniente.

— Não, não quando for conveniente. Quero saber a hora.

— À nove e meia.

— Hora de quem, sua ou minha?

— Nove e meia, hora de Copenhagen.

— Às nove e trinta e um já não atendo o telefone. Entendeu, Ishaq?

— Tenho de ir, Hanifah.

— *Espere.*
— *Boa noite, Hanifah.*
— *O que você fez, Ishaq? Meu Deus, o que você fez?*
STOP. REWIND. PLAY.
— *Quero saber a hora.*
— *Às nove e meia.*
— *Hora de quem, sua ou minha?*
— *Nove e meia, hora de Copenhagen.*
— *Às nove e trinta e um já não atendo o telefone. Entendeu,*

Ishaq?

STOP.

Gabriel olhou para Mordecai.

— Vou ouvir de novo a parte em que Ishaq pede a Hanifah que vá buscar as passagens e o dinheiro. Pode reduzir a faixa para que eu ouça somente Ishaq?

Mordecai assentiu e fez o que Gabriel pediu. A pausa foi de trinta e três segundos. Gabriel ouviu-a três vezes, depois tirou os fones e olhou para Sarah.

— Diga a Adrian que não espere pela NSA — ordenou. — Diga que Ishaq telefonou de uma parada de descanso numa autoestrada na Alemanha... a noroeste, a julgar pelo sotaque das pessoas que ouço ao fundo. Diga que ele está viajando com pelo menos mais um homem. Estão transportando Elizabeth num caminhão de carga ou numa Ford Transit. Não voltará a parar por várias horas. Acabou de encher o tanque.

34

ACIMA DO COLORADO: 15H28, TERÇA-FEIRA

O pequeno avião Falcon 2000 começou a inclinar-se enquanto se embrenhava nas nuvens de tempestade acima das planícies no Colorado. Lawrence Strauss tirou os óculos de leitura e apertou o nariz com o polegar e o indicador. O poderoso advogado de Washington era um passageiro nervoso por natureza e evitava aviões sempre que podia, sobretudo aviões particulares, que considerava pouco mais do que mortíferas armadilhas aladas. Dada a natureza do caso, o cliente de Strauss ordenara que voasse de Washington para o Colorado num avião emprestado sob condições de extremo sigilo. De modo geral, Strauss não permitia que os clientes ditassem sua agenda nem seus métodos de viagem, mas, neste caso, teve de abrir uma exceção. O cliente era um amigo que, por acaso, também era presidente dos Estados Unidos, e a missão que dera a Strauss era de tal forma delicada que só o presidente e seu procurador geral sabiam de sua

existência.

O Falcon saiu das nuvens e instalou-se num estrato mais suave do ar. Strauss voltou a colocar os óculos e olhou para o arquivo na mesa à sua frente. *Estados Unidos vs xequê Abdullah Abdul Razzaq*. Fora-lhe entregue já tarde na noite anterior na Casa Branca pelo próprio presidente. Strauss ficou muito admirado ao ler o caso do Governo contra o clérigo egípcio, um castelo de cartas. Nas mãos de um bom advogado, a acusação podia ter sido derrubada com um piparote e o caso, arquivado. Mas o xequê não teve um bom advogado de defesa, tendo antes contratado os serviços de um militante dos direitos civis de Manhattan que gostava de dar espetáculo, caindo direitinho na armadilha do promotor. Se Lawrence Strauss fosse o advogado, o caso jamais teria ido a julgamento, o xequê teria respondido por um delito muito menos sério e provavelmente deixaria o tribunal como um homem livre.

Mas Strauss não aceitava casos como o do xequê. Na verdade, raramente aceitava algum caso. Em Washington era conhecido como o advogado que ninguém conhecia, mas que todos queriam. Nunca falava com ninguém, mantinha-se afastado das festas de Washington e a única vez em que esteve num tribunal nos últimos vinte anos foi para testemunhar contra um homem que o assaltara quando corria de manhã cedo no Battery Kemble Park, Noroeste de Washington. Nunca venceu um julgamento importante e nenhum caso inovador levava seu nome. Operava nas sombras de Washington, onde as ligações políticas e as amizades pessoais contavam mais do que brilharecos legais e, ao contrário da maioria dos colegas na comunidade jurídica de Washington, possuía a capacidade de cruzar as linhas políticas. A sua era a política do pragmatismo, e de tal forma valorizada que habitualmente passava vários dias por ano em Camp David, fosse qual fosse o partido no poder. Lawrence Strauss era um especialista em acordos e um amaciador de arestas, um conciliador e um artesão de compromissos. Ele fazia com que desaparecessem os problemas e promotores. Para ele, ir a julgamento eram como jogar dados e Lawrence Strauss não combinava com jogos, à exceção de seu pôquer de quinta-feira à noite, que incluía o presidente da Suprema Corte, dois ex-procuradores-gerais e o presidente da Comissão de Justiça do Senado. Na semana anterior ganhara alto. Ele geralmente ganhava.

Uma explosão de estática tomou conta do sistema de intercomunicação do avião, seguida pela voz do piloto, para informar que aterrissariam em dez minutos. Strauss guardou o processo na pasta e observou as planícies cobertas de neve se erguendo lentamente para recebê-lo. Receou ter sido enviado para algo infrutífero. Recebera péssima mão, mas seu rival também. Teria que blefar. Não gostava de blefar. Blefe era para perdedores. E a única coisa que Lawrence

Strauss odiava mais do que voar era perder.

A Penitenciária Administrativa de Segurança Máxima dos Estados Unidos, também conhecida como Supermax, a Alcatraz das Montanhas Rochosas, está situada três quilômetros ao sul de Florence, Colorado, escondida do público pelas colinas marrons do deserto do Colorado. Quatrocentos prisioneiros dos mais duros e perigosos do país estão encarcerados ali, incluindo Theodore Kaczynski, Terry Nichols, Eric Rudolph, Matthew Hale, David Lane e Anthony “Gaspip” Casso, subchefe da família do crime Lucchese. Também atrás dos muros da Supermax está um numeroso contingente de terroristas islâmicos, incluindo Zacarias Moussaoui, Richard Reid e Ramzi Yousef, cérebro do primeiro ataque ao World Trade Center, em 1993. Apesar da notoriedade da população residente, pesquisas recentes revelaram que a prisão tinha perigosa insuficiência de pessoal e estava longe de ser segura. Promotores da Califórnia souberam que o líder da máfia mexicana Ruben Castro dirigia seus empreendimentos criminosos em Los Angeles a partir de sua cela na Supermax, enquanto autoridades na Espanha descobriram que o conspirador do World Trade Center Mohammed Salameh comunicou-se por escrito com células terroristas ligadas ao atentado no metrô de Madri. Ao passar pelos portões externos da prisão, no banco traseiro de uma Suburban do FBI, Lawrence Strauss esperou que os guardas conseguissem manter as coisas sob controle até ele estar no ar novamente.

O diretor estava à espera de Strauss na recepção. Estendeu solenemente a mão a Strauss quando este entrou e murmurou um cumprimento, depois virou-se e conduziu-o sem uma palavra às entranhas do complexo. Passaram por uma série de portas que se fechavam atrás deles com finalidade irrefutável. Strauss visitara com o presidente um submarino, experiência que jurou não repetir. Agora se sentia da mesma maneira — confinado, claustrofóbico e transpirando apesar do frio cortante. O diretor conduziu-o a uma sala segura, dividida em duas partes por uma parede de Plexiglass — visita de um lado, prisioneiro do outro, uma linha telefônica entre os dois.

Uma tabuleta avisava que todas as conversas eram gravadas. Strauss olhou para o diretor e disse: — Receio que isto não sirva.

— Os dispositivos de gravação e câmeras de vigilância serão desligados.

— Em circunstância alguma esta conversa será conduzida eletronicamente.

— Serve para a CIA e o FBI quando vêm aqui.

— Eu não trabalho para a CIA nem para o FBI.

— Receio que sejam as regras, Sr. Strauss.

Strauss levou a mão ao bolso do paletó e tirou o celular.

— Um telefonema, é o que basta. Um telefonema e obtenho o

que quero. Mas não vamos perder tempo precioso. Vamos chegar a um acordo razoável.

— O que tem em mente?

Strauss disse.

— Há semanas que ele não sai da cela.

— O ar fresco vai lhe fazer bem.

— Sabe o frio que está lá fora?

— Arranje-lhe um casaco.

Estava a começando a escurecer quando Strauss foi conduzido através de uma porta segura que dava para o pátio de exercícios do lado oeste. Uma mesa e duas cadeiras desdobráveis tinham sido colocadas bem no meio e lâmpadas brilhavam ao longo da cerca eletrificada. Quatro guardas permaneciam como estátuas no perímetro, outros dois estavam empoleirados no parapeito da torre de vigia com armas apontadas para baixo. Strauss acenou com a cabeça para o diretor em sinal de aprovação, em seguida dirigiu-se para o pátio sozinho e sentou-se.

O xequê Abdullah Abdul-Razzaq saiu da unidade minutos depois, algemado e comprimido entre dois guardas. Era mais baixo do que Strauss imaginara, um metro e sessenta e cinco, talvez, e magro como um indigente. Vestia macacão laranja de prisioneiro tinha um anorak em cima dos ombros ossudos. A barba estava desalinhada, e Strauss conseguia ver que seu rosto estava marcado pela doença. Era o rosto de um moribundo, pensou, que há muitos anos não via a luz do sol. Os olhos brilhavam com uma inteligência condescendente. Strauss ganhava a vida fazendo julgamentos sobre as pessoas. Sua primeira impressão do xequê foi de que era corajoso e dedicado e nada teria a ver com o fanático irracional retratado pela mídia. Seria um adversário mais do que digno.

Quando o xequê se sentou, Strauss pediu a um dos guardas: — Tire as algemas dele, por favor.

O guarda abanou a cabeça.

— É contra as regras.

— Eu assumo total responsabilidade.

— Lamento — disse o guarda —, mas é uma regra que não quebramos na Max. Nunca tiramos as algemas dos prisioneiros quando estão fora da cela. Certo, xequê Abdullah? — Os guardas deram uma palmadinha nas costas do xequê e começaram a voltar para a unidade de celas. O egípcio não respondeu, limitando-se a fixar os olhos escuros diretamente nos de Strauss.

— Quem é o senhor? — perguntou, em inglês. — Meu nome é Arthur Hamilton — respondeu Strauss.

— Trabalha para o Governo americano, senhor?

Strauss abanou a cabeça.

— Quero deixar claro desde o início que sou um cidadão privado. Não tenho relação alguma com o Governo dos Estados Unidos.

— Mas certamente não veio aqui de livre vontade. Certamente que outros o mandaram vir.

— Correto.

— Quem o enviou?

Strauss olhou para os guardas na torre e depois fitou diretamente Abdullah. — Sou um emissário do presidente dos Estados Unidos.

O xequê aceitou a informação com ar de desprendimento.

— Tenho estado a sua espera — disse calmamente. — Em que posso ajudá-lo, Sr. Hamilton?

— Imagino que tenha conhecimento de que seu grupo sequestrou a filha do embaixador americano em Londres e que estão prestes a assassiná-la caso os Estados Unidos não o libertem e o devolvam ao Egito.

— Olhe suas palavras com cuidado, Sr. Hamilton. Aos meus olhos, Elizabeth Halton é um alvo legítimo. Sua morte, se acontecer, não seria assassinato, mas uma morte justificada.

— Tem conhecimento do que aconteceu em seu nome?

— Muito bem, Sr. Hamilton.

— Está, de alguma forma, relacionado com o sequestro?

— Está perguntando se o ordenei ou ajudei a planejá-lo?

— Precisamente.

Abanou a cabeça devagar. — Não tenho contato com a Espada de Alá desde minha prisão neste estabelecimento. O que foi feito em meu nome foi ativado sem minha aprovação ou conhecimento.

— Por seu irmão?

— Não sei dizer. — O xequê esboçou um sorriso fugaz. — É muito bom de perguntas, Sr. Hamilton. Devo assumir que é advogado?

— Culpado, xequê Abdullah.

— Aprecio sua franqueza. Posso agora lhe fazer uma pergunta? Strauss anuiu.

— Vai se converter ao islamismo, Sr. Hamilton?

— Perdão?

— Como muçulmano devoto, sou obrigado a fazer muitas coisas. Entre as quais levar a dádiva do islamismo aos descrentes.

— Receio que a minha fidelidade já esteja comprometida.

— É uma pessoa do Livro?

— Acredito na lei, xequê Abdullah.

— A única lei que interessa é a lei de Deus.

— E o que diria Deus sobre as atrocidades que têm sido cometidas na Europa em seu nome? O que diria Deus sobre o

sequestro de inocentes?

— O número de mortos é insignificante em comparação à quantidade de pessoas torturadas e mortas por Hosni Mubarak. Não passam de uma ninharia em comparação ao número de muçulmanos inocentes mortos por causa da aventura americana e britânica no Iraque. — Calou-se por um momento. — Sabe o que aconteceu no meu país depois que os aviões de Osama se chocaram contra as suas Torres Gêmeas? Seu Governo deu ao regime de Mubarak nomes, centenas de nomes, Sr. Hamilton. E sabe o que a sua polícia secreta fez? Prendeu todos esses homens, torturou-os sem misericórdia, embora não tivessem absolutamente nada com o 11 de Setembro.

— E isso justifica o sequestro e o assassinato de uma mulher inocente?

— Sem dúvida. — O xeque olhou as luzes. O brilho pungente tirou toda a cor de seu rosto. — Mas o presidente não o mandou vir de Washington para começar uma conversa sincera, não é, Sr. Hamilton?

— Não, xeque Abdullah, não mandou.

— Então, qual é o objetivo de sua visita?

— O presidente enviou-me até aqui para lhe pedir um favor. Gostaria que emitisse uma declaração condenando o sequestro e apelando à libertação imediata de Elizabeth Halton. Ele acha que suas palavras teriam profunda influência entre os sequestradores.

— Os sequestradores estão ouvindo outras vozes, sem dúvida. A minha não passaria de um ruído de fundo.

— O presidente não pensa assim. — As palavras seguintes foram proferidas com cautela. — E ficaria extremamente grato por qualquer ajuda que pudesse proporcionar neste caso.

— Como o presidente demonstraria sua gratidão?

— Estou aqui para negociar, xeque Abdullah.

— Claro que está, Sr. Hamilton.

— O presidente acredita que o senhor é um homem razoável que não desejaria que fizessem mal a Elizabeth Halton. O presidente pensa que seria inadequado negociar numa hora como esta. Também seria contrário às políticas de Estado americanas.

— O presidente acredita que sou um homem assim tão razoável? Então por que se referiu a mim como terrorista?

— Algumas coisas que são ditas para consumo público não são necessariamente os verdadeiros sentimentos — disse. — Como homem do Oriente Médio, certamente consegue compreender isso.

— Mais do que possa pensar — retorquiu o egípcio. — Mas o presidente não precisa da minha cooperação nesta *fatwa*. Pode pedir a seus espertos espiões na CIA que forjem uma.

— O presidente acha que os captores não acreditarão, a não ser que seja proferida pelo senhor. Ele gostaria que lesse sua declaração

em frente às câmeras. Trataríamos de tudo aqui, é claro.

— Claro. — O xeque cofiou a barba com ar pensativo. — Devo entender que o presidente dos Estados Unidos quer que eu ponha um fim a esta crise e, contudo, nada me oferece em troca.

Strauss retirou o processo da mala e colocou-o em cima da mesa.

— Vim a saber que o Ministério Público do Distrito Leste da Virgínia não entregou a seus advogados certas provas de exculpação que a lei exigia que dessem. Penso que uma moção bem redigida da Seção 2255 teria recepção favorável nos tribunais.

— Muito ou pouco favorável?

Mais uma vez, Strauss avançou com precaução. — Consigo prever um cenário em que a sua condenação sofreria uma reviravolta, no momento em que o Governo teria de decidir entre submetê-lo a novo julgamento ou simplesmente libertá-lo. Entretanto, podem ser tomadas medidas para tornar mais confortável sua estadia aqui.

— Faz com que pareça um convidado seu.

— O senhor foi um convidado nosso, xeque Abdullah. Nós lhe demos permissão para entrar em nosso país e o senhor retribuiu essa hospitalidade conspirando para atacar alguns de nossos pontos de referência mais importantes.

— Apesar disso, o senhor estaria disposto a aceitar meu caso.

— Não faço esse tipo de coisa — disse Strauss. — Mas me lembro de vários advogados que fariam um excelente trabalho.

— Quanto tempo demoraria um processo desses?

— Dois anos — respondeu Strauss. — Três, no máximo.

— Pareço-lhe um homem que tem três anos de vida?

— Não há outra opção.

— Não, Sr. Hamilton, o presidente é que não tem opção. Na verdade, as opções dele são tão limitadas que o mandou vir de chapéu na mão para implorar minha ajuda. Em troca, ora, me dá uma falsa esperança e espera que eu me sinta grato. Mas é o que vocês, americanos, sempre fazem, não é, Sr. Hamilton? O que parecem não compreender é que há mais em jogo, e não apenas o destino de uma única mulher americana. A Espada incendiou o Egito. Agora os dias do regime de Mubarak estão por um fio. E quando ele cair, todo o Oriente Médio vai mudar de um dia para o outro.

Strauss arrumou o arquivo na mala.

— Não sou especialista em Oriente Médio, mas algo me diz que está enganado. Solte a *fatwa*, xeque Abdullah. Salve Elizabeth Halton. Faça a coisa certa. Deus vai recompensá-lo. — Hesitou, e depois acrescentou: — E o presidente também.

— Diga ao seu presidente que a América não negocia com terroristas e que nós não negociamos com tiranos. Diga-lhe que

cumpra as exigências da Espada ou em breve estará na Base Aérea vendo um caixão sair de um avião.

Strauss levantou-se de forma abrupta e olhou para o xeque. — Está cometendo um grave erro. Vai morrer nesta prisão.

Talvez — disse o egípcio. — Mas o senhor morrerá antes de mim.

— Minha saúde é melhor que a sua, xeque.

— Mas o senhor vive em Washington e em breve nossos irmãos vão transformá-la em cinzas. — O xeque virou o rosto. — Tenha um bom voo de regresso para casa, senhor E, por favor, dê meus cumprimentos ao presidente.

COPENHAGEN: 13H15, QUARTA-FEIRA

— Tinha razão quanto ao telefonema ter sido feito da Alemanha — disse Adrian Carter.

Caminhavam ao longo de uma trilha de cascalho nos jardins Tivoli. Carter vestia sobretudo de lã e chapka de pele, lembrança de seus dias em Moscou. Gabriel usava jeans e jaqueta de couro e pairava sobre o ombro de Carter como uma consciência inquieta.

— A NSA determinou que Ishaq estava na periferia de Dortmund quando fez a chamada, provavelmente na Autobahn A1. Neste momento estamos assumindo que os sequestradores conseguiram retirar Elizabeth da Grã-Bretanha. Eles a estão mudando constantemente de esconderijo pelo continente.

— Falou com os alemães?

— O presidente estava ao telefone com o chanceler minutos depois de a NSA determinar a localização. Em uma hora todos os policiais da região noroeste estavam na busca. Como é óbvio, não os encontraram. Nada, nem Elizabeth.

— Talvez devamos nos considerar afortunados — Gabriel. — Se fossem encontrados pelo policial errado podíamos ter um *Fürstentfeldbruck* em mãos.

— Por que o nome soa familiar?

— Era o campo de aviação fora de Munique para onde nossos atletas foram levados em setenta e dois. Os terroristas pensaram que embarcariam num avião para sair do país. Era uma armadilha, é claro. Os alemães decidiram encenar um salvamento. Perguntamos se podíamos tratar do assunto, mas se recusaram. Queriam ser eles a fazê-lo.

— Eu me lembro — disse Carter, com um tom distante. — Em segundos seus atletas estavam todos mortos.

— Shamron estava na torre quando aconteceu — acrescentou Gabriel. — Ele assistiu a tudo.

Sentaram-se em um café na calçada. Gabriel pediu bolo de maçã, e observou Sarah passar lentamente por eles, as pontas do cachecol enfiadas no casaco, um sinal combinado que significava que não detectara a segurança dinamarquesa.

— Munique — disse Carter, novamente com um tom distante. — Todos os caminhos levam a Munique, não é verdade? Munique

provou que o terrorismo podia deixar o mundo civilizado de joelhos. Munique provou que o terrorismo podia funcionar. As impressões digitais de Yasser Arafat estavam por toda Munique, mas dois anos depois ele estava de pé perante a Assembleia Geral das Nações Unidas. — Carter fez um esgar amargo e tomou um gole de café. — Mas Munique também provou que uma campanha implacável, determinada e incansável contra os assassinos também podia ser eficaz. Demorou, mas vocês acabaram conseguindo tirar o Setembro Negro de circulação. — Olhou para Gabriel. — Viu o filme?

Gabriel lançou um olhar fulminante a Carter e abanou lentamente a cabeça.

— Vejo todas as noites na minha cabeça, Adrian. A versão real, não uma fantasia escrita por alguém que põe em causa o direito de meu país existir.

— Não pretendia tocar num nervo. — Carter cortou o bolo, sem apetite. — Mas, de certa forma, era mais simples, não era? Eliminam-se os líderes e a rede morre. Agora combatemos um conceito, e as ideias custam mais a morrer. É como lutar contra um câncer. Temos de administrar a dose correta de remédio. Se for pouca, o câncer cresce. Em demasia, matamos o doente.

— Enquanto o Egito continuar a produzir terroristas, nunca extirparemos o câncer — declarou Gabriel. — Ibrahim Fawaz foi uma exceção. Depois de torturado e humilhado pelo regime, escolheu deixar o movimento extremista e prosseguir com a vida que lhe restava. Mas a maioria dos que são torturados seguem o caminho oposto.

— Não seria maravilhoso podermos estalar os dedos e criar uma democracia viável ao longo das margens do Nilo? Mas isso não vai acontecer logo, especialmente devido ao Iraque. O que significa que no futuro próximo temos de aguentar Mubarak e seu regime criminoso. É um filho da puta, mas é o nosso filho da puta. E de vocês também, Gabriel. Ou preferem ter uma República Islâmica do Egito em seu flanco ocidental?

— Em muitos aspectos, o Egito já é uma república islâmica. O Governo egípcio não consegue garantir os serviços mais básicos ao povo e os islamistas preencheram o vazio. Penetraram nas escolas primárias e nas universidades, nos serviços públicos e nos sindicatos de trabalhadores, nas artes e na imprensa, até mesmo nos tribunais e nas associações legais. Não há livro que possa ser publicado, nem que possa ser produzido sem antes ser aprovado pelos clérigos em Al-Azhar. As influências ocidentais estão lentamente sendo dominadas. É uma questão de tempo até que também o Governo seja dominado.

— Com um pouco de sorte descobriremos uma alternativa para abastecer nossos carros antes que isso aconteça.

— Vão descobrir — asseverou Gabriel. — E nós enfrentaremos o monstro sozinhos.

Gabriel deixou algumas notas sob a xícara de café e levantou-se. Caminharam pela orla do parque, até uma fileira de bancas de comida. Sarah estava sentada em uma mesa de madeira, comendo camarão frio com pão preto. Carter e Gabriel passaram lentamente por ela, deitou o resto para um balde de lixo e seguiu-os.

— Por falar no Egito, ontem à noite quase pegamos um saudita. — disse Carter. — A SSI deteve um operacional da Espada Alá chamado Hussein Mandali. Teve a infelicidade de estar com a fita de um sermão do xeque Tayyib gravado antes do sequestro. Parece que Mandali estava na sessão de gravação, num apartamento de um patrocinador saudita chamado Rashid bin Sultan. Estava na nossa mira há algum tempo; ao que parece, financiar terroristas islâmicos é para ele um passatempo, como os falcões e as prostitutas. — Tirou o cachimbo do bolso do sobretudo. — A SSI revistou o apartamento e descobriu que tinha sido abandonado pouco antes. Pedimos autorização para interrogar Mandali e disseram que ele não estava disponível.

— O que significa que já não está apresentável.

— Ou pior.

— Ainda pretende enviar *meu Joe* para o Egito, para ser interrogado?

— Tem razão nesse ponto, Gabriel. A pergunta é, o que fazemos?

— Talvez tenha chegado a hora de dar uma palavrinha com Ishaq.

Carter parou de andar e olhou diretamente para Gabriel.

— No que está pensando, exatamente?

Gabriel contou seu plano a Carter enquanto percorriam o centro de Copenhagen, por uma calma rua de paralelepípedos.

— É arriscado — disse Carter. — Também não temos garantia de que telefone outra vez logo à noite. Pedimos à polícia alemã que fizesse as buscas o mais discretamente possível, mas isso não passou despercebido da mídia alemã, e há o risco de Ishaq também ter notado. Se for inteligente, e não temos provas do contrário, vai desconfiar que o telefonema teve algo a ver com isso.

— Ele vai telefonar, Adrian. Está tentando manter a família. E quanto ao risco, não temos alternativa sem risco.

Carter pensou mais um pouco.

— Vamos ter de ser sinceros com os dinamarqueses — acabou por dizer. — E o presidente vai ter que aprovar.

— Então ligue para ele.

Carter entregou o telefone a Gabriel.

— Ele é seu amigo — escusou-se. — Ligue você.

Passaria uma hora até que o presidente desse sua bênção ao plano de Gabriel. O primeiro passo da operação ocorreu dez minutos depois disso, não em Copenhagen, mas em Amsterdã, onde, às 12h45, Ibrahim Fawaz saiu da mesquita al-Hijrah, após as orações do meio-dia, e voltou ao mercado aberto da Ten Kate Straat. Quando se aproximava da banca ao fundo do mercado, um homem tocou seu braço de leve. Tinha marcas de varíola na face e falava árabe com sotaque palestino. Cinco minutos depois, Ibrahim estava sentado a seu lado no branco traseiro de um Mercedes.

— Desta vez não há algemas nem capuz?

O homem das faces marcadas abanou lentamente a cabeça. — Esta noite vamos viajar juntos confortavelmente. Desde que se porte bem, é claro.

— Aonde vamos?

O homem respondeu com sinceridade.

— A Copenhagen.

— Por que Copenhagen?

— Um amigo nosso está prestes a atravessar uma ponte e precisa de um homem bom como o senhor para servir de guia.

— Imagino que isso queira dizer que teve notícias do meu filho.

— Sou apenas o mensageiro. Seu amigo vai esclarecer quando chegarmos.

— E minha nora e meu neto?

O homem de faces marcadas não respondeu. Olhou para o retrovisor e, com um breve aceno da cabeça ao motorista, disse que partisse. Quando o carro se afastou Ibrahim perguntou-se se iriam mesmo para Copenhagen, ou se o destino eram as câmaras de tortura do Egito. Lembrou-se das palavras do xeque Abdullah. *Confie em Deus*, disse. *Não se deixe abater*.

A polícia não-muito-secreta da Dinamarca é conhecida como *Security Intelligence Service*. Quem trabalha lá diz apenas “o Serviço” e profissionais como Adam Carter a chamam de PET, iniciais do nome-impossível-de-pronunciar em dinamarquês. Embora seu endereço fosse oficialmente secreto, a maior parte dos habitantes de Copenhagen sabia que fica num edifício de escritórios anônimo num bairro ao norte dos jardins Tivoli. Lars Mortensen, o chefe pró-americano da PET, aguardava em seu gabinete quando Carter chegou. Era alto, como os dinamarqueses invariavelmente são, porte de viking e rosto de estrela de cinema. Os olhos azuis argutos não demonstravam emoção alguma, além de leve curiosidade. Era raro um americano do nível de Adrian Carter chegar a Copenhagen em visita — e ainda mais raro avisando com cinco minutos de antecedência.

— Queria que tivesse avisado antes de sua chegada — disse Mortensen, enquanto apontava a Carter uma confortável poltrona estilo Danish Modern. — Podíamos ter preparado uma recepção adequada. A que devemos a honra?

— Receio que estejamos em situação delicada. — O agente dinamarquês notou o tom cauteloso de Carter. — A busca por Elizabeth Halton trouxe-nos a solo dinamarquês. Bem, não nós exatamente. Um serviço de espionagem que tem trabalhado conosco.

— Que serviço?

Carter respondeu com sinceridade. A expressão nos olhos de Mortensen transformou-se de curiosidade em fúria.

— Há quanto tempo estão na Dinamarca?

— Há vinte e quatro horas, uma hora a mais, uma hora a menos.

— Por que não fomos informados?

— Receio que se tenha transformado numa espécie de perseguição quente.

— Os telefones funcionam nas perseguições — contrapôs Mortensen. — E o mesmo com o fax e os computadores.

— Foi um lapso de nossa parte — justificou-se Carter, em um tom conciliatório. — E a culpa não é dos israelenses, é minha.

— O que estão eles fazendo aqui, exatamente? — Mortensen semicerrou os olhos. — E por que veio agora? — Bateu no joelho ansiosamente com uma caneta de prata durante a explicação de Carter. — Exatamente quantos israelenses estão neste momento em Copenhagen?

— Muito sinceramente, não tenho certeza.

— Quero-os fora da cidade em uma hora.

— Receio que pelo menos um deles tenha de ficar.

— Como se chama?

Carter disse. A caneta de Mortensen parou.

— Preciso falar com o primeiro-ministro — disse.

— É mesmo necessário envolver os políticos?

— Sim, se eu quiser manter meu emprego — replicou Mortensen com brusquidão. — Se o primeiro-ministro autorizar, e não vejo razão para que ele não autorize, dada nossa colaboração pacífica com seu Governo, quero estar presente esta noite, quando Fawaz ligar.

— É provável que seja desagradável.

— Os dinamarqueses são um povo duro, Sr. Carter. Posso aguentar.

— Nesse caso, será um prazer ter você lá.

— E diga a seu amigo Allon que mantenha a Beretta guardada no coldre. Não quero cadáveres. Se alguém morrer no país esta noite, seja onde for, ele será nosso principal suspeito.

— Eu digo — garantiu Carter.

A curiosidade voltou aos olhos de Mortensen.

— Como é ele?

— Allon?

Mortensen anuiu.

— É um cara sério e um pouco áspero nas pontas.

— Todos são — disse Mortensen.

— Sim — concordou Carter. — Mas quem pode culpá-los?

Há poucos edifícios feios no centro de Copenhagen. O de vidro e aço na Dag Hammarskjölds Allé, que abriga a embaixada americana, é um deles. A estação da CIA que ali se ergue é pequena e um tanto apertada — Copenhagen era desimportante para os serviços de inteligência na Guerra Fria, e assim continua —, mas as salas seguras podem receber vinte pessoas confortavelmente e seu equipamento eletrônico é top de linha. Carter achou que precisariam de um nome de código e Gabriel, após breve deliberação, sugeriu Moriah, o monte em Jerusalém onde Deus ordenou a Abraão que sacrificasse seu filho. Carter, cujo pai era um professor episcopal, considerou a escolha inspirada, e a partir desse momento as comunicações da agência se referiam-se a eles como equipe Moriah, e nada mais.

Ibrahim Fawaz chegou de Amsterdã às seis da tarde com Oded e Yaakov. Lars Mortensen apareceu às 18h15 e aceitou a contrição de Gabriel pelo pecado de não ter obtido autorização antes de entrarem em solo dinamarquês. Depois Gabriel pediu que o restante da equipe pudesse permanecer na Dinamarca até o fim da operação e Mortensen, claramente fascinado por estar na presença da lenda em pessoa, imediatamente concordou. Mordecai e Sarah chegaram depois de levantar acampamento no Hotel d'Angleterre, enquanto um agradecido Eli Lavon deixava Nørrebro com o aspecto de quem fez campana permanente por uma semana.

No início as ações estavam com Mortensen e os dinamarqueses. Às sete desligaram a linha telefônica do apartamento de Nørrebro e redirecionaram as chamadas para um número na estação da CIA. Quinze minutos depois, dois agentes dinamarqueses — Mortensen escolheu agentes femininas para evitar um confronto cultural — fizeram uma visita discreta ao apartamento com o objetivo expresso de fazer algumas perguntas de “rotina” sobre o paradeiro de um tal Ishaq Fawaz. O “vidro” original de Mordecai continuava ativo e, para desalento de Mortensen, foi usado pela Equipe Moriah para acompanhar o desenrolar da ação. Demorou quinze minutos e terminou com Hanifah e Ahmed sendo levados para perguntas adicionais. Retiraram de imediato o celular de Hanifah e o aparelho foi enviado em alta velocidade para a embaixada, onde Mordecai, com Carter e Mortensen acompanhando seus movimentos, buscou

fragmentos úteis de informação.

Às oito horas teve início uma cena que mais tarde Carter descreveria como um velório. Reuniram-se em volta da mesa retangular da sala de conferências os americanos de um lado, os guerreiros de campo de Gabriel do outro, Sarah pouco à vontade entre eles. Mortensen acomodou-se bem em frente ao alto-falante. Ibrahim sentou-se à direita, dedilhando nervosamente as contas do tasbih. Apenas Gabriel estava em movimento. Percorria a sala como um ator em noite de estreia, mão no queixo, olhos presos ao telefone, como se a simples vontade o fizesse tocar. Sarah tentou dizer que o telefonema chegaria em breve, mas Gabriel pareceu nem ouvir. Escutava outras vozes — a voz de Ishaq prometendo à mulher que ligaria às 21h30, a voz de Hanifah avisando que se ele atrasasse um minuto ela não atenderia. Às 21h29, Gabriel parou de andar e colocou-se sobre o telefone. Dez segundos depois ele tocou com a brusquidão de um alarme de incêndio durante num plantão noturno. Gabriel estendeu a mão para o receptor e levou-o devagar ao ouvido.

36

COPENHAGEN: 21H30, QUARTA-FEIRA

Gabriel escutou por vários segundos sem falar. O som de tráfego veloz no asfalto molhado, o som distante de uma buzina, como um aviso de problemas. — Boa noite, Ishaq — disse calmamente em árabe. — Quero que ouça com muita atenção, porque só vou dizer isto uma vez. Está ouvindo, Ishaq?

— Quem fala?

— Vou entender isso como um sim. Tenho seu pai, Ishaq. Também tenho Hanifah e Ahmed. Vamos fazer um acordo, Ishaq. Só você e eu. Vai me dar Elizabeth Halton e eu devolvo sua família. Se não me entregar Elizabeth, vou pôr sua família num avião para o Egito e entregá-la à SSI para ser interrogada. E você sabe o que acontece nas salas de interrogatório da SSI, não sabe, Ishaq?

— Onde está meu pai?

— Vou lhe dar um número de telefone, Ishaq. É um número que mais ninguém tem a não ser eu. Quero que o anote, porque é importante que não o esqueça. Está preparado, Ishaq?

Silêncio, e a seguir: — Estou pronto.

Gabriel recitou o número e depois disse: — Telefone para esse número em dez minutos, Ishaq. São agora nove e trinta e um. Às nove e quarenta e dois vou deixar de atender o telefone. Percebeu, Ishaq?

Não ponha minha polícia à prova. E não faça a escolha errada.

Gabriel desligou o telefone e olhou para Ibrahim.

— Era ele?

Ibrahim fechou os olhos e remexeu nas contas do seu tasbih.

— Sim — respondeu Ibrahim. — Era meu filho.

Carter e Mortensen pegaram telefones diferentes e teclaram rapidamente. Mortensen ligou para um de seus homens na Tele Danmark, a companhia telefônica dinamarquesa, enquanto Carter chamava um agente de ligação da CIA em Fort Meade, Maryland, sede da NSA. Cinco minutos depois, desligaram simultaneamente e olharam um para o outro, como num jogo de pôquer em lados opostos da mesa. Mortensen foi o primeiro a mostrar as cartas.

— Segundo a Tele Danmark, a chamada veio de um celular na Bélgica — informou. — Se contarmos os nossos em Bruxelas, podemos descobrir onde ele estava.

— Não se incomode — disse Carter. — Estava em Liège, provavelmente na A3. Não usou o mesmo telefone de ontem à noite. E já não está no ar.

Ele ligou para o celular de Hanifah e depois novamente para o apartamento. Gabriel deixou que os telefones tocassem, e como ninguém atendesse, o prazo chegando ao fim, telefonou para o número que Gabriel lhe dera. Os técnicos tinham conectado a linha a gravadores e a chamada era transmitida ao vivo para Washington. Para irritação dos que ouviam, Gabriel deixou o telefone tocar quatro vezes antes de atender. O tom de sua voz quando finalmente levou o receptor ao ouvido, era brusco e sério.

— Foi por pouco, Ishaq. Em seu lugar eu não faria disso um hábito.

— Onde estão minha mulher e meu filho?

— Neste momento, a bordo de um avião num aeroporto fora de Copenhagen. O que acontecer depende totalmente de você.

— Meu pai?

— Seu pai está aqui comigo.

— Onde?

— O lugar é irrelevante, Ishaq. A única coisa que interessa agora é Elizabeth Halton. Você a tem, eu a quero de volta. Faremos com que isso fique entre nós dois. Não é necessário envolver mais ninguém. Nem seu controlador, nem o cérebro. Só nós.

— Para quem trabalha?

— Posso ser quem você quiser que eu seja: CIA, FBI, DIA, uma organização tão secreta que você nunca ouviu falar dela. Mas esteja certo de uma coisa. Não estou blefando. Fiz seu pai desaparecer da mesquita Hijrah em Amsterdã e fiz sua mulher e filho desaparecerem do Nørrebro. E se não fizer exatamente o que digo, coloco todos num

avião para o Egito. E sabe o que acontece lá, não sabe? Eu sei o que aconteceu a sua irmã, Ishaq. O nome dela era Jihan, certo? Seu pai me contou. Seu pai me contou.

— Quero falar com ele.

— Receio que isso não seja possível no momento. Seu pai sofreu o suficiente com a polícia secreta egípcia. Não o faça sofrer outra vez. Viu as cicatrizes nos braços dele? Viu as cicatrizes nas costas? Não o faça suportar mais uma noite nas câmaras de tortura do Egito.

Ishaq ficou em silêncio por um instante. Gabriel escutou atentamente o ruído de fundo. O caminhão estava em movimento novamente.

— De onde está ligando, Ishaq?

— Do Afeganistão.

— Isso é muito tempo dirigindo, tendo em vista que estava perto de Dortmund quando telefonou ontem à noite. Minha paciência tem limites. Diga-me onde está ou desligo e nunca mais volta a ter notícias minhas. Entendeu?

— E eu aperto um botão e a americana terá morte de mártir. Entendeu?

— Já tivemos bombas e sangue de sobra, Ishaq. Já chegou aonde queria. O mundo já tomou conhecimento do sofrimento do Egito. Mas o presidente não vai libertar o xeque, independentemente do número de pessoas que matar. Só Ishaq tem o poder de parar as coisas. Poupe a vida de Elizabeth Halton. Devolva-a e eu lhe devolvo sua família.

— E o que me acontece?

— Não estou interessado em você. Na verdade, não estou nem aí para você. Quero é Elizabeth Halton. Deixe-a num lugar seguro qualquer, diga onde posso encontrá-la e depois vá embora para o Afeganistão ou o Paquistão ou *outro-merdistão-qualquer* em que queira passar o resto da vida. Só quero que me devolva a moça. Você ama a morte, nós amamos a vida. Você é forte, nós somos fracos. Já ganhou. Só quero que a entregue.

— Um dia vou encontrá-lo, seu canalha. Vou encontrá-lo e matá-lo.

— Acho que isso significa que não está interessado em fazer um acordo. Foi um prazer falar com você, Ishaq. Se por acaso mudar de ideia, tem dez minutos para voltar a ligar. Pense bem no assunto. Não tome a decisão errada. Ou sua família será morta. Dez minutos, Ishaq. Depois o avião parte para o Cairo.

Gabriel desligou o telefone pela segunda vez. Carter deu-lhe uma palmada nas costas. Estavam encharcadas em suor.

Gabriel escapuliu da sala de reuniões sem dizer uma palavra e

foi para o banheiro. Postou-se em frente à pia com mãos apoiadas na porcelana fria, e fitou seu reflexo no espelho. Viu-se não como era agora, mas como um rapaz de vinte e um anos, artista talentoso com as cinzas do Holocausto correndo nas veias. Shamron estava atrás dele, rijo como uma barra de ferro, insistente como o rufar de um tambor. Vamos apanhar os terroristas, dizia. Você será o anjo da morte vingador de Israel.

Mas Shamron não o prevenira do preço que um dia teria de pagar por se misturar a terroristas e assassinos. Um filho preso no túmulo de herói no monte das Oliveiras, uma esposa perdida no labirinto da memória em hospício do monte Herzl. Havia perdido a própria família para os terroristas e jurou que nunca atacaria inocentes para alcançar seus objetivos. Ainda que apenas para enganar, quebrara a promessa. Não sentia culpa por seus atos, apenas um profundo desespero. O credo dos jihadistas globais não era justo; era uma doença mental. Não dá para argumentar com quem massacra inocentes na crença de cumprir a vontade de Deus na terra. É preciso matá-los antes que nos matem. E se for necessário ameaçar a família de um assassino para salvar uma vida inocente, então que seja.

Lavou o rosto com água gelada e saiu para o corredor. Carter estava recostado na parede com o desprendimento sereno de um homem que espera um trem atrasado.

— Você está bem? — perguntou.

— Ficarei quando isso acabar — respondeu Gabriel. — A NSA conseguiu localizá-lo?

— Parece que estava perto da interseção de A3 com A26.

— O que significa que agora pode estar indo em qualquer direção a velocidade considerável — concluiu Gabriel. — E o telefone?

— Era diferente — informou Carter.

— Suponho que agora esteja desligado.

Carter assentiu.

— Mais alguma coisa?

— Washington está com medo de que você esteja pressionando demais.

— O que queriam que eu fizesse? Que pedisse com jeitinho?

— Só querem que você dê um pouco de espaço de manobra.

— E se ele usar esse espaço para matar Elizabeth Halton?

Carter liderou o caminho até a sala de reuniões. Quando entraram, Gabriel olhou para o relógio de parede. Restavam três minutos do prazo seguinte. Lars Mortensen tamborilava ansiosamente os dedos no tampo da mesa.

— O que vai fazer se ele não telefonar?

— Ele vai telefonar — garantiu Gabriel.

— Como pode ter certeza?

Foi Ibrahim quem respondeu em seu lugar. — Por Jihan — disse, os dedos ainda nas contas de oração. — Vai telefonar porque não quer que a mulher e o filho sofram o mesmo destino de Jihan.

Perplexo com a resposta, Mortensen olhou para Carter em busca de explicação. Carter ergueu a mão num gesto que dizia que explicaria a referência em momento mais apropriado. Gabriel recomeçou a andar de um lado para o outro. Dois minutos depois, o telefone voltou a tocar. Pegou bruscamente o receptor e levou- ao ouvido.

— Ishaq — disse com uma vivacidade artificial. — Ainda bem que telefonou. Presumo que tenhamos um acordo?

— Temos, desde que concorde com a minha única condição.

— Não está em posição para fazer exigências, Ishaq.

— Nem você.

— Qual é a sua condição?

— Entrego-a a meu pai, a mais ninguém.

— Isso não é necessário, Ishaq. Só tem que parar o carro e deixar Elizabeth na beira da estrada, num lugar seguro e seco, onde nada lhe aconteça, depois pode ir embora. Não tem que complicar mais do que isso.

— Preciso de provas de que meu pai ainda está na Europa. — Uma pausa. — Preciso de prova de que ainda está vivo.

— Seu pai é fundador da Espada de Alá. Seu pai não vai se aproximar da minha garota.

— Meu pai é um homem inocente. E se não for assim não lhe entrego a sua garota.

Gabriel olhou para Carter, que acenou com a cabeça.

— Está bem, Ishaq, venceu. Vamos fazer as coisas a sua maneira. Só me diga onde quer que aconteça.

— Está na Dinamarca?

— Já lhe disse, Ishaq; não interessa onde estou.

— Interessa a mim.

— Sim, Ishaq. Estou na Dinamarca. Vamos tratar de tudo, está bem? É um país pequeno, com muitos espaços abertos, a CIA dinamarquesa está disposta a deixá-lo partir depois que Elizabeth estiver salva.

— Preciso da garantia de que vou poder atravessar a fronteira em segurança. Sem postos de controle. Sem bloqueios estranhos, sem um policial sequer. Se olhar para mim duas vezes, a mulher morre.

— Entendo. Vamos dizer às autoridades locais para se retirarem. Ninguém vai incomodá-lo. Só me diga como quer fazer as coisas.

— Telefono amanhã e digo o que fazer.

- Amanhã? Isso não é suficiente, Ishaq.
- Se amanhã não é suficiente, a garota morre esta noite. Mais um olhar para Carter. Outro aceno de cabeça.
- Está bem, Ishaq. A que horas me telefona amanhã?
- Ligo ao meio-dia, hora de Copenhagen.
- É tempo demais, Ishaq. Quero notícias muito antes.
- É ao meio-dia ou nada. A escolha é sua.
- Está bem, meio-dia. Não me desiluda.

A linha ficou muda. Gabriel desligou o telefone e enterrou o rosto nas mãos.

— Dei-lhe espaço de manobra, Adrian, como Washington queria, e ele me encurralou.

— Vamos esperar até amanhã e ouvir o que ele tem a dizer.

— E se não gostarmos do que ele tenha a dizer?

— Nesse caso não aceitamos o acordo.

— Não, Adrian, faremos exatamente o que ele nos disser para fazer. Porque do contrário ele a mata.

37

A segurança deles era excepcionalmente eficiente. Nunca entravam na cela sem o rosto tapado, nunca lhe tinham dirigido a palavra desde os segundos iniciais de captura. Não tinham autorizado qualquer tipo de leitura, e o pedido de um rádio para dar a passar as horas vazias fora recebido por um lento abanar de cabeça por parte de Caim. Perdera a noção de há quanto tempo a tinham em cativeiro. Não sabia se o resto do mundo pensava que estava viva ou morta. Nem fazia a mínima ideia de onde estava. Podia ainda estar no Leste da Inglaterra, pensou, ou talvez estivesse num complexo de grutas em Tora Bora. Contudo, de uma coisa tinha certeza: seus sequestradores a deslocavam com regularidade.

A prova de movimento era evidente. Os quartos eram variações do primeiro. Paredes brancas, cama de campanha, um abajur, uma porta com visor; mas eram visivelmente diferentes. Poderia concluir isso mesmo que a tivessem vendado; seus sentidos de olfato e audição estavam agora ampliados para uma agudeza animal. Conseguia ouvi-los chegar muito antes de enfiarem os bilhetes por baixo da porta. Podia distinguir Caim de Abel só pelo cheiro. A última cela fedia a água sanitária. Esta de agora era repleta de agradável aroma de café e especiarias do Oriente. Estava num mercado, pensou, ou talvez num atacadista fornecedor de mercearias em bairros árabes.

Seus sentidos avivados tinham permitido que recolhesse informações: seus movimentos tinham um ritmo característico dividido

não em horas e minutos — o tempo, por mais que tentasse compreendê-lo, continuava um mistério para ela —, mas em meros horários das refeições que lhe eram dadas em cada local. Era o mesmo, quatro refeições de conteúdo idêntico, em seguida injeção de cetamina, e depois acordava num quarto novo com cobertores novos. Até o momento tinham sido três refeições no local atual. A quarta chegaria em breve. Elizabeth sabia que muito provavelmente viria, mais tarde, a injeção de cetamina. Ela se debateria, mas a luta se transformaria em submissão, pois estava em desvantagem. Submissão...

Era esse o objetivo deles. Submissão era o objetivo geral dos terroristas globais e era também esse o objetivo dos sequestradores de Elizabeth. Os jihadistas globais queriam o Ocidente submetido à vontade do violento Islã salafista. Os captores de Elizabeth queriam que ela se submetesse à agulha e ao ritmo estuprificante de seus movimentos e bilhetes. Queriam-na fraca e obediente, uma ovelha que oferece voluntariamente o pescoço ao ritual. Elizabeth decidiu que os seus dias de submissão tinham chegado ao fim. Decidiu encenar uma rebelião, uma rebelião que esperava lhe desse informações sobre seu paradeiro, uma rebelião travada com as duas únicas armas que tinha: a própria vida e o conhecimento de medicina. Fechou os olhos e inalou o agradável aroma de café e canela. E esperou que Caim abrisse a porta e lhe oferecesse a quarta refeição.

38

COPENHAGEN: 14H52, QUINTA-FEIRA

— Quer dizer que somos só nós dois outra vez — disse Ibrahim. — Acho apropriado.

Gabriel limpou o vidro do Audi A8 com um movimento do limpador. A King's New Square apareceu diante dele, envolvida num véu nupcial de neve. Ibrahim estava sentado em silêncio no banco do passageiro, lavado e vestido para seu próprio funeral com terno cinza e sobretudo emprestado. Tinha as mãos formalmente cruzadas sobre o colo, mão boa sobre mão estropiada, olhos postos nos sapatos. O telefone de Gabriel estava no console, sinal monitorado pela estação da CIA na embaixada americana e na sede da NSA.

— Não vai me dar outro sermão, vai, Ibrahim?

— No meu íntimo, continuo a ser professor — disse. — Não consigo evitar.

Gabriel decidiu fazer-lhe a vontade. Um sermão era melhor que

o silêncio.

— Por que acha que é apropriado?

— Ambos vimos o pior que esta vida tem para oferecer. Nada pode nos assustar, e nada do que acontecer hoje será surpresa. — Desviou o olhar dos sapatos e fitou Gabriel por um instante. — As coisas que escreveram sobre você nos jornais após o que aconteceu em Londres... é tudo verdade? Foi você que matou os homens do Setembro Negro?

Ibrahim interpretou o silêncio de Gabriel como confirmação dos relatos dos jornais.

— Lembro tão bem de Munique — comentou Ibrahim. — Passei o dia em volta da TV e do rádio. Aquilo eletrizou o mundo árabe. Aplaudimos a captura de seus atletas, e quando foram massacrados no aeroporto nós dançamos nas ruas. Olhando para trás, nossa reação foi terrível, mas totalmente compreensível. Sentíamos-nos fracos e humilhados. Vocês eram fortes e práticos. Tinham-nos vencido muitas vezes. Finalmente tínhamos vencido vocês, e justamente na Alemanha, a terra de sua maior catástrofe.

— Achava que os islamistas não acreditavam no Holocausto. Achava que o consideravam uma grande mentira impingida ao mundo por judeus espertos para que possam despojar os árabes de sua terra.

— Nunca fui dado a autoilusões e teorias da conspiração — garantiu Ibrahim. — Vocês judeus merecem um lar nacional. Deus sabe que precisam de um. Mas quanto mais cedo derem aos palestinos um Estado na Cisjordânia e em Gaza, melhor para todos nós.

— E se isso significar dá-lo a seus irmãos espirituais do Hamas?

— Pelo andar da carruagem, em breve o Hamas vai parecer moderado — constatou Ibrahim. — E quando a questão palestina for finalmente retirada da mesa, os árabes não terão mais ninguém para culpar por sua situação miserável. Seremos forçados a nos olhar no espelho e resolver nossos problemas sozinhos.

— Esta é apenas uma das razões pelas quais nunca haverá paz. Somos o bode expiatório para o fracasso dos árabes, a válvula de escape para a agitação árabe. Os árabes nos detestam, mas não podem viver sem nós.

Ibrahim acenou em sinal de concordância e retomou a análise dos sapatos.

— Também é verdade que é um famoso restaurador de arte?

Desta vez, Gabriel assentiu lentamente. Ibrahim franziu os lábios numa expressão incrédula.

— Se tem capacidade de restaurar belos quadros, por que se envolve em trabalhos como este?

— Dever — explicou Gabriel. — Sinto obrigação de proteger meu povo.

- Os terroristas diriam a mesma coisa.
- Talvez, mas eu não assassino inocentes.
- Só ameaça enviá-los para o Egito para serem torturados. —

Ibrahim olhou para Gabriel. — Você teria feito isso?

Gabriel abanou a cabeça. — Não, Ibrahim, eu não teria enviado vocês para lá.

Ibrahim olhou pela janela. — A neve é bonita — disse. — É um bom presságio ou mau?

— Um amigo meu chama esse clima de clima operacional.

— Isso é bom?

Gabriel anuiu. — É bom.

— Já fez este tipo de coisa antes?

— Só uma vez.

— Como acabou?

Com a Gare de Lyon em ruínas, pensou Gabriel. — Recuperei o refém — disse.

— Essa rua que ele quer que peguemos... você conhece?

Gabriel levantou a mão do volante e apontou em direção da praça.

— É a Strøget. Uma rua de pedestre com restaurantes de um lado e do outro, três quilômetros de comprimento. A mais longa da Europa, se os panfletos do hotel estiverem certos. Desemboca numa praça chamada Rådhuspladsen.

— Nós caminhamos e eles observam... é sempre assim?

— É exatamente assim que funciona. E se gostarem do que veem, alguém telefonará quando chegarmos à Rådhuspladsen e me dirá aonde devo ir em seguida.

— Quando começamos?

— Às três.

— Às três — repetiu Ibrahim. — A hora da morte... Pelo menos é o que os cristãos acreditam. Por que acha que escolheram três horas?

— Terão alguns minutos de luz do dia para nos verem na Strøget. Depois vai escurecer. Isso os coloca em vantagem, fica mais difícil que eu os veja.

— E seus ajudantes? — perguntou Ibrahim. — Aqueles que me pegaram naquela esquina em Amsterdã?

— Ishaq diz que se detectar vigilância não há acordo e Elizabeth morre.

— Quer dizer que vamos sozinhos?

Gabriel anuiu e olhou para o relógio. Eram 14h59. — Não é tarde demais para recuar, sabe? Não é obrigado a fazer isso.

— Fiz uma promessa naquela casa há duas noites, a de que ajudaria a resgatar a americana. É uma promessa que penso em

cumprir. — Ibrahim enrugou o rosto numa expressão inquisidora. — A propósito, onde estávamos?

— Na Alemanha.

— Um judeu ameaçando um árabe de tortura na Alemanha — retrucou Ibrahim. — Que poético.

— Não vai me dar outro sermão, não é, Ibrahim?

— Estou tentado, mas receio que não haja tempo. — Apontou para o relógio do carro. — A hora da morte paira sobre nós.

A atmosfera ao longo de Strøget era de festividade febril. Fazia lembrar a Gabriel a véspera de uma guerra há muito temida, a noite em que se esbanjam fortunas e se faz amor com um abandono imprudente. Mas não havia guerra à vista, pelo menos não para quem fazia compras na rua mais famosa de Copenhague, só os feriados. Gabriel estivera tão absorvido na busca por Elizabeth que se esquecera de que era quase Natal.

Andaram por entre as alegres cenas de rua como alheios espíritos dos mortos, mãos enfiadas nos bolsos, cotovelos se tocando, silenciosos. Ishaq decretara que a caminhada seria em linha reta e sem paradas. Isso significava que Gabriel não podia fazer nem as manobras mais básicas de contravigilância. Há mais de trinta anos não andava numa rua europeia sem estar atento à retaguarda, e ao fazer isso agora se sentia como num daqueles sonhos angustiantes em que se está nu em meio a gente vestida. Via inimigos por todo lado, velhos e novos. Via homens que podiam ser terroristas da Espada de Alá e homens que podiam pertencer à segurança dinamarquesa. Sob o toldo de uma vitrine, jurava ter visto Eli Levon tocar cânticos de Natal num violino. Não era Levon, apenas um sócio. Além disso, lembrou Gabriel de repente, Levon não sabia tocar violino. Apesar de todos os talentos, não tinha ouvido para a música.

Detiveram-se pela primeira vez no cruzamento de uma rua transversal e esperaram que o sinal mudasse. Um homem enfiou um panfleto na mão de Gabriel com tanta premência que Gabriel quase sacou a Beretta do bolso. O panfleto era de um restaurante perto dos jardins Tivoli. Gabriel leu-o cuidadosamente para se certificar de que não continha instruções ocultas, depois formou uma bola com ele e jogou numa lixeira. O sinal ficou verde. Pegou o cotovelo de Ibrahim e continuaram a andar.

Estava começando a escurecer; a luz dos postes brilhava mais e as luzes das vitrines resplandeciam como postais de boas-festas. Gabriel desistiu de tentar descobrir se era vigiado e viu-se observando, maravilhado, as cenas ao redor. Crianças tomando sorvete apesar da neve. A bela jovem ajoelhada ao lado da sacola de compras esparramadas no chão. Os corais de Natal vestidos de duendes cantando a Deus com vozes de anjos. Recordou-se das palavras de Uzi

Navot naquela primeira noite, enquanto rodavam pelas colinas de Jerusalém. *Os europeus nos culpam pelo Líbano, mas não entendem que o Líbano foi apenas amostra das próximas atrações. O filme logo será exibido nos cinemas de toda a Europa.* Gabriel só esperava que não chegasse a Copenhagen naquela noite.

Pararam em outro cruzamento e começaram a atravessar.

Do lado esquerdo da praça estava a Câmara municipal, a torre do relógio despontando de uma nuvem baixa. No centro da praça havia uma iluminada árvore de Natal de quinze metros, e a seu lado um pequeno quiosque vendendo salsichas e sidra quente. Gabriel andou até lá e juntou-se à fila, mas, antes de chegar ao balcão, o telefone no bolso do casaco tocou suavemente.

Escutou sem falar. Alguns segundos depois, guardou o telefone no bolso e pegou Ibrahim pelo cotovelo.

— Querem que voltemos ao carro — explicou Gabriel ao atravessarem a praça.

— E depois?

— Não disseram.

— O que vamos fazer?

— Vamos fazer o que nos disserem para fazer.

— Eles sabem o que estão fazendo?

Gabriel assentiu. Sabiam exatamente o que estavam fazendo.

O Audi estava onde o deixara, agora polvilhado da neve que acabara de cair. Sarah estava sozinha junto à janela de um café próximo. Usava sua boina ligeiramente inclinada para a esquerda, o que significava que ninguém mexera no carro em sua ausência. Ainda assim, Gabriel deixou cair a chave no chão e deu uma olhada rápida na parte inferior do carro antes de abrir a porta e entrar. O telefone tocou assim que Ibrahim o seguiu. Gabriel escutou as instruções, desligou e deu partida ao motor. Olhou mais uma vez para a janela do café e viu que Sarah pusera a mão no ar. Receou que ela estivesse dizendo adeus numa infração flagrante de toda espionagem conhecida, mas, segundos depois apareceu o garçom, que depositou a conta a sua frente. Sarah colocou algumas notas na mesa e levantou-se. Gabriel engrenou a primeira e arrancou, afastando-se do meio-fio. Não tenha pressa, dissera Ishaq. Temos uma longa noite a nossa frente.

39

O bilhete apareceu por baixo da porta. Ela colocou as cobertas no chão e arrastou-se lentamente através da cela. Quem estivesse do outro lado aguardando sua resposta conseguiria sentir seu cheiro. O bilhete dizia: *Quer comida?*

— Sim — respondeu ela, em voz baixa e modulada. Em seguida, como uma prisioneira exemplar, deitou-se no catre e esperou que ele entrasse.

OuvIU o som da chave sendo introduzida na fechadura e os guinchos das dobradiças. Esta porta fazia mais barulho ao abrir-se do que a da última cela. A seguir Caim colocou a comida aos pés da cama e retirou-se. Elizabeth voltou a sentar-se e examinou a refeição: pedaços de baguete, um pouco de queijo de origem indecifrável, uma garrafa de água Evian, e chocolate por se ter portado bem.

Devorou a comida e engoliu a água. Depois, quando teve certeza de que ninguém a observava pelo visor, meteu os dedos na garganta e vomitou sua quarta refeição no chão. Caim apareceu dois minutos depois e olhou-a zangado. O cobertor estava em volta dos ombros dela e ela parecia tremer incontrolavelmente.

— A cetamina — murmurou. — Estão me matando com a cetamina.

Abel trouxe um balde de água e um esfregão e disse que ela limpasse seu próprio vômito. Só quando a cela ficou livre de impuras excreções femininas é que Caim voltou a aparecer. Ficou de pé o mais longe dela possível, como se temesse ser contagiado pelo mal que a afligia, e com um tenso movimento da mão convidou-a a se explicar.

— Taquicardia ventricular paroxística idiopática. — Calou-se por um instante e respirou rápida e repetidamente com força. — É um modo sofisticado de dizer que sofro esporadicamente de arritmia na parte inferior do coração: os ventrículos. Esta arritmia foi provocada por injeções de cetamina em excesso. Meu ritmo cardíaco está perigosamente acelerado e arritmico, e minha pressão arterial está extremamente baixa, o que provoca as náuseas. Se me derem outra injeção de cetamina, podem muito bem me matar.

Ele deixou-se ficar em silêncio por um momento, fitando-a das fendas para os olhos do capuz e depois retirou-se. Minutos mais tarde (cerca de vinte, supôs ela, mas não podia ter certeza, ele voltou e entregou-lhe um bilhete escrito à máquina: POR RAZÕES QUE NÃO PODEMOS EXPLICAR, É NECESSÁRIO QUE PARTAMOS ESTA NOITE. SE ESTIVER CONSCIENTE DURANTE ESTE DESLOCAMENTO, VAI SENTIR EXTREMO DESCONFORTO. QUER CETAMINA OU DESEJA SER TRANSFERIDA ACORDADA?

— Não quero mais cetamina — disse ela. — Fico consciente.

Caim olhou-a como se ela tivesse feito a escolha errada e entregou-lhe um segundo bilhete.

SE GRITAR OU FIZER ALGUM RUÍDO NÓS A MATAREMOS E A DEIXAREMOS NA BEIRA DA ESTRADA.

— Compreendo — disse ela.

Caim recolheu os dois bilhetes e saiu da cela. Elizabeth

estendeu-se no catre e fitou a ofuscante luz branca. Sua rebelião tinha apenas alguns minutos de vida, mas já conseguira recolher duas pequenas informações. Ia ser transferida de carro e à noite.

Quando voltaram a entrar na cela foi sem bilhete de alerta. Envolveram-na rapidamente no cobertor de lã e ataram o corpo com fita adesiva, transformando-o numa espécie de casulo. Colocaram tampões de espuma nos ouvidos, mordaça na boca e venda firme nos olhos. Agora, desprovida de todos os sentidos à exceção do tato e do olfato, sentiu-os pegando seu corpo, um de cada lado, transportada em distância curta. O local em que colocada era tão estreito que os lados faziam pressão nos quadris e nos ombros. Cheirava a aglomerado e a cola, e vagamente a peixe. Foi colocada uma tampa por cima, tão perto que quase tocava a ponta do nariz, e vários pregos foram martelados rapidamente. Teve vontade de gritar. Não o fez. Quis chamar pela mãe. Em vez disso, rezou em silêncio e pensou no homem esguio de têmporas grisalhas que tentara salvar sua vida no Hyde Park.

Não me vou submeter, pensou. Não me vou submeter.

DINAMARCA: 20H35, QUINTA-FEIRA

As luzes da Great Belt, a segunda maior ponte suspensa do mundo, lembravam uma fieira dupla de pérolas entre as ilhas dinamarquesas de Zealand e Funen. Gabriel olhou para o relógio do carro enquanto subia a longa rampa oriental. A viagem de Copenhagen até esse ponto não deveria ter demorado mais de duas horas, mas a tempestade que se intensificava prolongara-a para quase quatro. Voltou a olhar para a estrada e segurou com firmeza o volante. A ponte balançava com os ventos fortes. Ibrahim voltou a perguntar se aquelas condições atmosféricas seriam mesmo um bom sinal. Gabriel replicou que esperava que Ibrahim soubesse. Precisaram de vinte minutos para completar a travessia de doze quilômetros. No lado de lá da ponte, uma pequena estação ferroviária à beira-mar resistia à tempestade. Um quilômetro e meio além da estação ficava uma bomba de gasolina e café à beira da estrada. Gabriel verificou o tanque do Audi, estacionou na porta do café e levou Ibrahim para dentro. O estabelecimento era bem iluminado, com decoração elegante, e estava imaculadamente limpo. Na primeira sala havia um mercado bem abastecido e uma cafeteria. Na seguinte ficava uma área de lugares sentados repleta de viajantes. Ouviam-se muitas conversas animadas e, a julgar pelo grande número de garrafas de Carlsberg vazias espalhadas pelas mesas de madeira, consumira-se bastante álcool.

Compraram sanduíches de ovo e chá quente na cafeteria e na lanchonete sentaram-se a uma mesa vazia perto da janela. Ibrahim comeu em silêncio, enquanto Gabriel bebia o chá e fitava o carro. Transcorreram trinta minutos até que finalmente o telefone tocou. Gabriel atendeu, escutou sem falar e depois cortou a ligação.

— Espere aqui — disse.

Parou brevemente no banheiro dos homens, deixou a Beretta e o telefone na lata de lixo. Depois voltou ao mercado e comprou um mapa em grande escala da Dinamarca e um guia turístico em inglês. Quando voltou à lanchonete Ibrahim desembulhava o segundo sanduíche de ovo. Guardou-o no bolso do casaco e seguiu Gabriel para fora.

— Aqui está — disse Ibrahim. — Lindholm.

Estava inclinado sobre o guia, lendo-o à luz interna do carro. Gabriel mantinha os olhos na estrada.

— O que diz?

— É uma antiga aldeia e cemitério viking. Esteve séculos debaixo de espessa camada de areia. Só foi descoberta em 1952.

Segundo o livro, tem mais de setecentos túmulos e algumas casas vikings.

— Onde fica?

Ibrahim voltou a consultar o livro e depois assinalou no mapa.

— Na Jutland ao norte — disse. — Bem ao norte, na verdade.

— Como chego lá?

— Pegue a E20 por Funen, depois dirija-se ao norte de Lindholm Høje. Fica logo depois de Aalborg. O guia diz que é fácil encontrar o lugar. Basta seguir as placas.

— Nem consigo ver a estrada, quanto mais as placas.

— É onde vão deixar a mulher?

Gabriel abanou a cabeça.

— Mais instruções. Desta vez, por escrito. Devem estar nas ruínas da casa que fica no canto mais afastado da estrada.

Olhou brevemente para Ibrahim. — Desta vez não era Ishaq. Era outra pessoa.

— Egípcio?

— Pareceu-me egípcio, mas não sou especialista.

— Por favor — desdenhou Ibrahim. — Por que o fizeram descartar o telefone?

— Acabaram as comunicações telefônicas.

Ibrahim olhou para o mapa.

— Lindholm fica muito longe daqui.

— Duas horas com bom tempo. Assim... pelo menos quatro.

Ibrahim olhou para o relógio.

— Isso significa que será sexta-feira de manhã, se tivermos sorte.

— Sim — concordou Gabriel. — Está nos fazendo correr contra o tempo.

— Quem? Ishaq?

Muito boa pergunta, pensou Gabriel. Seria Ishaq? Ou Esfinge?

Precisaram de quatro horas e meia para chegar a Lindholm e, assim como Gabriel rezeira, as garantias do guia de que seria fácil encontrar o cemitério revelaram-se falsas. Dirigiu em círculos por vinte minutos por um bairro de casas semelhantes, até que avistou uma placa do tamanho de um postal que deixara de ver por três vezes. Estava tapada pela neve, é claro. Gabriel teve de sair do Audi e afastar os flocos, apenas para descobrir que para chegar ao local teria primeiro que escalar uma colina impressionante. O Audi saiu-se bem, tendo patinado apenas uma vez, e dois minutos mais tarde Gabriel entrava num estacionamento cercado por pinheiros imponentes. Desligou o motor e deixou-se ficar sentado por um momento, com os ouvidos latejando devido ao esforço de dirigir, até que finalmente abriu a porta e pôs o pé na neve. Ibrahim ficou onde estava.

— Não vem?

— Se não se importa, prefiro esperar aqui.

— Não me diga que tem medo de cemitérios.

— Não, apenas de cemitérios vikings.

— Só eram guerreiros quando partiam para o mar — asseverou Gabriel. — Em casa eram, basicamente, um povo rural. O mais assustador que devemos encontrar por aqui é o fantasma de um agricultor de legumes.

— Se não se importar, preferia ficar aqui.

— Como queira — disse Gabriel. — Se quer ficar aí sozinho o problema é seu.

Ibrahim ficou pensativo e depois saiu. Gabriel abriu o bagageiro, retirou a lanterna e a chave de roda.

— Por que vai levar isso? — perguntou Ibrahim.

— Para o caso de encontrarmos vikings. — Escondeu a ferramenta na calça e fechou a mala em silêncio. — Mandaram que deixasse a arma na estação. Um pé de cabra é melhor do que nada.

Gabriel ligou a lanterna e cruzou o estacionamento com Ibrahim a seu lado. A neve tinha quinze centímetros de espessura e, daí a meia dúzia de passos, os sapatos de estavam ensopados e os pés, gelados. Trinta segundos depois, deteve-se subitamente. Na neve viam-se dois outros conjuntos de rastros, um nitidamente maior do que o outro, que se dirigiam do estacionamento até o cemitério. Gabriel deixou Ibrahim sozinho e seguiu as pegadas até o ponto onde, pela condição da superfície da neve, parecia que várias pessoas tinham estado ali antes. Uma pequena van entrara no parque através de um acesso secundário. O maior dos dois ocupantes saíra para a neve pelo lado do motorista, o menor de trás. Gabriel agachou-se na neve e analisou as marcas como se observasse pinceladas numa tela. Descobriu que eram femininas, e quem quer que as tivesse feito usava sapatos desportivos. Não havia indício de luta.

Gabriel voltou para perto de Ibrahim e levou-o até um caminho de pedestre. O cemitério estendia-se além deles, até a encosta da colina em direção a uma vasta baía que se abria a distância. Apesar da neve era possível distinguir, à luz da lanterna, os contornos de túmulos individuais. Alguns eram montes de pedras, outros círculos e outros ainda tinham a forma de barcos. O canto extremo não foi difícil de encontrar, seguindo os dois conjuntos de pegadas. Agachou-se, procurou com as mãos nuas sob a superfície da neve, e encontrou o que lhe fora deixado, um pequeno saco de plástico com parte de um mapa detalhado. Observou-o com a lanterna. Depois levantou-se e levou Ibrahim de volta pela passagem.

— Querem que vamos a Skagen. Bem, quase até Skagen — disse Gabriel, enquanto dirigia lentamente colina abaixo. — No mapa

fica um pouco ao sul.

— Conhece o lugar?

— Nunca estive lá, mas conheço. No século XIX surgiu ali uma colônia de artistas. Ficaram conhecidos como a Escola Ska de pintores. Vinham pela luz. Dizem que é única... não que veja grande coisa.

— Talvez seja outro bom sinal — vaticinou Ibrahim.

— Talvez — concordou Gabriel.

— A filha do embaixador estará lá?

— Não dizem. Apenas nos indicam que temos de ir a um ponto do mar do Norte.

— Ela esteve no cemitério esta noite?

— Queriam que que pensássemos assim — disse Gabriel. —

Mas eu acredito que não esteve.

— Por que acha isso?

— Porque a mulher saiu do veículo e entrou no cemitério sozinha — explicou Gabriel. — Eu vi Elizabeth quando foi raptada. Não teria entrado sozinha. Teria lutado.

— A menos que lhe dissessem que estava sendo libertada — sugeriu Ibrahim.

Gabriel lançou-lhe um olhar de admiração. — Nada mal — elogiou.

— Já fui professor. E adoro histórias de detetives.

41

Não sabia a duração da viagem, pois esforçara-se por pensar em tudo, menos no relógio. Foram só alguns minutos, disse a si mesma. Foi num piscar de olhos. Também mentiu a si mesma de várias formas. Estava numa cama confortável e não numa caixa de madeira que cheirava vagamente a peixe. Que vestia seus jeans desbotados e sua camiseta preferida, e não a mesma roupa de corrida suja que usava desde da manhã do sequestro. Via a cordilheira preferida pela janela favorita. Embalada em bela música. Todo o resto eram cenas de um pesadelo. Em breve acordaria e tudo ficaria bem.

Estava preparada para o desconforto. — a mensagem era bem clara sobre o que a esperava —, mas os tampões nos ouvidos a pegaram de surpresa. Roubavam dela uma das armas mais poderosas, a capacidade de ouvir o que se passa em volta, reduzindo seu mundo a um zumbido. Mas restara um sentido, a capacidade de sentir movimento. Sabia que tinham dirigido em alta velocidade e em velocidade moderada por estradas boas e más. Certa hora teve a sensação de entrar numa cidade grande, rodeada por pessoas que não se apercebiam de que ela estava a meros centímetros. Agora tinha

certeza que estavam num caminho não asfaltado, num lugar perto do fim da terra.

Pararam de repente — tão subitamente que sua cabeça foi projetada dolorosamente contra a extremidade da caixa que parecia um caixão — e, no instante seguinte, o zumbido começou. Transcorreram vários minutos até que finalmente se aproximaram do veículo, e mais alguns até o ruído de pregos sendo retirados pelas orelhas de um martelo. Quando a tampa foi levantada, sentiu o ar frio e salgado raspando seu rosto. Lágrimas quentes desceram involuntariamente para a venda quando a puseram de pé. Ninguém lhe dirigiu palavra enquanto a levavam de novo para o esconderijo. Ninguém lhe perguntou por sua arritmia cardíaca quando a deitaram no catre de sua nova cela. Quando a porta começou a se fechar, tirou a venda e os tampões dos ouvidos e olhou o novo conjunto de paredes brancas. Tinha um prato de comida — pão, queijo e chocolate, porque se portara bem na viagem — e um balde amarelo para as necessidades. Não sabia para onde tinha sido levada, mas tinha certeza de uma coisa: conseguia cheirar o mar.

42

KANDESTEDERNE, DINAMARCA: 2H15, SEXTA-FEIRA

A estrada do porto báltico de Frederikshavn para Skagen estava abandonada e quase intransitável. Gabriel mantinha-se inclinado sobre o volante quilômetro após quilômetro, à medida que iam passando por uma série de povoações cobertas de neve. Seus nomes eram repletos de estranhas combinações de consoantes que mesmo Gabriel, cuja língua nativa era o alemão, considerava impenetráveis. O dinamarquês não é uma língua, pensou amargamente enquanto cruzava a obscuridade. O dinamarquês é só aflição da garganta.

Quando deixaram a vila de Ålbæk, uma aparentemente interminável paisagem lunar de dunas abriu-se diante deles. O desvio para a estância turística de Kandestederne ficava na ponta nordeste. Ao fazer a curva, Gabriel viu na neve marcas recentes de pneus. Imaginou que foram deixadas pelo mesmo veículo que estivera no cemitério. Passaram por uma fileira de casinhas e chalés e entraram em nova extensão de dunas, desta vez altas como montanhas. Aqui e ali Gabriel vislumbrou o contorno de chalés. Não havia luzes nem carros, nenhum sinal de vida. O tempo parecia ter parado.

As marcas de pneus viravam para a direita numa curva apertada e desapareciam atrás de uma cortina de neve. Seguiu reto e parou momentos depois num pequeno estacionamento com vista para a praia, ao lado de um café de madeira. Ia desligar o motor, mas

desistiu. — Espere aqui — disse. — Tranque as portas quando eu sair. Não abra para mais ninguém.

Pegou a chave de roda e a lanterna e dirigiu-se ao café. Havia pegadas frescas por todo lado, pelo menos dois conjuntos, talvez mais. Quem quer que as tivesse deixado chegara ali vindo das dunas. Um deles levava à praia. Eram idênticas às que vira em Lindholm. As da mulher.

Olhou para o Audi, depois virou-se e seguiu os rastros até a praia. Desapareceram na beira da água. Olhou para a esquerda, depois para a direita, mas não viu sinal deles, por isso deu meia volta e voltou ao carro. Quando se aproximou viu que Ibrahim estava inclinado para a frente numa posição estranha e que tinha as palmas das mãos no console. Depois viu novo conjunto de pegadas que vinham das dunas até a porta traseira do Audi. Nesse momento, o vidro desceu até o meio e uma mão enluvada disse-lhe que avançasse. Gabriel hesitou por alguns segundos e depois obedeceu. Pelo caminho fez um pequeno desvio para examinar as pegadas. Imaginou que fosse de pé 38. Adidas ou Nike. Um tênis de mulher.

Enganara-se quanto à marca. Mas eram de uma mulher que não parecia ter mais de vinte e cinco anos. Usava casaco de lã azul e gorro puxado até os olhos escuros. Estava sentada diretamente atrás de Ibrahim e apontava uma Makarov para a coluna dele. A mão dela tremia de frio.

— Por que não aponta essa arma para o chão antes que alguém se machuque? — sugeriu Gabriel.

— Cale-se e ponha as mãos no volante.

Falava com muita calma. Gabriel fez o que ela mandou.

— Onde está Ishaq?

— Ishaq o quê? — indagou ela.

— Acabemos com o jogo. Foi uma noite muito longa e fria. — Olhou-a pelo espelho retrovisor. — Diga onde podemos encontrar Elizabeth Halton e partimos.

— Você é o israelense, não? O porco sionista que matou meus camaradas no Hyde Park?

— Não, sou um porco americano.

— Para um porco americano fala árabe muito bem.

— Meu pai era diplomata. Cresci em Beirute.

— Sério? Então fale inglês comigo, porco americano.

Gabriel hesitou. A mulher apontou a arma para a nuca de Ibrahim.

— Está bem, já entendi — disse Gabriel.

Apontou a arma para Gabriel.

— Devia matá-lo agora — disse. — Mas está com sorte, vai morrer à noite. Outros já reivindicaram sua cabeça.

— Mas que sorte a minha...

Bateu na cabeça dele com a arma com força suficiente para que Gabriel visse um feixe de fogos de artifício diante dos olhos. Levou a mão instintivamente ao ferimento, mas ela voltou a bater com mais força ainda e ordenou que mantivesse as mãos levantadas. Momentos depois Gabriel sentiu algo quente e pegajoso escorrendo atrás da orelha direita.

— Sente-se melhor? — perguntou Gabriel.

— Sim — respondeu ela com sinceridade.

— Vamos apressar o assunto, sim?

— Dê meia volta com o carro — ordenou a mulher. — Gabriel engrenou o carro, executou uma curva cuidadosa e prosseguiu.

— Vire à esquerda nas dunas — disse a mulher —, depois siga as marcas de pneus.

Gabriel fez o que lhe era dito. A estrada apenas tinha espaço para um carro e dirigia-se a uma colônia de chalés aninhados junto às dunas. Eram pequenas casas de madeira abandonadas no inverno. Algumas estavam pintadas de amarelo. Inexplicavelmente, ervas cresciam no telhado, percebidas apenas pela luz ambarina dos postes. O sangue corria agora livremente pelo pescoço de Gabriel, por entro do colarinho da camisa.

Seguiu as marcas de pneus até o alto de uma pequena duna, depois mergulhou pelo outro lado e viu outro monte. Com medo de ficar atolado na neve, manteve o pé no acelerador e ouviu uma pancada forte quando o carro bateu no fundo da depressão. Virou para subir a colina seguinte e guinou para a esquerda, deslizando pelo outro lado até o acesso ao último chalé. Uma van LDV Maxus prata estava estacionada na porta da casa, com as luzes apagadas. Gabriel parou e olhou pelo espelho retrovisor, à espera de instruções. A mulher empurrou o cano da arma com força contra as costas de Ibrahim e disse que abrisse a porta. Quando Gabriel estendeu a mão para a maçaneta, ela bateu na cabeça dele uma terceira vez.

— Fique aqui no carro! — disse bruscamente. — Só entrego a mulher a Ibrahim. A você não, porco sionista.

Ibrahim soltou o cinto de segurança e abriu a porta. A luz interior acendeu subitamente. Gabriel levou a mão ao antebraço de Ibrahim e apertou.

— Não vá — pediu. — Fique no carro.

Ibrahim olhou-o, incrédulo. — O que está dizendo, meu amigo? Chegamos tão longe.

— Não passou de um jogo para matar o tempo. Ela não está aqui. Seu filho o atraiu aqui para matá-lo.

— Por que meu filho haveria de me matar?

— Porque o entregou aos cruzados e aos judeus — respondeu

Gabriel. — Porque ele é um muçulmano takfiri e, a seus olhos, você agora é um apóstata que só merece a morte. É pior do que um cruzado, pior ainda que um judeu, pois é um muçulmano devoto que renunciou ao caminho da jihad. A mulher vai levá-lo lá dentro para ser morto, Ibrahim. Não vá com ela.

— Meu filho nunca me faria mal.

— Ele já não é seu filho.

Ibrahim sorriu e soltou o braço. — Tem que ter fé, meu amigo. Largue-me. Eu trago a garota como prometido.

Gabriel sentiu o cano da Makarov pressionando a base de seu crânio.

— Ouça o que Ibrahim está dizendo, porco sionista. Ele diz a verdade. Não matamos nossos pais. São vocês os assassinos, não nós. Ele trará a moça, para que possam partir.

Ibrahim saiu do carro antes que Gabriel pudesse detê-lo. Dirigiu-se ao chalé. A mulher esperou que ele se afastasse alguns metros antes de tirar a arma da cabeça de Gabriel e sair atrás dele. Quando se aproximaram da entrada, um homem apareceu na porta. Com a neve e a escuridão, Gabriel mal conseguiu distinguir a aparência do homem, a não ser que pintara o cabelo de louro. Cumprimentou Ibrahim formalmente, com beijos em ambas as faces, a mão reverentemente no coração, e levou-o para dentro. A mulher fechou a porta e o para-brisa explodiu no rosto de Gabriel.

QUARTA PARTE

A ponte sobre o Jahannam

WINFIELD HOUSE, LONDRES: 7H05, SEXTA-FEIRA

Passou-se quase uma hora antes que a notícia do desastre no Norte da Dinamarca chegasse a Washington, e ainda mais trinta minutos até que as primeiras informações chegassem a Winfield House, residência oficial do embaixador americano no Reino Unido. Apesar do adiantado da hora (eram 3h15 da manhã em Londres e 10h15 da noite em Washington), Robert Halton estava sentado à mesa em seu gabinete privado, onde permanecera ao longo daquela longa noite, à espera de novidades da Situation Room da Casa Branca. Embora tivesse aguardado um telefonema por muitas horas, o som do telefone tocando o fez encolher-se involuntariamente, como se de um tiro próximo. Ao pegar o receptor, pensou por um instante conseguir ouvir Elizabeth chorando. Devia ser um ruído de interferência na linha (ou uma alucinação, pensaria mais tarde), pois a voz que ouviu não era de sua filha, mas de Cyrus Mansfield, seu conselheiro de segurança nacional.

Pelo cumprimento comedido de Mansfield, Halton percebeu que as notícias da Dinamarca não eram aquelas pelas quais rezara, embora nada o pudesse ter preparado para o que foi transmitido. Gabriel Allon e o seu trunfo egípcio tinham sido levados de Copenhague ao extremo da Dinamarca, disse Mansfield. Tinha acontecido um incidente qualquer numa casa de campo isolada no mar do Norte, cujos detalhes ainda estavam por esclarecer. Dera-se uma explosão. Havia pelo menos três mortes confirmadas. Até que se chegasse à cena, especialmente equipes forenses dinamarquesas, era impossível saber se Elizabeth estava entre as vítimas.

Pelo resto da noite, Robert Halton foi lançado numa espécie de inferno. Cyrus Mansfield telefonava com regularidade enlouquecedora, mesmo quando pouco ou nada de novo ou importante havia para relatar. Assim como é habitual em situações como esta, muitas informações eram contraditórias e acabavam por se revelar falsas. Foi dito a Halton que havia três corpos na casa; trinta minutos mais tarde, seriam quatro. Havia provas de que Elizabeth estivera na Dinamarca, disse Mansfield. Especulava-se que ainda podia estar lá. Houve disparos, Allon estava gravemente ferido. Allon morreu.

Por fim, às 7h05, hora de Londres, enquanto uma madrugada

cinzena rompia sobre Regent's Park, o conselheiro telefonou para dizer que os bombeiros dinamarqueses tinham acabado de encontrar três corpos no meio dos escombros carbonizados da casa. Seguiu-se uma declaração de Gabriel Allon, que estava ferido mas muito vivo. Os mortos eram dois terroristas, um homem e uma mulher, e o egípcio Ibrahim Fawaz. O Conselho de Segurança Nacional, a CIA e o Departamento de Estado partiam da premissa de que Elizabeth ainda estava viva, e continuariam empenhando todos os esforços para assegurar a sua libertação no prazo e além dele. Robert Halton desligou o telefone e caiu de joelhos numa oração desesperada de graças. Depois cambaleou até o banheiro e vomitou com violência.

Ficou muitos minutos deitado no frio chão de mármore, o corpo aparentemente paralisado pela angústia. *Onde você está, Robert Halton?*, pensou. Onde estava o empresário rebelde que transformara uma pequena empresa de exploração de petróleo num conglomerado global de energia? Onde está o homem que, pela filha, suportara estoicamente a perda da esposa? Onde estava o homem que, contra todas as probabilidades, conseguira pôr o melhor amigo na Casa Branca? Foi-se, pensou Halton. Foi sequestrado pelos terroristas, assim como Elizabeth.

Levantou-se, lavou a boca, saiu do banheiro e voltou ao gabinete. Era agora sexta-feira de manhã. Quando a noite caísse, a filha estaria morta. Robert Carlyle Halton, multimilionário credor de reis, ficou assistindo, impotente, enquanto as forças do serviço secreto, da diplomacia e da lei, com seus equivalentes da Europa e do Oriente, tinham procurado em vão por sua filha. Ficou de braços cruzados e escutou garantias vãs de que Elizabeth acabaria sendo trazida para casa viva. Já não estava disposto a ficar de braços cruzados. Acionaria agora a única arma de que dispunha, uma arma que até jihadistas compreendiam. A linha de ação que estava prestes a iniciar raiava a traição. Se fosse bem sucedida, estaria fornecendo aos terroristas uma arma que mais tarde usariam contra os Estados Unidos e seus aliados. Mas se a traição fosse necessária para salvar sua filha, então Robert Halton estava preparado para ser um traidor, ainda que por algumas horas.

Dirigiu-se calmamente à mesa e sentou-se à frente do computador, imaginando por um instante que já não era mais um pai impotente e dominado pela dor, mas novamente um magnata disciplinado e seguro de si. Um clique do mouse fez surgir uma carta na tela. Fora escrita por Halton na primeira semana da crise e guardada para aquele preciso momento. Os olhos percorreram a prosa árida: *Devido às atuais circunstâncias... incapaz de continuar o meu papel como seu embaixador em Londres... Uma honra e um prazer servir... Robert Carlyle Halton...* Acrescentou a data correta, clicou no ícone da

impressora e viu a carta deslizar para sua mesa. Depois de acrescentar sua assinatura, colocou a carta no fax. Não a enviou logo. Tinha mais algumas coisas para fechar.

Pegou o telefone e teclou um número de Londres. O telefone tocou na Downing Street nº 10, a residência oficial do primeiro-ministro britânico, e foi instantaneamente atendido por Oliver Gibbons, seu chefe de gabinete. Halton e Gibbons tinham conversado várias vezes nas últimas duas semanas e não havia necessidade de formalidades. Halton explicou que precisava de falar com o primeiro-ministro com urgência; Gibbons disse que o primeiro-ministro estava em reunião e só estaria livre em vinte minutos. A reunião deve ter acabado antes, pois doze minutos mais tarde o primeiro-ministro retornava a ligação.

— Estou prestes a tentar algo desesperado — informou Halton. — E quero saber se posso contar com você e as autoridades para que aconteça.

A conversa que se seguiu foi breve (mais tarde, no inquérito oficial, foi muito citado o fato de ter durado apenas seis minutos) e terminou com a promessa do primeiro-ministro de que a polícia e o serviço secreto da Grã-Bretanha fariam todo o necessário para ajudar Halton em suas diligências. Halton agradeceu ao primeiro-ministro e ligou para um número em sua própria embaixada. Foi Steve Barnes que atendeu, o vice-porta-voz. Seu chefe, Jack Hammond, estava entre os mortos no Hide Park na manhã do sequestro. Barnes recebeu uma espécie de promoção e vinha desempenhando com competência o cargo de porta-voz principal.

— Preciso fazer uma declaração à imprensa, Steve. E o farei na Winfield House, e não na embaixada. É algo importante. As estações televisivas precisam saber que será uma transmissão ao vivo e na íntegra, sobretudo as estações europeias e os canais árabes via satélite.

— A que horas?

— Ao meio-dia deve estar bem. Consegue tratar de tudo?

— Sem problema — respondeu Barnes. — Quer que escreva alguma coisa?

— Não, posso cuidar disso sem um texto. Mas preciso de você para que prepare o terreno.

— Como?

— Você tem alguns contatos na al-Jazeera?

Barnes disse que sim. Levava o chefe da redação de Londres para almoçar algumas vezes, num esforço fútil para que parasse de transmitir as mensagens de propaganda da al-Qaeda.

— Telefone ao seu amigo agora. Deixe que ele fique sabendo que está prestes a fazer uma oferta aos sequestradores.

— Que tipo de oferta?

- Uma que eles não podem recusar.
- Há mais alguma coisa que eu deva saber, embaixador?
- Vou me demitir do cargo, Steve. Pode me chamar Bob.
- Sim, embaixador.

Halton desligou o telefone, levantou-se e dirigiu-se ao quarto para tomar banho e mudar de roupa. Já não era o embaixador Robert Halton, o diplomata americano desesperado e alquebrado sem opção a não ser ver a filha morrer. Era novamente Robert Carlyle Halton, multimilionário e fazedor de reis, e traria Elizabeth de volta, nem que isso levasse cada centavo de sua fortuna.

44

AALBORG, DINAMARCA: 12H15, SEXTA-FEIRA

- O seu transporte chegou, Sr. Allon.

Lars Mortensen levantou a mão e apontou para o céu cinzento carregado. Gabriel olhou para cima e viu um Gulfstream descendo lentamente em direção ao fim da pista do Aeroporto de Aalborg. O leve movimento fez com que a sua cabeça voltasse a doer. Foram dezoito pontos, dados por um médico sonolento de Skagen, para fechar as três feridas. O rosto mostrava um padrão cruzado de pequenos golpes, provocados pela explosão do vidro blindado do para-brisa. De alguma forma, conseguira proteger os olhos no momento da detonação, embora não se lembrasse de fazê-lo.

No entanto, recordava-se dos demais acontecimentos com perfeita clareza. Tendo recebido ordem dos sequestradores para largar o celular em Funen, fora obrigado a dirigir com o para-brisa quebrado por cinco quilômetros até encontrar um telefone público. Ligou para Carter do estacionamento de um pequeno mercado no subúrbio de Skagen e, em linguagem adequada a uma linha insegura, contou o que aconteceu. Depois voltou às dunas e ficou observando a casa sendo lentamente consumida pelo fogo. Passaram-se mais vinte minutos antes que ouvisse as sirenes e visse os primeiros policiais e bombeiros aparecerem desnorteados no cenário. Um policial fardado bombardeou-o de perguntas, enquanto um paramédico limpava suas feridas.

- Fale com Lars Mortensen do PET — era tudo que Gabriel

dizia. — Mortensen explicará.

— Tem certeza sobre o número de corpos na casa? —
perguntava agora Gabriel a Mortensen.

— Já me perguntou isso dez vezes.

— Responda outra vez.

— Só lá estavam três: os dois terroristas e o velho. Nada de Elizabeth Halton. — Mortensen calou-se quando o Gulfstream pousou e passou por eles a toda velocidade com o rugido dos motores. — Não foi assim que acabou a história de Abraão e Isaac na Bíblia. Ainda não consigo acreditar que ele arquitetou a morte do pai.

— É a versão al-Qaeda — disse Gabriel. — Mata qualquer um que se oponha a ti, ainda que seja sangue do teu sangue.

O Gulfstream deslizava em direção ao ponto onde eles estavam no asfalto.

— Fará seu melhor para manter em segredo o meu papel neste episódio? — perguntou Gabriel.

— Há sempre a possibilidade de vazamento. Infelizmente, estive em contato com muitas pessoas ontem à noite. Mas no que diz respeito ao meu serviço, você e sua equipe nunca estiveram aqui.

Gabriel fechou o casaco de couro e estendeu a mão.

— Então foi um prazer não tê-lo conhecido.

— O prazer foi meu. — Mortensen deu a Gabriel um aperto de mão. — Mas da próxima vez que vier à Dinamarca, tenha a gentileza de me informar primeiro. Vamos almoçar. Quem sabe? Talvez tenhamos alguma coisa agradável sobre a qual conversar.

— Acho que tudo é possível. — Gabriel saiu do carro e depois olhou Mortensen pela porta aberta. — Quase me esquecia de uma coisa.

— Do quê?

Falou da Beretta que fora obrigado a deixar na área de serviço em Funen. Mortensen franziu o sobrolho e murmurou qualquer coisa em dinamarquês.

— Peço desculpas — disse Gabriel. — Esqueci completamente.

— Imagino que não tenha retirado as balas antes de jogá-la no lixo?

— Na verdade, estava bem carregada.

— Se eu estivesse em seu lugar, entrava naquele avião antes que eu mude de ideia sobre encobri-lo nesta confusão.

Gabriel pôs-se a caminho pela pista em direção ao Gulfstream. As escadas tinham sido baixadas. Sarah estava encostada na porta, mãos nos bolsos do jeans, pernas cruzadas pelos tornozelos. Carter estava sentado na parte da frente da cabine e profundamente embrenhado numa conversa telefônica. Fez sinal a Gabriel para que se sentasse a sua frente, desligou e olhou para ele com ar curioso

enquanto o avião se elevava uma vez mais em direção ao céu cinzento.

— Onde está minha equipe? — perguntou Gabriel.

— Saíram discretamente de Copenhagen de manhã cedo. São compreensivelmente vagas as informações sobre seu destino. Acho que foram para Amsterdã.

— E nós?

— Os britânicos nos concederam direito de pouso em Londres. Vou para a embaixada esperar que o sequestro termine. Você será escoltado até Heathrow, sem perguntas. Quem sabe consegue ir para casa a partir daí.

Gabriel assentiu lentamente. — Considere-se um homem de sorte, Gabriel. Pode ir para casa. Vou para Londres arcar com as consequências do fiasco de ontem à noite. Neste momento, você não é exatamente popular em Washington. Na verdade, há muita gente exigindo o resgate, incluindo o presidente. E desta vez eu estou com problemas.

— Uma carreira sem escândalos não é uma carreira apropriada, Adrian.

— Shakespeare?

— Shamron.

Carter conseguiu esboçar um sorriso débil.

— O Escritório opera sob regras diferentes das da Agência. Vocês aceitam o erro ocasional. A serviço de uma causa nobre. Nós não toleramos o fracasso. Fracasso não é opção.

— Se fosse assim, teriam apagado as luzes de Langley há muito tempo.

Carter semicerrou os olhos quando um raio súbito de luz do sol entrou pela janela da cabine. Baixou a cortina e fitou Gabriel por um momento, em silêncio.

— Ela não estava lá, Adrian. Nunca esteve. Muito provavelmente ainda está na Inglaterra. Foi um embuste, orquestrado por Esfinge. Plantaram aquele bilhete de ferry-boat no corpo do homem que eu feri no Hyde Park e o deixaram nas dunas de Norfolk para que os ingleses o encontrassem. Esfinge deu ordem a Ishaq para que mantivesse contato com a esposa em Copenhagen, sabendo que a NSA e outros o escutariam e fariam a conexão. E quando fizemos, Esfinge desenrolou as coisas para que não houvesse quase tempo nenhum antes do prazo chegar ao fim. Ele quer nos ver frustrados e abatidos, arrancando os cabelos nos bastidores. Quer que achemos que não há outra alternativa a não ser libertar o xeque Abdullah.

— Foda-se o xeque Abdullah — disse Carter com raiva incomum. — Depressa recuperou a compostura. — Acha que Ibrahim fazia parte desta grande ilusão?

— Ibrahim não estava fingindo, Adrian. Ibrahim era a resposta a nossas preces.

— E você fez com que fosse morto.

— Você está cansado, Adrian. Já não dorme há muito tempo. Vou tentar esquecer que disse isso.

— Tem razão, Gabriel. Não tenho dormido. — Carter olhou para o relógio. — Só temos sete horas... sete horas até que uma jovem extraordinária seja morta. E para quê? — Carter foi interrompido pelo toque do telefone. Atendeu, escutou em silêncio e desligou.

— Robert Halton acaba de enviar carta de demissão por fax à Situation Room da Casa Branca — informou. — Temo que a pressão tenha acabado por afetá-lo.

— Errado, Adrian.

— Tem outra explicação?

— Ele vai tentar salvar a filha negociando diretamente com os sequestradores.

Carter pegou o telefone outra vez e digitou rapidamente um número. Gabriel recostou-se no banco e fechou os olhos. Sua cabeça começou a latejar. Pré-estreia de futuras atrações, pensou.

PARIS: 14H17, SEXTA-FEIRA

Havia um pequeno cibercafé na esquina do Instituto dos Assuntos Islâmicos, que servia bom café, bons bolos e ainda um melhor ainda sistema de som. Yusuf Ramadan pediu um café com creme e trinta minutos de Internet, sentou-se à frente de um terminal vago junto à janela com vista para a rua. Escreveu o endereço da homepage da BBC e leu as notícias sobre Londres, onde o embaixador Robert Halton acabara de demitir-se e oferecia vinte milhões de dólares em troca da libertação da filha. Embora parecesse que a notícia era um choque para a BBC, não surpreendia o terrorista egípcio conhecido como Esfinge. Não havia dúvida de que operação perfeitamente executada na Dinamarca quebrara a determinação do embaixador. Decidira que agora ele próprio resolveria o assunto, como Yusuf Ramadan sempre soube que aconteceria. Robert Halton era um multimilionário do Colorado, e os multimilionários do Colorado não permitiam que suas filhas fossem sacrificadas no altar da política externa americana.

Ramadan viu um pequeno trecho da entrevista do embaixador em Winfield House, depois visitou as páginas de entrada do Telegraph, do Times e do Guardian, para ler o que tinham a dizer. Por fim, ainda com dez minutos para gastar, digitou a URL de um site de Karachi que tratava de assuntos islâmicos. O site era administrado por um agente da Espada de Alá, embora o conteúdo fosse tão benigno que nunca atraía mais do que um olhar de passagem da segurança americana e europeia. Ramadan entrou numa sala de chat como DESMOND826. KINKYKEMEL324 estava à espera. Digitou: “A Espada de Alá deveria aceitar o acordo. Mas definitivamente deve pedir mais dinheiro. Afinal, o embaixador é bilionário.”

KINKYKEMEL324: Mais quanto?

DESMOND826: Trinta milhões me parece bem.

KINKYKEMEL324: Acho que o sionista opressor também deve pagar.

DESMOND826: O derradeiro preço, assim como discutimos na última conversa.

KINKYKEMEL324: Então assim será, em nome de Alá, o misericordioso.

DESMOND826: Senhor do dia do julgamento.

KINKYKEMEL324: Mostra-nos o caminho certo.

DESMOND826: A paz esteja com você, KK.

KINKYKEMEL324: Ciao, Dez.

Ramadan fez logout e bebeu seu café creme. *Ruby, My Dear*, com Coltrane e Monk, tocava agora no stereo. Pena que todos os americanos não fossem sublimes assim, pensou. O mundo seria um lugar muito melhor.

46

GROSVENOR SQUARE, LONDRES: 14H10, SEXTA-FEIRA

Os primeiros telefonemas chegaram à embaixada antes de Halton deixar Winfield House. O negociador de reféns do FBI John O'Donnell, avisado com apenas cinco minutos de antecedência sobre a declaração iminente, dividira rapidamente o pessoal do centro de operações em duas equipes: uma para se livrar dos charlatões e vigaristas evidentes, outra para localizar qualquer telefonema que parecesse remotamente legítimo. Era o próprio O'Donnell quem encaminhava as chamadas para a equipe certa. Fazia-o após uma breve troca de palavras, em geral com trinta segundos de duração ou menos. Seu instinto dizia que nenhuma das pessoas que tinham telefonado até o momento eram os verdadeiros sequestradores, mesmo aqueles que ele passara à segunda equipe para verificação adicional. Não partilhou a ideia com nenhum dos homens e mulheres exaustos reunidos em volta no porão da embaixada.

Duas horas após o aparecimento de Robert Halton perante as câmeras, O'Donnell escolheu uma linha separada e falou com o telefonista.

— Quantas chamadas estão na espera?

— Trinta e oito — respondeu o operador. — Espere... são quarenta e duas... quarenta e quatro... quarenta e sete. Entende o que quero dizer.

— Continue a passá-las.

O'Donnell desligou e atendeu rapidamente mais dez chamadas. Encaminhou sete para a equipe número um, a que lidava com as furadas óbvias, e três para a segunda equipe, embora soubesse que nenhuma fosse dos verdadeiros captores de Elizabeth Halton. Estava prestes a atender outra chamada quando sua linha privada tocou. Atendeu e ouviu a voz do telefonista.

— Acho que tenho a ligação que esperávamos.

— Modificador de voz?

— Sim.

— Passe para esta linha depois de eu desligar.

— Certo.

O'Donnell desligou o telefone. Quanto tocou, dez segundos depois, atendeu rapidamente.

— Fala John O'Donnell do FBI. Posso ajudar?

— Estou tentando entrar em contato com você há meia hora — disse a voz eletronicamente modificada.

— Estamos fazendo o melhor possível, mas quando vinte milhões estão em jogo, os lunáticos saem do armário.

— Não sou lunático. Sou a pessoa com quem quer falar.

— Dê-me uma prova. Diga onde deixou o DVD de Elizabeth Halton.

— Deixamos debaixo de um bote na praia de Beacon Point.

O'Donnell tapou o bocal do receptor e pediu silêncio. Olhou para Kevin Barnett da CIA e fez-lhe sinal para que atendesse a extensão.

— Imagino que esteja interessado em aceitar o acordo — disse O'Donnell.

— Se não estivesse não ligaria.

— Está com nossa garota?

— Ela está conosco.

— Vou precisar de uma prova.

— Não há tempo.

— Então vamos ter conseguir. Responda apenas a uma pergunta. Só demora um minuto.

Silêncio. E a seguir: — Faça a pergunta.

— Quando Elizabeth era pequena, tinha um bicho de pelúcia. Preciso que me diga que bicho era esse e que nome ela lhe deu. Vou lhe dar outro número. Telefone quando tiver a resposta. Depois discutiremos a troca.

— Certifique-se de que atende o telefone. Ou sua garota morre.

A linha ficou muda. O'Donnell desligou o telefone e olhou para Barnett.

— Tenho quase certeza de que era nosso homem.

— Graças a Deus — disse Barnett. — Esperemos que tenha nossa garota.

Acordou com a batida na porta, sobressaltada e úmida de suor, e fitou a ofuscante luz branca acima do catre. Estivera sonhando, o mesmo sonho que tinha sempre que conseguia dormir. Homens com capuzes pretos. Uma câmera de vídeo. Uma faca. Levou as mãos algemadas ao pescoço e descobriu que a pele ainda estava intacta. Depois olhou para o chão de cimento e viu o bilhete. Um olho fuzilava-a através do óculo, como que incitando-a a mexer-se. Era escuro e brutal: o olho de Caim.

Sentou-se e girou as pernas, colocando os pés algemados no chão. Depois levantou-se e arrastou-se rigidamente até a porta. O bilhete estava virado para cima e escrito em letra suficientemente grande para que o lesse sem precisar dobrar-se para apanhá-lo. Era

uma pergunta, assim como nas comunicações anteriores, mas diferente de qualquer outra que tinham feito. Respondeu em voz baixa e regular, voltou ao catre e chorou incontrolavelmente. Não tenha esperança, disse a si própria. Não se atreva a ter esperança.

O número particular de John O'Donnell no centro de operações tocou às 15h09. Desta vez, não se deu ao trabalho de se identificar.

— Tem a informação?

— O bicho era uma baleia de pelúcia.

— Que nome ela lhe deu?

— Peixe — disse o homem. — Chamava de peixe e nada mais.

O'Donnell fechou os olhos, abriu e fechou a mão uma vez.

— Resposta certa — disse. — Vamos fazer um acordo. Vão trazer minha garota para casa a tempo do Natal.

O homem com a voz modificada fez o rol de exigências e depois disse: — Volto a ligar às cinco e cinquenta e nove, hora de Londres. Quero uma resposta de uma só palavra: sim ou não. Só isso. Sim ou não. Compreende?

— Compreendo perfeitamente.

A linha ficou muda outra vez. O'Donnell olhou para Kevin Barnett.

— Eles estão com ela — disse. — E nós estamos completamente fodidos.

Uma limusine aguardava na beira da pista enquanto o Gulfstream V de Adrian Carter aterrissava em Londres Quando Gabriel, Carter e Sarah desceram as escadas, uma mão comprida e ossuda saiu pela janela do banco de trás e fez-lhes sinal para que se aproximassem.

— Graham Seymour — disse Gabriel teatralmente. — Não diga que o mandaram aqui para me dar uma carona até Heathrow.

— Enviaram-me até aqui para lhe dar carona — respondeu Seymour —, mas não vamos para Heathrow.

— Para onde vamos?

Seymour deixou momentaneamente a pergunta por responder e olhou curioso para o rosto de Gabriel.

— Que diabos lhe aconteceu?

— É uma longa história.

— Normalmente é — disse. — Entre. Não temos muito tempo.

Seymour baixou o vidro e mostrou a identificação ao guarda fardado da Met fora da cerca. O agente examinou-a com brevidade e depois fez sinal aos colegas para que abrissem o portão. O Jaguar avançou cerca de cinquenta metros e voltou a parar, desta vez em frente à porta mais famosa do mundo.

Gabriel foi o último a sair do carro e seguiu os outros para o hall de entrada. À direita ficava uma pequena lareira e, ao lado desta, uma antiga cadeira Chippendale de couro, usada no passado por porteiros e seguranças. À esquerda, um baú de viagem em madeira, que se acreditava ter sido levada pelo duque de Wellington para a batalha de Waterloo, em 1815, e um relógio de Benson of Whitehaven que irritava tanto Churchill que este ordenou que silenciassem suas badaladas. E de pé no centro do hall, num terno de corte imaculado, estava um homem elegante de tez pálida e cabelo escuro pontilhado de grisalho nas têmporas. Avançou para Gabriel e cautelosamente estendeu-lhe a mão. Estava fria ao toque.

— Bem-vindo a Downing Street — disse o primeiro-ministro britânico. — Obrigado por ter vindo em tão pouco tempo.

— Por favor, perdoe minha aparência, primeiro-ministro. Os últimos dias foram muito longos.

— Soubemos de sua desventura na Dinamarca. Parece que foi enganado. Fomos todos.

— Sim, primeiro-ministro.

— Tratamos você muito mal depois do ataque no Hyde, mas o fato de seu nome e rosto terem aparecido nos jornais nos providenciou uma oportunidade de salvar a vida de Elizabeth Halton. Receio que precisemos de uma ajuda muito séria de sua parte, Sr. Allon. Está preparado para escutar o que temos a dizer?

— É claro, primeiro-ministro.

O primeiro-ministro sorriu. Era uma imitação de sorriso, pensou Gabriel, e tão quente como aquela tarde de dezembro.

Subiram a longa Grande Escadaria, sob o olhar dos retratos de antigos primeiros-ministros britânicos.

— Nossos registros não mostram visitas suas a Downing Street, Sr. Allon. Será esse o caso, ou já esteve aqui antes?

— É minha primeira visita, primeiro-ministro.

— Imagino que seja diferente do gabinete de seu primeiro-ministro.

— É um modo suave de colocar, Sir. Nossas repartições são decoradas no estilo kibbutz chic original.

— Vamos conversar na Sala Branca — disse o primeiro-ministro. — Henry Campbell-Bannerman morreu lá em 1908, mas que eu saiba ninguém morreu lá hoje.

Atravessaram altas portas duplas e entraram. As pesadas

cortinas de cor rosa estavam fechadas e o lustre Waterford brilhava suavemente no teto. Robert Halton estava num sofá listrado, ao lado de Dame Eleanor McKenzie, diretora do MI5. Sua contraparte do MI6 andava pela sala e o comissário da Met estava um canto, falando em voz baixa ao celular. Foram feitas apresentações rápidas, após as quais indicaram a Gabriel o segundo sofá, no qual se sentou sob o olhar lamentoso de uma estatueta de Florence Nightingale. Um fogo alto ardia na lareira. Um garçom trouxe chá, que ninguém bebeu.

O primeiro-ministro instalou-se na poltrona em frente à lareira, dando início à conversa. Falou calmamente, como se desse uma dica econômica aborrecida, mas importante. Disse que ao meio-dia, hora de Londres, o embaixador Halton apresentara sua demissão à Casa Branca e oferecera resgate de vinte milhões de dólares aos terroristas, em troca da liberdade da filha. Pouco depois das cinco, hora de Londres, os terroristas entraram em contato com os negociadores do FBI na embaixada americana e, depois de apresentarem prova de que tinham Elizabeth em seu poder, apresentaram contraproposta. Queriam trinta milhões, em vez de vinte. Se o dinheiro fosse entregue segundo as instruções — e se não houvesse armadilhas ou prisões —, Elizabeth seria libertada vinte e quatro horas depois.

— Então, porque estou aqui? — perguntou Gabriel, embora já soubesse a resposta.

— É um homem inteligente, Sr. Allon. Diga.

— Estou aqui porque eles querem que *eu* entregue o dinheiro.

— Receio que esteja correto — disse o primeiro-ministro. — Às cinco e cinquenta e nove, hora de Londres, vão telefonar ao negociador do FBI na embaixada. Querem uma resposta direta: sim ou não. Se a resposta for não, Elizabeth Halton será executada de imediato. Se for sim, significa que aceitou todas as exigências, e ela será libertada em quarenta e oito horas a partir de agora, pouco mais ou pouco menos.

Um silêncio pesado caiu sobre a sala. Foi interrompido por Adrian Carter, que protestou em nome de Gabriel.

— A resposta é não — disse. — Obviamente é uma armadilha. Prevejo três desfechos possíveis, e nenhum deles é agradável.

— Todos conhecemos os riscos, Sr. Carter — garantiu o diretor-geral do MI6. — Não há necessidade de revê-los neste momento.

— Faça-me a vontade — pediu Carter. — Não passo de um americano bronco. Cenário número um, Gabriel é morto imediatamente após entregar o dinheiro. Cenário número dois, é preso, torturado selvagemmente durante um certo período e depois é morto. No entanto, o terceiro cenário é o desfecho mais provável.

— E qual é? — quis saber o primeiro-ministro.

— Gabriel fica no lugar de Elizabeth Halton como refém.

Depois a Espada de Alá e a al-Qaeda fazem as exigências ao Governo israelense, em vez de ao nosso, e voltamos à estaca zero.

— Com uma diferença importante — acrescentou Graham Seymour. — Grande parte do mundo estará torcendo para que a Espada o mate. É israelense e judeu, ocupante e opressor, e por isso, aos olhos de muitas pessoas na Europa e no mundo islâmico, ele merece a morte. O assassinato dele será uma grande vitória da propaganda terrorista.

— Mas a cooperação vai nos dar algo que neste momento faz muita falta — interveio Eleanor McKenzie. — Se dissermos sim, teremos pelo menos mais vinte e quatro horas para procurar Miss Halton.

— Há duas semanas que a procuramos — lembrou Carter. — A menos que alguém tenha feito algum avanço que eu desconheça, mais vinte e quatro horas não vão fazer grande diferença.

Gabriel olhou para Robert Halton. Havia pouco mais de uma semana desde que Gabriel o vira, e nesse tempo o embaixador parecia ter envelhecido muitos anos. O primeiro-ministro teria feito melhor promovendo o encontro sem a presença de Halton, pois dizer não naquele momento seria um ato de crueldade. Ou talvez fosse exatamente esse o motivo que levava o primeiro-ministro a convidá-lo. Não deixara outra escolha a Gabriel a não ser concordar com o esquema.

— Eles farão exigências adicionais — frisou Gabriel. — Vão exigir que eu vá sozinho. Vão avisar que se eu for seguido o acordo acaba e Elizabeth morre. Vamos acatar. — Olhou para Seymour e para Carter. — Nada de vigilância, quer britânica, quer americana.

— Não pode ir para uma coisa dessas sem ninguém para protegê-lo — disse o chefe da Met.

— Não pretendo — garantiu Gabriel. — O MI5 e o Antiterrorismo da Scotland Yard darão todas as informações e apoio de que precisarmos, mas esta será uma operação israelense de início ao fim. Vou trazer para o país quem e o que preciso. Posteriormente, não haverá investigações nem processos. Se alguém for morto ou ferido no resgate de Elizabeth, ninguém da minha equipe será questionado ou responsabilizado.

— Está fora de questão — protestou Eleanor McKenzie.

— Aceito — contrapôs o primeiro-ministro.

— Quanto tempo para reunir o dinheiro?

— Os principais bancos da City já estão envolvidos — garantiu o primeiro-ministro. — Esse assunto deve estar resolvido amanhã no fim da tarde. Como é óbvio, é soma avultada e, por isso mesmo, será volumosa. Acham que caberá em duas malas grandes de rodas.

Gabriel olhou de rosto em rosto.

— Nem pensem em colocar sinalizadores no dinheiro ou nas malas.

— Entendido — asseverou o primeiro-ministro. — Ocorreu-me que amanhã é véspera de Natal. É óbvio que não é coincidência.

— Não, primeiro-ministro, desconfio que já estivessem preparando isso há muito tempo. — Gabriel olhou para o relógio. — Alguém pode me dar carona até a embaixada americana? Está previsto um telefonema em alguns minutos que eu gostaria de atender.

— Graham o leva — disse o primeiro-ministro. — Vamos dar-lhe escolta policial. O trânsito no centro de Londres a esta hora é terrível.

Na parede acima da estação de trabalho de John O'Donnell havia um grande relógio digital com números em vermelho sobre fundo preto. No entanto, Gabriel tinha olhos apenas para o telefone. Era um aparelho moderno, com acesso a vinte linhas, incluindo a extensão 7512, que não estava disponível em nenhum outro local do edifício. A extensão 7512 era a linha privada de O'Donnell. Agora pertencia a Gabriel, além da cadeira aquecida de O'Donnell e do bloco de notas amarrado de O'Donnell.

O relógio chegou às 17h59 e os segundos deram início à sua marcha metódica do 00 ao 59. Gabriel manteve os olhos no telefone: na luz verde na caixa identificada com 7512 e na pequena rachadura no receptor, provocada por O'Donnell num acesso de fúria logo no início da crise. Um minuto depois, quando o relógio chegou às 18h00m00, ouviu-se um arquejar coletivo na sala. Depois, às 18h01m25, Gabriel ouviu alguém da equipe de O'Donnell começar a chorar. Gabriel não compartilhava do pessimismo da assistência. Sabia que os terroristas eram canalhas cruéis que se aproveitavam da oportunidade do prazo para se divertir à custa dos adversários americanos e israelenses.

Finalmente, às 18h02m17, o telefone tocou. Não querendo provocar ainda mais estresse à assistência, Gabriel atendeu antes que tocasse uma segunda vez. Falou em inglês, com seu pesado sotaque hebraico, para que não houvesse dúvida quanto à identidade de quem estava ao telefone.

— A resposta é sim — disse.

— Esteja pronto às dez da noite de amanhã. Na hora daremos as instruções.

Em circunstâncias normais, um negociador profissional como O'Donnell teria dado início às táticas de protelação: dificuldade para reunir o dinheiro, problemas para obter permissão das autoridades locais para a entrega, tudo para manter o refém vivo e os terroristas falando. Mas não era uma situação normal — os terroristas queriam Gabriel — e não valia a pena adiar o inevitável. Quanto mais cedo

começasse, mais cedo chegaria ao fim.

— Vai ligar para este número? — perguntou.

— Sim.

— Fico à espera de notícias.

Clique.

Gabriel levantou-se, vestiu o blusão de couro e dirigiu-se para as escadas.

— Onde acha que vai? — perguntou Carter.

— Vou embora.

— Não pode ir embora.

— Não posso ficar aqui, Adrian. Tenho trabalho a fazer.

— Deixe-nos lhe dar uma carona. Não podemos deixar que ande por Londres desprotegido.

— Acho que sei cuidar de mim, Adrian.

— Pelo menos me deixe conseguir uma arma para você.

— O que vocês estão usando hoje em dia?

— Browning Hi-Power — respondeu Carter. — Não tem a graça e a beleza de suas Berettas, mas é bem letal. Quer um carregador ou dois?

Gabriel franziu o sobrolho.

— Levo dois — disse Carter. — E mais uma caixa de munição, só por via das dúvidas.

Cinco minutos depois, com a Browning de Carter carregada pressionando a base da coluna, Gabriel passou pelo fuzileiro de guarda no Portão Norte e virou para Upper Brook Street. A calçada ao longo do muro da embaixada, interditada a pedestres estava salpicada de agentes da Met com jaquetas verde-lima. Gabriel atravessou a pista e rumou para o Hyde Park. Avistou o motociclista dois minutos depois, quando dobrou a esquina de Park Lane. A moto era uma potente BMW e a figura nela montada tinha pernas compridas e estava de capacete. Gabriel reparou no volume por baixo do blusão de couro — do lado esquerdo, para o sacar cruzado de um destro. Continuou para o norte, para Marble Arch, e depois para oeste, ao longo da Bayswater Road. Quando se aproximava de Albion Gate, ouviu o ronco da BMW pelas costas. Parou abruptamente a seu lado. Gabriel passou a perna por cima da traseira da moto e envolveu a cintura do motorista. Quando a moto se lançou para a frente, ouviu o som de uma mulher cantando. Chiara cantava sempre quando estava no comando de uma moto.

48

KENSINGTON, LONDRES: 18H28, SEXTA-FEIRA

Ela dirigiu durante quinze minutos pelas ruas de Belgravia e

Brompton para garantir que não estava sendo seguida, então rumou para a embaixada israelense, em Old Court Place, bem perto da Kensington High Street. Shamron esperava um recado do chefe da estação, com um cigarro turco na mão e uma elegante bengala de oliveira na outra. Há muito tempo Gabriel não o via tão furioso.

— Olá, Ari.

— O que acha que está fazendo?

— Como chegou aqui tão depressa?

— Saí do Ben-Gurion esta manhã quando soube de suas aventuras na Dinamarca. Pretendia ajudá-lo, passar por aqui e levá-lo para casa. Mas quando telefonei para a estação avisando da minha chegada, disseram que você tinha acabado de sair de Downing Street.

— Tentei roubar uns fósforos para você, mas não fiquei sozinho um só momento...

— Você deveria ter nos consultado antes de concordar com isso.

— Não havia tempo.

— Havia tempo mais do que suficiente! Veja, Gabriel, a conversa seria bem rápida. Você pediria autorização para esta missão e eu diria *não*. Fim da conversa.

Apagou o cigarro e fitou Gabriel um momento sem uma palavra. — Mas agora recuar deste arranjo está fora de questão, imagine as manchetes... “Famoso espião israelense teme resgatar americana”. Deixou-nos sem saída a não ser avançar. Mas era exatamente isso que você pretendia, não era?, seu sacana manipulador!

— Aprendi com o mestre.

Shamron enfiou outro cigarro entre os lábios, abriu a tampa do velho isqueiro Zippo e acendeu.

— Segurei a língua quando decidi voltar a Amsterdã para interrogar esse tal Ibrahim Fawaz. Voltei a me segurar quando você foi a Copenhagen tentar negociar com o filho dele. Se tivesse seguido meu primeiro instinto, que era trazer você de volta, as coisas não teriam chegado a este ponto. Não tinha o direito de concordar com esta missão sem autorização de seu diretor e seu primeiro-ministro. Se você fosse outro qualquer, armaria um processo contra você e o jogaria no deserto da Judeia para expiar seus pecados.

— Pode fazer isso quando eu voltar para casa.

— Corre o risco de voltar para casa num caixão. Não precisa se suicidar para não ser o próximo chefe, Gabriel. Se não quer o cargo, basta dizer.

— Não quero o cargo.

— Sei que não está falando sério.

— Meu Deus, Ari, a cada dia que passa você se parece mais

uma mãe judia.

— E você me mostra diariamente que não está apto para o cargo. Pelo engano farás a guerra... é esse o nosso lema. Não somos shaheeds, Gabriel. Deixamos as missões suicidas para o Hamas e todos os outros psicopatas islâmicos que querem nos destruir. Movemo-nos como sombras, atacamos como raios e depois desaparecemos sem deixar rastro. Não nos oferecemos como voluntários para agir como garoto de entrega dos americanos ricos, e definitivamente não nos sacrificamos sem um motivo válido. Você pertence à elite. É um príncipe de uma tribo restrita.

— E o que fazemos quanto a Elizabeth Halton? Deixamos que morra?

— Se for a única forma de acabar com esta insanidade, a resposta é sim.

— E se fosse sua filha, Ari? E se fosse Ronit?

— Nesse caso abraçaria o próprio demônio para tê-la de volta, não pediria aos americanos que o fizessem por mim. Azul e branco, Gabriel. Azul e branco. Fazemos as coisas sozinhos, e não ajudamos os outros a resolverem os problemas que criaram. Os americanos apoiam as ditaduras seculares do Oriente Médio há longo tempo, e agora os oprimidos se erguem e se vingam nos monumentos de poder americano. No Onze de Setembro foi o World Center e o Pentágono. Agora é a filha inocente do embaixador americano em Londres.

— E os próximos seremos *nós*.

— E nessa hora nós os combateremos *sozinhos*. — Esboçou um sorriso de recordação. — Lembro-me de um rapaz que voltou da Europa em 1975, um rapaz que parecia vinte anos mais velho do que era. Um rapaz que já não queria viver nas sombras, que já não queria ter que lutar e matar. O que aconteceu a esse rapaz?

— Tornou-se um homem, Ari. E está farto desta merda. E não vai deixar que esta mulher seja assassinada só porque os americanos se recusam a libertar da prisão um xequê moribundo.

— E esse homem está preparado para morrer por essa causa? — Olhou para Chiara. — Estará preparado para desistir da vida com esta linda mulher para salvar outra que nem sequer conhece?

— Acredite, Ari, não sou um mártir, e as únicas pessoas que querem morrer são os terroristas. Quando perdemos Ibrahim, perdemos o único acesso à conspiração. Agora, ao exigirem que seja eu a entregar o dinheiro, reabrem a porta para nós. E vamos todos juntos.

— Está dizendo para vê-lo apenas como agente de infiltração?

Gabriel anuiu. — Para eles, pegar o dinheiro será uma ação operacional. Vai expor seus agentes. E se me capturarem estarão expondo também esconderijos e casas seguras, o que nos

proporcionará mais nomes e números de telefone. Britânicos e americanos concordaram em se afastar e nos deixar sozinhos. Vamos combatê-los, Ari, bem aqui em terreno inglês, como sempre os combatemos. Vamos matá-los e devolver a garota viva ao pai. — Gabriel fez uma pausa e acrescentou: — E depois talvez eles parem de nos culpar pelos problemas deles.

— Não me interessa o que dizem de nós. Para mim você é como um filho, Gabriel, e não posso perdê-lo. Não agora.

— Não vai me perder.

De repente, Shamron pareceu fatigado com o confronto. Gabriel aproveitou o silêncio para encerrar o debate e avançar.

— Onde está o resto da minha equipe?

— Voltaram a Amsterdã depois dos acontecimentos na Dinamarca — respondeu Shamron. — Podem estar aqui pela manhã.

— Vou precisar de Mikhail e de sua arma.

Shamron sorriu. — Gabriel e Miguel: o anjo da morte e o anjo da destruição. Se vocês dois não conseguirem salvar a mulher, creio que mais ninguém consegue.

— Então tenho sua bênção?

— Apenas minhas orações — contrapôs. — Vá dormir, meu filho. Vai precisar. Reunimo-nos aqui às nove da manhã e começamos a planejar. Esperemos que não seja o planejamento de um funeral.

O apartamento na Bayswater Road estava exatamente como o deixara na manhã do atentado. A caneca de café meio vazia estava em cima da mesa perto da janela, ao lado do atlas de Londres, que continuava aberto no mapa número 82. No quarto, as roupas estavam espalhadas, indício da pressa com que se vestira nos momentos anteriores à crise. O bloco de Samir al-Masri, com as montanhas, as dunas e a teia de aranha de linhas entrecruzadas, estava na cama, ao lado da mulher com cabelo castanho revoltado. Uma pistola Beretta escapava da frente dos jeans desbotados. Gabriel retirou a arma e levou a mão gentilmente ao ventre dela.

— Por que está fazendo isso? — perguntou ela.

— Um desejo incontrolável de tocar algo belo.

— Sabe muito bem o que estou perguntando, Gabriel. Por que aceitou as exigências dos sequestradores?

Em silêncio, Gabriel desabotoou habilmente os jeans de Chiara, que afastou a mão dele e depois acariciou o rosto.

Gabriel recuou ao toque. A pele latejava outra vez.

— É por Dani, não é? Sabe o que é perder um filho nas mãos de terroristas. Sabe como nos faz odiar, como nos destrói a vida. — Percorreu com os dedos o cabelo cinza nas têmporas. — Todos sempre pensaram que era Leah que o consumia. Esquecem de que você perdeu um filho. É Dani que move você. E é Dani que diz para aceitar esta

missão de loucos.

— A missão nada tem de loucura.

— Serei a única pessoa a considerar a hipótese de que esses terroristas não têm a menor intenção de libertar Elizabeth? Que vão ficar com o dinheiro do embaixador Halton e depois vão matá-la?

— Não — replicou Gabriel. — É exatamente isso que vão fazer.

— Então por que está fazendo isso?

— Porque é a única forma de salvá-la. Não vão matá-la num porão qualquer, onde ninguém possa ver. Fizeram um sequestro terrorista espetacular, e vão matá-la da mesma maneira. — Fez uma pausa e acrescentou: — E eu com ela.

— Não somos shaheeds — disse Chiara, fazendo eco à voz de Shamron. — Deixamos as missões suicidas para os psicopatas islâmicos que querem nos destruir.

Gabriel puxou o zíper do jeans dela. Mais uma vez, ela afastou a mão.

— Gostou de voltar a trabalhar com Sarah?

— Saiu-se melhor do que eu esperava.

— Foi você que a treinou, Gabriel.

— É claro.

Chiara ficou em silêncio.

— Há alguma coisa que queira saber? — perguntou.

— De quem foi a ideia de chamá-la para a missão?

— Do Carter. E não foi uma ideia. Foi uma imposição. Queria um americano na nossa equipe.

— Podia ter escolhido outra pessoa. — Uma pausa. — Que por acaso não estivesse apaixonada por você.

— O que está dizendo, Chiara?

— Ela está apaixonada por você, Gabriel. Todos viram isso na operação al-Bakari... isto é, todos menos você, que é bem tapado em assuntos do coração. — Olhou-o na escuridão. — Ou talvez não seja assim tão tapado. Talvez, no fundo, também esteja apaixonado por ela. Talvez queira Sarah protegendo você amanhã, no meu lugar.

A terceira tentativa de tirar o jeans não encontrou resistência. A blusa de caxemira foi uma operação completa. Chiara tratou do sutiã sozinha e levou as mãos dele aos seios.

— A confraternização entre funcionários em casas seguras do Escritório é estritamente proibida — disse Chiara entre os beijos.

— Sim, eu sei.

— Você vai ser um chefe terrível.

Gabriel estava prestes a contrapor, quando a luz azul do telefone começou a piscar. Gabriel fez menção de atender, mas Chiara deteve sua mão.

— E se for o Memuneh? — perguntou Gabriel.

Chiara rolou para cima dele.
— Agora sou eu a Memuneh.
Pressionou a boca contra a dele. A luz azul continuou a piscar.
— Case comigo — disse ela.
— Eu caso com você.
— Agora, Gabriel. Case comigo agora.
— Eu caso — asseverou.
— Não morra amanhã à noite.
— Eu não morro.
— Promete.
— Prometo.

49

BAYSWATER, LONDRES: 7H15, SÁBADO

Gabriel acordou de repente com a sensação de ter dormido uma eternidade. Olhou para o despertador e depois para Chiara. Estava a seu lado, enrolada nos cobertores como uma estátua grega derrubada do pedestal. Saiu da cama em silêncio e escutou as notícias no rádio enquanto fazia café. Segundo a BBC, não houve resposta à oferta de resgate por parte do embaixador Halton, e o destino de sua filha continuava desconhecido. Os londrinos tinham sido alertados para o aumento da segurança nas principais vias da cidade, no metrô e nas estações de trem. Gabriel sentiu-se reconfortado com a previsão do tempo: chuva leve com intervalos de céu limpo.

Bebeu a primeira caneca de café e passou muito tempo debaixo do chuveiro. Os cortes no rosto tornavam impossível fazer a barba. E havia algo a mais: gostava do aspecto da barba com vários dias. Chiara se mexeu quando Gabriel entrou no quarto. Puxou-o para fazer amor vagarosamente uma última vez.

Saíram juntos do apartamento às dez para as nove na moto BMW de Chiara. A chuva prevista ainda não caía nem havia sinais da esperada avalanche de compradores de Natal. Aceleraram pela Bayswater Road no rumo de Notting Hill, depois seguiram Kensington Church Street para Old Court Place. Um pequeno grupo de manifestantes estava reunido na embaixada. Agitavam bandeiras israelenses adornadas com suásticas e gritavam palavras de ordem sobre nazistas e judeus enquanto Gabriel e Chiara entravam pelo portão 11 e desapareciam lá dentro. O restante da equipe já tinha chegado e estava agrupado na maior sala de reuniões da embaixada. Pareciam refugiados de um desastre natural. A equipe original de Gabriel estava lá, assim como o pessoal da Estação de Londres e de várias outras estações europeias. Uzi Navot viajara a noite toda direto

do Boulevard King Saul, trazendo outra meia dúzia de agentes de campo. Ocorreu a Gabriel que seria a maior e mais importante operação do Escritório jamais executada em solo europeu — e ainda assim não tinham ideia de como se desenvolveria.

Sentou-se ao lado de Shamron, que vestia sua calça caqui e seu blusão de couro habituais. Entreolharam-se em silêncio por um momento prolongado. Depois Shamron ergueu-se lentamente e pôs ordem na sala.

— Às dez da noite Gabriel vai entrar no inferno — declarou. — É nosso dever garantir que ele saia vivo do outro lado. Quero ideias. Nenhuma sugestão, por mais maluca que seja, deixará de ser considerada.

Shamron voltou a sentar-se e deu início ao debate. Todos os presentes na sala começaram a falar ao mesmo tempo. Gabriel jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada. Era bom estar em casa.

Passaram a manhã trabalhando, fizeram um intervalo para almoço e continuaram ao longo da tarde. Às 17h30 Gabriel levou Chiara para uma sala e beijou-a uma última vez. Depois, pretendendo evitar uma cena incômoda com Shamron, saiu sozinho da embaixada e percorreu as ruas de Kensington em direção a Mayfair. Quando atravessou Hyde Park, fez uma breve pausa onde na manhã do ataque encontrara o corpo de Chris Petty, o agente americano. Alguns metros à frente havia uma pilha de flores murchas em sua homenagem e um cartaz em tributo aos americanos caídos. Depois, no local onde Samir al-Masri morreu nas mãos de Gabriel, viu um segundo memorial aos “Mártires do Hyde Park”, como ficaram conhecidos os terroristas entre seus simpatizantes de Londres. O choque das civilizações, pensou Gabriel, expresso em poucos metros quadrados.

Cruzou os gramados abertos do extremo oeste do parque e entrou na Upper Brook Street. Adrian Carter estava de pé ao lado do fuzileiro de guarda no Portão Norte, fumando nervosamente seu cachimbo. Cumprimentou Gabriel como se estivesse levemente surpreso ao vê-lo, depois pegou seu braço e levou-o para dentro.

As malas de dinheiro aguardavam no gabinete do embaixador Halton, cercadas por agentes de segurança. Gabriel examinou-os e olhou para Carter.

— Nada de sinalizadores certo, Adrian?

— Nada de sinalizadores, Gabriel.

— Que tipo de carro me trouxe?

— Um Vauxhall Vetra, cinza-escuro e discreto.

— Onde está, neste momento?

— Na Upper Brook Street.

— Cabe tudo na mala?

— Já confirmamos. Cabem.

— Guardem o dinheiro lá dentro.

Carter franziu as sobrancelhas.

— Quanto a você não sei, Gabriel, mas nunca deixo a carteira no carro, quanto mais trinta milhões em dinheiro.

— Neste momento a embaixada está cercada por uma centena de agentes da Met — lembrou Gabriel. — Ninguém vai assaltar o carro.

Carter fez sinal aos agentes de segurança e, momentos depois as malas estavam a caminho.

— Adrian, gostaria de trocar uma palavra em particular com o embaixador.

Carter abriu a boca como se pretendesse opor-se, mas reconsiderou.

— Estarei lá embaixo, no centro de operações — informou. — Não se atrase, Gabriel. O espetáculo não pode começar sem você.

O teor da conversa entre Gabriel Allon e o embaixador Robert Halton nunca se soube e não foi incluído em nenhum registro público ou secreto do caso. Foi breve, não mais de um minuto de duração. Mais tarde, o agente de segurança de guarda no gabinete do embaixador disse que Gabriel estava com os olhos úmidos mas determinados quando saiu e se dirigiu ao centro de operações.

Desta vez os sequestradores não se fizeram esperar. Segundo o relógio por cima da estação de trabalho de John O'Donnell, a chamada foi feita às 20h00:14. Gabriel atendeu de imediato, embora se lembre de ter pensado que não se importaria de nunca mais na vida falar ao telefone. O cumprimento foi calmo e um tanto vago. Ao escutar as instruções, a expressão era a de um guarda de trânsito registrando um acidente menor. Não fez perguntas e o rosto não denotou outra emoção que não irritação profunda. Às 20h00:57 ouviram-no murmurar: — Lá estarei.

Depois levantou-se e vestiu o paletó. Desta vez, Carter não fez menção de detê-lo quando se dirigiu para as escadas.

Fez uma pausa momentânea no hall do térreo para colocar fone e o microfone em miniatura e acenou em silêncio ao marine de guarda quando deixou a embaixada pelo Portão Norte. O Vauxhall de Carter estava estacionado numa vaga claramente ilegal na esquina da North Audley Street. As chaves estavam no bolso de Gabriel, e também um sinalizador GPS do tamanho de uma moeda pequena. Abriu a mala e olhou rapidamente a carga antes de colar o sinalizador na lanterna traseira do lado do motorista. Sentou-se então ao volante e ligou o motor. Momentos depois virava para Oxford Street e maravilhava-se com o mar de consumidores de última hora. Os observadores de Carter seguiram-no até Albany Street, onde o fotografaram virando à esquerda e dirigindo-se para o norte. Seria o

último contato com ele. No que dizia respeito aos americanos e aos britânicos, Gabriel acabava de desaparecer do mapa.

Não era esse o caso, é claro, na embaixada israelense em South Kensington onde, numa das maiores coincidências de todo o caso, um grupo de cristãos bem-intencionados tinha escolhido esta noite para realizar uma vigília à luz das velas pela paz na Terra Santa. No interior do prédio, Ari Shamron e Uzi Navot promoviam sua própria vigília. Seus pensamentos não estavam na paz, nem sequer em suas casas. Estavam em torno de uma mesa na sala de operações improvisada, deslocando suas forças e observando uma luz verde piscando que se dirigia para o extremo oeste de Regent's Park, em direção a Hampstead.

HAMPSTEAD HEATH: 22H25, VÉSPERA DE NATAL

Estacionou onde lhe tinham indicado, na Constantine Road, no extremo sul de Hampstead Heath. Não havia mais movimento na estrada e quando fez a aproximação final Gabriel não detectou sinais de vigilância, quer inimiga, quer aliada. Desligou o motor e pressionou o botão de abertura da mala, depois abriu o console central e deixou as chaves lá dentro. Uma chuva leve começava a cair. Ao sair praguejou por não ter levado guarda-chuva.

Dirigiu-se à traseira do carro e retirou a primeira mala. Quando estendia a mão para a segunda ouviu sons às costas e deu meia volta, avistando um grupo de jovens que entoavam cânticos de Natal. Por um instante alucinado perguntou-se se seriam os observadores do Esfinge, mas rapidamente ignorou esse pensamento quando lhe desejaram Feliz Natal e prosseguiram, alheios, em seu caminho. Pôs o segundo saco no chão e fechou a mala do carro. Os jovens cantavam agora “O Come, All Ye Faithful” na porta de uma pequena casa de tijolos, enfeitada com luzes de Natal. Um cartaz na janela dizia: DÊ-NOS PAZ EM NOSSO TEMPO.

Gabriel puxou as malas alguns metros ao longo da rua, depois atravessou uma passagem sobre a linha de trem e entrou no parque. À direita uma escura pista de corrida. Na calçada de cimento em frente ao portão fechado a cadeado, quatro emigrantes na casa dos vinte jogavam futebol, sob o brilho ambarino de um poste de luz e pareciam não prestar atenção a Gabriel quando este cruzou com eles e deu início à subida de Parliament Hill, em direção ao banco onde lhe tinham dito que aguardasse o contato seguinte. Ao chegar encontrou-o ocupado por um homem pequeno de casaco puído e barba emaranhada. Quando falou com Gabriel, sua pronúncia era do Leste de Londres e estava toldada pela bebida.

— Feliz Natal, amigo. Em que posso ser-lhe útil?

— Pode sair desse banco.

— Esta noite o banco é meu.

— Deixou de ser — disse Gabriel. — Saia.

— Dane-se.

Gabriel sacou a Browning Hi-Power de Adrian Carter e apontou-a para a cabeça do homem.

— Dê o fora e esqueça que me viu. Entendeu?

— Perfeitamente, porra.

O homem levantou-se apressado e sumiu na escuridão do Heath. Gabriel passou a mão atrás do encosto e embaixo do banco e

encontrou um celular preso com fita adesiva no lado esquerdo do assento. Tirou rapidamente a bateria e revistou o telefone em busca de cargas explosivas ocultas. Depois voltou a colocar a bateria e pressionou o botão POWER. Quando ligou o aparelho, falou em voz baixa no microfone — Nokia E50.

— Número? — indagou Uzi Navot.

Gabriel recitou-o.

— Alguma atividade recente?

— Está limpo.

— Texto?

— Nada.

Gabriel fitou as luzes de Londres e esperou que o telefone tocasse. Quinze minutos depois ouviu uma leve versão metálica do Adhan, a convocação muçulmana para as orações. Pressionou *Atender* e levou o telefone ao ouvido. Precisaram de apenas trinta segundos para apresentar as instruções seguintes. Gabriel jogou o telefone na lixeira ao lado do banco, pegou as malas e começou a andar.

No centro de comando improvisado na embaixada israelense, Uzi Navot largou o rádio seguro e pegou o receptor do telefone. Teclou rapidamente um número da Thames House, a sede do MI5 na margem do rio, e dez segundos depois ouviu a voz de Graham Seymour.

— Onde ele está agora? — perguntou Seymour.

— Atravessando Hampstead Heath em direção a Highgate. Eles acabaram de dizer que se ele tiver algum rádio ou arma na próxima parada, Elizabeth Halton será executada de imediato. Daqui a alguns segundos vai estar fora do ar.

— O que podemos fazer por vocês?

— Localize um telefone para mim.

— Dê-me todos os dados que tiver.

Navot disse a Seymour o modelo e o número do telefone.

— Não creio que sejam tolos de deixar alguma informação no histórico de chamadas.

— O telefone estava limpo, Graham.

— Vamos analisar o que temos e ver se encontramos alguma coisa. Mas se fosse você não teria grandes esperanças. Infelizmente, não há falta de jihadistas na nossa indústria de telecomunicações local. São muito espertos limpando os vestígios dos telefones.

— Dê-nos tudo o que encontrar.

Navot desligou o telefone com força e voltou a pegar o rádio. Resmungou algumas palavras em hebraico e depois olhou para Shamron, que andava lentamente pela sala, apoiado na bengala.

— Está desperdiçando seu tempo atrás desse telefone, Uzi.

Devia procurar os observadores.

— Eu sei, chefe. Mas onde estão os observadores?

Shamron parou diante de um monitor e olhou para a imagem granulada de quatro jovens jogando futebol fora da pista de corrida de Hampstead Heath.

— Pelo menos um deles está bem na sua frente, Uzi.

— Estamos vigiando o grupo desde antes da chegada de Gabriel. Não houve telefonemas nem mensagens. Apenas futebol.

— Então você tem que assumir que foi exatamente isso que Esfinge disse a eles — disse Shamron. — É como eu faria. Estilo velha escola, um sinal físico. Se Gabriel estiver limpo, continue jogando futebol; se estiver sendo seguido, uma discussão sobre qualquer coisa; se ele tiver um rádio, faça um intervalo para o cigarro. — Shamron cutucou a tela. — Como aquele garoto está fazendo exatamente agora.

— Acha que um deles é um olheiro?

— Aposto minha vida nisso, Uzi.

— Isso quer dizer que há mais alguém por ali que pode vê-lo... alguém com um celular ou um pager.

— Exatamente — asseverou Shamron. — Mas nunca vai descobri-lo. A esta altura já desapareceu. Sua única opção é seguir o olheiro.

Navot olhou para a tela.

— Não tenho como seguir quatro homens.

— Não precisa seguir os quatro. Basta seguir um. Mas escolha o certo.

— E qual deles?

— Eli tem bom instinto para essas coisas — disse Shamron. — Deixe que Eli decida. E, faça o que fizer, ponha outro sinalizador em Gabriel antes que ele saia de Highgate. Se o perdermos agora, talvez nunca mais o encontremos.

Navot pegou o rádio. Shamron recomeçou a andar.

Gabriel jogou a Browning e o rádio no mato, cruzou o dique entre os Highgate Ponds e partiu para MillField Lane. Colada a um poste estava a foto de uma SUV BMW azul-escuro. O carro mesmo estava quarenta metros adiante, no fim da pista, em frente a uma grande casa enfeitada com uma fileira de renas sorridentes no gramado. Gabriel abriu a porta traseira e olhou o interior. As chaves estavam à vista, na área de carga. Pegou-as, colocou as malas dentro e examinou meticulosamente o veículo antes de se sentar ao volante e girar a chave lentamente.

O motor pegou de imediato. Gabriel abriu o porta-luvas e viu uma folha de papel, que examinou à luz ambiente. Era uma lista detalhada de instruções de direção — uma jornada que o levaria de Highgate a uma península nas distantes paragens de Essex chamada Foulness Point. No banco do passageiro estava um Atlas de estradas

Bartholomew bem usado. Datava de 1995 e estava aberto no mapa número 25. O local de partida estava marcado com um X. As águas em volta estavam assinaladas em vermelho: ZONA DE PERIGO.

Gabriel engrenou o carro e afastou-se do meio-fio sob o olhar atento das renas sorridentes. Virou à direita para Meeton Lane, como indicado, e dirigiu-se para leste, ao longo do Cemitério de Highgate. Em Hornsey Lane, um pedestre de capa suja atravessou seu caminho. Gabriel freou de repente, mas não a tempo de evitar uma colisão menor, que derrubou o homem no asfalto. O homem pôs-se de pé rapidamente e bateu com o punho no capô num acesso de raiva. Depois, levando brevemente a mão ao para-choque no lado do passageiro, afastou-se resmungando. Gabriel observou-o partir e encaminhou-se para Archway Road. Virou à esquerda e dirigiu-se à M25.

Nesse momento, em Hampstead Heath, o vagabundo voltou ao abrigo no alto de Parliament Hill. Passou alguns segundos vasculhando a lixeira, como se procurasse restos de qualquer coisa comestível, e depois reinstalou-se no banco com vista para a paisagem urbana de Londres. Não estava concentrado em comida, nem sequer em bebida, mas nos quatro jovens que percorriam agora a ponte de pedestre para Constantine Road. *Achamos que um deles é o observador*, dissera Uzi Navot. *O Memuneh quer que você decida*. Já decidira. Era o jovem de jaqueta jeans, tênis preto de cano alto Converse e boné de Bob Marley. Era bom, para alguém tão jovem, mas Lavon era melhor. Lavon era o melhor que já existira. Aguardou que os quatro desaparecessem de vista, depois retirou a barba falsa e o sobretudo andrajoso e deu início à perseguição.

Durante os primeiros noventa minutos da viagem de Gabriel, o tempo mantivera-se estável, um chuveiro persistente, mas quando cruzou a ponte móvel que dava acesso a Foulness Island, Deus, em Sua infinita sabedoria, enviou uma chuvarada torrencial que transformou a estrada num rio. Não avistava luzes no retrovisor, nenhuma na direção oposta. À medida que acelerava entre fazendas adormecidas e riachos que corriam para desaguar no mar, Gabriel perguntou-se se aquela seria sua última visão terrena — não o vale Jezreel de seu nascimento, nem Jerusalém, ou as ruelas estreitas de sua adorada Veneza, mas aquela península batida pelo vento na orla do mar do Norte.

Oito quilômetros após a ponte móvel, Gabriel avistou uma placa no meio do dilúvio, alertando que a estrada em breve chegaria ao fim. Por razões muito próprias, registrou cuidadosamente a hora: 0h35. Quatrocentos metros depois entrou num estacionamento deserto em Foulness Point e, assim como lhe tinham indicado, desligou o motor. *Deixe as chaves na ignição*, disseram-lhe em Hampstead Heath.

Pegue as malas e coloque-as na praia. Durante alguns segundos desesperados pensou em jogar o dinheiro no estacionamento e voltar a Londres na velocidade luz. Em vez disso, retirou as malas lentamente e depois arrastou-as através de uma abertura no paredão e ao longo de um caminho arenoso até a praia estreita.

Quando se aproximava da beira da água, ouviu um ruído que pareceu o vento no mato das dunas. Depois, pelo canto do olho percebeu o movimento de alguma coisa negra, que numa noite clara podia ser confundida com uma sombra do luar. Nem chegou a ver quem desferiu um golpe de marreta na cabeça, nem quem segurava a navalha contra o pescoço. Chiara apareceu, vestida numa túnica branca manchada de sangue, e implorou que morresse. Depois desvaneceu-se numa luz azul que piscava e desapareceu.

Shamron e Navot estavam lado a lado no posto de comando, fitando silenciosamente a luz verde piscante. Não se movia há 10 minutos. Shamron sabia que não voltaria a se mexer.

— É melhor enviar alguém para dar uma olhada, só para termos certeza.

Navot levou o rádio à boca.

Yossi seguiu o sinal de Gabriel até Southend-on-Sea e abrigava-se num restaurante aberto a noite toda com vista para o estuário do Tâmis quando recebeu a chamada urgente de Navot. Trinta segundos depois estava ao volante do Renault, dirigindo em velocidade segura para Foulness Point. Quando entrou no estacionamento viu a caminhonete BMW sozinha, a porta traseira aberta e a chave na ignição. Tirou uma lanterna do porta-luvas e seguiu um rastro de pegadas recentes até a praia. Ali encontrou mais pegadas de vários tamanhos, além de depressões paralelas que iam do centro da praia até a beira da água. Yossi imaginou que as depressões teriam sido feitas pelos pés de um homem inconsciente ou pior. Levou o rádio à boca e falou com Navot no posto de comando.

— Ele desapareceu — disse Yossi. — E parece que o levaram de barco.

Navot baixou o microfone do rádio e olhou para Shamron.

— Duvido que estes sujeitos o tenham levado para o mar do Norte numa noite como esta, Uzi.

— Concordo, chefe. Mas para onde o levaram?

Shamron acercou-se do mapa.

— Aqui — disse, batendo com o dedo num ponto do outro lado do rio Crouch. — Está repleto de marinas e outros pontos onde atracar uma pequena embarcação. E a esta hora da noite a única forma de atravessar é de barco, o que significa que vamos ter de seguir o caminho mais longo.

Navot voltou ao rádio e ordenou que as equipes iniciassem a

perseguição.

Depois pegou o telefone e deu a notícia a Graham Seymour, na sede do MI5.

51

Estava perdido numa galeria de recordações repleta de imagens dos mortos. Falavam com ele à medida que se cruzavam lentamente: Zwaiter e Hamidi; os irmãos al-Hourani; Sabri e Khaled al-Khalita, pai e filho do terror. Davam-lhe as boas-vindas à terra dos mártires e celebravam sua morte com doces e canções. No fim da galeria um rapaz pálido com buracos de bala no rosto levou Gabriel através das portas de uma igreja em Veneza. A nave estava decorada por um ciclo de pinturas que representavam cenas de sua vida, e no altar principal havia uma tela inacabada, claramente pintada pela mão de Bellini, retratando a morte de Gabriel. O mestre estava de pé no santuário. Pegou a mão de Gabriel e levou-o para um jardim em Jerusalém, onde uma mulher marcada a fogo estava sentada à sombra de uma oliveira, com um menino com ar de querubim no colo. Olhe para a neve, dizia a mulher à criança. *A neve absolve Viena de seus pecados. A neve cai em Viena enquanto chovem mísseis sobre Tel Aviv.* Ouviu alguém chamar seu nome na igreja, mas esta agora estava vazia. Quando voltou ao jardim, a mulher e o menino tinham desaparecido.

Quando finalmente acordou, tinha a sensação de ter bebido demais. Sua dor de cabeça era catastrófica, a boca parecia cheia de algodão e temia vomitar, embora já se tivessem passado muitas horas da última vez que comera alguma coisa. Abriu os olhos sem mover um músculo, avaliou sua situação. Estava deitado de costas numa cama de campanha, num pequeno quarto com paredes tão brancas como porcelana. Tinha as mãos algemadas, e as algemas estavam presas a uma argola de ferro na parede atrás de sua cabeça, os braços dolorosamente esticados. Sua roupa e o relógio tinham desaparecido e a boca estava tapada com fita adesiva. Uma cáustica luz branca brilhava ferozmente em seu rosto.

Fechou os olhos, lutou contra uma onda de náuseas e tremeu violentamente devido ao frio. Um bom esconderijo, este. Certamente criá-lo envolvera muito planejamento e trabalho. Apesar da limpeza quase clínica do quarto, havia cheiros desagradáveis no ar, o cheiro de fezes e odor corporal, o odor de uma mulher mantida em cativeiro por muito tempo. Elizabeth Halton estivera ali antes dele, tinha certeza disso. Será que ainda estaria por perto?, pensou, ou teria sido transferida para outro local dando lugar ao novo inquilino? Ouviu barulhos do outro lado da porta. Gabriel virou a cabeça alguns graus e

viu um olho a mirá-lo ferozmente do outro lado do visor. A seguir ouviu o som de um cadeado se abrindo, e os gemidos das dobradiças frias. Um homem entrou na cela. Não devia ter mais de trinta anos, aspecto franzino, que vestia camisa de gola e pulôver grená de decote em V. Olhou para Gabriel com expressão de curiosidade por um longo momento, através dos óculos com aros de tartaruga, como se procurasse uma biblioteca ou uma livraria e, sem querer, tivesse dado de cara com aquela cena. Gabriel pensou que o rosto lhe era familiar. Só quando arrancou a fita adesiva do rosto de Gabriel e lhe desejou boa noite em árabe é que percebeu por quê. A voz pertencia a um jovem do Oud West em Amsterdã. Um jovem metade egípcio, metade palestino, uma mistura explosiva.

Era Ishaq Fawaz.

Sumiu tão depressa quanto surgira. Minutos depois, quatro homens entraram na cela. Socaram-no várias vezes na barriga antes de retirar as algemas e a seguir, depois de o colocarem de pé, bateram mais um pouco. O quarto era pequeno demais para um espancamento em condições, e por isso, após breve conferência, foi arrastado nu por um lance de escadas e levado para um armazém às escuras. Gabriel atacou primeiro, um golpe que pareceu apanhá-los desprevenidos. Conseguiu incapacitar temporariamente um deles, antes que os outros três lhe saltassem em cima e o atirassem no chão frio de cimento. Então foi estrangulado, levou pontapés e socos por vários minutos até que, vinda do armazém, veio a ordem para que parassem. Deixaram ali caído por algum tempo, vomitando o próprio sangue, antes de finalmente o devolverem à cela e prenderem outra vez suas mãos na parede. Esforçou-se por permanecer consciente, mas não conseguiu. A porta da igreja em Veneza ainda estava aberta de par em par. Esgueirou-se lá para dentro e viu Bellini sobre a plataforma de trabalho, bem acima do altar principal, dando os retoques finais na tela que retratava sua morte. Gabriel trepou lentamente lá para cima e, com Bellini a seu lado, começou a pintar.

52

WALTHAMSTOW, LONDRES: 2H15, DIA DE NATAL

O observador era bom. Bom no Cairo. Bom em Bagdá.

O caminho que tomou a partir de Hampstead Heath foi longo e desnecessariamente complicado: quatro ônibus diferentes, duas longas caminhadas e uma viagem final de metrô na Victoria Line, de King's Cross a Walthamstow Central. Agora subia a Lea Bridge Road de celular ao ouvido e Eli Lavon cem metros atrás. Virou para Northumberland Road e trinta segundos depois entrou numa pequena

casa com terraço, exterior salpicado de seixos. No primeiro andar viam-se luzes acesas através das janelas, sinal de que havia agentes lá dentro.

Lavon contornou o quarteirão e voltou à Lea Bridge Road. Do outro lado da estrada havia uma parada de ônibus vazia, com boa vista para a casa-alvo. Ao deixar-se cair pesadamente sobre o banco, ouviu Uzi Navot transmitindo o endereço a Graham Seymour na sede do MI5. Lavon esperou que Navot terminasse e depois murmurou no microfone que tinha no pescoço.

— Não posso ficar aqui muito tempo, Uzi.

— Não precisa. A cavalaria está a caminho.

O MI5 e o Setor Antiterrorista da Scotland Yard demoraram apenas dez minutos para fazer uma lista dos quatro homens que ocupavam agora o número 23 da Nothumberland Road como endereço legal, e só vinte minutos para obter os registros dos telefonemas da residência nos últimos dois anos. As chamadas para números sob observação do governo ou em áreas conhecidas pelo islamismo fundamentalista eram automaticamente assinaladas, para exame adicional. Os registros de telefonemas desses números nos últimos dois anos também foram investigados. Como resultado, após uma hora do primeiro contato de Lavon, o MI5 e a Scotland Yard tinham elaborado uma matriz de vários milhares de números e mais de quinhentos nomes correspondentes.

Pouco depois das três da manhã, uma cópia da matriz estava diante do grupo de trabalho especial do MI5, que tinha trabalhado dia e noite desde o sequestro de Elizabeth Halton. Cinco minutos depois, Graham Seymour entregou pessoalmente uma segunda cópia do documento na sala de reuniões do terceiro andar, a qual no momento estava ocupada por três mulheres jovens. Uma americana atraente com trinta e poucos anos, cabelo louro até os ombros e pele cor de alabastro era uma delas. As outras duas eram israelenses, uma mulher corpulenta e brusca com postura de soldado e uma moça baixa, de cabelos escuros, que mancava ligeiramente. Embora as três tivessem chegado ao Reino Unido com passaportes falsos, Seymour concordara em deixá-las entrar na Thames House com a condição de o fazerem sob os nomes verdadeiros. A israelense corpulenta era a major Rimona Stern, do AMAN, o serviço secreto militar israelense. A moça quieta era analista do serviço externo de inteligência de Israel, Dina Sarid. Os documentos da americana diziam que ela era Irene Moore, agente da CIA ligada ao Centro de Coordenação de Terrorismo em Langley.

Receberam o documento com gratidão e então o dividiram: a americana e a israelense corpulenta ficaram com os números de telefones. A moça que mancava um pouco encarregou-se dos nomes. Era boa com nomes — Graham Seymour podia perceber isso. Mas

havia algo a mais: a intensa seriedade de sua determinação, a marca precoce da viuvez nos olhos escuros. Fora tocada pelo terror, pensou. É ao mesmo tempo vítima e sobrevivente. E tinha a mente de um computador. Graham Seymour estava convencido de que a imensidão de nomes e números encerravam uma pista valiosa. E não tinha dúvida sobre quem a encontraria primeiro.

Saiu da sala de reuniões e voltou ao centro de operações. Quando chegou, tinha à espera em cima da mesa um despacho do Comando Geral da Polícia de Essex em Chelmsford, que descobriu um barco de fundo raso abandonado na margem norte do rio Crouch, perto de Holliwell Point. Pelo estado do motor, parecia que o barco tinha sido usado naquela noite. Graham Seymour pegou o telefone e ligou para Uzi Navot, no posto de comando israelense em Kensington.

Trinta segundos depois, Navot desligou o telefone e transmitiu as notícias a Shamron.

— Parece que tinha razão quando disse que eles o levaram pelo rio.

— Duvidou de mim, Uzi?

— Não, chefe.

— Ele está vivo — disse Shamron —, mas não por muito tempo. Precisamos de alguma coisa. Um nome. Um número de telefone. Seja lá o que for.

— As moças estão procurando.

— Esperemos que encontrem, Uzi. E depressa.

53

Quando Gabriel voltou a acordar, seu corpo saía do torpor. Por um momento, receou que o tivessem matado e que testemunhava a purificação ritual de seu próprio cadáver. Depois, passando a outro nível de consciência, percebeu que eram seus captores tentando limpar a bagunça que tinham feito. Quando terminaram, tiraram-lhe as algemas tempo suficiente para vestir um moletom e calçar sandálias, e se retiraram sem mais violência. Algum tempo depois, uma meia hora, talvez, Ishaq voltou. Observou Gabriel por algum tempo com calma perversa antes de lhe fazer a primeira pergunta.

— Onde estão minha mulher e meu filho?

— Por que ainda está aqui? Pensei que a essa hora já estivesse muito longe.

— No Afeganistão? Ou Paquistão? Ou outro país qualquer acabado em *ão*?

— Sim — respondeu Gabriel. — De volta do refúgio dos assassinos.

— Eu ia — disse Ishaq com um sorriso —, mas pedi para voltar aqui para tratar de você, e meu pedido foi aceito.

— Sorte sua.

— Agora diga onde estão minha mulher e meu filho.

— Que horas são?

— Faltam cinco minutos para a meia-noite — respondeu, orgulhoso de sua esperteza. Em seguida, olhou de uma forma exagerada. — Na verdade, faltam quatro minutos, o tempo está se esgotando. Responda a minha pergunta.

— Desconfio que a esta hora estejam no Negev. Temos lá uma prisão secreta para os piores dos piores. É o equivalente a um buraco negro galáctico. Nunca mais se ouve falar nos que entram lá. Cuidarão bem de Hanifah e Ahmed.

— Está mentindo.

— Pode ter razão, Ishaq.

— Quando estávamos negociando pelo telefone, disse que era americano. Disse que minha família ia para o Egito para ser torturada. Agora me diz que eles estão em Israel. Entende o que quero dizer?

— Tentou dizer alguma coisa?

— Você não é de confiança, é isso que quero dizer. Mas não é de admirar. Afinal de contas, é judeu.

— O parricida me faz sermão sobre a imoralidade da mentira.

— Não, Allon, foi você que assassinou meu pai. Eu o salvei.

— Eu sei que neste momento meu cérebro está um pouco confuso, Ishaq, vai ter que me explicar essa.

— Antigamente meu pai era da Espada de Alá, mas virou as costas à jihad e levou uma vida de apóstata na terra dos estranhos. Depois agravou as suas ofensas ao partilhar sua sorte com você, o assassino judeu de mujahedins palestinos. Sob as leis do Islã, meu pai foi condenado ao inferno por seus atos. Eu lhe dei uma morte de mártir. Meu pai é agora um shaheed, portanto garantiu um lugar no Paraíso.

As palavras tinham sido proferidas com uma seriedade tão profunda que Gabriel percebeu que era inútil discutir. Seria como argumentar com um homem que acreditava que a terra era plana, ou que os astronautas americanos nunca aterrissaram na Lua. De repente, sentiu-se como Winston Smith no quarto 101 do Ministério do Amor. Liberdade é escravidão. Dois e dois são cinco. O assassinato de nosso pai é dever divino.

— Saiu-se bem na Dinamarca — elogiou Gabriel. — Muito profissional. Deve ter planejado aquilo muito tempo. Não acho que matar seu próprio pai fizesse parte do plano original, mas improvisou extraordinariamente bem.

— Obrigado — agradeceu Ishaq com seriedade.

— Por que não ficou para o fim? E por que não fui executado com ele?

Ishaq sorriu calmamente mas não respondeu. Gabriel deu a resposta a sua própria pergunta.

— Você e Esfinge tinham outros planos para mim, não é verdade? Planos que foram elaborados no momento em que minha foto apareceu nos jornais londrinos depois do sequestro...

— Quem é a pessoa a que se refere como Esfinge?

Gabriel ignorou-o e continuou.

— Esfinge sabia que se os americanos não libertassem Elizabeth, seu pai acabaria por tratar ele mesmo do assunto. Sabia que Robert Halton ofereceria a única coisa que tinha: dinheiro. Sabia também que alguém teria de entregá-lo. Esperou que Halton fizesse a oferta e aproveitou a oportunidade para se vingar.

— E, no entanto, você veio. — Ishaq foi incapaz de impedir uma nota de espanto na voz. — Certamente sabia que seria este seu destino. Por que fez uma coisa dessas? Por que trocar sua vida por outra, pela filha mimada de um bilionário americano?

— Onde está ela, Ishaq?

— Acha mesmo que eu lhe diria, mesmo que soubesse?

— Sabe exatamente onde ela está. Ela é inocente. Mesmo sob a sua noção distorcida de takfir, não tem direito de matá-la.

— Ela é a filha do embaixador americano, afilhada do presidente e falou publicamente a favor da guerra no Iraque. É alvo legítimo sob nossa lei ou outra qualquer.

— Só um terrorista consideraria Elizabeth Halton um alvo. Tínhamos um acordo. Trinta milhões de dólares por Elizabeth. Espero que cumpra esse acordo.

— Não está em posição de fazer exigências, Allon. Nossas leis permitem mentir aos infiéis quando mentem e ficar com o dinheiro deles quando isso satisfaz nossas reivindicações. Trinta milhões de dólares ajudariam muito as finanças da jihad global. Quem sabe? Talvez até possamos usá-lo para comprar uma arma nuclear, uma arma que possamos usar para varrer o seu país do mapa.

— Fique com o dinheiro. Compre a merda da arma. Mas solte-a.

Ishaq franziu o sobrolho, como que entediado pelo tema de conversa.

— Regressemos à minha pergunta original — disse. — Onde estão Hanifah e Ahmed?

— Estavam detidos em Copenhagen. Quando exigiu que eu entregasse o dinheiro, fomos ver os dinamarqueses e pedimos sua mulher e seu filho como garantia. Claro que os dinamarqueses satisfizeram o nosso pedido sem hesitação. Se eu não regressar vivo, e

se Elizabeth Halton não for libertada, sua família desaparecerá da face da terra.

Pareceu ficar abalado, mas exibiu uma expressão de desafio.

— Está mentindo.

— Como queira, Ishaq. Mas acredite, se alguma coisa me acontecer, nunca mais voltará a vê-los.

— Mesmo que seja verdade que os tenha levado para Israel como garantia, assim que o mundo souber que estão prisioneiros haverá grande pressão por sua libertação. Seu Governo não terá outra alternativa senão ceder. — Levantou-se de forma abrupta e olhou para o relógio. — Faltam agora dois minutos para a meia-noite. Precisamos de uma coisa de sua parte antes que seja executado. Dê-nos isso sem luta e sua morte será relativamente indolor. Se insistir em debater-se outra vez, os rapazes tratarão de você à maneira deles. E desta vez não os mandarei parar.

Abriu a porta e deu um passo para fora. Depois virou-se e olhou para Gabriel mais uma vez.

— Ocorreu-me que em breve será também um shaheed. Caso se converta ao islamismo antes de morrer, seu lugar no Paraíso estará assegurado. Posso ajudá-lo, se quiser. Na verdade, o procedimento é muito simples.

Não recebendo resposta, Ishaq fechou a porta e trancou a cadeado.

Gabriel fechou os olhos. Dois e dois são quatro, pensou. Dois e dois são quatro.

54

THAMES HOUSE: 4h15, DIA DE NATAL

— Acho que talvez tenha descoberto uma coisa.

Graham Seymour olhou para cima. Era a moça israelense de cabelos escuros que mancava, Dina Sarid. Apontou para a cadeira ao lado da mesa na sala de operações. A moça permaneceu de pé.

— De acordo com os registros da British Telecom, houve vinte e sete chamadas a partir do telefone na casa de Northumberland Road para um telefone localizado na Reginald Street 14, em Luton, nos últimos dezoito meses. Cinco foram feitas *depois* do sequestro de Elizabeth Halton.

Seymour franziu o sobrolho. Luton, um subúrbio de forte presença muçulmana no norte de Londres, era um dos maiores problemas do MI%. — Continue — disse.

— O telefone em questão está na casa de um homem chamado Nabil Elbadry. Que dirige um negócio de importações e exportações e

várias outras coisas. Não aparece em nenhuma de suas listas de identificação de simpatizantes terroristas ou ativistas jihadistas.

— Então qual é o problema? — perguntou Seymour.

— Quando vi o nome na matriz, há alguns minutos, tive a sensação de reconhecê-lo.

— Onde?

— Num arquivo da Espada de Alá que nos foi dado pela SSI egípcia.

Seymour sentiu o estômago começar a arder.

— Continue, Miss Sarid.

— Há cinco anos, os egípcios prenderam um homem chamado Kemel Elbadry no Cairo. Interrogado no complexo prisional de Tolih, admitiu ter participado em diversas operações da Espada de Alá no interior do Egito.

— O que tem isso a ver com o Nabil Elbadry de Luton?

— Segundo o arquivo de Kemel, ele tinha um irmão chamado Nabil que emigrou para a Inglaterra em 1987. Isso corresponde exatamente aos detalhes do registro de imigração de Nabil Elbadry.

— Kemel ainda está preso?

— Está morto.

— Executado?

— Não se sabe.

Granam Seymour levantou-se e pediu silêncio na sala de operações.

— Nabil Elbadry — gritou. — Reginald Street, 14, em Luton. Quero saber tudo o que há para saber sobre este homem e suas empresas, e quero saber em cinco minutos ou menos.

Olhou para a moça. Ela acenou com a cabeça uma vez e voltou para a sala de reuniões, mancando lentamente.

Os rapazes vestidos de preto foram buscá-lo dez minutos depois de Ishaq ter saído. Enquanto o levavam pelas escadas estreitas, Gabriel preparou-se para outro espancamento. No entanto, quando chegou ao armazém, foi sentado de forma bem cordial numa cadeira desdobrável de alumínio.

Olhou em frente e viu a lente de uma câmera de vídeo. Ishaq, desempenhando agora o papel de diretor e diretor de fotografia, ordenou aos quatro homens de negro que se colocassem atrás de Gabriel. Três deles empunhavam fuzis automáticos compactos Heckler & Koch. Outro segurava uma faca, de forma ameaçadora. Gabriel soube que ainda não chegara sua hora. Tinha as mãos algemadas à frente. Infiéis prestes a sofrer a profunda indignidade da decapitação tinham sempre as mãos presas atrás.

Ishaq fez algumas pequenas alterações nos adereços, saiu de trás da câmera e entregou o texto a Gabriel. Gabriel olhou para baixo.

Depois, como um ator descontente com as suas deixas, tentou devolvê-lo.

— Leia! — exigiu Ishaq.

— Não — disse Gabriel calmamente.

— Leia ou mato-o agora.

Gabriel deixou o texto cair.

O grupo de trabalho de Graham Seymour demorou apenas alguns minutos para reunir um dossiê detalhado das propriedades em nome de Nabil Elbadry, da Reginald Street, Luton. Seus olhos detiveram na metade da lista. Uma companhia em que Elbadry era sócio minoritário era proprietária de armazém em West Dock Street, Harwich, não muito longe do terminal do ferry-boat. Seymour levantou-se e correu para o mapa Harwich ficava a sessenta quilômetros do local onde a polícia de Essex descobrira o barco abandonado. Voltou à mesa e digitou o número do posto de comando israelense em Kensington.

Ishaq apanhou do chão as folhas caídas e, após recuperar a postura, leu a declaração em nome de Gabriel. Gabriel cometeu muitos crimes contra palestinos e muçulmanos, declarou Ishaq, e em breve enfrentaria a justiça da espada. Gabriel nem ouviu sua lista de pecados. Em vez disso, olhava o chão do armazém, perguntando-se por que Ishaq não ocultara o rosto antes de aparecer à frente da câmera. A resposta, claro, Ishaq era um mártir em formação e morreriam juntos. Quando terminou de ler, Ishaq dirigiu-se à câmera e verificou-a, para se certificar de que tinha gravado corretamente. Satisfeito, fez sinal aos rapazes para recomeçarem o espancamento. Pareceu durar uma eternidade. A picada da agulha foi um ato de misericórdia. Os olhos de Gabriel se fecharam e sentiu-se afundar numa água negra.

— Quanto tempo para pôr sua equipe a postos, Uzi?

— Mandeí todo mundo para lá depois que a polícia de Essex encontrou o barco. Posso ter três equipes em Harwich em vinte minutos ou menos. A questão é, o que fazemos quando chegarmos?

— Primeiro determinamos se ele realmente está em Harwich. Se sim, se ainda está vivo. Depois esperamos.

— Esperamos? O que, chefe?

— Viemos para resgatar a moça americana, Uzi. Não saímos daqui sem ela.

HARWICH, INGLATERRA: 5H30, DIA DE NATAL

Harwich, porto antigo de quinze mil almas na confluência dos rios Stour e Orwell, jazia obscura e adormecida sob a investida da chuva constante. As águas de Ramsey Creek estavam vazias de barcos comerciais, e só meia dúzia de carros aguardava o ferry no terminal para a primeira travessia da manhã para o continente. O centro da cidade medieval estava de persianas fechadas, entregue às gaivotas.

Foi a este cenário que seis agentes do serviço de inteligência externa do Estado de Israel chegaram precisamente às 4h45 da manhã de Natal. Às cinco já tinham confirmado que o armazém em West Dock Road estava de fato ocupado e às 5h15 tinham conseguido instalar uma pequena câmera nos fundos do prédio, no canto de uma janela quebrada. Estavam agora cuidadosamente dispersos entre as ruas adjacentes. Yaakov assumira posição a cem metros do armazém, em Station Road. Yossi acampara na Refinery Road. Oded e Mordecai esconderam rapidamente a van de vigilância sob um viaduto da A120. Mikhail e Chiara, que tinham passado a noite em cima da moto, estavam abrigados na parte de trás da van, fitando o receptor de vídeo. A imagem era mal enquadrada e estática. Ainda assim, conseguiam ver com clareza o que estava acontecendo dentro do armazém. Quatro homens de preto colocavam barris enormes na parte de trás de uma picape Vauxhall, sob a supervisão de um homem esguio que parecia egípcio, vestindo camisa grená de decote em V.

Às 5h40, os homens saíram do alcance da câmera. Dez minutos mais tarde, voltaram com o componente final de sua arma de destruição em massa: um homem vestindo roupa de corrida azul e branco, atado com fita adesiva, o rosto ensanguentado e inchado.

— Por favor, diga-me que ele está vivo, Mikhail.

— Ele está vivo, Chiara.

— Como você sabe?

— Não o poriam com a bomba se estivesse morto.

Mas a melhor prova de que estava vivo, pensou Mikhail de modo sombrio, era a cabeça. Se Gabriel estivesse morto, ela já não estaria em cima dos ombros. Não dividiu esta observação com Chiara, que já sofrera o bastasse naquela noite.

Às 5h55, os quatro homens de preto vestiram sua roupa normal. Três entraram numa van Mercedes de carroceria aberta e partiram. O quarto sentou-se ao volante da van Vauxhall, enquanto o homem com aparência de egípcio e camisa grená reuniu-se a Gabriel na parte de trás. Às seis da manhã em ponto, a van virou para West

Dock Street e dirigiu-se ao acesso da Al20. Quatro veículos seguiam-na cuidadosamente. Yaakov assumiu o primeiro turno na dianteira, enquanto Chiara e Mikhail estavam atrás na moto BMW. Mikhail ia sentado atrás. No lugar do atirador.

Gabriel abriu um olho e depois, lentamente, o outro. Tentou mexer os braços e as pernas, mas não conseguiu. Tinha o alto da cabeça encostado a alguma coisa metálica. Conseguiu virar o pescoço o suficiente para ver que era um barril de aço. Havia outros barris, na verdade mais cinco, ligados por uma rede de fios que se estendia até um detonador no painel ao lado do motorista. Ishaq estava sentado à frente de Gabriel, pernas cruzadas, uma arma no colo. Sorria, como que orgulhoso da forma inteligente com que revelara o método da execução iminente de Gabriel.

— Aonde vamos? — perguntou Gabriel.

— Ao Paraíso.

— Seu motorista sabe o caminho ou está apenas seguindo o nariz?

— Ele sabe. Preparou-se para esta viagem há muito tempo — garantiu Ishaq.

Gabriel virou a cabeça e olhou para ele. Era vários anos mais novo do que Ishaq, sem barba, e tinha as duas mãos no volante, como um novato dirigindo sozinho pela primeira vez.

— Quero me sentar — disse Gabriel.

— É melhor ficar deitado. Se sentar vai doer.

— Não me importo — asseverou Gabriel.

— Como queira.

Pegou Gabriel pelos ombros e encostou-o descuidadamente na lateral da área de carga atrás do passageiro.

Ishaq tem razão. Sentar faz mesmo doer. Na verdade, doía tanto que desmaiou. Mas agora podia ao menos ver o exterior por uma parte do para-brisa. Ainda estava escuro lá fora, mas o céu assumia gradualmente um azul profundo e luminoso. Primeira luz da manhã de Natal, pensou Gabriel. Pela velocidade moderada em que avançavam e a ausência de qualquer ruído de trânsito, seguiam por uma estrada secundária. Vislumbrou uma placa de estrada. SHRUB END 3. *Shrub End*? Onde em nome de Deus fica Shrub End? Fechou os olhos devido à dor e ouviu um barulho de motor além do deles. Era agudo e tenso, o som de uma motocicleta no que se aproximava em velocidade considerável. Abriu os olhos e viu-a passar por eles num ciclone de poeira. Depois voltou-se para Ishaq e, pela segunda vez, perguntou para onde iam. Ishaq limitou-se a sorrir. Era um sorriso de um mártir. Fechou os olhos e pensou na moto. Tente um tiro certo, pensou. Mas Mikhail não conhecia outro.

Uzi Navot baixou os fones do rádio e olhou para Shamron.

— Mikhail diz que continuam na mesma posição de quando saíram do armazém. Um dirigindo, outro atrás com Gabriel. Diz que consegue acertar em cheio no motorista, mas que é impossível pegar os dois.

— Tem que obrigá-los a parar, Uzi, num lugar em que a explosão não mate inocentes.

— E se não pararem?

— Tenho um plano de contingência pronto.

Gabriel tentou não pensar neles. Tentou não imaginar como o tinham localizado, quanto tempo tinham estado observando-os e seguindo-os, nem como planejavam resgatá-lo. Para Gabriel, eles não existiam. Eram pessoas. Fantasma. Mentiras. Pensou em todo o resto. Na dor das costelas quebradas. A dormência ardente dos membros. Shamron, apoiado na bengala de oliveira. Movemo-nos como sombras, como relâmpagos, e depois desaparecemos sem deixar rastro. Ataquem depressa, pensou Gabriel, pois temia não conseguir manter o equilíbrio na ponte sobre o Jahannam muito mais tempo.

Criou um relógio na cabeça e viu o segundo ponteiro dar a volta. Pôs-se à escuta de outros veículos e leu os sinais de estrada que passavam por eles. HECKFORDBRIDGE... BIRCH... SMYTH'S GREEN... TIPTREE... GREAT BRAXTED...

Nem mesmo Gabriel, especialista treinado pelo Escritório em geografia europeia, conseguia dizer onde estavam. Por fim, viu um sinal para Chelmsford e percebeu que estavam indo para Londres a partir de nordeste, ao longo da antiga estrada romana. Ao aproximarem-se de uma aldeia chamada Langford, o motorista reduziu de repente. Ishaq pegou a pistola e aproximou-a do peito, em posição defensiva. Depois olhou rapidamente para o motorista.

— O que há? — murmurou em árabe.

— Há um acidente lá na frente. Estão me fazendo sinais para parar.

— É a polícia?

— Não, só os motoristas.

— Não pare.

— Estão bloqueando a estrada.

— Contorne — ordenou Ishaq.

O motorista virou o volante todo para a esquerda. A van inclinou-se alguns graus ao passar para o acostamento e o trepidar dos pneus sobre as faixas sonoras enviaram ondas de dor pelo corpo de Gabriel. Ao passarem pelo acidente em velocidade, viu um homem alto e careca na casa dos quarenta sacudindo os braços lamentosamente e implorando à van que parasse. Um homem com o rosto marcado pela varíola estava ao lado, olhando o farol destruído como que tentando inventar uma história verossímil para a mulher.

Quando a van voltou à estrada e acelerou em direção a Londres, Gabriel olhou para Ishaq.

— É Natal, Ishaq. Que tipo de pessoa deixa dois motoristas acidentados no meio da estrada na manhã de Natal?

Ishaq respondeu empurrando Gabriel para o chão com força. A visão de Gabriel estava agora limitada às solas dos sapatos de Ishaq e aos seis barris cheios de explosivos — e a fiação presa ao detonador no painel. Ishaq, em sua pressa de chegar a Londres na hora prevista, avaliou mal a primeira tentativa de salvamento. Gabriel tinha certeza de que a segunda não recorreria a subterfúgios. Fechou os olhos e tentou escutar o som da moto.

Navot ordenou a Yossi e a Yaakov que desfizessem o acidente e olhou para Shamron uma última vez, em busca de orientação.

— Acho que isso já demorou demais — disse Shamron. — Acabem com eles num campo onde ninguém mais se machuque e tire-o de lá inteiro.

Ishaq lia silenciosamente um exemplar do Corão quando Gabriel ouviu o zumbido de uma moto se aproximando. Fixou o olhar na arma no colo de Ishaq e encolheu as pernas para um único ataque. O som do motor aumentou gradualmente de volume por mais alguns segundos e de repente, parou de se ouvir. Ishaq levantou os olhos do Corão e espiou pelo para-brisas. Quando a moto não apareceu, olhou para Gabriel alarmado, como se tivesse uma premonição do que viria a seguir. Ao pegar a arma, deu-se uma explosão de vidro e sangue no banco da frente. O motorista, alvejado várias vezes na cabeça, caiu para a esquerda e com um espasmo da mão já sem vida, levou o volante com ele. Ishaq tentou apontar a arma para Gabriel enquanto a van saía violentamente da estrada, mas Gabriel levantou as pernas presas e, com um pontapé, obrigou Ishaq a largar a arma. Ishaq fez uma última tentativa desesperada para pegá-la. Mas então a van começou a virar.

56

Acabou deitado no mato molhado, cego de dor, tentando respirar. A seu lado, uma mulher gritava, ao mesmo tempo em que tentava arrancar a fita adesiva que o prendia. A voz dela era abafada pelo capacete e o rosto estava invisível por trás da viseira escura.

— Você está bem, Gabriel? — dizia ela. — Consegue me ouvir? Responda, Gabriel! Consegue me ouvir? Maldito seja, Gabriel. Você prometeu que não morreria! Não morra!

RUNSELL GREEN, INGLATERRA: 6h42, DIA DE NATAL

Havia uma bonita e antiga sebe à beira da estrada. Tinham-na atravessado, como a ponta de um lápis através de papel de seda, e aterrado no campo de um agricultor. A van capotara e o seu conteúdo estava agora espalhado pelo solo lamacento como brinquedos de criança no chão do quarto. A menos de cinquenta metros do local onde a van fora parar, um bando de faisões gordos debicava a terra como se nada de extraordinário se tivesse passado. Na outra ponta do campo acendiam-se luzes numa casa de pedra calcária, os primeiros momentos de uma manhã de Natal que os moradores nem tão cedo esqueceriam.

— Onde está Ishaq? — perguntou Gabriel quando Chiara retirou o último pedaço de fita adesiva.

— Dentro da van.

— Está vivo?

— Sim.

— Está consciente?

— Mal — respondeu ela. — Você foi jogado da van a tempo.

Ele não teve tanta sorte.

— Ponha-me de pé.

— Fique deitado, Gabriel. Está muito ferido.

— Faça o que digo, Chiara. Ponha-me de pé.

Gabriel gemeu de dor quando ela o levantou. Deu um passo em frente e cambaleou. Chiara segurou o braço dele e impediu-o de cair.

— Deite-se, Gabriel. Espere pela ambulância.

— Nada de ambulância. Ajude-me a andar.

Mikhail aproximou-se correndo desajeitadamente, arma ainda na mão e, com Chiara, ajudou Gabriel a chegar à van. O motorista estava pendurado de pernas para o ar pelo cinto de segurança, o sangue jorrando livremente da cabeça estourada. Ishaq estava deitado na parte de trás, sangrando pelo nariz e pela boca, a perna esquerda quebrada acima do joelho como um fósforo partido. Gabriel olhou para Mikhail.

— Puxo-o aqui para fora pela perna — disse em hebraico. — Pela perna quebrada.

— Não faça isso — pediu Chiara.

— Vá embora. — Gabriel olhou para Mikhail. — Faça o que digo ou eu próprio o faço.

Mikhail entrou na van pelas portas de trás e puxou a perna quebrada. Um instante depois, Ishaq estava no chão aos pés de Gabriel. Chiara, incapaz de ver aquilo, virou-se. Gabriel olhou para

Ishaq e perguntou: — Onde está a minha moça?

— Já está morta — cuspiu Ishaq através do sangue.

Gabriel estendeu a mão para Mikhail.

— Passe sua arma.

Mikhail entregou-a. Gabriel apontou para a perna quebrada e atirou uma vez. Os gritos de Ishaq ecoaram por toda a paisagem; seus dedos se cravaram na terra encharcada. Os faisões levantaram voo e desenharam círculos acima da cabeça de Gabriel.

— Onde está minha moça? — repetiu Gabriel calmamente.

— Já está morta!

Mais um tiro. Mais um grito de dor.

— Onde está a minha moça, Ishaq?

— Já está...

Pop.

— Onde está a minha moça, Ishaq?

— Allahu Akbar!

Pop.

— Onde está Elizabeth?

— Allahu Akbar!!

Pop. Pop.

— Diga onde ela está, Ishaq.

Apontou a arma e preparou-se para atirar novamente.

Desta vez, uma mão levantou-se e Ishaq, entre gritos de dor, começou a disparar informações como pedras. Número 17, Ambler Road. Dois mártires. Westminster Abbey. Dez horas. Deus é Grande.

58

FINSBURY PARK, LONDRES: 7H30

Irromperam na cela com uma expressão que ela nunca vira.

Caim falou com ele pela primeira vez em mais de duas semanas — Vai ser libertada — disse. — Tem vinte minutos para se preparar. Se não estiver pronta em vinte minutos, será morta.

E desapareceu.

Abel surgiu em seguida, trazendo um balde com água, uma barra de sabão, um trapo e uma toalha, um embrulho de roupa limpa e uma peruca loura. Colocou o balde no chão e o resto das coisas em cima do catre. Depois retirou suas algemas. — Lave-se cuidadosamente e vista-se em seu tempo — explicou calmamente. — Trouxemos uma coisa bonita para vestir. Não queremos que o mundo pense que a maltratamos.

Saiu e fechou a porta. Ela teve vontade de gritar de alegria e chorar de alívio. Em vez disso, sendo uma prisioneira exemplar, afinal,

fez exatamente o que tinham dito. Gastou apenas dez minutos do tempo e estava à beira do catre, de joelhos unidos a tremer, quando voltaram a entrar na cela.

— Está pronta? — perguntou Caim.

— Sim — respondeu com um tom de voz baixa.

— Então venha — disse.

A notícia da extração bem-sucedida de Gabriel chegou à embaixada israelense em Old Court Place às 7h48. Foi transmitida de um celular simples por Chiara, que nesse momento estava sentada ao lado de Gabriel no banco traseiro de um Volkswagen Passat com um farol quebrado e o para-choque amassado. O telefonema foi atendido por Shamron que, ao saber da novidade, cobriu o rosto com as mãos e chorou. Tão profunda era a emoção de Shamron que por vários segundos quem estava em volta não teve certeza se Gabriel estava vivo ou morto. Quando ficou claro que estava vivo e livre, ouviu-se uma grande ovação na sala. A breve celebração que se seguiu foi interceptada e gravada pelos britânicos no GCHQ — que nessa noite acompanhava todas as comunicações israelenses — assim como o foram as súplicas de Shamron por silêncio enquanto ouvia a parte seguinte do relatório de Chiara. Shamron fez imediatamente dois telefonemas. O primeiro para Adrian Carter, no centro de operações americano abaixo de Grosvenor Square, e o segundo para Graham Seymour, que estava com o primeiro-ministro e o comitê COBRA em Downing Street. Seymour organizou rapidamente uma escolta policial para levar Gabriel e o que restava de sua equipe em segurança até Londres. Depois correu para a embaixada americana, assim como Shamron. Quando o Passat amassado e sua escolta policial pararam no Portão Norte, os dois homens estavam ao lado de Adrian Carter. O carro foi imediatamente cercado por duas dezenas de agentes fardados da polícia que estavam de guarda nos terrenos da embaixada. A vista de Shamron foi momentaneamente bloqueada. Depois o mar em verde-lima abriu caminho e ele avistou Gabriel pela primeira vez. Tinha um braço no ombro de Yossi, e o outro no de Oded. O rosto se contorcia pela dor e as equimoses, a roupa de corrida azul e branca estava coberta de sangue e lama. Levaram-no pelo portão e endireitaram-no por um instante à frente dos três chefes de espões. Shamron beijou-o no rosto e murmurou qualquer coisa em hebraico que os outros não entenderam. Gabriel ergueu a cabeça de leve e olhou para Graham Seymour.

— Se me disser para não me queixar de um galo, ainda perco a cabeça.

— Você é um grande tolo... e tremendamente corajoso. — Seymour olhou para Adrian Carter. — Vamos levá-lo para dentro?

O embaixador Robert Halton aguardava no hall, acompanhado

pelo negociador de reféns do FBI O'Donnell e vários outros elementos da equipe. Quando Gabriel entrou, ainda apoiado em Yossi e Oded, aplaudiram de leve, como se muito barulho pudesse machucá-lo ainda mais. Robert Halton acercou-se de Gabriel e pôs cuidadosamente as mãos nos ombros dele.

— Meu Deus, mas o que fizeram com você? — Olhou para Adrian Carter. — Vamos levá-lo para o meu gabinete. Os médicos podem examiná-lo lá.

Levaram-no para um elevador à espera e subiram até o último andar. Yossi e Oded deitaram-no no sofá no gabinete do embaixador, mas quando os médicos tentaram entrar, Graham Seymour viu-os e fechou rapidamente a porta.

— Há vinte minutos, uma equipe de agentes especiais da Met invadiu a casa em Ambler Road onde Ishaq mantinha Elizabeth. Não estava lá, mas descobriram tantos indícios que dizem que esteve lá recentemente. Estivemos numa caça pela Europa Ocidental, e ela esteve aqui na Inglaterra o tempo todo, bem debaixo do nosso nariz. A pergunta é, onde ela está agora?

— A informação que Ishaq deu a Gabriel quanto ao paradeiro de Elizabeth estava correta — disse Adrian Carter. — É lógico que a informação sobre o que pretendem fazer com ela também esteja correta.

— E está — asseverou Gabriel. — Vão executá-la na Abadia de Westminster antes do início dos serviços religiosos de Natal. Será assassinada por uma dupla de homens-bomba. Vão tirar muitas vidas inocentes junto com as deles. Eu deveria fazer parte do segundo ato, um carro preparado que mataria os primeiros policiais a chegarem ao local.

— Um banho de sangue na manhã de Natal — disse Graham Seymour. — Algo que pretende desencadear uma sublevação armada no Egito e fazer este país ajoelhar-se. — Depois disse: — Algo que não podemos deixar que aconteça. Neste momento há centenas de pessoas reunidas na entrada norte da Abadia, à espera de serem admitidas para um serviço de cânticos e leituras de Natal que tem início às dez e meia. A nossa única opção é selar Westminster e evacuar rapidamente a zona.

— Uma ação que vai condenar imediatamente Elizabeth à morte — contrapôs Gabriel. — Se os shaheeds chegarem a Westminster e encontrarem a Abadia deserta e cercada, vão recorrer ao plano B, que é matá-la instantaneamente, onde quer que estejam.

— Perdoe-me a franqueza — interveio Seymour —, mas esse é um resultado bem melhor do que nosso primeiro plano.

— Não atravessei o inferno para desistir dela agora — opôs-se Gabriel. — Existe outra forma.

— E que é?

— Ishaq disse que Elizabeth estaria acompanhada por dois homens — explicou Gabriel. — Ele disse...

Graham Seymour levantou a mão.

— Pode ficar por aí, Gabriel. Isso é loucura.

— Esperamos que os shaheeds cheguem, Graham. E depois nós os matamos antes que consigam matar Elizabeth.

— Está se incluindo?

— Como acha que vamos fazer? Abatê-los a distância com atiradores furtivos? Abatê-los a vinte passos como cavalheiros? Temos de deixá-los se aproximar. E depois temos de matá-los antes que consigam ativar os detonadores. Isso significa tiro na cabeça à queima-roupa. Não é agradável, Graham. E se os atiradores hesitarem um segundo que seja, vai tudo acabar em desastre.

— A polícia dispõe de uma unidade chamada S019: os Boinas Azuis. São agentes especiais de armas de fogo, treinados para este tipo de coisa. Se bem me lembro, foram treinados em Israel.

— É verdade — asseverou Shamron. — E são muito bons. Mas nunca estiveram numa situação real como esta. Precisamos de atiradores que já tenham feito isso antes... pistoleiros que não cedam sob pressão. — Shamron fez uma pausa, ao que acrescentou: — Precisa de pistoleiros como Gabriel e Mikhail.

— Gabriel mal consegue ficar de pé — frisou Seymour.

— Gabriel vai ficar bem — disse Shamron, sem se dar ao trabalho de consultá-lo. — Vamos acabar o que começamos.

— Como terão certeza de que é mesmo ela?

Gabriel olhou para Robert Halton.

— Se alguém pode reconhecê-la, esse alguém é o pai. Ele deve ficar posicionado no lado norte da Abadia com um comunicador. Poderá ver quem se aproxima vindo de Whitehall ou de Victoria. Quando vir Elizabeth, envia um sinal. Mikhail e eu tratamos do resto.

— Há uma coisa que não entendo — admitiu Seymour. — Como vão conseguir que Elizabeth caminhe para a sua própria execução?

Gabriel pensou no que Ibrahim lhe dissera na noite de morte, na Dinamarca.

— Vão dizer que está prestes a ser libertada — explicou. — Assim ela vai de livre vontade e faz tudo o que lhe disserem.

— Sacanas — maldisse Seymour em voz baixa. Olhou para o relógio. — Imagino que tenham todas as armas e munição de que necessitam?

Gabriel anuiu lentamente.

— E quanto às comunicações?

— Podem levar rádios da nossa segurança — ofereceu Carter.

— Nossos agentes trabalham rotineiramente com a polícia em destacamentos de proteção. Podemos todos sintonizar a mesma frequência segura.

Seymour olhou para Gabriel. — E o que fazemos quanto a ele? Não pode entrar em Westminster com esta aparência.

— Com certeza encontraremos algo para vestir — garantiu Carter. — Temos duzentas pessoas na cave que vieram de Washington para Londres com malas cheias de roupa.

— E quanto ao rosto dele? Está com um aspecto terrível.

— Receio que tratar do rosto dele vá exigir um milagre de Natal...

Graham Seymour franziu o cenho, dirigiu-se à mesa do embaixador e teclou um número de telefone.

— Tenho que falar com o primeiro-ministro — disse.

59

ABADIA DE WESTMINSTER: 09H45, DIA DE NATAL

As torres góticas da Abadia de Westminster — a casa de culto nacional de Inglaterra, cenário das coroações reais desde Guilherme, o Conquistador, e mausoléu de monarcas, políticos e poetas britânicos — cintilavam ao sol cristalino de Inverno. O intervalo brilhante prometido pelos meteorologistas concretizara-se finalmente.

Gabriel não se interrogou se seria bom ou mau augúrio. Estava apenas satisfeito por ter o calor radiante do sol contra a face inchada. Estava sentado num banco em Parliament Square, vestido com roupas emprestadas e óculos de sol emprestados sobre os olhos maltratados. Os médicos da embaixada tinham-lhe dado codeína suficiente para anestesiá-lo temporariamente a dor dos ferimentos. Mesmo assim, apoiava-se ligeiramente em Mikhail. O blusão de couro do homem mais jovem continuava úmido devido à noite passada de mota em busca de Gabriel. A mão direita marcava um ritmo nervoso nos jeans desbotados.

— Para — disse-lhe Gabriel. — Você está me dando dor de cabeça.

Mikhail parou por um momento, mas depois recomeçou. Gabriel fitou o gramado triangular no lado norte da Abadia. Adrian Carter estava embaixo de uma árvore de ramos nus em Victoria Street, com a chapka russa que envergara na tarde em que tinham percorrido juntos os jardins Tivoli de Copenhagen. A seu lado, com um fedora na cabeça, óculos escuros nos olhos e um fio no ouvido, estava o embaixador Robert Halton. E junto a ele estava Sarah Bancroft, outrora do museu Phillips Collection de Washington, ultimamente

elemento da CIA, e agora cidadã da noite totalmente doutrinada. Apenas Sarah tinha verdadeira noção do que estava prestes a acontecer. Ela olharia?, perguntava-se Gabriel. Ou desta vez aproveitaria para olhar para o outro lado? Relanceou os olhos pelas ruas ensolaradas. Eli Lavon e Dina Sarid andavam lentamente pela Great George Street. Yaakov e Yossi flertavam com a major Rimona Stern no exterior das Casas do Parlamento, e Mordecai estava à sombra do Big Ben com um guia turístico aberto nas mãos. Graham Seymour estava num veículo de comando discreto na Victoria Street, em Storey's Gate, acompanhado do homem da Met e do chefe da S019, a divisão de operações especiais. Os melhores atiradores da SOI9 tinham sido convocados e estavam agora espalhados pela Abadia e entre a multidão de Westminster. Gabriel podia ouvir as comunicações no ouvido, mas até o momento só conseguira distinguir metade delas. Não interessava se ele conhecia suas identidades. Só importava que eles conhecessem a dele

— Foi ruim? — perguntou Mikhail. — O espancamento, quero dizer.

— Estavam só se divertindo — desdenhou Gabriel, sem disposição de reviver a noite anterior. — Não foi nada, comparado com o que Ibrahim sofreu nas mãos da CIA.

— Você se sentiu bem matando-o?

— Ishaq?

O homem mais jovem anuiu.

— Não, Mikhail, não me senti bem. Mas também não me senti mal.

Gabriel levantou a mão e apontou para a entrada norte. — Olha só para aquelas pessoas ali. Muitas logo estariam mortas se não tivesse agido como agi. Se não abatermos nossos alvos, elas ainda podem morrer.

Mikhail olhou para Gabriel. — Até parece que você está convencendo a si mesmo de que houve justificativa moral para a tortura.

— Imagino que esteja. Cruzei uma fronteira. Mas todos nós já cruzamos uma fronteira. Os americanos cruzaram uma fronteira depois do 11 de Setembro, e agora tentam encontrar o caminho de volta. Infelizmente, os objetivos dos terroristas não mudaram, e a geração que em breve sairá dos campos da morte do Iraque será muito mais violenta e explosiva do que a afegã.

— Temos a coragem de responder e os terroristas nos acusam de terrorismo.

— É a arma secreta deles, Mikhail. Habitue-se.

Gabriel ouviu o receptor crepitar. Olhou para a entrada norte da Abadia e viu as portas enormes se abrindo lentamente. Graham

Seymour conseguiu que os funcionários da Abadia acolhessem os fiéis de Natal mais cedo, manobra simples que reduziria drasticamente o número de alvos potenciais. Gabriel só esperava que a mudança não levasse os shaheeds à conclusão de que estavam indo para uma armadilha.

— Onde eu estava? — perguntou Gabriel.

— Estava falando sobre armas secretas.

— Ontem à noite, Mikhail. Onde eu estive ontem à noite?

— Em Harwich.

— Sempre quis visitar Harwich — disse Gabriel. — O que Chiara viu?

— Só o fim, quando estavam enfiando você na van. — Mikhail levou a mão ao ombro de Gabriel. — Só gostaria que você tivesse me deixado abater aquele sacana por você.

— Relaxa, Mikhail. É Natal.

— Para nós não — disse Mikhail. — Só espero que Ishaq não tenha mentido.

— Não estava — asseverou Gabriel.

— E se a levarem para algum outro lugar?

— Não levam. Cadê os cigarros?

Mikhail bateu no bolso esquerdo do blusão.

— E o isqueiro? — perguntou Gabriel.

— Tudo aqui. Só precisamos de Elizabeth.

— Ela vem aí — disse Gabriel. — Em breve estará acabado.

O carro era um Ford Fiesta cinza-claro bem usado. O de olhos verdes dirigia, e Caim estava sentado ao lado dela no banco traseiro. Sem as máscaras, viu seus rostos rosto pela primeira vez e ficou chocada com sua juventude. Vestiam casacos grossos, estavam bem barbeados e cheiravam a água-de-colônia de sândalo. Caim apertava seu braço com a mão esquerda e segurava uma arma na direita. Elizabeth tentava não olhar para a arma, nem sequer pensar nela. Em vez disso olhava em silêncio pela janela: mais de duas semanas que não via a rua. Duas semanas desde que vira outro ser humano que não fosse Caim, Abel e seus cúmplices mascarados. Duas semanas desde que vira o sol ou tivera a mais básica noção de tempo. A janela era um portal para a realidade. Caim e Abel pertenciam ao mundo dos malditos, pensou. Do outro lado do vidro estava a terra dos vivos.

Durante alguns minutos não reconheceu onde estava. Avistou então a entrada do metrô Camden Town e logo conseguia acompanhar sua rota em direção ao sul de Londres. Apesar do tempo agradável, as ruas estavam incomumente sossegadas. Em Tottenham Court Road havia enfeites festivos e percebeu que deveria ser manhã de Natal. Atravessaram Oxford Street e desceram Charing Cross para Trafalgar Square, e depois percorreram Whitehall até Westminster. Quando

viraram na Victoria Street, Elizabeth viu uma multidão em volta da Torre Norte da Abadia. De pé embaixo de uma árvore desfolhada, ao lado de um homem de aspecto cansado e chapka russa, estava um homem alto de aparência distinta, chapéu Fedora, que se parecia muito com o pai. Mas não era o pai. Nascido no Colorado, nunca o flagrariam num chapéu daqueles. Momentos depois viraram na Abbey Orchard Street. Abel estacionou num lugar proibido e desligou o motor. Caim enfiou a mão no bolso do casaco e apertou com força o braço de Elizabeth.

— Vamos dar um passeio muito breve — disse. — No fim dele será libertada. Saia do carro lentamente e deixe as mãos no bolso da capa. Vamos levá-la aonde queremos que vá. Olhos no chão e não diga nada. Se não fizer exatamente o que mando, dou-lhe um tiro no coração. Entendeu?

— Sim — respondeu ela calmamente.

Caim estendeu o braço por cima de Elizabeth Halton e abriu-lhe a porta. Ela girou as pernas para fora do carro e pisou na rua, o primeiro passo para a liberdade.

Os ponteiros do Big Ben marcavam 9h57 quando o receptor no ouvido de Gabriel crepitou. A voz era de Adrian Carter.

— Victoria Street — disse Carter calmamente. — Está prestes a atravessar o Storey's Gate para o Santuário. Está de peruca loura e capa creme.

— Shaheeds?

— Um em cada braço.

— Halton acabou de condenar dois homens à morte, Adrian. Ele tem certeza?

— Tem certeza.

— Tire-o daí. Já.

Carter segurou o cotovelo de Robert Halton e levou-o na direção de Great George Street, com Sarah seguindo-os dois passos atrás. Gabriel e Mikhail levantaram-se juntos e começaram a andar. Sarah observava-os. Olhe para outro lado, pensou Gabriel. Continue a andar e olhe para outro lado.

Fizeram uma pausa de alguns segundos na esquina de Parliament Square para que um ônibus londrino passasse com estrépito, depois atravessaram rapidamente a rua e entraram na área da Abadia. Mikhail seguia à esquerda de Gabriel, a respiração superficial e rápida, os passos certos e firmes, como um eco dos de Gabriel. A Beretta de Gabriel estava no quadril esquerdo, e a coronha pressionava dolorosamente uma costela quebrada. Só teriam uma fração de segundo. Um abrir e fechar de olhos para sacar a arma e deixá-la em posição de disparo. Quando era jovem como Mikhail conseguia fazê-lo no espaço de tempo que a maior parte dos homens

demora para bater palmas. E agora? Continuou a andar. Passaram pelas sombras estreitas por baixo das árvores onde Carter e Halton estavam segundos antes. Quando voltaram a entrar no sol, viram Elizabeth e sua escolta pela primeira vez, andando decididos pela calçada da fachada norte da Abadia. Tinha os olhos escondidos por trás de um grande par de óculos de sol tipo estrela de cinema, as mãos enfiadas nos bolsos. Cada shaheed agarrava um braço dela. As mãos livres dos homens estavam nos bolsos de fora dos casacos grossos.

— Estão com os dedos nos detonadores, Mikhail. Está vendo?

— Estou vendo.

— Está vendo as pessoas atrás deles? Quando começarmos a atirar você não pode falhar.

— Não vou falhar.

— Está com os cigarros?

— Estou pronto.

— Continue a andar.

Duzentos fiéis estavam ainda no exterior da Torre Norte esperando pacientemente para entrar. Gabriel levou a mão ao cotovelo de Mikhail e guiou-o ao longo da orla da multidão, até o ponto que se cruzava. Elizabeth e os terroristas estavam bem à frente, a quarenta metros e se aproximando depressa. Um segundo, pensou Gabriel. Um segundo.

Os dedos de Caim enterravam-se em seu braço e a mão tremia. perguntou-se por que teriam decidido libertá-la num lugar movimentado como a Abadia de Westminster. Depois Caim murmurou alguma coisa para Abel em árabe que a fez sentir um peso no coração, e Elizabeth percebeu que não fora levada ali para ser libertada, mas para ser executada.

Olhou de um terrorista para o outro. Os casacos grossos, a pressão de morte nos olhos, as mãos trêmulas... Também iam morrer, pensou. Eram shaheeds envoltos em cintos suicidas. Em alguns segundos também ela seria uma shaheed.

Olhou para a multidão fora da Torre da Abadia. Eram os verdadeiros alvos. Elizabeth fora raptada para um banho de sangue e, ao que parecia, pretendiam executá-la da mesma forma. Não podia permitir que mais sangue inocente fosse derramado por sua causa. Tinha que fazer alguma coisa para salvar tantas vidas quanto possível.

— Olhe para baixo — ordenou Caim com brusquidão.

Não, pensou Elizabeth. Não vou olhar para baixo. Não vou me submeter.

E foi então que o viu...

O homem anguloso de altura média com óculos de sol e têmporas grisalhas. O homem rodeava a multidão com um pálido indivíduo mais jovem a seu lado. Era o mesmo homem que tentara

salvá-la no Hyde Park — tinha certeza. E tentaria salvá-la outra vez.

Mas como? Caim e Abel tinham as mãos nos bolsos. Só precisariam de um instante para apertar os detonadores. Um instante que Elizabeth tinha de roubar aos terroristas e conceder aos dois homens que avançavam em sua direção — os dois homens que tinham parado de andar e se preparavam para acender cigarros. Não vou me submeter, pensou. Levou a ponta do pé esquerdo ao calcanhar do direito e deixou-se cair na calçada.

Caim segurou-a, um ato reflexo de gentileza que lhe custaria a vida. Quando voltou a endireitar-se, Elizabeth viu os dois homens sacarem as armas como relâmpagos gêmeos e começarem a disparar. O rosto de Caim desapareceu sob uma explosão de sangue e tecido cerebral, enquanto os olhos verdes de Abel explodiram ao mesmo tempo nas órbitas. Os atiradores passaram por ela num borrão indistinto, as armas nas mãos estendidas, como se perseguissem suas próprias balas. Caim foi o primeiro a cair, e o homem de têmporas grisalhas pulou no peito dele e disparou mais alguns tiros na cabeça, como se tentasse enterrá-lo no solo. Depois puxou a mão de Caim de dentro do bolso e gritou a Elizabeth que fugisse. Prisioneira exemplar até o fim, correu pelo gramado da Abadia em direção à Victoria Street, onde o homem de aspecto distinto e chapéu Fedora estava de repente de braços abertos para recebê-la. Lançou-se contra o peito dele e chorou descontroladamente.

— Está tudo bem, Elizabeth — tranquilizou-a Robert Halton. — Está comigo. Está a salvo, minha querida.

QUINTA PARTE

Um casamento no lago

JERUSALÉM

Houve dois importantes regressos ao lar no dia seguinte ao Natal. O primeiro teve como cenário a Base Aérea de Andrews, nos arredores de Washington, e foi transmitido ao vivo para todo o mundo. Estava presente um presidente, bem como toda a sua equipe de segurança nacional e a maior parte do Congresso. Uma banda dos marines tocou. Uma estrela de música country cantou um tema patriótico. Foram feitos discursos sobre a determinação e a coragem americanas. Foram elogiados os homens e as mulheres dos serviços secretos americanos e britânicos que tinham feito desse dia uma realidade. Não se mencionou o resgate, nem a negociação, nem o nome de Israel. Ainda traumatizada pelo cativo e pelas circunstâncias do salvamento, Elizabeth Halton tentou dirigir-se à multidão, mas apenas conseguiu proferir algumas palavras antes de se ir abaixo. Foi levada de imediato para bordo de um helicóptero e acompanhada por um forte destacamento de segurança para um local secreto, onde daria início à sua recuperação.

A segunda volta para casa teve lugar no Aeroporto Ben-Gurion e, por coincidência, exatamente ao mesmo tempo. Não contou com a presença de políticos ou câmeras de televisão que registrassem o momento para a posteridade. Não se tocou música patriótica nem houve discursos. Na verdade, não houve qualquer recepção oficial. Para o Estado de Israel, os vinte e seis homens e mulheres a bordo do voo charter vindo de Londres não existiam. Eram não pessoas. Fantasmas. Mentiras. Desembarcaram na escuridão e, apesar do avançado da hora, foram levados imediatamente para um bloco anônimo de escritórios no Boulevard King Saul de Tel Aviv, onde foram submetidos ao primeiro de muitos relatórios. Essas sessões nada tinham de *pro forma*. Após o fim dos festejos, teriam início as perguntas. Aproximava-se uma tempestade. Era preciso construir abrigos rapidamente. Armazenar provisões. Acertar versões das histórias.

Nas primeiras setenta e duas horas após o salvamento dramático de Elizabeth Halton, a versão oficial britânica dos acontecimentos não foi posta em causa. Segundo ela, o salvamento fora resultado dos esforços da polícia do Reino Unido, que trabalhou em conjunto com seus amigos americanos. Mesmo tendo o embaixador

Halton oferecido o pagamento do resgate em desespero de causa, isso não ocorrera. Os atiradores que abateram os terroristas suicidas na Abadia de Westminster pertenciam à divisão S019 da polícia metropolitana. Por razões óbvias de segurança, os homens não podiam ser identificados publicamente nem fariam comentários à imprensa — nem nesse momento, nem no futuro, enfatizou o comissário de polícia.

As primeiras brechas na história surgiram quatro dias depois do Natal, não na Grã-Bretanha, mas na Dinamarca, onde um jornal publicou reportagem intrigante sobre uma explosão num chalé de verão no mar do Norte. Originalmente a polícia dinamarquesa garantira que a casa estava desocupada, mas um médico anônimo local contestava essa afirmação, dizendo que tinha visto pessoalmente três corpos sendo removidos dos escombros carbonizados. Um paramédico também dizia ter tratado ferimentos superficiais no rosto de um alemão. Lars Mortensen, da segurança dinamarquesa, participou de uma coletiva de imprensa extraordinária em Copenhague e confirmou que efetivamente três pessoas haviam morrido no incidente, ligado à busca por Elizabeth Halton. Mortensen declarou que nada mais diria sobre o assunto até que fosse realizada uma investigação formal.

A brecha seguinte na versão oficial dos acontecimentos surgiu dois dias depois em Amsterdã, quando uma mulher egípcia de meia-idade apareceu numa coletiva de imprensa e confirmou que seu marido, Ibrahim Fawaz, era uma das pessoas mortas no Norte da Dinamarca. Tendo falado em árabe através de intérprete, a Sra. Fawaz disse que fora informada pelos americanos de que o marido estava trabalhando para eles e morrera numa tentativa fracassada de salvar Miss Halton. Disse também que todas as tentativas de contatar o filho, a nora e o neto em Copenhague tinham falhado. Advogados esquerdistas especularam que Ibrahim Fawaz teria sido raptado por agentes americanos e forçado a trabalhar para a CIA. Pediram ao ministro da justiça dinamarquês que este ordenasse uma investigação do caso, e o ministro atendeu às quatro da tarde, prometendo que seria exaustiva e resolutive.

Na manhã seguinte, em Londres, porta-voz do Ministério do Interior confirmou que o filho de Ibrahim Fawaz era um dos dois terroristas encontrados mortos numa van repleta de explosivos que se acidentara num campo de Essex pouco depois da alvorada do dia de Natal. O porta-voz também confirmou que o Fawaz caçula fora alvejado várias vezes na perna, e que o motorista, ainda por ser identificado, fora abatido com um tiro na cabeça. O autor dos disparos e a cronologia exata dos acontecimentos em Essex eram desconhecidos, embora os investigadores britânicos acreditassem que estava planejado um segundo atentado em Londres na manhã de

Natal, plano esse que acabara gorado.

No dia de Ano Novo, o *Telegraph* questionou a versão do Governo dos acontecimentos na Abadia de Westminster. Segundo o importante jornal, várias testemunhas disseram que o atirador que gritara a Elizabeth para fugir tinha sotaque não britânico. Outra testemunha, que cruzara com os atiradores segundos antes dos disparos, ouviu-os falando entre eles numa língua que não o inglês. Depois de escutar gravações de vinte línguas diferentes, a testemunha identificou o que ouvira como hebraico.

O caso explodiu no dia seguinte, quando o *Times*, numa revelação explosiva intitulada o ELO DE JERUSALÉM, apresentou o envolvimento israelense no resgate de Elizabeth Halton. Um homem que aguardava na entrada da Abadia tirara foto de dois atiradores em fuga segundos após o salvamento. Peritos em reconhecimento facial contratados pelo *Times* declararam objetivamente que um dos homens era nada mais, nada menos que Gabriel Allon, o lendário agente israelense que abatera três terroristas no Hyde Park, na manhã do sequestro de Elizabeth.

Nessa noite fizeram-se ouvir vozes no Parlamento que exigiram que o Governo e o serviço secreto de Sua Majestade revelassem os acontecimentos que tinham levado ao resgate de Miss Halton. Essas exigências tiveram eco nas capitais da Europa e em Washington, onde jornalistas e congressistas pediram à Casa Branca que revelasse tudo o que o presidente sabia da ligação de Allon ao caso. Tornava-se cada vez mais óbvio, diziam os detratores do presidente, que agentes secretos americanos e seus aliados israelenses tinham atravessado a Europa sem autorização em sua busca frenética de Miss Halton antes do prazo estipulado, para garantir sua libertação. O que houve, exatamente? Leis foram quebradas? Em caso afirmativo, por quem? Pressionado pelas perguntas da imprensa nacional e estrangeira, na manhã seguinte o Governo de Israel quebrou o silêncio oficial. Portavoz do primeiro-ministro admitiu que o serviço secreto de Israel tinha prestado assistência aos agentes americanos. Deixou bem claro que a natureza dessa assistência nunca seria divulgada. Quanto às sugestões de que Gabriel Allon deveria seguir para Londres e Washington para cooperar com os inquéritos oficiais, a resposta foi, na melhor das hipóteses, vaga. Explicou que Gabriel Allon estava de folga prolongada por motivos pessoais, e que seu paradeiro era desconhecido do Governo de Israel.

Se tivessem tentado localizá-lo, algo que com certeza não foi feito, ele seria encontrado descansando em paz em seu pequeno e sossegado apartamento na Rua Narkiss. Já atravessara tempestades como aquela e sabia que o melhor a fazer era fechar portas e janelas e não dizer absolutamente nada.

Estava tão ferido que não tinha energia para nada. Entre o espancamento nas mãos dos captores e o acidente durante seu salvamento, teve numerosos ossos fraturados e fissurados, dezenas de lacerações faciais e equimoses profundas em todos os membros. A barriga doía tanto que não podia ingerir alimento, e dois dias antes do regresso a Jerusalém percebeu que não conseguia virar a cabeça. Um médico ligado ao Escritório examinou-o e descobriu que sofrera lesão anterior não diagnosticada no pescoço, o que o obrigou a usar aparelho por várias semanas.

Passou duas semanas sem sair da cama. Embora habituado a processos de cura e recuperação, seu pendor naturalmente inquieto transformou-o num mau paciente. Para ajudar a passar o tempo interminável, seguiu atentamente seu próprio caso nos jornais e na televisão. À medida que os indícios do envolvimento de Israel no caso se acumulavam, o mesmo acontecia com as expressões de repúdio por parte das comunidades islâmicas na Europa e respectivos aliados na esquerda europeia. O horror aos atentados de Londres e ao sequestro de Elizabeth Halton pareceu rapidamente esquecido, e em seu lugar ergueu-se por todo o continente uma indignação quanto às táticas usadas para salvá-la. Os acordos cuidadosamente elaborados de Shamron com os ministros da Justiça e os serviços de segurança da Europa em breve ficaram destruídos. Gabriel tornou-se mais uma vez um homem procurado — procurado para interrogatório na Holanda e na Dinamarca devido à morte de Ibrahim Fawaz, procurado para interrogatório na Grã-Bretanha devido a seu papel no salvamento de Elizabeth Halton.

Havia outra tempestade em andamento, algo que pareceu passar despercebido da mídia global e da comunidade de direitos humanos, aparentemente obcecada com os alegados crimes de Gabriel e sua equipe. Do outro lado da fronteira ocidental israelense, no Egito, o regime de Hosni Mubarak enfrentava uma sublevação inspirada na Espada de Alá, lidando com ela como lidara no passado — com força esmagadora e brutalidade cruel. O Escritório captara informes de batalhas de rua entre Exército e islamistas do Delta do Nilo ao Alto Egito. Também havia massacres, execuções sumárias, uso de tortura disseminações num campo de concentração no deserto Ocidental, no qual um grupo de radicais estavam detidos sem acusações. Avaliação superficial do Escritório concluía que Mubarak provavelmente sobreviveria ao desafio e que, pelo menos por enquanto, Israel não seria confrontado por uma república islâmica em sua fronteira ocidental. Mas a que preço? A repressão cria radicais, diziam. E os radicais cometem atos terroristas.

Em meados de janeiro, Gabriel recuperara forças o bastante para sair da cama. O médico voltou e, depois de remexer no pescoço

dele, decidiu que estava bom o suficiente para a remoção do aparelho. Ansioso por bloquear tudo de desagradável que se passava em volta, concentrou-se unicamente nos preparativos. Passou horas sentado na sala com Chiara, folheando revistas de noivas e embrenhados em discussões profundas sobre comida e flores. Escolheram uma data em meados de maio e elaboraram uma lista de convidados provisória, com seiscentos nomes. Após duas horas de negociações difíceis, conseguiram eliminar vinte pessoas. Uma semana depois, quando as equimoses do rosto se dissiparam finalmente a um nível aceitável, aventuraram-se em Jerusalém para visitar salões de eventos, potenciais locais para a cerimônia e o copo d'água. Inquirido sobre a dimensão da lista de convidados, o coordenador de eventos especiais do King David Hotel insistiu em que deveriam realizar o casamento no Estádio Teddy Kollek, sugestão que Chiara considerou nada divertida durante a breve viagem de regresso à Rua Narkiss.

— Talvez seja um erro — aventou Gabriel com cautela.

— Aqui vamos nós outra vez — replicou ela.

— Não é o casamento... apenas a dimensão do casamento.

Talvez devêssemos fazer uma coisa pequena e particular. Família, amigos chegados.

Chiara suspirou profundamente. — Ficaria muito feliz com isso.

No início de fevereiro sentiu uma grande vontade de trabalhar. Saiu da Rua Narkiss às dez de uma certa manhã e seguiu até o Museu de Israel para ver se havia alguma coisa lá com que passar o tempo. Após breve encontro com o diretor da divisão de pinturas europeias, deixou o museu com um belo painel de Rembrandt, apropriadamente intitulado *S. Pedro na prisão*. O painel estava em boas condições em nível estrutural, precisando apenas de nova camada de verniz e um pouco de restauração de imagem. Montou a oficina no quarto vazio do apartamento, mas Chiara queixou-se do cheiro dos diluentes e implorou que se mudasse para um estúdio adequado. Encontrou-o na colônia de artistas do vale de Hinnom e começou a trabalhar ali na semana seguinte.

Com a chegada do Rembrandt, seus dias recuperaram finalmente alguma rotina. Chegava cedo ao estúdio e trabalhava até o meio-dia. Depois fazia uma pausa para um almoço prolongado com Chiara e voltava ao estúdio, onde trabalhava até que a luz perdesse qualidade. Uma ou duas vezes por semana reduzia a sessão da tarde e atravessava Jerusalém até o Hospital Psiquiátrico de Monte Herzl, onde passava algum tempo com Leah. Há muitos meses não a via, e das primeiras três vezes ela não o reconheceu. Na quarta visita cumprimentou-o pelo nome e ofereceu a face para ser beijada. Levou-a ao jardim e sentaram-se juntos à sombra de uma oliveira — a mesma

oliveira com que sonhara enquanto estava nas mãos da Espada de Alá. Leah levou a mão ao rosto dele. Sentiu as cicatrizes das queimaduras e a pele fria ao toque.

— Esteve lutando outra vez — disse ela.

Gabriel anuiu lentamente.

— O Setembro Negro? — perguntou.

— Isso foi há muito tempo, Leah. Eles já não existem.

Olhou para as mãos dele. Estavam manchadas de pigmento.

— Voltou a pintar?

— Estou restaurando.

— Poderia me pintar quando acabar?

Uma lágrima escorreu pela face de Gabriel. Leah afastou-a e voltou a olhar as mãos dele.

— Por que não está usando aliança?

— Ainda não nos casamos.

— Está em dúvida?

— Não, Leah... não estou em dúvida.

— Nesse caso, está esperando o quê?

Desviou subitamente a vista e a luz desapareceu de seus olhos.

— Olha só a neve, Gabriel Não é linda?

Gabriel levantou-se e empurrou a cadeira de rodas de volta ao hospital.

61

JERUSALÉM

Voltou à Rua Narkiss debaixo de uma trovoadas e entrou no apartamento, percebendo a mesa posta para quatro e o ar perfumado com o aroma de frango assado e a famosa berinjela com especiarias de Gilah Shamron. A mulher baixa e magra, de olhos tristes e cabelo grisalho revoltado, estava sentada no sofá ao lado de Chiara, vendo fotos de vestidos de noiva. Quando Gabriel lhe beijou a face, ela cheirava a lilás e estava macia como a seda.

— Onde está Ari? — perguntou Gabriel.

Gilah apontou para a varanda.

— Diga-lhe que não fume tanto, Gabriel. Você é o único a quem ele dá ouvidos.

— Deve estar me confundindo com outra pessoa, Gilah. Seu marido tem a capacidade espantosa de ouvir só o que quer, e eu sou a última pessoa a quem ele escuta.

— Não é isso que Ari diz. Ele me falou da terrível discussão de

você em Londres. Disse que nem sequer tentou demovê-lo de entregar o dinheiro, pois sabia que já estava decidido.

— Sei que devia ter procurado o conselho dele.

— Mas aí a jovem americana estaria morta. — Abanou a cabeça. — Não, Gabriel, você agiu bem, não interessa o que digam de você em Londres e Amsterdã. Quando a tempestade passar, vão recobrar o juízo e agradecer.

— Imagino que tenha razão, Gilah.

— Vá se sentar com ele. Acho que está um pouco deprimido.

Não é fácil ficar velho.

— A quem diz...

Serviu-se de um copo de vinho tinto e levou-o para a varanda. Shamron estava sentado numa cadeira de ferro sob um toldo listrado, observando a chuva pingando das folhas do eucalipto. Gabriel tirou-lhe o cigarro de entre os dedos e jogou fora, na calçada molhada.

— Neste país é contra a lei jogar lixo na rua — disse Shamron.

— Onde esteve?

— Pergunte ao Ari.

— Está sugerindo que mandei te seguir?

— Não estou sugerindo nada. Eu sei que anda obcecado com isso, é apenas uma constatação.

— Só porque você está em casa não quer dizer que esteja em segurança. Você tem inimigos demais para andar por aí sem guarda-costas. E inimigos demais para trabalhar à vista de todos num estúdio bem ao lado dos muros da Cidade Velha.

— Chiara não me deixou trabalhar no apartamento. — Gabriel instalou-se na cadeira ao lado de Shamron. — Está zangado por eu estar num estúdio perto da Cidade Velha. Zangado por eu estar trabalhando sem ser para você?

Shamron acendeu propositamente outro cigarro, mas não disse nada.

— A restauração ajuda, Ari. Ajuda sempre. Faz esquecer.

— Esquecer o quê?

— Que matei três homens no Hyde Park. Que matei um homem no gramado de Westminster. Que matei Ishaq num carro em Essex. Quer que continue?

— Não é necessário — asseverou Shamron. — E quando o Rembrandt estiver terminado? E depois?

— Tenho sorte de estar vivo, Ari. Dói tudo, me deixe quieto. Deixe-me apreciar a vida por alguns dias, antes de me massacrar para que volte ao Escritório.

Shamron fumou o cigarro e observou a chuva em silêncio. Devotadamente secular, não marcava a passagem do tempo pelos feriados judeus, mas pelo ritmo da terra — o dia em que as chuvas

começavam, o dia em que as flores silvestres explodiam na Galileia, o dia no início do outono em que os ventos regressavam. Para Gabriel, parecia interrogar-se sobre quantos ciclos ainda veria.

— Nosso embaixador em Londres recebeu esta manhã uma carta muito engraçada do Ministério britânico da Administração Interna — informou.

— Deixe-me adivinhar — disse Gabriel. — Querem que testemunhe perante a comissão de inquérito do sequestro e recuperação de Elizabeth Halton.

Shamron anuiu.

— Deixamos bem claro aos ingleses que terão de conduzir seu inquérito formal sem nossa colaboração. Depois do caso do Vaticano não haverá mais testemunhos seus. Só voltará a pisar solo inglês para ser sagrado cavaleiro. — Shamron sorriu para si mesmo. — Já imaginou?

— Londres pegaria fogo... — comentou Gabriel. — E nossa relação com o MI5 e o MI6? Terão problemas se eu me recusar a colaborar com o inquérito?

— Muito pelo contrário. Nos últimos dias temos estado em contato com os chefes de ambos os serviços, e eles deixaram bem claro que não querem que você testemunhando. Aliás, o Graham Seymour manda lembranças.

— Outra boa razão para me manter afastado de Londres — disse Gabriel. — Se eu concordar em testemunhar, o inquérito naturalmente se concentraria nos pecados dos israelenses. Se me afastar, talvez os obrigue a enfrentar o verdadeiro problema.

— Que é?

— Londres — adiantou Gabriel. — Permitiram que a capital se transformasse num ninho, na Meca espiritual e num porto de abrigo para todo tipo de terrorista islâmico. E isso ameaça a todos nós.

Shamron anuiu e depois olhou para Gabriel. — E o que mais você tem feito, além de limpar esse Rembrandt e passar um tempo no monte Herzl com Leah?

— Vejo que seus homenzinhos da vigilância lhe deram relatórios pormenorizados.

— Como lhes foi pedido — frisou Shamron. — Como está ela?

— Tem momentos de lucidez — explicou Gabriel. — Muita lucidez. Por vezes vê as coisas com mais clareza do que eu. Sempre assim foi.

— Por favor, não me diga que está pensando em desistir outra vez.

— Pelo contrário. Seus observadores não contaram sobre minha busca de um local para a cerimônia?

— Por acaso contaram. Tomei a liberdade de pedir ao Shabak

que elaborasse um plano de contingência de segurança para um casamento público de tais proporções. Receio que as exigências sejam tais que deixaria de parecer um casamento. — Apagou lentamente o cigarro. — Aceita um conselho de um velho?

— Com todo o prazer.

— Talvez você e Chiara devessem pensar em algo menor e mais íntimo.

— Já pensamos.

— Têm uma data prevista?

Gabriel disse.

— Maio? Por que esperar até maio? Não aprendeu nada com tudo isso? A vida é preciosa, Gabriel, e terrivelmente curta. Você pode nem estar vivo em maio.

— Receio que vá ter de esperar, Ari. Chiara precisa de tempo para planejar um copo d'água. Não pode ser mais cedo.

— Planejar? Planejar o quê? Nós dois podemos tratar disso numa tarde.

— Casamentos não são operações, Ari.

— Mas quem disse isso?

— Chiara.

— É claro que casamentos são operações. — Baixou o pulso contra o braço da cadeira. — Chiara teve de aturar hesitações e tolices de sua parte. Se estivesse em seu lugar, planejaria eu o casamento e fazia uma surpresa a ela.

— Ela é italiana, Ari. É geniosa e não gosta de surpresas.

— Todas as mulheres gostam de surpresas, seu idiota.

Gabriel foi obrigado a admitir que apreciava a ideia.

— Vou precisar de ajuda — disse.

— Nesse caso vamos buscar ajuda.

— Onde?

Shamron sorriu.

— Seu tolo.

Eram o lado negro de um serviço sombrio, aqueles que faziam os trabalhos que mais ninguém queria ou se atrevia a fazer. Mas nunca na história conhecida de Operações Especiais tinham planejado um casamento, pelo menos um real.

Reuniram-se na manhã seguinte na Sala 456C, o covil subterrâneo de Gabriel no Boulevard King Saul. Yaakov e Yossi, Dina e Rimona, Mordecai e Oded, Mikhail e Eli Lavon. Gabriel dirigiu-se à frente da sala e afixou uma fotografia de Chiara no quadro de informações.

— Daqui a dez dias vou me casar com esta mulher — disse. — O casamento precisa ser tudo o que ela quer, e ela não pode saber, nem desconfiar de nada. Temos de trabalhar rapidamente e não

cometeremos erros.

Assim como todas as boas operações, começou com a coleta de informações. Vascilharam as revistas de noivas dela em busca de indícios e interrogaram Gabriel cuidadosamente sobre tudo o que ela dissera. Alarmadas com a mediocridade das respostas, Dina e Rimona marcaram um almoço com Chiara na tarde seguinte, num restaurante da moda de Tel Aviv. Voltaram ao Boulevard King Saul levemente embriagadas, mas na posse de todas as informações necessárias para avançarem.

Na manhã seguinte, Gabriel e Chiara foram acordados na Rua Narkiss por um agente do Pessoal que informou a Chiara que esta estava muito atrasada para um exame físico completo. Havia uma vaga naquela manhã, disse o funcionário. Poderia deslocar-se ao Boulevard King Saul imediatamente? Já que não tinha nada de melhor para fazer, aceitou o pedido e às dez estava sendo submetida a exame aprofundado por dois médicos ligados ao Escritório — um deles nem sequer era médico, mas um alfaiate da Identidade. Não estava muito interessado em coisas como tensão arterial ou ritmo cardíaco, queria, isso sim, o comprimento dos braços e das pernas, a medida da cintura e do busto. À tarde, foi à Sala 456C perguntar a Gabriel se deveria deixar espaço na roupa para uma arma. Gabriel disse que isso não seria necessário.

A três dias da data estava tudo pronto, com uma exceção: a própria Chiara. Para essa fase da operação, Gabriel recrutou nada mais nada menos do que Gilah Shamron, que telefonou a Chiara no fim da tarde e perguntou se poderiam ir a Tiberíades para a festa-surpresa de aniversário de Shamron. Aceitou o convite de Gilah sem sequer se dar ao trabalho de confirmar com Gabriel, a quem contou os planos para o fim de semana durante o jantar.

— Quantos anos ele está fazendo? — perguntou Chiara.

— É um segredo de Estado muito bem guardado, mas diz-se que combateu na rebelião contra o domínio romano.

— Você sabia que o aniversário dele era em março?

— Sim, sim, claro — respondeu rapidamente.

Na verdade era em fins de agosto, e a última pessoa que tentara fazer uma festa-surpresa para Shamron ainda mancava. Mas Chiara não sabia disso. Chiara não sabia de nada.

Chovera a semana toda, uma contingência para a qual nada tinham planejado, mas no meio da manhã de sábado o sol brilhava com intensidade e o ar recém-lavado estava perfumado pelo aroma de pinheiros, jasmims e eucaliptos. Chiara e Gabriel dormiram até tarde e tomaram um café descontraído na varanda, depois puseram algumas coisas na mala para passar a noite e partiram para a Galileia.

Gabriel desceu o Bab al-Wad até a Planície Costeira, depois

seguiu para o norte, até o vale de Jezreel. Detiveram-se ali por alguns minutos para recolher Eli Lavon no sítio de escavações o alto do Tel Megiddo, prosseguindo para Tiberíades. A casa cor de mel de Shamron ficava a poucos quilômetros da cidade, numa colina com vista para o mar da Galileia. Duas dezenas de carros ladeavam o íngreme caminho de acesso e no pátio de entrada havia um grande Suburban americano com placa do corpo diplomático. Adrian Carter e Sarah Bancroft estavam de pé na balaustrada do terraço de Shamron, conversando com Uzi Navot e Bella.

— Gilah não me disse que Carter também viria — comentou Chiara.

— Deve ter esquecido.

— Como alguém pode esquecer de dizer que o diretor-adjunto da CIA vem de Washington? E o que Sarah está fazendo aqui?

— Gilah está velha, Chiara. Dá um desconto.

Gabriel saiu antes que Chiara fizesse mais perguntas, tirou a mala do carro e levou-a degraus acima. Quando entraram, Gilah aguardava-os no hall. A mobília das divisões amplas tinha sido substituída por várias mesas redondas. Chiara olhou para a disposição dos móveis e para os arranjos florais, depois passou por Gilah e saiu para o terraço, onde uma centena de cadeiras brancas estavam alinhadas ordeiramente à volta de uma tenda florida. Chiara deu meia volta de boca aberta e olhou para Gabriel. — O que está acontecendo aqui?

Gabriel ergueu a mala.

— Vou deixar isso no nosso quarto — disse.

— Gabriel Allon, volte já aqui.

Correu rapidamente atrás dele e seguiu-o pelo corredor até o quarto. Quando entrou deparou-se com o vestido estendido na cama.

— Meu Deus, Gabriel, o que você fez?

— Eu me redimi de todos os meus erros, espero.

Chiara envolveu-o com os braços e beijou-o, e depois passou com a mão pelo cabelo.

— Meu cabelo está uma lástima. O que vou fazer?

— Trouxemos uma cabeleireira de Tel Aviv. Muito boa.

— E a minha família?

Gabriel olhou para o relógio. — Vieram de Veneza a bordo de um voo charter. Aterrissaram no Ben-Gurion há vinte minutos. Estão sendo trazidos para cá de helicóptero.

— E as alianças?

Gabriel tirou uma pequena caixa de joias do bolso do casaco e abriu-a.

— São lindas — disse Chiara.

— Pensou em tudo.

— Casamentos são operações.
— Não, não são, seu idiota. — Deu-lhe uma palmada no braço de brincadeira.
— A que horas é a cerimônia?
— Quando você quiser.
— A que horas é o pôr do sol?
— As cinco e oito.
— Começamos às cinco e nove. — Voltou a beijá-lo. — E não se atrase.

62

JERUSALÉM

— Você e sua equipe conduziram uma bela operação — disse Adrian Carter.

— Qual delas?

— O casamento, claro. É uma pena que as coisas em Londres não tenham corrido tão bem.

— Se tivessem corrido bem não teríamos resgatado Elizabeth.

— Isso é verdade.

Um empregado aproximou-se da mesa e serviu mais café a Carter. Gabriel virou-se e olhou para os muros da Cidade Velha, que cintilavam docemente sob a luz suave do sol. Era segunda-feira de manhã. Carter telefonara para o apartamento de Gabriel às sete pensando na possibilidade remota de ele estar livre para o café da manhã. Gabriel concordou em encontrá-lo no restaurante no terraço do King David Hotel, sabendo muito bem que Adrian Carter nunca fazia nada com base em possibilidades remotas.

— Por que você ainda está em Jerusalém, Adrian?

— Oficialmente, estou aqui para reuniões com nossa estação da CIA generosamente provida de pessoal. Oficiosamente, fiquei para falar com você.

— Sarah ainda está aqui?

— Foi embora ontem. A coitadinha teve de voar na classe comercial. — Carter levou a xícara de café aos lábios e fitou Gabriel por um instante, sem beber. — Aconteceu alguma coisa entre vocês de que eu deva ter conhecimento?

— Não, Adrian, nada aconteceu entre nós, nem nesta operação nem na última. — Gabriel girou a colher no sorvete israelense. — Foi por isso que ficou em Jerusalém? Para me perguntar se fui para a cama com sua agente?

— Claro que não.

— Então por que você está aqui, Adrian?

Adrian levou a mão ao bolso interno do blazer Brooks Brothers e retirou de lá um envelope que entregou a Gabriel. A parte da frente estava em branco mas, ao virá-lo, viu CASA BRANCA impresso na dobra em letras simples.

— O que é isso? Um convite para um churrasco na Casa Branca?

— É um bilhete — disse Carter, que depois acrescentou de uma forma algo pedante: — Da parte do presidente dos Estados Unidos.

— Sim, isso eu já notei, Adrian. Qual é o tema da carta?

— Não tenho o hábito de ler a correspondência das outras pessoas.

— Mas devia ter.

— Imagino que o presidente escreveu para agradecer pelo que você fez em Londres.

— Teria ajudado se ele tivesse dito algo publicamente há um mês, quando eu estava enrolado.

— Acredite, Gabriel. Se ele tivesse defendido você em público, você teria mais problemas do que agora. Essas coisas têm uma forma de se resolverem por si mesmas, e às vezes a melhor coisa a fazer é não fazer nada.

Uma nuvem passou na frente do sol e, por um instante, a temperatura pareceu descer vários graus. Gabriel abriu a carta e leu-a rapidamente, enfiando-a em seguida no bolso do paletó.

— O que diz?

— É particular, Adrian, e vai continuar assim.

— É isso mesmo — rematou Carter.

— Também recebeu uma?

— Uma carta do presidente? — Carter abanou a cabeça. — Receio que a minha posição esteja algo fragilizada neste momento. Não é espantoso? Resgatamos Elizabeth e estamos sitiados.

— Isto também vai passar, Adrian.

— Eu sei — respondeu. — Mas isso não faz com que seja mais agradável de suportar. Há um bando de jovens radicais em Langley achando que mando no Departamento há tempo demais. Dizem que meti os pés pelas mãos. Dizem que nunca devia ter concordado em entregar a você parte tão grande da operação.

— Alguma intenção de abdicar do poder?

— Não — disse Carter energeticamente. — O mundo é um lugar perigoso demais para ser deixado a jovens radicais. Pretendo ficar até ganharmos a guerra contra o terrorismo.

— Espero que longevidade seja de família.

— Meu avô viveu até os cento e quatro anos.

— E Sarah? Saiu prejudicada de alguma maneira com isso?

— Nada de nada — disse Carter. — Só meia dúzia de pessoas sabia que estava envolvida.

O sol surgiu de trás das nuvens outra vez. Gabriel colocou os óculos de proteção enquanto Carter retirava um segundo envelope do bolso do blazer.

— Este é de Robert Halton — anunciou. — Receio que saiba o que há neste.

Gabriel abriu-o e retirou o conteúdo: um curto bilhete escrito à mão e um cheque em nome de Gabriel com a quantia de dez milhões de dólares. Gabriel guardou a carta e devolveu o cheque a Carter.

— Tem certeza de que não quer pensar no assunto por um instante? — perguntou Carter.

— Não quero o dinheiro dele, Adrian.

— Tem direito a ele. Arriscou a vida para salvar a da filha dele, não uma, mas duas vezes.

— É meu trabalho — declarou Gabriel. — Diga que agradeço, mas não, obrigado.

Carter deixou o cheque em cima da mesa.

— Tem mais alguma coisa para mim no bolso, Adrian?

Carter dirigiu o olhar para os muros da Cidade Velha.

— Tenho um nome — disse.

— Esfinge?

Carter anuiu. Esfinge.

A sua voz, já baixa, desceu a um grau quase inaudível.

Aparentemente, antes de ir a Israel para o casamento de Gabriel, Carter fizera curta parada no Sul da França, não para se divertir (Carter não tinha férias decentes desde o 11 de Setembro), mas para uma operação. O alvo era o príncipe Rashid bin Sultan, que estava na Riviera francesa para jogar nos cassinos do Mônaco. O príncipe jogou mal e perdeu muito, fato que o puritano Carter parecia achar quase ofensivo. No aeroporto de Nice bem cedo na manhã seguinte, altamente intoxicado, ele encontrou Carter e uma equipe de paramilitares da CIA relaxando no interior luxuoso de seu 747. Carter apresentou ao príncipe, agora furioso, um dossiê da CIA especificando seus inúmeros pecados — pecados que incluíam apoio financeiro à al-Qaeda, a mercenários estrangeiros e rebeldes sunitas no Iraque e a um grupo militante egípcio chamado a Espada de Alá, que acabara de sequestrar a afilhada do presidente dos Estados Unidos. Carter deu então ao príncipe a possibilidade de escolher seu destino: Riad ou Guantánamo, Cuba.

— Isso parece uma coisa que nós faríamos — disse Gabriel.

— Sim, de fato teve característica muito típica do Escritório.

— Imagino que o príncipe tenha escolhido Riad como destino.

— Foi a única coisa certa que fez toda a noite.
— Quanto a viagem custou?
— Um nome — disse Carter. — A questão agora é, o que fazemos com ele? Opção um, trabalhamos com nossos colegas egípcios e levamos este indivíduo ao tribunal nos Estados Unidos. Se formos por aí, será feita justiça, mas a um preço considerável. Um julgamento exporá a parte má da nossa relação com a inteligência egípcia. Além disso, nos deixaria com outro prisioneiro da Espada de Alá, que quase com certeza tentariam recuperar, colocando assim vidas americanas em perigo.

— E não podemos permitir isso.

— Não, não podemos — concordou Carter. — O que nos leva à opção número dois: tratar do assunto discretamente.

— Nosso método preferido.

— Sem dúvida.

Gabriel estendeu a mão. Carter voltou a procurar no bolso e retirou um pedaço de papel. Gabriel leu o que estava escrito e sorriu.

— Pode fazer com que ele desapareça? — perguntou Carter.

— Não deve ser problema — respondeu Gabriel. — Mas, para que isso aconteça, acho que vamos ter que espalhar algum dinheiro pelo Cairo.

Carter pegou o cheque de Robert Halton.

— Acha que é suficiente para que o trabalho seja feito?

— Mais do que suficiente. O que faço com o troco?

— Fique com ele.

— Também posso matar o príncipe?

— Talvez da próxima vez — respondeu Carter. — Mais café?

63

CHIPRE

Partiu de Jerusalém para Chipre três dias depois. Chiara suplicou que a levasse, mas ele recusou. Perdera uma mulher para os inimigos e não tinha intenção de perder outra.

Entrou no país com passaporte israelense sob o nome de Gideon Argov e disse aos inspetores da alfândega que o objetivo da sua visita era férias. Depois de ir buscar um carro alugado, um Mercedes Classe C que submeteu a vistoria minuciosa, iniciou a viagem ao longo da costa sul em direção à villa caiada à beira-mar. Wazir al-Zayyat fora vago sobre quando poderia aparecer, por isso Gabriel parou num pequeno mercado de aldeia e comprou comida

suficiente para três dias.

O tempo em março estava invulgarmente agradável, e ele passou o primeiro dia relaxando no terraço com vista para o Mediterrâneo, cheio de remorsos por ter abandonado Chiara em Jerusalém. No segundo dia sentia-se inquieto devido ao tédio, pelo que fez uma pesquisa na Internet para descobrir uma boa loja de artigos de arte, encontrando uma alguns quilômetros ao norte. Passou o resto da tarde fazendo esboços da villa e no fim da tarde do dia seguinte, quando trabalhava numa aquarela de paisagem marítima, avistou o carro de al-Zayyat subindo a estrada. O seu encontro foi conduzido a um ritmo prazenteiro a fresca luz do sol no terraço. Al-Zayyat consumia lentamente o conteúdo da garrafa de uísque de malte, enquanto Gabriel bebia água mineral com rodela de limão e lima. Conversaram sobre a situação no Egito, de uma forma geral, por muito tempo, mas quando o Sol começou a se pôr devagar, afundando no mar, Gabriel levou o tema de conversa para a verdadeira razão do encontro: o nome dado em Jerusalém no início da semana por Adrian Carter.

Ao ouvi-lo, al-Zayyat sorriu e deu um gole na bebida.

— Há algum tempo que desconfiávamos do professor — disse.

— Esteve em Paris no último ano, trabalhando num livro num lugar chamado Instituto de Estudos Islâmicos. É uma fachada conhecida para atividades jihadistas financiada, em parte, pelo príncipe Rashid. Deixou Paris no dia seguinte ao Natal e voltou ao Cairo, onde retomou a atividade docente na Universidade Americana.

— Imagino que queira conceder ao bom professor uma licença sabática?

— Permanente.

— Vai sair caro.

— Acredite em mim, Wazir, dinheiro não é problema.

— Quando está pensando?

— No fim da primavera — respondeu. — Antes que o tempo esquentasse demais.

— Só peço que se certifique de que será um trabalho limpo. Não quero que arranje confusões na minha cidade.

Al-Zayyat deixou a villa uma hora depois, com uma pasta contendo meio milhão de dólares. Na manhã seguinte, Gabriel queimou os esboços e a aquarela e apanhou o avião de volta para casa e para Chiara.

O nome na lista de reservas provocou um arrepio na espinha do Sr. Katubi, o porteiro principal do Hotel Intercontinental do Cairo. Com certeza era uma falha no sistema de reservas, pensou ao fitá-lo, incrédulo. Com certeza era outro erro. Johannes Klemp. Com certeza não teria decidido voltar para uma nova estada. Com certeza tudo não passava de um terrível equívoco. Pegou o telefone interno e ligou para as Reservas para ver se o hóspede fizera algum pedido especial. A lista era tão grande e detalhada que a moça demorou três minutos para repeti-la.

— Quanto tempo tenciona ficar conosco?

— Uma semana.

— Estou vendo.

Desligou o telefone e passou o resto da manhã pensando seriamente em tirar aquela semana de férias. Por fim, decidiu que seria um gesto de covardia e que traria problemas imerecidos aos colegas. Assim, às 15h30 dessa tarde estava firmemente plantado no meio do hall lustroso, mãos atrás das costas e queixo erguido —, como um soldado rebelde perante um pelotão de fuzilamento. Herr Klemp apareceu rodopiando através das portas giratórias, vestido da cabeça aos pés de preto europeu, óculos de sol na cabeça cheia de cabelos grisalhos.

— Katubi! — chamou alegremente, enquanto avançava sobre o pequeno e resoluto porteiro, de mão estendida como uma baioneta. Tinha esperança de que ainda estivesse aqui.

— Há coisas no Cairo que nunca mudam, Herr Klemp.

— É disso que gosto nesta terra. Entranha, não é?

— Assim como o pó — acrescentou o Sr. Katubi. — Se houver alguma coisa que eu possa fazer para tornar sua estada mais agradável, não hesite em pedir.

— Não hesitarei.

— Eu sei.

O Sr. Katubi preparou-se, e à equipe, para uma tempestade de queixas e sermões sobre a incompetência egípcia. Contudo, passadas vinte e quatro horas desde a chegada de Herr Klemp, já se tornara óbvio para o Sr. Katubi que o alemão era um homem mudado. Declarara que seu quarto — um quarto comum de solteiro, bem alto, no lado norte do edifício com vista para a Praça Tahrir e o campus da Universidade Americana — era um paraíso na terra. A comida era néctar dos deuses, anunciou. O serviço ali não ficava atrás de nenhum outro, vociferou. Dava seus passeios pela cidade de manhã, enquanto ainda estava fresco, e passava as tardes relaxando na piscina. Todos os

dias, ao anoitecer, descansava no quarto. O Sr. Katubi acabou ansiando por um lampejo do antigo Herr Klemp, aquele que repreendia as camareiras pela cama malfeita ou desancava os empregados por estragarem a roupa. Em lugar disso, havia apenas o silêncio de um cliente satisfeito.

Às 18h30, no penúltimo dia da sua estada, Herr Klemp apareceu no hall vestido para jantar. Pediu ao Sr. Katubi que lhe reservasse mesa num pequeno restaurante francês em Zamalek para as oito horas, e depois saiu disparado pelas portas giratórias e desapareceu na escuridão do Cairo. O Sr. Katubi ficou a vê-lo afastar-se e depois pegou o telefone, não sabendo nessa hora que nunca mais veria Herr Klemp.

O Mercedes prateado estava estacionado na Muhammad Street, à vista do pessoal do estacionamento da Universidade Americana. Mordecai estava calmamente sentado ao volante. Mikhail estava sentado ao lado dele, no banco do passageiro, tamborilando os dedos nervosamente na coxa. Gabriel entrou no banco de trás e fechou silenciosamente a porta. Mikhail continuou a tamborilar, mesmo após Gabriel lhe pedir para parar.

Cinco minutos depois, Mikhail anunciou: — Aí está seu homem.

Gabriel viu um egípcio alto e magro em roupas ocidentais dar algumas piastras ao funcionário núbio e sentar-se ao volante de um Fiat. Trinta segundos depois, passou a toda a velocidade pelo local onde eles estavam e dirigiu-se à Praça Tahrir. O sinal no fim da praça ficou vermelho. O Fiat parou. Esfinge era um homem cuidadoso.

— Agora — disse Gabriel.

Mikhail ofereceu a Gabriel o detonador.

— Tem certeza de que não quer fazer isso?

— Faça o que tem que fazer, Mikhail, antes que o sinal mude.

Mikhail apertou o botão. Um instante depois, a pequena carga concentrada de explosivos escondida no apoio de cabeça explodiu num brilhante clarão branco. Mikhail começou a tamborilar os dedos outra vez. Mordecai engrenou a primeira e dirigiu-se para o Sinai.

FIM

NOTA DO AUTOR

O Criado Secreto é uma obra de ficção. Nomes, personagens, locais e acontecimentos retratados neste romance são produto da imaginação do autor ou usados de modo fictício. Qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, negócios, empresas ou locais reais é pura coincidência. A mesquita al-Hijrah não existe, embora nenhuma visita a Amsterdã possa estar completa sem um passeio pelo animado mercado ao ar livre de Ten Kate Straat. Tanto quanto sei, não existe um Instituto de Estudos Islâmicos em Paris, nem Conselho de Assuntos Islâmicos em Copenhagen. Os visitantes da Parliament Square em Londres procurarão em vão um banco em que se sentar, pois não há. Os serviços religiosos de Natal na Abadia de Westminster acontecem geralmente à tarde, não de manhã. Foulness Island, embora habitada por duzentas almas áspers, é, na verdade, uma zona militar restrita, pelo que dificilmente seria o lugar ideal para se deixar um resgate de trinta milhões de dólares. Os que desejarem visitar Foulness podem fazê-lo, obtendo passe no Ministério da Defesa ou reservando mesa para o almoço no bar George & Dragon, em Church End. Sinceras desculpas ao Hotel Europa e ao Hotel d'Angleterre por conduzir operações secretas nos seus excelentes estabelecimentos sem autorização prévia.

A Espada de Alá é completamente fictícia, embora suas origens, crença e operações sejam consistentes com grupos terroristas egípcios verdadeiros, como al-Gama'a al-Islamiyya e al-Jihad. Anwar Sadat forneceu mesmo material e outros tipos de apoio aos islamistas egípcios pouco tempo depois de subir ao poder, num estratagema precipitado destinado a consolidar sua base de apoio popular. As descrições de tortura praticadas pelos serviços de segurança egípcios são baseadas em relatos de vítimas que sobreviveram para contar.

O programa da CIA conhecido como “execução extraordinária”, prática de transferir clandestinamente terroristas suspeitos de um país para outro com o objetivo de prendê-los ou interrogá-los, está bem documentada. Foi implementada não pelo presidente George W. Bush, mas por seu predecessor, Bill Clinton.

As estatísticas para ilustrar a ameaça terrorista que paira atualmente sobre o Reino Unido são baseadas em relatórios da polícia e dos serviços secretos britânicos, assim como a alegação de que a Grã-Bretanha suplantou os Estados Unidos como alvo principal da al-Qaeda. O crescimento do islamismo militante por toda a Europa e a demografia em rápida transformação no continente são factuais. O professor Bernard Lewis, de Princeton, calculou que no fim do século a

Europa terá maioria muçulmana, e Zachary Shore, em seu profundo estudo sobre o futuro da Europa intitulado *Breeding Bin Ladens*, afirmou que “em poucas décadas a América poderá não reconhecer a Europa”. Ainda não se sabe se a Europa permanecerá aliada estratégica dos Estados Unidos ou se se transformará num palco de ensaios para futuros ataques em solo americano. O que é evidente, contudo, são as intenções da al-Qaeda e dos jihadistas globais. Mohammed Bouyeri, imigrante marroquino desempregado de Amsterdã que assassinou o cineasta Theo van Gogh, expressou-as inequivocamente no manifesto que deixou no corpo da vítima, preso na ponta de uma faca. “Tenho certeza de que tu, ó América, serás destruída. Tenho certeza de que tu, ó Europa, serás destruída. Tenho certeza de que tu, ó Holanda, serás destruída.”

AGRADECIMENTOS

Este romance, assim como os livros anteriores da série de Gabriel Allon, não podia ter sido escrito sem a ajuda de David Bull, que está verdadeiramente entre os melhores restauradores de arte do mundo. Enquanto preparava este manuscrito, conversei com muitos agentes secretos, diplomatas, embaixadores e agentes do Escritório de Segurança Diplomática — homens e mulheres a quem, por razões óbvias, não posso agradecer nominalmente. Basta dizer que por causa deles sei muito mais sobre os procedimentos de segurança nas embaixadas — e sobre a forma como os Estados Unidos reagiriam a um ataque como o retratado neste romance — do que poderia colocar numa obra de entretenimento em tempos de guerra. No entanto, seria descuidado se não fizesse agradecimento caloroso a Margaret Tutwiler, ex-subsecretária de Estado que era embaixadora no Marrocos em 11 de setembro de 2001. Suas descrições desse dia, algumas delas aterradoras, outras extremamente engraçadas, me deram uma perspectiva única de como é estar numa embaixada americana em hora de crise. Sinto-me honrado por considerá-la amiga e estou grato por sua ajuda.

O extraordinário Bob Woodward partilhou generosamente comigo seus conhecimentos sobre a cooperação entre a CIA e os serviços de segurança egípcios. O eminente ortopedista de Washington Dr. Benjamin Schaeffer ensinou-me como tratar, de forma improvisada, uma ferida de bala no campo, enquanto o Dr. Andrew Plate, ilustre anestesista de Charleston, na Carolina do Sul, me explicou os efeitos secundários de repetidas injeções de cetamina e os sintomas de taquicardia ventricular paroxística idiopática. Martha Rogers, ex-promotora pública federal e hoje advogada muito solicitada em Washington, reviu o caso contra o fictício xeque Abdullah. Alex Clarice, meu editor britânico, acompanhou-me numa viagem fantástica por Finsbury Park e Walthamstow nos dias seguintes à tentativa de atentado a bomba em avião de passageiros em Londres no verão passado, enquanto Marie Louise Valeur Jaques e Lars Schmidt Møller me proporcionaram visita guiada a Copenhaga que jamais esquecerei. Um agradecimento especial pintor de paredes que atacou verbalmente minha mulher e filhos no Groenburgwal, em Amsterdã. Sem querer, deu-me a inspiração do capítulo de abertura.

Entrevistei muitos islamistas quando era correspondente da UPI no Cairo em fins da década de 80, mas *Journey of the Jihadist*, de Fawaz A. Gerges, deu-me visões adicionais da mente dos radicais religiosos do Egito, como também *A Portrait of Egypt*, de Mary Anne

Weaver. *While Euro Slept*, de Bruce Bawer, e *Menace in Europe*, de Claire Berlinski, me ajudaram a avivar as ideias sobre o dilema que a Europa enfrenta hoje, sobretudo a Holanda, ao passo que *Londonistan*, de Melanie Phill, me deu compreensão mais profunda da crise na Grã-Bretanha. *Ghost Plane*, de Stephen Grey, contém muitos relatos pessoais interessantes dos aprisionados, alguns deles inocentes, pelo programa da CIA chamado “extraordinary rendition” (rendição extraordinária). *Over Here*, memórias de Raymond Seitz como embaixador americano na Corte de St. James, ajudou-me a entrar no mundo de Robert Halton.

Foram-me poupados muitos embaraços pela bondosa e segura mão de meu revisor, Tony Davis, cujo tio-avô, John W. Davis, foi embaixador americano na Corte entre 1918 e 1921. Se tivesse derrotado Calvin Coolidge nas presidenciais de 1924, o cargo de embaixador americano teria originado seis presidentes, em vez de cinco. Louis Toscano, meu editor pessoal e amigo de longa data, promoveu melhoramentos incontáveis no manuscrito, assim como minha agente literária, Esther Newberg, da ICM em Nova York. Agradecimento especial para Chris Donovan, que se encarregou, de forma competente, de parte da pesquisa, e a um amigo do FBI que me ajudou na terminologia certa. Nem é preciso dizer que nada seria possível sem o apoio da extraordinária equipe de profissionais da Putnam: Ivan Held, Marilyn Ducksworth e sobretudo meu editor, Neil Nyren; mas digo assim mesmo.

Por fim, quero estender a minha mais profunda gratidão e amor aos meus filhos, Lily e Nicholas, que passaram as férias de agosto visitando pontos quentes de extremistas da Europa, e a minha mulher, a brilhante correspondente Jamie Gangel, do programa *Today* da NBC News. Ouviu-me pacientemente enquanto desenvolvia a trama e os temas do romance, reviu habilmente cada esboço e me ajudou a me arrastar até a última linha, minutos antes do prazo. Certa vez Orwell descreveu um livro como “uma luta horrível e extenuante, como um acesso prolongado de uma doença dolorosa qualquer”. Esqueceu de mencionar que as únicas pessoas que sofrem mais do que o próprio escritor são os entes queridos obrigados a viver com ele.

Revisão, adaptação PT-BR, formatação ePub



2014